

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

**As imagens de Marco Antônio:**  
Memórias, esquecimento e reabilitação da figura do triúnviro

**Versão Corrigida**

Luiz Henrique Souza de Giacomo

São Paulo  
2023

LUIZ HENRIQUE SOUZA DE GIACOMO

**As imagens de Marco Antônio:**  
Memórias, esquecimento e reabilitação da figura do triúmviro

**Versão Corrigida**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em História Social.

Orientador: Julio Cesar Magalhães de Oliveira

São Paulo  
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

G429i Giacomo, Luiz Henrique Souza de  
As imagens de Marco Antônio: Memórias,  
esquecimento e reabilitação da figura do triúmviro /  
Luiz Henrique Souza de Giacomo; orientador Julio  
Cesar Magalhães de Oliveira - São Paulo, 2023.  
207 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e  
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.  
Departamento de História. Área de concentração:  
História Social.

1. Marco Antônio. 2. Memória social. 3. Lembrar.  
4. Esquecer. 5. Reabilitar. I. Magalhães de Oliveira,  
Julio Cesar, orient. II. Título.

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE****Termo de Anuência do (a) orientador (a)**

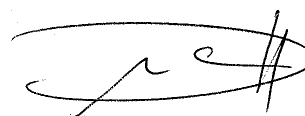
**Nome do (a) aluno (a):** Luiz Henrique Souza de Giacomo

**Data da defesa:** 16/03/2023

**Nome do Prof. (a) orientador (a):** Julio Cesar Magalhães de Oliveira

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 15/05/2023



---

*(Assinatura do (a) orientador (a))*

# FOLHA DE APROVAÇÃO

Luiz Henrique Souza de Giacomo

As imagens de Marco Antônio: Memórias, esquecimento e reabilitação da figura do triúmviro

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em História Social.

Área de concentração: História Social

Aprovado em: 16 de março de 2023.

Banca Examinadora

Professor Doutor Julio Cesar Magalhães de Oliveira (orientador)

Instituição: Universidade de São Paulo

Professor Doutor Marcelo Aparecido Rede

Instituição: Universidade de São Paulo

Doutora Juliana Marques Morais

Instituição: Universidade de São Paulo

Professora Doutora Maria Cristina Rosillo-López

Instituição: Universidad Pablo de Olavide

À minha mãe, Helena.

## Agradecimentos

A jornada de escrita de uma tese não é fácil. São muitos os desafios, mas, também, são muitos aqueles que caminham ao nosso lado. A todos aqueles que me acompanharam ao longo desses muitos anos, não há outra palavra senão: obrigado! Sem cada um de vocês, não seria possível seguir nessa estrada. Cada um surgiu em um momento específico da caminhada e me ajudou a conseguir chegar até aqui, seja por meio dos conselhos, dos encorajamentos, das risadas, da amizade, do amor. Mais uma vez, muito obrigado!

Em especial, começo pela minha família, meu principal suporte. Vocês nunca deixaram de me apoiar, de me encorajar e de acreditar, até mais do que eu, que esta tese teria uma materialidade. À minha mãe, Helena, que é uma eterna fonte de inspiração, e aos meus irmãos, André e Guilherme, o meu muito obrigado repleto de muito amor.

Aos professores que passaram pela minha vida e que muito me inspiraram, deixo o meu muito obrigado por me fazerem ver que a educação é transformadora, sendo eles: Ludmilla Almeida (que foi a responsável por me trazer para o campo da Antiguidade e foi uma amiga de luta em toda a caminhada), Marcelo Rede (que sempre dedicou a mim sua cordialidade e sabedoria), Margareth Silva (que me fez olhar com humildade e competência para a docência) e Clarissa Schmidt (que me ensinou que rigor e competência combinam com gentileza).

Aos amigos, o meu muito obrigado, acompanhado de um abraço, que a pandemia e a distância do Nordeste dificultaram de ser compartilhado com o devido calor humano. Andreia Rodrigues (grande amiga, incentivadora e parceira dos arquivos); Priscilla de Leu e família (que me acolheram na Itália e me deram uma segunda família); Mariana Sousa (que sempre acreditou no meu potencial); Livia Scaldini (uma amiga de longuíssima data, sempre carinhosa e torcendo pelo desenvolvimento do presente trabalho); Jessica Brustolim (que sempre tem um sorriso doce para compartilhar comigo), Juliana Morais (que foi minha grande parceira de doutorado) e Rafael Monpean (que me acolheu no CRUSP e sempre foi de uma gentileza admirável comigo), meu muito obrigado!

À professora Cristina Rosillo López, agradeço a gentileza das orientações no momento da qualificação.

Aos membros da banca de defesa, Cristina Rosillo-López, Juliana Morais e Marcelo Rede, agradeço pela análise crítica e pelas sugestões de melhorias do trabalho.

Ao meu orientador, Julio Cesar Magalhães de Oliveira, obrigado pela oportunidade e pela orientação, tão fundamental para o desenvolvimento e a conclusão deste trabalho.

À École Française de Rome e ao professor Nicolas Laubry, agradeço pela acolhida durante minha estadia de bolsa doutoral na Cidade Eterna e pela oportunidade de ter acesso a obras que foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal (CAPES), agradeço ao apoio financeiro, fundamental a todos os programas de pós-graduação no país.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), agradeço pela bolsa de Doutorado/Fluxo Contínuo (processo 2016/25526-3) e pela bolsa de doutorado no exterior, BEPE-Doutorado/Fluxo Contínuo (processo 2018/23700-1).



*Quem controla o passado controla o futuro;  
quem controla o presente controla o passado.*  
George Orwell, **1984**.

## **Resumo**

GIACOMO, Luiz Henrique Souza de. **As imagens de Marco Antônio**: Memórias, esquecimento e reabilitação da figura do triúmviro. 2022. 206f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

O presente trabalho tem como objeto o estudo das ações no campo da memória a respeito de Marco Antônio, um importante político e militar de fins da República romana. Nossa personagem foi alvo de diferentes ações memorialísticas: o lembrar, o esquecer, o silenciar e o reabilitar. Buscando compreender por que e como as memórias sobre Marco Antônio foram construídas, preservadas, apagadas e reabilitadas, dividimos nossa análise na observação dos canais de transmissão e compartilhamento de memórias, os atores (individuais e grupos sociais) envolvidos nesse processo e as temáticas mobilizadas, ou não, sobre Marco Antônio, pois a memória ao ser compartilhada é feita em grupo, com a seleção de referenciais do passado, por meio do uso de determinado suporte comunicativo. Para tanto, lançamos luz a diferentes fontes antigas, tanto escritas, quanto da cultura material.

**Palavras-chave**: Marco Antônio. Memória social. Lembrar. Esquecer. Reabilitar.

## **Abstract**

GIACOMO, Luiz Henrique Souza de. **The Images of Mark Antony**: Memories, oblivion and rehabilitation of the image of the triumvir. 2022. 206f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

The present thesis has as its object the study of the actions related to the memory regarding Mark Antony, an important politician and military leader at the end of the Roman Republic. Our main character was the target of different memorialistic actions: remembering, forgetting, silencing, and rehabilitating. To understand how the memories regarding Mark Antony were built, preserved, erased, and rehabilitated, we divided our analysis into the observation of channels for the transmission and sharing of memories, the actors (both individuals and social groups) involved in this process, and the mobilized themes, both regarding or not, Mark Antony, because the sharing of memory is done by a group, with a selection of references from the past, through the use of certain communication support. To do so, we shed light on different ancient sources, both written and material culture.

**Key-words**: Mark Antony. Social Memory. Remembering. Obliviate. Rehabilitation.

## Lista de Imagens

<b>Imagem 1</b> – <i>Fasti Verulani</i> .....	42
<b>Imagem 2</b> – <i>Fasti Verulani</i> com a sanção ao nascimento de Marco Antônio em detalhe .....	42
<b>Imagem 3</b> – Denário de Marco Antônio barbado – RRC 488/01 .....	51
<b>Imagem 4</b> – Tetradráquima de bronze de Marco Antônio e Cleópatra – RPC 4095 .....	51
<b>Imagem 5</b> – Denário de prata de Cleópatra e Marco Antônio em homenagem à conquista da Armênia – RRC 543/1 .....	52
<b>Imagem 6</b> – Tetradráquima de Marco Antônio e Otávia – RPC 2202 .....	53
<b>Imagem 7</b> – Moedas de Nero .....	54
<b>Imagem 8</b> – Camafeu de Marco Antônio barbado .....	57
<b>Imagem 9</b> – Anel com a efígie de Marco Antônio .....	58
<b>Imagem 10</b> – Camafeu de Marco Antônio .....	59
<b>Imagem 11</b> – Camafeu de Augusto numa carruagem puxada por tritões .....	110
<b>Imagem 12</b> – Camafeu de Augusto enquanto Netuno .....	111
<b>Imagem 13</b> – Quinário de prata de Otaviano em homenagem à reconquista da Ásia – RIC 0276 .....	112
<b>Imagem 14</b> – Denário de prata de Otaviano em homenagem à conquista do Egito – RIC 0545 .....	112
<b>Imagem 15</b> – Denário de Marco Antônio e de Otaviano – RRC 528/2a .....	145
<b>Imagem 16</b> – <i>Fasti Colotiani</i> .....	169
<b>Imagem 17</b> – Árvore genealógica de Marco Antônio .....	206
<b>Imagem 18</b> – Árvore genealógica de Cleópatra .....	207

## Sumário

<b><u>Introdução</u></b> .....	15
<b><u>Capítulo 1. Os meios de transmissão das memórias</u></b> .....	27
Obras e escritos .....	28
Inscrições .....	38
Bustos e estátuas .....	46
Moedas .....	49
Camafeus .....	55
Paisagem urbana .....	60
Comunicação oral .....	67
Os diferentes suportes da memória a respeito de Marco Antônio .....	71
<b><u>Capítulo 2. Atores</u></b> .....	73
Augusto .....	74
Aristocracia .....	81
Plebe .....	84
Partidários .....	87
Herdeiros e familiares .....	93
Os diferentes atores e a memória de Marco Antônio.....	104
<b><u>Capítulo 3. As temáticas – as chaves de leitura do passado</u></b> .....	106
Recordação da vitória em Ácio .....	107
O triúviro orientalizado .....	116
O magistrado romano .....	133
Vida militar .....	138
A herança de Júlio César .....	142
As diferentes memórias sobre Marco Antônio .....	146
<b><u>Capítulo 4. As ações com as memórias sobre Marco Antônio</u></b> .....	148
Lembrar .....	150
Esquecer .....	164

Silenciar .....	176
Reabilitar .....	182
Marco Antônio e o prisma da memória .....	185
<b><u>Conclusão</u></b> .....	<b>188</b>
<b><u>Referências Bibliográficas</u></b> .....	<b>191</b>
<b><u>Anexo I</u></b> – Cronologia da Vida de Marco Antônio .....	<b>204</b>
<b><u>Anexo II</u></b> – Árvore genealógica: Marco Antônio .....	<b>206</b>
<b><u>Anexo III</u></b> – Árvore genealógica: Cleópatra .....	<b>207</b>

## INTRODUÇÃO

Sim, mas essa fascinação senil de nosso general derrama-se, transborda, ultrapassa todas as medidas. Aqueles admiráveis olhos dele, que por sobre a soldadesca enfileirada brilhavam como o nosso deus da guerra, um Marte blindado, agora se desviam de seu ofício, agora curvam-se em devoção diante de um rosto moreno. O peito de nosso general, que no tumulto das grandes batalhas rebentava com as fivelas de sua couraça, agora abriga um coração que renega toda temperança e se torna o fole e o abano que refrescam a luxúria de uma cigana<sup>1</sup>.

É com essas palavras, colocadas na boca de Filo, um dos partidários de Marco Antônio, que William Shakespeare abre sua peça ‘Antônio e Cleópatra’, escrita na Inglaterra elisabetana, em 1607. A cena se inicia com uma reprovação das ações do general romano em sua primeira estadia no Egito, em 40 a.C., tendo ele se rendido à forma de vida oriental e aos amores da rainha<sup>2</sup>.

O que podemos observar na peça de William Shakespeare são os ecos de uma tradição romana bem específica, que nos legou um retrato de como seriam Marco Antônio, Cleópatra, a vida deles na corte alexandrina e as suas ambições. O escritor bebeu em fontes da Antiguidade para escrever sua peça e acabou por reforçar uma visão específica sobre os eventos e os personagens em sua obra: um bravo soldado romano destruído pelos encantos da rainha egípcia.

Como Paul Marius Martin expõe, desde a Renascença, Marco Antônio e Cleópatra se mostram presentes no imaginário ocidental, tanto que foram representados de diferentes formas, como, por exemplo, em tapeçarias, em várias telas, em muitos escritos, bem como diferentes vezes no cinema<sup>3</sup>. A peça de William Shakespeare, portanto, é um dos muitos exemplos que possuímos desse repertório de diferentes formas de se apropriar do passado desses dois personagens – quase sempre enfatizando os traços mais caricaturais e estereotipados, legados na e da Antiguidade, como a vida de festins, o amor desmedido de Marco Antônio pela rainha, a sua orientalização, como, também, a morte de Cleópatra após ser picada por uma serpente.

---

<sup>1</sup> SHAKESPEARE, William. **Antônio & Cleópatra**. Porto Alegre: L&PM, 2008. p.7.

<sup>2</sup> Esta primeira estadia diz respeito apenas ao período do Triunvirato, pois, na verdade, Marco Antônio já estivera em Alexandria anteriormente, nos primórdios da sua carreira militar, após sua missão na Síria junto a Gabínio, quando da restituição de Ptolomeu Aulete ao trono. Posteriormente, ele esteve por dois períodos no Egito, o primeiro entre 42 e 40 a.C., e o segundo, entre 36 e 30 a.C., quando do seu suicídio.

<sup>3</sup> MARTIN, Paul Marius. **Antoine et Cléopâtre: la fin d'un rêve**. Bruxelles: Éditions Complexes, 1995. p.255-259.

No entanto, a visão adotada por William Shakespeare a respeito de Marco Antônio enquanto um bom soldado, mas que caído de amores se perdeu de suas funções romanas não foi a única que surgiu a seu respeito no transcorrer da Antiguidade. Ao observamos as fontes antigas, vemos, na verdade, uma pluralidade de memórias a respeito da sua vida, seja seus feitos, seja seu comportamento social. Memórias que coexistiram, em disputa, mas que nos são conhecidas e influenciaram muitos outros artistas e autores com o passar dos séculos.

Este trabalho não busca estabelecer uma revisão das fontes ou uma reabilitação da biografia de Marco Antônio. Nosso interesse se dá pela transmissão e pelo compartilhamento de memórias a respeito do antigo triúmviro, um campo abordado de forma muito fragmentária e pontual na maioria dos estudos sobre nosso personagem.

O que nos provocou direcionar nossa pesquisa nesse universo foi pensar que, apesar de tão presente no imaginário ocidental séculos depois e tendo sido um dos personagens biografados por Plutarco em suas *Vidas Paralelas*, no século II d.C., Marco Antônio passou por um processo que atualmente denominamos de *damnatio memoriae*, ou seja, recordá-lo foi interdito no início do Principado romano, porém, não deixou de ocorrer, tendo em vista sua presença em textos posteriores. Assim, como se operaram os mais diferentes movimentos memorialísticos em relação a Marco Antônio?

Desse modo, a questão que move o presente estudo é ‘*Por que e como as memórias sobre Marco Antônio foram construídas, preservadas, apagadas e reabilitadas?*’. Nosso objetivo é observar os meios de transmissão, os atores que realizaram esse processo e as memórias, em si, que foram legadas ou renegadas sobre ele. A partir desse tripé nos será possível compreender as ações com a memória sobre Marco Antônio, o lembrar, o esquecer, o silenciar e o reabilitar.

No decorrer de nosso estudo, trataremos dos processos de construção, desconstrução e reconstrução de memórias sobre o personagem num panorama mais amplo, entendendo que o ato de se recordar sobre Marco Antônio era algo em disputa e delicado. Não buscamos, como apontado anteriormente, seguir o caminho já trilhado pela historiografia de tentar revalidar sua biografia por meio de uma análise crítica das fontes e uma reabilitação biográficas, mas trazer à luz os procedimentos memorialísticos que foram adotados com relação a Marco Antônio.

Para tanto, traremos diferentes suportes para a análise de nosso objeto de estudos: textos, moedas, inscrições, bustos, construções, camafeus, que coexistiram no processo de compartilhamento de memória sobre Marco Antônio no decorrer dos séculos. Os diferentes



suportes foram utilizados pelos romanos como meios de transmissão de memórias e cada um teve um papel memorialístico específico.

As fontes escritas são, ainda, as que melhor nos permitem observar a vida de Marco Antônio e, assim, acessar o modo como ele foi lembrado nos escritos antigos, ou seja, que se buscou transmitir sobre ele nos relatos da história romana. Dessa maneira, selecionamos textos de Cícero, Horácio, Propércio, Virgílio, Veleio Patérculo, Floro, Dion Cássio, Apiano, Plutarco, Flávio Josefo, Tácito, Sêneca, Plínio, o velho. Nessas obras temos passagens importantes sobre nosso personagem e o modo como memórias foram transmitidas a seu respeito no passar dos séculos.

As moedas e os camafeus somam a esse quadro elementos de um discurso de Marco Antônio, ampliando o que os autores antigos nos trazem em seus escritos, sendo importantes lugares de memória. As inscrições selecionadas – os *fasti* e as *Res gestae* de Augusto – nos permitirão observar as sanções memorialísticas e a construção do discurso de Augusto nesse suporte. A análise da paisagem urbana e dos bustos nos permitirá questionar os silêncios e as reelaborações do passado romano.

Marco Antônio nasceu em 83 a.C., no seio de uma importante família aristocrática, que segundo a tradição, teria suas raízes em Antão, filho de Hércules<sup>4</sup>, no entanto, apesar de seus membros consulares, ela tinha origem plebeia. Seu avô, Marco Antônio, foi orador, soldado, cônsul no ano de 99 a.C. e líder político, tanto dos *optimates*, quanto dos populares, no tempo de Mário, sendo muito elogiado por Cícero. Seu pai, Marco Antônio crético, porém, não possuía a mesma aptidão para os negócios públicos, nem para a vida militar, tendo sofrido uma derrota militar enquanto lutava contra piratas em Creta, no ano de 72 a.C.. Em sua vida particular, fez muitas dívidas, principalmente, pelo estilo de vida que levava, com muitas liberalidades. Sua mãe, Julia, uma mulher de grande sabedoria, tinha ascendência na família dos Júlios, sendo sobrinha-neta de Júlio César, foi importante para a sua criação<sup>5</sup>.

Sua educação foi aquela adequada a um jovem membro da elite romana<sup>6</sup>, o que não quer dizer que Marco Antônio não tenha tido uma juventude conturbada e alvo de críticas, principalmente com relação às amizades que fez<sup>7</sup>. Procurando se afastar um pouco dessas relações, ele, em 58 a.C., com 25 anos, partiu para a Grécia em busca dos ensinamentos

---

<sup>4</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 4.

<sup>5</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 1-2.

<sup>6</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 2.

<sup>7</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 2.

necessários para a boa condução dos negócios públicos. Foi nessa época que teve seus estudos de oratória<sup>8</sup>.

Após breve período, partiu para a Síria, em 57 a.C., iniciando sua carreira militar junto ao exército comandado por Aulo Gabírio. Em 55 a.C., participou da campanha responsável pela reinvestidura de Ptolomeu XII Aulete no trono egípcio<sup>9</sup>. No ano seguinte, em 54 a.C., ingressou no exército de Júlio César e participou de batalhas na Gália<sup>10</sup>.

Assim, foi em 52 a.C., já próximo de Júlio César e tendo obtido prestígio militar que Marco Antônio chegou a sua primeira magistratura, a questura. Dois anos depois, em 50 a.C., ele assumiu outros dois importantes postos: na esfera política, com a influência de Júlio César, foi eleito para o tribunato da plebe; na esfera religiosa, passou a exercer a função de áugure, entrando para o colégio sacerdotal dos augures, com a responsabilidade de supervisionar e aconselhar sobre os rituais e procedimentos referentes aos auspícios<sup>11</sup>.

Em 49 a.C., Marco Antônio foi chefe de um dos exércitos de Júlio César em Farsália, no decorrer do embate contra Cneu Pompeu<sup>12</sup>. Após a vitória, foi designado chefe de cavalaria e enviado para Roma, sendo responsável pelos negócios públicos enquanto o ditador se encontrava fora da Cidade<sup>13</sup>.

Em 44 a.C. Marco Antônio assumiu a magistratura mais importante da República, o consulado, tendo como amigo de cargo o ditador Júlio César, algo que se repetiu apenas 10 anos depois, em 34 a.C.. No idos de março teve papel importante nos funerais de Júlio César e na pacificação inicial com os cesaricidas<sup>14</sup>. Entre 43 e 32 a.C., exerceu o triunvirato, juntamente com Otaviano e Lépido, por meio da *Lex Titia*, uma magistratura de exceção, pelo prazo de 5 anos, que, porém, durou por mais tempo, renovado por meio do acordo de Tarento, em 37 a.C.. Entre as atribuições desses novos magistrados estavam, por exemplo: aprovar ou anular leis sem consultar o Senado ou o povo; exercer a jurisdição sem possibilidade de apelo; escolher os demais magistrados; governar as terras romanas divididas entre si<sup>15</sup>.

O início desse novo período foi marcado com a batalha de Filipos, em 42 a.C., contra os assassinos de Júlio César, e por uma série de proscricções<sup>16</sup>. Em seguida, entre 41 e 40 a.C.,

<sup>8</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 2.

<sup>9</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 3.

<sup>10</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 5.

<sup>11</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 8.

<sup>12</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 7-8.

<sup>13</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 8.

<sup>14</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 14-15.

<sup>15</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 19. DION CASSIO, *História Romana*, XLVI, 55.

<sup>16</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 22. SUETÔNIO, *Augusto*, 13. APIANO, *Guerras Civis*, V, 14; 53; 58. DION CÁSSIO, *História Romana*, XLVII.

houve a batalha de Perúsia, causada por Fúlvia, esposa de Marco Antônio, e Lúcio Antônio, irmão do triúnviro, contra a política de assentamento dos veteranos que vinha sendo realizada por Otaviano. A questão expôs diferenças entre os triúnviros e precisou ser solucionada com um acordo de paz, o pacto de Brindes, em 40 a.C. e, também, por meio de um laço matrimonial, que uniu Otaviano e Marco Antônio através de Otávia, irmã do primeiro<sup>17</sup>.

A principal atribuição de Marco Antônio, após Filipos, foi a reorganização das províncias orientais, que estavam sob domínio dos antigos cesaricidas. Dessa forma, ele se alojou na região, tanto na Grécia (Atenas), quanto no Egito, buscando facilitar a renovação dos laços diplomáticos entre os diferentes governantes da região e os novos magistrados romanos. Essa fase oriental se deu em duas estadias, a primeira entre 42 e 40 a.C., interrompida com a batalha de Perúsia, e a segunda e definitiva, entre 39 e 30 a.C., até sua morte<sup>18</sup>. Nesses dois momentos, Marco Antônio esteve próximo da sua amante e parceira diplomática, a rainha Cleópatra.

Os primeiros anos do Triunvirato foram muito favoráveis a *auctoritas* de Marco Antônio, no entanto, o ano de 36 a.C., trouxe mudanças. Primeiro, com a vitória de Otaviano contra Sexto Pompeu. Segundo pela derrota militar de Marco Antônio junto aos Partas, frustrando, mais uma vez, um antigo projeto conquistador dos romanos, que se iniciou com a morte de Crasso, em 53 a.C. e permeou os desejos militares de Júlio César<sup>19</sup>.

Os anos que se seguiram foram de intensa acusação entre os triúnviros, com a preparação para a grande batalha ocorrida em 31 a.C., em Ácio<sup>20</sup>. O resultado foi a derrota de Marco Antônio, após sua fuga, em meio ao confronto naval que ocorria. Aos poucos suas tropas foram desertando, até que Alexandria e o Egito fossem conquistados por Otaviano, em 30 a.C., e o reino Lágida virasse província romana. O fim de Marco Antônio se deu no mesmo ano, com sua morte, seguido do suicídio de Cleópatra<sup>21</sup>.

Os herdeiros do casal, junto com os filhos de Marco Antônio, foram adotados por Otávia e levados para Roma, onde foram criados, exceto Ptolomeu Cesário e Antilo Antônio, que foram assassinados<sup>22</sup>.

<sup>17</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 28; 30-31.

<sup>18</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 23-29; 35-36; 56-59. DION CASSIO, *História Romana*, XLVIII, 1-34.

<sup>19</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 32; 37-52.

<sup>20</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 60-73. HORÁCIO, *Odes*, I, 37; *Epodos*, 9. PROPÉRCIO, *Elegias*, II, 16, v.37-42; III, 11, v.29-36; IV, 6. VIRGÍLIO, *Eneida*, VIII, 685-711. FLORO, *Epitoma*, II, 21. VELEIO PATERCULO, *História Romana*, II, 84-88. DION CASSIO, *História Romana*, L.

<sup>21</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 77; 83-86. DION CASSIO, *História Romana*, LI, 1-18.

<sup>22</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 81-82; 87.

Como apresentado, Marco Antônio foi um importante personagem de fins da República e sua derrota em Ácio se constituiu no elemento legitimador da fundação do Principado, o que o colocou numa posição relevante no que diz respeito a ser objeto de estudos historiográficos. Assim, conseguimos observar muitos aspectos da sua vida em diferentes análises.

Um primeiro conjunto de trabalhos que podemos destacar sobre Marco Antônio é o das biografias. Desde a década de 1930, o personagem tem sido alvo deste gênero de estudos, porém, os primeiros textos possuíam uma característica muito mais narrativa do que analítica. É assim que Arthur Weigall<sup>23</sup> e Jack Lindsay<sup>24</sup> abordam a figura de Marco Antônio em suas obras.

É a partir da década de 1970 que importantes análises sobre a vida de Marco Antônio passaram a ser publicadas, buscando compreender as fontes que possuímos sobre ele e, por meio de uma análise crítica destas, reconstruir a sua vida, fugindo, desse modo, da tradição augustana que acabou por ser o retrato do personagem mantido até então. Há, portanto, uma espécie de reabilitação crítica do personagem, reavaliando os limites dos relatos do passado. É nesse quadro que se inserem as obras de Eleanor Huzar<sup>25</sup>, Hermann Bengston<sup>26</sup>, François Chamoux<sup>27</sup>, Patrícia Southern<sup>28</sup>, Giusto Traina<sup>29</sup> e Giovannella Marrone<sup>30</sup>, por exemplo.

Para além das biografias, alguns estudiosos se dedicaram à vida de Marco Antônio abordando diferentes aspectos desta. Num panorama geral, nosso personagem está presente em muitas obras quando alguns temas específicos são tratados – amor estrangeiro, bebida, vida oriental, *damnatio memoriae* – mesmo que de forma revisionista<sup>31</sup>. Contudo, essas não são as únicas chaves de leitura possíveis.

<sup>23</sup> WEIGALL, Arthur. **The Life and Times of Marc Antony**. New York: G. P. Putnam's Sons, 1931.

<sup>24</sup> LINDSAY, Jack. **Marc Antony: His World and His Contemporaries**. New York: G. Routledge & Sons, Limited, 1936.

<sup>25</sup> HUZAR, Eleanor Goltz. **Mark Antony: a biography**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1978.

<sup>26</sup> BENGSTON, Hermann. **Marcus Antonius, Triumvir und Herrscher des Orients**. München: Verlag Ch.Beck, 1977.

<sup>27</sup> CHAMOUX, François. **Marc Antoine: Dernier prince de l'Orient grec**. Paris: Arthald, 1986.

<sup>28</sup> SOUTHERN, Patricia. **Mark Antony: A Life**. Stroud, Gloucestershire: Amberley Publishing, 2012.

<sup>29</sup> TRAINA, Giusto. **Marco Antonio**. Roma: Laterza, 2003.

<sup>30</sup> MARRONE, Giovannella. **Marco Antonio: la memoria deformata**. Napoli: EdiSES, 2013.

<sup>31</sup> MARASCO, Gabriele. Marco Antonio 'Nuovo Dioniso' e il 'De sua ebrietate'. **Latomus**, Bruxelles, t.51, p.538-548, 1992. MARTIN, Paul Marius. **Antoine et Cléopâtre: la fin d'un rêve**. Bruxelles: Éditions Complexe, 1995. RODDAZ, Jean-Michel. Marc-Antoine: mythe, propagande et réalités. In: GÜNTHER, Linda-Maire; GRIEB, Volker (eds.). **Das imperiale Rom und hellenistische Osten**. Stuttgart: Steiner, 2012. p.115-138.

Temos, assim, análises sobre a atuação de Marco Antônio no campo literário<sup>32</sup>; as disputas discursivas e de acusações entre Otaviano e Marco Antônio durante o Triunvirato<sup>33</sup>; algumas de suas atitudes legais enquanto político romano<sup>34</sup> ou orador<sup>35</sup>; e, também a relação com e a natureza dos seus partidários<sup>36</sup>, sua vida nas províncias orientais<sup>37</sup>, sua relação com Júlio César<sup>38</sup>.

Ele também foi objeto de algumas interessantes obras coletivas, como é o caso das atas do Colóquio de Lyon de 1990 ‘*Marc Antoine: son idéologie, sa descendance*’<sup>39</sup>, a partir da qual temos interessantes discussões sobre seus descendentes e a relação destes com uma possível ideologia antoniana; ‘*Studi sull’età di Marco Antonio*’<sup>40</sup>, coletânea editada por Traina Giusto, que nos traz importantes contribuições sobre o personagem; e ‘*Marcus Antonius: history and tradition*’<sup>41</sup>, organizada por Dariusz Slapek e Ireneusz Luc, em que temos análises sobre muitos aspectos da sua vida.

---

<sup>32</sup> HUZAR, Eleanor Goltz. The Literary Efforts of Mark Antony. In: HAASE, Wolfgang; TEMPORINI, Hildegard (eds.). **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**. II. 30.1. Berlin / New York: Walter de Gruyter, 1982. p.639-657.

<sup>33</sup> SCOTT, Kenneth. Octavian’s Propaganda and Antony’s *De Sua Ebrietate*. **Classical Philology**, Chicago, v.24, n.2, p.133-141, abr., 1929. CHARLESWORTH, M. P. Some Fragments of the Propaganda of Mark Antony. **The Classical Quarterly**, Cambridge, v.27, n.3/4, p.172-177, jul., 1933. BORGIES, Loïc. **Le conflit propagandiste entre Octavien et Marc Antoine**: De l’usage politique de la uituperatio entre 44 et 30 a. C. n.. Bruxelles: Éditions Latomus, 2016.

<sup>34</sup> CROOK, John. A legal point about Mark Antony’s will. **The Journal of Roman Studies**, Cambridge, v.47, n.1/2, p.36-38, 1957; e A negative point about Mark Antony’s will. **Antiquité Classique**, Bruxelles, v.58, p.221-223, 1989. JOHNSON, John Robert. The Authenticity and Validity of Antony’s Will. **Antiquité Classique**, Bruxelles, v.47, p.494-503, 1978.

<sup>35</sup> MAHY, Trevor. Antonius, Triumvir and Orator: Career, Style, and Effectiveness. In: STEEL, Catherine; and VAN DER BLOM, Henriette (eds.), **Community and Communication**: Oratory and Politics in Republican Rome. Oxford: Oxford University Press., 2013. p.329-344.

<sup>36</sup> FERRIÈS, Marie-Claire. **Les partisans d’Antoine**: des orphelins de César aux complices de Cléopâtre. Bordeaux: Ausonius, 2007a. FERRIÈS, Marie-Claire. Le sort des partisans d’Antoine: damnatio memoriae ou clementia?. In: BENOIST, Stéphane; DAGUET-GAGEY, Anne (org.). **Mémoire et histoire**: les procédures de condamnation dans l’Antiquité romaine. Metz: Centre Régional Universitaire Lorrain d’Histoire, 2007b. p.41-58.

<sup>37</sup> MARASCO, Gabriele. Marco Antonio ‘Nuovo Dioniso’ e il ‘*De sua ebrietate*’. **Latomus**, Bruxelles, t.51, p.538-548, 1992.

<sup>38</sup> CRISTOFOLI, Roberto. **Antonio e Cesare**: anni 54-44 a.C.. Roma: L’Erma di Bretschneider, 2008. FERRIÈS, Marie-Claire. L’ombre de César dans la politique du consul Marc Antoine. In: DEVILLERS, Olivier; SION-JENKIS, Karin (org.). **César sous Augustus**. Bordeaux: Ausonius, 2012. p.55-72. MARTIN, Paul Marius. L’autre “héritier” de César. In: **Marc Antoine, son idéologie et sa descendance**: actes du colloque organisé à Lyon le jeudi 28 juin 1990. Lyon: Société des Amis de Jacob Spon, 1993. p.37-54.

<sup>39</sup> **Marc Antoine: son idéologie, sa descendance**: actes du Colloque organize à Lyon, le jeudi 28 juin 1990. Lyon: Société des amis de Jacob Spon, 1993. Dentre eles, destacamos, os textos de Eugen Cizek (‘L’idéologie antonienne et Néron’), Paul Marius Martin (‘L’autre héritier de César’) e Yves Roman (‘La popularité de la descendance masculine d’Antoine: essai d’explication’).

<sup>40</sup> GIUSTO, Traina (org.). **Studi sull’età di Marco Antonio**. Galatina: Congedo Editores, 2006. (Rudiae 18). Em especial, os artigos de Luca Fezzi (‘La storia di un rapporto conflittuale: Marco Antonio e i documenti’), Rita Scuderi (‘Antonio nella biografia plutarcea: per un’interpretazione psicologica’) e Bernadette Tisé (‘Marco Antonio tra ellenismo e romanità’).

<sup>41</sup> SLAPEK, Dariusz; LUC, Ireneusz (org.). **Marcus Antonius**: history and tradition. Lublin: Maria Curie-Sklodowska University Press, 2016. Principalmente, o capítulo de Oleh Petrechko (‘Mark Antony’s damnatio memoriae and the foudation of the Principate’).

As fontes sobre Marco Antônio também têm recebido atenção em estudos específicos, seja em análises separadas, seja em comentários a traduções dessas obras, como é o caso da biografia de Plutarco<sup>42</sup>, das *Filípicas* de Cícero<sup>43</sup>, dos poemas dos escritores do círculo de Mecenas<sup>44</sup>, das peças numismáticas<sup>45</sup> e das estátuas e bustos<sup>46</sup>.

Contudo, um tema que não foi desprezado, porém, não teve uma análise específica foi a transmissão de memórias sobre Marco Antônio. A maioria dos estudos biográficos tem um capítulo sobre a sua *damnatio memoriae*, porém, eles não desenvolvem nada muito além de apontar quais foram as sanções à sua memória, como o martelamento de inscrições, a proibição do *praenomen*, a retirada e a derrubada de bustos, por exemplo. O mesmo se aplica aos estudos sobre a memória no mundo romano, que sempre destacam o caso da *damnatio memoriae* de Marco Antônio.

Neste estudo, tomamos a memória conforme Michael Pollak a define, sendo a “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar”, por meio de “tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes”. Assim, “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem a sociedade” e definir as oposições irreduzíveis, pois, para existirem, as memórias devem fazer sentido para aquela determinada coletividade em que circulam<sup>47</sup>.

---

<sup>42</sup> PELLING, Christopher (ed.) **Plutarch: Life of Antony**. Cambridge Greek and Latin Classics. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. BRENK, F. E., S. J.. Plutarch's Life Markos Antonios: A Literary and Cultural Study. In: HAASE, Wolfgang; TEMPORINI, Hildegard (eds.). **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**. II. 33.6. Berlin / New York: Walter de Gruyter, 1992. p.4348-4469 e 4895-4915. SCUDERI, Rita. Antonio nella biografia plutarchea: per un'interpretazione psicologica. In: TRAINA, Giusto (org.). **Studi sull'età di Marco Antonio**. Galatina: Congedo Editores, 2006. p.130-153. (Rudiae 18).

<sup>43</sup> HALL, Jon. The Philippics. In: MAY, James M. (ed.). **Brill's Companion to Cicero: Oratory and Rhetoric**. Leiden: Brill, 2002. p.273-304. MANUWALD, Gesine. **Cicero, Philippics 3-9**. Two volumes. Berlin and New York: Walter de Gruyter, 2007; e Cicero Versus Antonius: On the structure and construction of the Philippic collection. In: STEVENSON, Tom; WILSON, Marcus (dir.), **Cicero's Philippics: History, Rhetoric and Ideology**. Auckland, N.Z.: Polygraphia, 2008. p.39-61.

<sup>44</sup> GRIFFIN, Jasper. Propertius and Antony. **Journal of Roman Studies**, Cambridge, v.67, p.17-26, 1977. HOLLARD, Virginie; RAYMOND, Emmanuelle. Se souvenir qu'il faut oublier: Marc Antoine et l'art de l'oubli augustéen. **Images Re-vues**, Paris, n.12, p.1-22, 2014.

<sup>45</sup> NEWMAN, Robert. A dialogue of power in the coinage of Antony and Octavian (44-30 BC). **American Journal of Numismatic**, New York, v.2, p.37-63, 1990. VOLLENWEIDER, Marie-Louise. **Die Porträgemmen der römischen Republik**. Mainz: Verlag Philipp von Zabern, 1974. LEONI, Daniele. **Le monete di Roma: Augusto, il Triumvirato**. Verona: Dielle Editore, 2014.

<sup>46</sup> BRENDEL, Otto. The iconography of Marc Antony. **Latomus**, Bruxelles. 1962, vol.18. p.359-367. SALVIAT, François; HOLTZMANN, Bernard. Les portraits sculptés de Marc-Antoine. **Bulletin de Correspondance Hellénique**. Athènes, 1981, v. 105, n. 1, p.265-288.

<sup>47</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989. p.9.

Dessa forma, passa a nos ser possível observar as memórias plurais sobre eventos e personagens condizentes a determinados grupos sociais nas quais são mobilizadas e transmitidas. Isso nos permite investigar as recordações sobre Marco Antônio para além de uma visão simplista de que toda a sociedade romana o encarava da mesma maneira. Existiram formas próprias de recordação por parte de seus partidários, de seus familiares, de seus opositores, de Augusto, e mesmo de outros grupos sociais, as quais se perderam com o passar do tempo, mas que não deixaram de ser possíveis.

Ao apontar para essa multiplicidade de possíveis memórias, deixamos implícita a disputa inerente a essas várias memórias divergentes. Recordar o passado e perpetuá-lo é uma poderosa forma de poder. Augusto fez isso ao construir e transmitir a memória sobre si e sobre seus opositores, mas diversos grupos sociais também se apropriaram do mesmo artifício e perpetuaram memórias sociais, muitas delas em desacordo com memórias oficiais ou dos vencedores.

Assim, como argumenta Michael Pollak, a memória entra em disputa, não devendo ser considerada como algo estanque e duradouro. Nesse processo memorialístico operam silêncios, esquecimentos, valorizações, reabilitações<sup>48</sup>, procedimentos que mostram o quão tenso é o recordar e o esquecer. De acordo com o mesmo autor, “a memória é construída, desconstruída, reconstruída”<sup>49</sup>, estando, portanto, num constante estado de elaboração. Há, nesse contexto, sempre a tentativa de um enquadramento da memória, que é o ato de se criar um quadro de referência que une os membros de determinado grupo social ou de uma coletividade maior. Enquadrar a memória é um instrumento de legitimação<sup>50</sup>.

Dessa forma, a memória é tomada, em nossa análise, enquanto um fato social. Contudo, ela deve ser observada num panorama mais maleável e intermediário. De acordo com Michael Pollak, “não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e porque eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade”. Devendo o interesse estar, como aponta o autor, nos “processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e formalização das memórias”<sup>51</sup>.

É no interior desse cenário dinâmico dos trabalhos com as memórias que buscamos analisar o que foi apropriado do passado de Marco Antônio e como esses elementos serviram para a criação das memórias e o modo como foram compartilhadas. Lembramos que, como

---

<sup>48</sup> POLLAK, Michael. 1989. p.4-14.

<sup>49</sup> POLLAK, Michael. 1989. p.12.

<sup>50</sup> POLLAK, Michael. 1989. p.9-12.

<sup>51</sup> POLLAK, Michael. 1989. p.4.

reforça Ulpiano Bezerra de Meneses, as memórias existem apenas enquanto ancoradas ao presente, devendo estas, portanto, fazerem sentido para os grupos sociais em que circulam<sup>52</sup>.

Jan Assmann traz dois conceitos interessantes no campo da memória. O primeiro dele é o da memória comunicativa, uma forma de memória não institucionalizada, que existe na interação e na comunicação cotidiana, por um prazo geracional limitado<sup>53</sup>. Já a memória cultural, conforme o autor aponta, “é uma forma de memória coletiva, no sentido de que é compartilhada por várias pessoas e que transmite a essas pessoas uma identidade coletiva, ou seja, cultural”. Ela abarca os mitos fundacionais e relatos de origem, já que extrapola o limite geracional da memória comunicativa e requer instituições de preservação e reencarnação<sup>54</sup>. Até que ponto podemos observar os trabalhos com as memórias sobre Marco Antônio, sobretudo por meio do enquadramento da memória, legando a diferentes gerações posteriores uma imagem específica do triúmviro, enquanto uma memória cultural romana?

Segundo Harriet Flower, “a memória na cultura romana pode ser encontrada em três meios essenciais: monumento, texto e ritual. Em outras palavras, era visível e legível, mas também dramático e capaz de ser recriado”<sup>55</sup>. A Roma Antiga era uma cultura de memória e esta permeou diferentes áreas: a história social, a política, a religião, as cerimônias, a arquitetura, as artes, a tradição e a literatura<sup>56</sup>. Todos estes, dessa forma, se constituíram em lugares de memória, que são, de acordo com Pierre Nora, espaços que possuem, de forma simultânea, a natureza material, simbólica e funcional, cristalizando-se não apenas em locais geográficos, mas numa infinidade de possibilidade como objetos, rituais e expressões, por exemplo<sup>57</sup>.

A partir dessa concepção de memória que adotamos para nosso estudo, em que memória é algo compartilhado entre pessoas no interior de grupos sociais, estando em disputa e em constante alteração, a divisão de capítulos proposta visa, justamente, abordar os

<sup>52</sup> MENESES, Ulpiano Bezerra. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo. n.34. p.9-24. 1992.

<sup>53</sup> ASSMANN, Jan. Communicative and Cultural Memory. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (ed.). **Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook**. Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p.109-118. p.109-110.

<sup>54</sup> ASSMANN, Jan. 2010. p.110-111.

<sup>55</sup> FLOWER, Harriet I. **The art of forgetting: disgrace & oblivion in Roman political culture**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2006. p.276.

<sup>56</sup> GALINSKY, Karl. Introduction. In: GALINSKY, Karl (org.). **Memory in Ancient Rome and Early Christianity**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p.1-39. p.17. GOWING, Alain. **Empire and memory: the representation of the Roman Republic in imperial culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p.15-16.

<sup>57</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v.10, jul/dez, p.7-28, 1993. p.7-14.



mecanismos sociais da criação, transmissão e conservação da memória. Conforme expõe Ulpiano Bezerra de Menezes, “para cobrir a problemática social da memória é necessário considerar não somente o sistema (os mecanismos, os suportes/vetores/referenciais), os conteúdos (as representações), mas também incluir os agentes e suas práticas”<sup>58</sup>.

Assim, tomaremos mais do que apenas as memórias, mas, também, os atores e os canais de transmissão das memórias como pontos importantes para a nossa pesquisa. É apenas após observarmos os suportes, os atores e as temáticas, que poderemos compreender, efetivamente, as dinâmicas em relação às memórias sobre Marco Antônio. No entanto, apesar de os quatro capítulos parecerem independentes, eles estão intrinsecamente relacionados.

O primeiro capítulo, ‘*Os meios de transmissão das memórias*’, analisa os diferentes meios de comunicação e divulgação possíveis utilizados pelos diferentes atores e grupos sociais para a transmissão e o compartilhamento de memórias sobre Marco Antônio. Os grupos sociais precisavam de canais para materializarem suas referências do passado em memórias e a escolha de cada um deles fazia parte de um projeto ou da natureza das relações sociais. Dessa forma, nos apropriamos de diferentes suportes materiais e comunicativos para compreender como eles faziam parte dessa dinâmica de recordar e esquecer nosso personagem. São eles: obras e escritos; inscrições; bustos e estátuas; moedas; camafeus; paisagem urbana; e comunicação oral.

O segundo capítulo, ‘*Atores*’, terá como foco os agentes da memória, ou seja, os personagens e os grupos sociais que operacionalizaram o lembrar e o esquecer sobre Marco Antônio. Elencamos para nossa análise: Augusto; os aristocratas; os plebeus; os partidários; e os herdeiros e familiares de Marco Antônio. Para cada um desses grupos, recordar ou esquecer o antigo triúviro teve um sentido especial e compreender essas razões e as práticas adotadas nesse processo é fundamental para observarmos o lado social das memórias.

No terceiro capítulo, ‘*As temáticas – as chaves de leitura do passado*’, trazemos para análise os principais temas associados ao processo de recordação de Marco Antônio. Assim, buscaremos discutir as memórias de Ácio; da vida oriental do triúviro; da sua carreira militar; da sua atuação enquanto magistrado; e da sua relação com uma herança de Júlio César. É essencial entender aquilo que os grupos sociais compartilharam com o passar do tempo entre eles e como isso tudo nos permite enxergar nosso personagem.

O quarto e último capítulo, ‘*As dinâmicas com as memórias sobre Marco Antônio*’, lança luz a quatro movimentos com relação à memória: o lembrar, o esquecer, o silenciar e o

---

<sup>58</sup> MENESES, Ulpiano Bezerra. 1992. p.19.

reabilitar. Eles são peças importantes do quebra-cabeça memorialístico a respeito de Marco Antônio. E por mais que sejam tomados separadamente em nossa análise, não podemos deixar de pontuar que, por serem movimentos interdependentes, ao abordar um, o outro estará presente.

## CAPÍTULO 1:

### Os meios de transmissão das memórias

Enquanto fenômenos sociais, as memórias pressupõem a interação entre diferentes pessoas. O que consideramos em nosso trabalho não são recordações individuais, mas o compartilhamento coletivo, entre membros de grupos sociais, de memórias, que são referências coletivas do passado, as quais servem para manter a coesão comunitária e a identidade do grupo.

Conforme aponta Ulpiano Bezerra de Menezes, no que se refere à problemática social da memória, diferentes elementos devem ser tomados na análise, como o sistema (os mecanismos, os suportes/vetores/referenciais), os conteúdos (as representações) e os agentes e suas práticas<sup>59</sup>. Portanto, a real compreensão da dinâmica social da memória requer mais do que apenas a observação dos referenciais do passado, requer, sobretudo, uma atenção para os meios e os atores.

Na Roma antiga, diferentes meios de circulação e partilha de memórias foram utilizados pelos grupos sociais. A sociedade romana foi muito rica no âmbito do compartilhamento de memórias. Dessa forma, temos desde a comunicação oral, a mais comum na relação social; passando pela escrita, que se materializou em textos e inscrições; pela imagética, com as moedas, camafeus e as estátuas, por exemplo; até se materializar na paisagem urbana da Cidade, que congregava, simultaneamente, muitas dessas formas.

De acordo com Aleida Assmann, “cada mídia descerra um acesso específico à memória cultural. A escrita, que acompanha a língua, armazena coisas diferentes e de maneira diferente em comparação ao que as imagens fazem. Estas, por sua vez, contêm expressões e experiências independentes da língua”<sup>60</sup>. Assim, os mais diversos suportes comunicativos devem ser abordados enquanto veículos de memória na trama social e cada um deles tem algo a dizer e teve a sua própria lógica na disputa da memória dentro do nosso recorte temporal e temático, o que não quer dizer que não haja limitações dentre os vestígios que possuímos do

---

<sup>59</sup> MENESES, Ulpiano Bezerra. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo. n.34. p.9-24. 1992. p.19-20.

<sup>60</sup> ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011. p.24-25.

passado. Alguns suportes podem nos dizer, a depender da abordagem realizada, mais do que outros e, assim, alargar o horizonte do estudo da memória entre os romanos.

O caso de Marco Antônio é bastante sintomático a esse respeito, pois a existência ou não de determinados suportes tem muito a nos dizer sobre como se deu o trabalho com relação ao seu lembrar e esquecer, tendo em vista que o personagem sofreu o que denominamos modernamente de *damnatio memoriae*<sup>61</sup>.

Nas páginas que se seguem, observaremos os possíveis meios e canais de transmissão da memória sobre Marco Antônio. Procuramos, em cada um deles, observar a presença das dinâmicas com a memória, tendo em vista que cada um dos canais possuía, em si, suas potencialidades e suas limitações e todos foram utilizados, na Antiguidade, para compartilhar memórias sobre nosso personagem. De antemão, é preciso pontuar que diferentes grupos sociais se apropriaram desses suportes de forma complementar e respeitando as possibilidades que cada um deles trazia para as memórias.

### **Obras e escritos**

O primeiro suporte que apresentamos como forma de transmissão de memórias a respeito de Marco Antônio são os textos escritos, que chegaram até nós desde a Antiguidade por intermédio dos copistas medievais. Estamos falando de textos como biografias, poemas e textos narrativos, que constituem um *corpus* central no acesso à vida de nosso personagem e a ações com relação a sua memória posteriormente.

Esse suporte documental foi, por muito tempo, considerado o mais apropriado por historiadores para o conhecimento do passado e serviu como base para a construção da grande maioria das análises historiográficas. Muito do conhecimento que temos sobre períodos mais remotos, nos foi legado e cristalizado por meio da escrita. No entanto, como a historiografia bem nos alerta há algumas décadas, é preciso ter cautela ao tomar como fonte principal apenas os relatos, pois eles também possuíam, intrinsecamente, intencionalidades, seja em razão da subjetividade dos autores, seja em razão do contexto histórico em que foram produzidos, e não abarcavam informações consistentes a respeito de diferentes grupos sociais. Desse modo, ler a contrapelo e diversificar os suportes documentais – somando ao *corpus* das análises historiográficas pinturas, esculturas e objetos, por exemplo – é fundamental para sairmos dessa chave de leitura única.

---

<sup>61</sup> MENESES, Ulpiano Bezerra. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo. n.34. p.9-24. 1992. p.19-20.

A escrita foi, por séculos, usada como a forma de expressão e transmissão de uma posição político-social específica e acabou nos legando apenas um prisma para a leitura do passado. Poucas pessoas eram versadas nas letras para compreenderem um texto escrito espontaneamente. Isso, porém, não quer dizer que a escrita fosse exclusividade dos grupos dominantes<sup>62</sup>. Sabemos das práticas nas sociedades antigas da leitura pública em voz alta, o que permitia a divulgação de todo o conhecimento e discurso cristalizado por meio da escrita – agora correndo no canal da oralidade. Mesmo assim, o contexto dessas obras textuais deve ser analisado, pois os seus fins de produção são tão importantes quanto compreender a sua recepção.

Dentro desse panorama dos círculos de leitura é preciso observar os textos antigos como objeto de instrução dos leitores/ouvintes. Nas palavras de Eugen Cizek, “A história deve agir sobre os espíritos, ou dito de outra forma, se conduzir como uma *magistra vitae*”. Assim, “ela se torna educativa e por isso significativa, pois ela contém uma bela coleção de boa e também de má condução, um diagnóstico sobre os eventos, uma coletânea de vícios e de virtudes”<sup>63</sup>.

Além dessa função educativa, a escrita, segundo Jan Assmann, permite a cristalização de memórias. Em suas palavras, “o que a escrita possibilita é a perpetuação da memória, sua libertação dos ritmos do esquecimento e da lembrança”<sup>64</sup>. Aleida Assmann aponta que a escrita conserva vestígios mesmo após a morte do autor e o desaparecimento do seu contexto<sup>65</sup>. Esse congelamento possível a partir da escrita é apenas uma das peças do quebra-cabeça existente entre os suportes comunicativos usados como meio de transmissão de memórias e, mesmo assim, relacionado a um grupo social específico<sup>66</sup>.

Conforme aponta Alain Gowing, narrar o passado era transmitir memórias, independente do gênero textual que o autor antigo possa ter escolhido em sua obra. Mais

---

<sup>62</sup> Julio Cesar Magalhães de Oliveira nos mostra como camponeses no norte da África, durante a Antiguidade Tardia, se apropriaram da escrita e da cultura documental para se fazerem presentes na sociedade em que viviam, seja se inserindo nas dinâmicas administrativas e jurídicas, seja como forma de protesto. Cf: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. Camponeses e cultura escrita na Africa romana e pós-romana. In: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, J. C.; SELVATICI, M.. (Org.). **Textos e Representações da Antiguidade: Transmissão e Interpretações**. Maringá: EDUEM, 2012. p.73-89.

<sup>63</sup> CIZEK, Eugen. **Histoire et historiens à Rome dans l'Antiquité**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1995. p.10.

<sup>64</sup> ASSMANN, Jan. What is “cultural memory”? In: **Religion and cultural memory: ten studies**. Stanford: Stanford University Press, 2006. p.20.

<sup>65</sup> ASSMANN, Aleida. 2011. p.194.

<sup>66</sup> Aleida Assmann faz uma interessante abordagem de como, com o passar dos séculos, o texto escrito foi perdendo o status de imortalidade até ser considerado como um dos muitos vestígios legados do passado. Cf: ASSMANN, Aleida. 2011. p.193-233.

importante do que a veracidade das memórias e dos relatos<sup>67</sup>, é compreender o compartilhamento das mesmas entre os romanos. Para o autor, os textos tinham a capacidade de criar e estabelecer memórias, o que reforça a necessidade de se entender que havia uma reformulação do significado do passado, exigindo que os autores lhe dessem sentido no presente, decidindo não apenas o que lembrar, mas o que deveria ser lembrado<sup>68</sup>.

Marco Antônio se encontra presente em muitos escritos antigos, tendo em vista que a sua história se mistura com a de Júlio César e a de Augusto. Essas obras são fundamentais para o conhecimento da personalidade e das ações de nosso personagem, bem como nos permitem observar, em diferentes épocas, das memórias sobre o antigo rival de Augusto. No entanto, muito do que os textos escritos antigos nos trazem são distorções e parcialidades, além de serem vestígios do que de fato existiu na Antiguidade<sup>69</sup>.

Eleanor Huzar, em sua biografia sobre Marco Antônio, compôs um interessante quadro sobre as fontes que tratam ou tratavam de nosso personagem e a simpatia delas, nos termos da própria autora, como podemos ver abaixo. Esse quadro construído pela autora será nosso ponto de partida para compreendermos Marco Antônio através dos textos escritos.

---

<sup>67</sup> De acordo com James Fentress e Chris Wickham, “O significado social da memória, tal como a estrutura interna e o seu modo de transmissão, é pouco afetado pela sua verdade; o que interessa é que se acredite, pelo menos até certo ponto”. FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social: novas perspectivas sobre o passado**. Lisboa: Teorema, 1992. p.10.

<sup>68</sup> GOWING, Alain. **Empire and memory: the representation of the Roman Republic in imperial culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p.9-11.

<sup>69</sup> TRAINA, Giusto. **Marco Antonio**. Roma: Laterza, 2003. p.3-4.

POLITICAL SYMPATHIES OF THE PRIMARY ANTONY SOURCES		
REPUBLICANS: BRUTUS, CATO	OCTAVIAN	ANTONY
(M. BRUTUS, 85-42 B.C., LETTERS) (L. CALPURNIUS BIBULUS, d. 32 B.C.) (P. VOLUMNIUS, 1st c. B.C.) PROPAGANDA FRAGMENTS	*AUGUSTUS, 63 B.C.-A.D. 14, <i>RES GESTAE</i> , (MEMOIRS) (M. AGRIPPA, 63-12 B.C.) (G. MAECENAS, d. 8 B.C.) (G. OPPIUS, 1st c. B.C.) (L. CORNELIUS BALBUS, 1st c. B.C.) PROPAGANDA FRAGMENTS	(M. ANTONY, 83- or 82-30 B.C., SPEECHES, <i>DE EBRIETATE SUA</i> ) J. CAESAR, 100-44 B.C. (OLYMPUS, 1st c. B.C.) PROPAGANDA FRAGMENTS
	*CICERO, 106-43 B.C. (TIRO, 1st c. B.C., <i>LIFE OF CICERO</i> ) VARRO, 116-27 B.C. (MESSALLA CORVINUS, 64 B.C.-A.D. 8)	*(ASINIUS POLLIO, 76 B.C.-A.D. 4) (Q. DELLIIUS, 1st c. B.C.) (MUNATIUS PLANCUS, 1st c. B.C.) (M. FADIUS GALLUS, 1st c. B.C.)
(TITUS LABIENUS, Augustan Age) (TIMAGENES OF ALEXANDRIA, Augustan Age)	VERGIL, 70-19 B.C. HORACE, 65-8 B.C. PROPERTIUS, 50-16 B.C. NICOLAUS OF DAMASCUS, 64-1 B.C. Caesar Augustus	
	*LIVY, 59 B.C.-A.D. 17 Cicero Caesar Augustus	
(CREMUTIUS CORDA, d. A.D. 25) (CASSIUS SEVERUS, d. A.D. 35)	VALERIUS MAXIMUS, d. c. A.D. 30 Varro Cicero Livy VELLEIUS PATERCULUS, 19 B.C.-A.D. 31 Varro Cicero (Asinius Pollio) (Messalla Corvinus) Augustus Livy	
(THRASEA PAETUS, d. A.D. 66)	SENECA, 5 B.C.-A.D. 65 LUCAN, A.D. 39-65  JOSEPHUS, A.D. 37-100 Nicolaus of Damascus	
	PLUTARCH, A.D. 47-120 Varro Cicero Caesar (Asinius Pollio) (Q. Dellius) (Plutarch's grandfather and great-grandfather) Augustus Livy Valerius Maximus	*SUETONIUS, A.D. 69-140 Cicero (M. Brutus) (M. Antony) (Messalla Corvinus) (M. Agrippa) Augustus (G. Maecenas) (Cremutius Corda)
		*APPIAN, A.D. 90-165 Varro Caesar (Asinius Pollio) (P. Volumnius) (Munatius Plancus) (Messalla Corvinus) Augustus
		*CASSIUS DIO, A.D. c. 160-230 Cicero Caesar (M. Antony) (Asinius Pollio) Augustus Livy Nicolaus of Damascus (Messalla Corvinus) (Timagenes of Alexandria?) (Cremutius Corda) Plutarch?
	FLORUS, 2nd c. A.D. Augustus Livy AURELIUS VICTOR, 4th c. A.D. Livy Suetonius EUTROPIUS, 4th c. A.D. Livy Suetonius FESTUS, 4th c. A.D. Livy OROSIUS, A.D. 380-420	

\* Especially influential authors.  
( ) Extant only in fragments or not at all.  
Primary authors in capital letters.  
Sources used by authors in lower case.

Mark Antony: *A Biography*, by Eleanor Goltz Huzar  
Copyright © 1978 by the University of Minnesota.

**Quadro 1** – Fontes sobre Marco Antônio – HUZAR, Eleanor Goltz. **Mark Antony**: a biography. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1978. p.240-241.

A historiadora traça três inclinações, de ordem política, que marcam o tom das narrativas que possuímos ou existiram em algum momento sobre Marco Antônio. Duas linhas são contrárias ao nosso personagem (pró-Otaviano e pró-republicanos) e outra é favorável (pró-Marco Antônio). Contudo, de acordo com a autora, havia zonas de transição, em que os

autores bebiam em fontes de diferentes inclinações<sup>70</sup>. Além disso, também pode ser observado, no esquema proposto, quais seriam, possivelmente, as principais fontes usadas pelos autores antigos na composição de suas obras.

Esse quadro já nos permite uma primeira constatação: foram muitas as formas de se falar de Marco Antônio e narrar suas ações. Assim como William Shakespeare, muitas vezes podemos ser levados a seguir apenas um caminho. No entanto, é preciso saber que há uma pluralidade de vozes e que esse caminho não é o único.

A primeira das inclinações é a dos republicanos. Segundo Eleanor Huzar, quase toda essa literatura se perdeu, restando alguns fragmentos de propaganda. Dentre esses autores perdidos estão: Marco Bruto, Lúcio Calpúrnio Bíbulo, Públio Volumnio, que escreveram no século I a.C.; Tito Labieno e Timógenes de Alexandria, que escreveram no período augustano; e Cremutius Corda, Cassius Severo, Traiano Paeto, que escreveram já no período do Principado, século I d.C.. Cícero, Tiro, Messala Corvino, Varrão, Tito Lívio e Plutarco, conforme a autora, são de simpatia mista, indo, também, numa linha pró-Otaviano.

A segunda inclinação é a dos partidários de Otaviano. Ele próprio foi o melhor ponto de difusão de opiniões sobre o rival, em suas *Res gestae*, memórias e outros escritos (inclusive diretamente contra Marco Antônio, Fúlvia e Polião – citado por Marcial), os quais influenciaram escritores posteriores, seja nas décadas subsequentes, como nos séculos seguintes. Outros autores citados pela autora, como parte dessa linha são: Agripa, Mecenas, Ovídio, Lúcio Cornélio Balbo, Nicolau de Damasco, Valério Máximo, Veleio Patérculo, Sêneca, Lucano, Flávio Josefo, Floro, Aurélio Victor, Eutrópio, Festo e Orósio.

Essas obras foram todas escritas posteriormente a Ácio, ou seja, quando já estava definido o vencedor. Desse modo, todas possuem traços do discurso augustano, seja em menor ou maior grau. Elas vão nos trazer um traço específico de Marco Antônio, legando a ele o lugar de derrotado e de traidor de Roma. Isso também pode ser dito daqueles autores que transitam entre a linha pró-Otaviano e pró-Marco Antônio, como é o caso de Asínio Polião, Quinto Dêlio, Munácio Planco, M. Fúlvio Galo, em especial, Suetônio, Apiano e Dion Cássio.

Por último, Eleanor Huzar destaca os partidários de Marco Antônio. Destes temos acesso apenas a trechos fragmentários ou por meio de críticas dos partidários de Otaviano. Conforme a autora, essa documentação foi alvo de eliminação intencional por razões políticas. Muitos destes autores que escreveram sobre a época do Triunvirato, foram

---

<sup>70</sup> HUZAR, Eleanor Goltz. **Mark Antony: a biography**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1978. p.233-252.



partidários de Marco Antônio, mas, depois, se tornaram aliados de Otaviano, como, por exemplo, Valério Messala Corvino, Quinto Délio, Lúcio Munácio Planco, e Marco Tício.

Asínio Polião, importante político do final da República e início do Principado, é visto como ‘politicamente independente’ nesse quadro. Seus textos não nos chegaram diretamente, mas influenciaram os autores antigos, sobretudo Apiano, sendo seu tom mais crítico e sua visão de Marco Antônio diferente das de Cícero e Otaviano<sup>71</sup>.

Antonio La Penna, ao observar o modo como os autores antigos retrataram Marco Antônio em suas obras, aponta que ele é um ‘personagem paradoxal’, ou seja, que os diferentes escritos antigos reforçam aspectos positivos e negativos da sua vida e feitos, havendo, num dado momento, uma inflexão, causando a degeneração de suas boas qualidades<sup>72</sup>. Diante desse quadro plural e fragmentário, Eleanor Huzar destaca que as incertezas nas fontes tornam difícil fazer o desenho de um retrato completo ou totalmente legítimo de Marco Antônio<sup>73</sup>.

Tendo sido apresentadas as inclinações existentes nos textos antigos, no que diz respeito a Marco Antônio, cabe discorrermos sobre a presença do personagem nesses escritos. Como se deu a representação de nosso personagem nessas obras? Qual o sentido existente para a recordação de suas ações por esses autores?

Os primeiros textos que destacamos são de Cícero, especificamente, o conjunto de discursos proferidos no Senado e diante do povo romano entre 44 e 43 a.C. que traziam diversas acusações a Marco Antônio, conhecidos como *Filípicas*<sup>74</sup>. Atualmente possuímos 14 desses discursos. Neles o orador romano busca criticar seu rival e junto das mais diferentes acusações que lhe faz, nos fornece um texto rico no âmbito do trabalho com o lembrar e o esquecer Marco Antônio. Aqui, as memórias não nos importam por serem verídicas, mas por fazerem parte do jogo social.

John Hall argumenta que o elemento básico desses discursos é o uso do ridículo. O objetivo do orador era minar a autoridade moral e política de Marco Antônio, colocando-o como um homem que não deveria ser seguido, respeitado ou admirado. Isso explicaria o uso de vários traços duvidosos do caráter de Marco Antônio para construir um retrato memorável

<sup>71</sup> HUZAR, Eleanor. 1978. p.238-243.

<sup>72</sup> LA PENNA, Antonio. Antonio come personaggio ‘paradossale’. In: GARA, A; FORABOSCHI, D (org.). **II Triumvirato costituente alla fine dela repubblica romana**. Como: Edizione New Press, 1993. p.93-111.

<sup>73</sup> HUZAR, Eleanor. 1978. p.252.

<sup>74</sup> Sobre as ‘*Filípicas*’, Cf: HALL, Jon. The Philippics. In: MAY, James M. (ed.). **Brill’s Companion to Cicero: Oratory and Rhetoric**: Leiden: Brill, 2002. p.273-304. MANUWALD, Gesine. **Cicero, Philippics 3-9**. Two volumes. Berlin and New York: Walter de Gruyter, 2007; e Cicero Versus Antonius: On the structure and construction of the Philippic collection. In: STEVENSON, Tom; WILSON, Marcus (dir.), **Cicero's Philippics: History, Rhetoric and Ideology**. Auckland, N.Z.: Polygraphia, 2008. p.39-61.

ridicularizável<sup>75</sup>. Para tanto, ele se utilizou amplamente nas *Filípicas* de uma ‘retórica da crise’, um artifício crucial para que ele convencesse seu público da sua posição com relação aos acontecimentos de sua época e que, segundo o autor, foi executado de forma mais elaborada e em mais partes dos textos das *Filípicas* do que em outros de seus escritos. Dessa forma, Cícero faz uma descrição de Roma e da República como à beira da destruição, empregando um modelo disjuntivo (que cria oposições entre pólos) para descrever o período<sup>76</sup>.

Conforme Jean Michel Roddaz, as *Filípicas* são “um monumento eterno de eloquência, mas também de raiva e desinformação dos fatos” – o estilo era o habitual da época<sup>77</sup>. Contudo, o quadro mais tradicional que nos ficou de uma memória a respeito de nosso personagem não foi esse construído por Cícero, apesar de concordarmos com a existência dessa contaminação da memória. Segundo Eleanor Huzar, Cícero foi o responsável por movimentar ideologicamente os senadores e demais setores sociais romanos contra Marco Antônio após a morte de Júlio César, criando uma propaganda contra ele<sup>78</sup>, porém foi uma ação limitada<sup>79</sup>. Com o assassinato do ditador nos idos de março de 44 a.C., a memória entrou em disputa, mas coube a Otaviano, dentro do seu próprio projeto político, estabelecer, de fato, o enquadramento da memória de Marco Antônio<sup>80</sup>.

Nesse universo do principado de Augusto, temos os poetas Virgílio, Horácio e Propércio. Os três autores, que escreveram sob o patrocínio de Mecenas, nos legaram, através de passagens ou pequenos textos suas visões sobre o período e sobre Marco Antônio<sup>81</sup>. A partir desses autores, temos diferentes tônicas sobre nosso personagem no decorrer dos primeiros anos do Triunvirato, que passa de uma simples referência velada a uma citação nominal como o inimigo de Roma. São excertos que explicitam o discurso do novo príncipe e cristalizam a memória a ser compartilhada, no discurso oficial do novo regime, sobre o passado romano<sup>82</sup> e sobre Marco Antônio.

<sup>75</sup> HALL, Jon. 2002. p.288-290.

<sup>76</sup> HALL, Jon. 2002. p.283-287.

<sup>77</sup> RODDAZ, Jean-Michel. Marc-Antoine: mythe, propagande et réalités. In: GÜNTHER, Linda-Maire; GRIEB, Volker (eds.). **Das imperiale Rom und hellenistische Osten**. Stuttgart: Steiner, 2012. p.115-138. p.118.

<sup>78</sup> HUZAR, Eleanor. 1978. p.106.

<sup>79</sup> As ‘*Filípicas*’ trazem três episódios em que podemos observar os próprios limites de Cícero e as outras vozes possíveis, são eles: as acusações de Cícero a Caleno (CÍCERO, *Filípicas*, VIII, 4-6; X, 2-3); as acusações de Cícero a paz proposta por Lépido (CÍCERO, *Filípicas*, XIII, 4-8); a leitura crítica, pelo orador, numa das sessões do Senado, de uma carta de Marco Antônio (CÍCERO, *Filípicas*, XIII, 10-21).

<sup>80</sup> Este ponto é discutido no tópico ‘Lembrar’, do capítulo 4.

<sup>81</sup> HORÁCIO, *Odes*, I, 37; *Epodos*, 9; PROPÉRCIO, *Elegias*, II, 16, v.37-42; III, 11. v.29-36; IV, 6; VIRGÍLIO, *Eneida*, VIII, 685-711.

<sup>82</sup> GALINSKY, Karl. **Memory and forgetting in the age of Augustus**. Sidney: Department of Classics and Ancient History, 2016. p.7-10.

No decorrer do principado de Tibério, um autor importante foi Veleio Patérculo, um *homo nouus*, que ascendeu ao Senado durante o principado de Augusto e obteve certa projeção política em Roma. Era um entusiasta do principado, o que transparece em sua obra. Ele escreveu sua *História Romana* em forma de epitome, abarcando da guerra de Troia ao ano de 29 d.C.. Em sua narrativa do passado romano, fica evidente sua pouca simpatia com relação a Marco Antônio.

Suetônio compôs, no início do século II d.C., um conjunto de biografias conhecidas como *A vida dos dozes Césares*. Marco Antônio, naturalmente, não é um de seus biografados, mas ele se encontra presente nas narrativas, em especial nas vidas de Júlio César e de Augusto, já que foi contemporâneo de ambos. Na biografia deste último, Marco Antônio tem um papel importante, visto que é através dele que Suetônio tece algumas críticas ao comportamento do biografado, o que nos apresenta o conturbado período que foi o Triunvirato<sup>83</sup>. Em outras biografias do conjunto temos informações importantes a respeito da reabilitação empreendida pelos descendentes de nosso personagem, algo que nenhuma outra fonte apresenta<sup>84</sup>.

Tácito também foi um importante autor para termos acesso a informações a respeito de Marco Antônio. Apesar de não escrever especificamente sobre ele, a não ser de forma breve no início dos *Anais* – obra publicada no início do século II d.C. –, o historiador romano, ao narrar a viagem de Germânico ao Oriente e ao falar do processo de *damnatio memoriae* de Cneu Pisão, nos permite visualizar movimentos memorialísticos a respeito do lembrar e do esquecer Marco Antônio<sup>85</sup>.

Outro importante autor antigo é Floro. Ele publicou seu *Epitome* durante o principado de Adriano (117-138) e nele narra a história romana até as campanhas vitoriosas de Augusto e a derrota de Varo, dividindo sua obra entre as guerras exteriores (livro I) e as civis (livro II). O lugar de Marco Antônio na sua narrativa é negativo. Para o autor, desde a morte de Júlio César, Marco Antônio desejava estabelecer a servidão dos romanos, por meio de uma monarquia<sup>86</sup>. Dessa forma, observamos os ecos da memória oficial do principado de Augusto.

A *História Natural* de Plínio, o velho, nos lega algumas passagens a respeito de Marco Antônio. Publicada entre 77 e 79 d.C., em formato enciclopédico, a obra perpetua os elementos da memória oficial/cultural sobre nosso personagem. É assim que Marco Antônio é

<sup>83</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 2; 4; 7; 13; 28; 63; 69; 70.

<sup>84</sup> O fim da comemoração da batalha de Ácio, Cf.: SUETÔNIO, *Calígula*, 23. A reabilitação do *dies natalis* de Marco Antônio, Cf: SUETÔNIO, *Cláudio*, 11.

<sup>85</sup> TÁCITO, *Anais*, II, 53-61; III, 18.

<sup>86</sup> FLORO, *Epitome*, II, 14.

mencionado em passagens sobre a prática de beber vinho<sup>87</sup> e sobre as joias<sup>88</sup>, em eventos que retratam a vida inimitável no Oriente.

Apiano também bebe dessa tradição augustana. Por mais que em sua obra vejamos uma descrição positiva de Marco Antônio, com a valorização dos seus feitos militares<sup>89</sup>, observamos, também, a reprodução do relacionamento dele com Cleópatra como sendo a razão de muitos males para eles, para a República e para o Egito<sup>90</sup>. Infelizmente, sua obra ‘*Guerras civis*’, publicada na metade do século II d.C., chegou até nós de forma lacunar, faltando a parte que trata do final do Triunvirato.

Uma das obras antigas mais importantes que nos foi legada é a biografia de Plutarco a respeito de Marco Antônio<sup>91</sup>. Nela temos a descrição dos eventos da sua vida de seu nascimento até sua morte. Como aponta Rita Scuderi, Marco Antônio, no contexto das biografias morais das *Vidas Paralelas*, foi um antimodelo, ou seja, sua biografia tinha o fim didático de que não seguissem o seus comportamentos<sup>92</sup>. Conforme François Chamoux discute, ao destacar as qualidades militares de Marco Antônio, Plutarco, em seu retrato moral, acaba por reforçar o papel negativo que Cleópatra exerceu sobre ele<sup>93</sup>, o que mostra seu alinhamento a uma tradição mais augustana dos eventos do passado.

Dion Cássio escreveu sua *História Romana* sob o governo dos Severos, no século III d.C.. Dos 80 livros, 10 deles narram eventos entre a morte de Júlio César e o retorno de Otaviano após sua vitória em Ácio. Desse modo, a partir de suas páginas, podemos analisar as memórias sobre Marco Antônio séculos após os eventos. Sua inclinação possui simpatia pelo antigo triúmviro, mas não deixou de reproduzir ecos do discurso augustano sobre os eventos. Como o próprio autor aponta, a história é escrita pelos vencedores<sup>94</sup>.

Além das obras que possuímos, apresentadas acima, também não podemos nos esquecer de abordar, mesmo que brevemente, os documentos que não chegaram até nós, mas que foram usados como base na construção de outros relatos antigos, como é o caso de

<sup>87</sup> PLÍNIO, O VELHO, *História Natural*, XIV, 28.

<sup>88</sup> PLÍNIO, O VELHO, *História Natural*, IX, 58-59.

<sup>89</sup> Como é o caso das ações na batalha de Filipos: APIANO, *Guerras Civis*, IV, 14; 53; 58.

<sup>90</sup> APIANO, *Guerras Civis*, V, 1; 8-9; 11.

<sup>91</sup> Obras de referência para a obra de Plutarco, Cf: PELLING, Christopher. **Plutarch, life of Antony**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. BRENK, F. E., S. J.. *Plutarch's Life Markos Antonios: A Literary and Cultural Study*. In: HAASE, Wolfgang; TEMPORINI, Hildegard (eds.). **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**. II. 33.6. Berlin / New York: Walter de Gruyter, 1992. p.4348-4469 e 4895-4915.

<sup>92</sup> SCUDERI, Rita. La coppia plutarchea Demetrio – Antonio: un antimodello. In: **L'idéalisation de l'autre: Faire un modèle d'un anti-modèle**. Actes du 2e colloque SoPHiA – Société Politique, Histoire de l'Antiquité tenu à Besançon les 26-28 novembre 2012. Besançon: Institut des Sciences et Techniques de l'Antiquité, 2014. p.285-310.

<sup>93</sup> CHAMOIX, François. **Marc Antoine: Dernier prince de l'Orient grec**. Paris: Arthald, 1986. p.392.

<sup>94</sup> DION CÁSSIO. *História Romana*, XLVI, 34.

documentos de arquivo aos quais Suetônio teve acesso e serviram como base para a construção de suas biografias sobre os doze Césares; os textos de Marco Antônio, como *De sua ebrietas*, que foi usado por Plínio, o velho, no seu relato contra o comportamento ébrio do referido personagem; além de diversos panfletos que circularam durante o Triunvirato.

Esses documentos (cartas, discursos, panfletos, dentre outros) foram produzidos com um devido fim e para certo público, mas não deixaram de ser apropriados por muitos outros escritores anos depois como fonte para as suas análises. Portanto, já na própria Antiguidade, a escrita foi utilizada enquanto instrumento político e meio de transmissão de memórias de eventos e personagens<sup>95</sup>.

Desse modo, a produção de textos escritos representou uma eficiente maneira para a elite romana na transmissão de sua forma de ver o passado. Contudo, ao observarmos os relatos sobre Marco Antônio, podemos perceber que havia diferentes posicionamentos a seu respeito, mostrando que essas obras não significaram uma única chave de leitura sobre o mesmo tema. No entanto, o que nos chegou não passa de uma visão do vencedor com certas nuances<sup>96</sup>.

Outra questão que deve ser abordada, no âmbito da análise dos textos antigos, é como o foco senatorial nos transmitiu as imagens sobre os herdeiros de Marco Antônio – mesmo que este não seja o foco central de nosso estudo. Muitos deles foram lidos dentro da linha da degeneração dos costumes. No entanto, esses retratos são uma ação reativa dos autores antigos a declarações ou atitudes, por parte dos governantes, que diminuíssem o prestígio e o poder político e social das ordens superiores da sociedade romana, que detinham o poder da escrita. Assim, lançar luz ao que se diz sobre o antigo triúviro é permitir se conhecer o repertório utilizado contra seus sucessores.

A transmissão de memórias não se fechou apenas a esse meio de comunicação ou aos grupos sociais que detinham na escrita um dos principais suportes para o compartilhamento de memórias. Diferentes suportes e atores podem ser observados na imensa rede comunicativa, simbólica e material que existia na sociedade romana, como veremos a seguir.

---

<sup>95</sup> Interessantes coletâneas e análises a respeito de fragmentos de obras antigas são: BARDON, Henry. **La littérature latine inconnue**. Tome I – L'époque républicaine. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1952. BARDON, Henry. **La littérature latine inconnue**. Tome II – L'époque impériale. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1956. CORNELL, Tim J.. **The fragments of the Roman historians**. 3 vols. Oxford: Oxford University Press, 2013.

<sup>96</sup> DION CÁSSIO. *História Romana*, XLVI, 34.

## Inscrições

Dentro desse universo da escrita, também temos outro suporte: as inscrições. Elas atendiam a diferentes propósitos e aos diferentes grupos sociais. Enquanto meio de transmissão de memórias, a epigrafia também se apresenta como um importante canal, porém, não apenas por meio daquilo que estava escrito, mas, principalmente para outros grupos sociais além da elite romana, através das representações que ali eram gravadas, com cenas cotidianas, comunitárias ou simbólicas. Isso mostra a imensa diversidade de possibilidades no que toca a transmissão de discursos e memórias a partir do uso desse suporte documental.

Os principais homens da aristocracia, que seguiam um *cursus honorum* – para nos inserirmos no universo de Marco Antônio –, tinham seus nomes gravados em pedras ou placas metálicas para narrar seus feitos e estas estavam presentes em diferentes ambientes de Roma, da Itália e das províncias, seja em construções, seja como parte de estátuas, por exemplo. Elas faziam parte da paisagem urbana no período romano. Por surgirem com esse intuito, por si só, essas inscrições já tinham intrinsecamente a função memorialística de destacar os grandes homens da República romana e os seus feitos.

Contudo, nem sempre os registros das honras nos mostram apenas aquilo para o qual eles foram produzidos, que era documentar os ocupantes das magistraturas, exaltar os generais vitoriosos em nome de Roma ou gravar o nome de determinada pessoa em razão da realização de alguma ação em prol da República ou de bem-feitorias a parcelas sociais específicas. Eles também acabaram por serem espaços escolhidos para as marcas de desonras – como fruto do processo de *damnatio memoriae* –, a reabilitação da memória ou para a construção de um passado específico.

No que diz respeito a Marco Antônio, podemos observar esses três movimentos – desonra, reabilitação e revisão do passado – para além do inicial, o memorialístico de um feito dele. São justamente esses exemplares, com essas três outras marcas, que mais nos interessam em nossa pesquisa, pois elas mostram as ações posteriores com as memórias a seu respeito, inserindo os processos de lembrar e de esquecer Marco Antônio num momento conturbado da história romana, logo, com elementos que nos permitem observar o conflito de interesses e as intencionalidades existentes.

Do conjunto de inscrições que usaremos, algumas são os *fasti*, os calendários romanos. A representação da dimensão social do tempo entre os romanos, podia se dar por meio do registro dos meses do ano, em colunas, com a exposição dos dias em linhas – um calendário com um sentido prático –, ou pela listagem anual com os nomes de magistrados, em especial

os cônsules e os censores, ou triunfadores – um calendário com um sentido histórico<sup>97</sup>. Os exemplares que mobilizaremos serviram a diferentes propósitos políticos, militares, sociais e religiosos, o que determinava as suas formas de representação do tempo e o local de exposição em que se encontravam originalmente.

O primeiro dos *fasti* que elencamos no nosso *corpus* de inscrições, são os *fasti Capitolini*<sup>98</sup>. Essa inscrição possui esse nome por hoje se encontrar no Palazzo dei Conservatori, nos Museus Capitolinos, para onde foi transferida no século XVI, por determinação papal, após sua descoberta arqueológica em escavações no Fórum Romano. Essa inscrição é composta por duas listagens diferentes: a de cônsules e outros magistrados (*fasti Capitolini Consulares*) e a de triunfadores (*fasti Capitolini Triumphales*). Ambas foram gravadas em placas de mármore.

Os *fasti Capitolini Consulares* apresentam os nomes de diferentes magistrados romanos, em especial, os cônsules, se iniciando em 483 a.C., nas primeiras décadas da República até 13 d.C., já no principado de Augusto, porém, com algumas lacunas.

Em Roma, o mandato do Consulado, principal magistratura da República, tinha exatamente um ano. Assim, a listagem desses magistrados servia como demarcação cronológica desse intervalo temporal referente ao ciclo anual. Essa forma de se referenciar o ano se aplicava tanto às inscrições com essa natureza cronológica, como aos textos escritos, é o caso dos textos de Tito Lívio e Tácito, por exemplo, que contam o passado romano por anos, marcando, sempre, o nome dos cônsules daquela fração temporal a que se referiam os eventos que seriam narrados a seguir.

Os *fasti Capitolini Triumphales*, por sua vez, trazem a listagem de diferentes generais romanos que obtiveram a glória militar em nome de Roma. Os registros apontam os triunfos desde os primórdios da cidade, em 753 a.C., com o próprio Rômulo, até 19 a.C., com a vitória de Lúcio Cornélio Balbo contra os Partas. Infelizmente, o estado da inscrição é bastante lacunar, mas é possível observar cerca de 200 triunfos romanos. Cada entrada na inscrição traz o nome do general, a magistratura que ocupava, o lugar e ou o povo sob o qual houve o triunfo e a data da cerimônia<sup>99</sup>.

Como aponta Mary Beard, há muitas incertezas a respeito da produção, da datação e do local em que esses *fasti* ficavam expostos. Acreditava-se até o século XIX que poderia ser

<sup>97</sup> RÜPKE, Jörg. **The Roman Calendar from Numa to Constantine: Time, History and the *Fasti*** Oxford: Blackwell, 2011. p.1-22; 121-134.

<sup>98</sup> Para acessar a integralidade das inscrições dos *fasti Capitolini Consulares* e *Triumphales*, Cf: DEGRASSI, Atilio. **Corpus Scripitorum Latinorum Paravianum**. Torino: G. B. Paravia, 1954. p.28-110.

<sup>99</sup> BEARD, Mary. **The Roman triumph**. Cambridge: Harvard University Press, 2009. p.61-67.

na Regia, local em que se reuniam os pontífices, responsáveis pelos calendários. Contudo, hoje os historiadores acreditam que essas inscrições pudessem ornamentar algum arco do Fórum de Augusto<sup>100</sup>.

Nos *fasti Capitolini Consulares*, o nome de Marco Antônio aparece três vezes. A primeira delas é quando, em 48 a.C. (ano 706, na cronologia romana), ele assume o cargo de mestre de cavalaria (*magister equitum*). A segunda vez é quando ele assume o seu primeiro consulado, em 44 a.C. (ano 710) – há uma lacuna na inscrição sobre o registro do segundo consulado, em 34 a.C.. A terceira menção é no ano de 37 a.C. (ano 717), no momento em que há a renovação do Triunvirato, por mais 5 anos, conforme o acordo de Tarento.

No que se refere ao estado físico da presença do nome de Marco Antônio nessas inscrições, deve ser destacada a ação de apagamento e reabilitação posterior do registro. Isso fica mais evidente no ano de 37 a.C., quando apenas o nome dele, em relação a Otaviano e a Lépido, sofre essa intervenção.

A presença do nome de Marco Antônio nos *fasti Capitolini Triumphales* ocorre no registro do ano de 40 a.C. (ano 714). Aqui é curioso, pois houve uma ovação (*ovatione*) a ele e a Otaviano em razão da paz de Brindes, acordo selado entre eles após os conflitos de Perúsia, em 41. a.C.<sup>101</sup>. Seu nome não possui nenhuma marca de desonra.

Outros *fasti* que elencamos, dentre nossas inscrições, são os *fasti Colotiani*<sup>102</sup>. Trata-se de uma lista apenas dos cônsules romanos. O nome de Marco Antônio aparece duas vezes: primeiro, quando do seu consulado, em 44 a.C., juntamente com Júlio César, e, segundo, quando do estabelecimento do Triunvirato, em 43 a.C.. Nos dois casos, há o apagamento e a reabilitação do registro.

Portanto, através dos *fasti Colotiani* e dos *fasti Capitolini Consulares* podemos ver, como pontuado, dois movimentos com relação à memória: o apagamento e a reabilitação. Na versão que possuímos do *fasti Colotiani* essas ações são bastante visíveis, pois o nome de Marco Antônio se encontra numa posição mais afundada, o que significa que ali houve uma significativa retirada da camada do material do suporte (mármore), por meio do martelamento, e, posteriormente, uma nova gravação do seu nome no antigo local em que deveria estar.

<sup>100</sup> BEARD, Mary. 2009. p.64-65.

<sup>101</sup> A partir desse acordo, há uma nova reorganização dos poderes e das áreas de comando dos triúnviros, além do casamento de Marco Antônio com Otávia.

<sup>102</sup> Para acesso à imagem, ao texto e à ficha arqueológica dos *Fasti Colotiani*, cf: Disponível em: <<http://ancientrome.ru/art/artworken/img.htm?id=7171>>. Acesso em: 16 ago 2022.



Dessa maneira, a partir dessas inscrições é possível nos questionarmos sobre os atores dessa *damnatio memoriae*, pois, como pode ser observado, houve o apagamento do registro de outro Marco Antônio nos *fasti Capitolini Consulares*, no caso, o seu avô<sup>103</sup>. Assim, seria uma radical remodelação do passado ou erros por confusão ou pressa? Harriet Flower aponta que essas peças nos permitem observar a demonstração de entusiasmos individuais<sup>104</sup>, acompanhando o relato de Dion Cássio sobre esse processo de desonra de Marco Antônio<sup>105</sup>.

No que diz respeito à reabilitação do nome, Ida Östenberg nos traz um bom questionamento sobre esse processo. A reabilitação de Marco Antônio era uma punição e, com isso, a reescrita seria uma maneira de dar maior destaque à desonra quando se olhava para o conjunto da inscrição ou um ato de clemência de Augusto em restaurar a memória do rival?<sup>106</sup>

Os *fasti Verulani* são outro exemplo que somamos ao nosso *corpus*. Sua descoberta se deu em 1922, em Veroli, na região do Lácio. Nessa inscrição podemos ver três colunas, referentes aos meses de janeiro, fevereiro e março e o apontamento de cada um dos dias desses meses. Originalmente, a peça fazia parte do fórum da cidade, mas, atualmente, ela ornamenta o pátio da casa Reali, como podemos observar abaixo.

---

<sup>103</sup> O avô paterno de Marco Antônio, que tinha o mesmo nome do neto, foi orador, soldado, líder *optimatus* e líder popular, além de cônsul no ano de 99 a.C.. Cícero tinha um grande apreço por ele, tanto que diz, em suas *Filípicas*, que Marco Antônio deveria seguir o bom exemplo de seu antepassado. CÍCERO, *Filípicas*, V, 1; VI, 1.

<sup>104</sup> FLOWER, Harriet I. **The art of forgetting**: disgrace & oblivion in Roman political culture. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2006. p.117-118.

<sup>105</sup> Relatos dos autores antigos sobre a *damnatio* de Marco Antônio, Cf: DION CÁSSIO, *História Romana*, LI, 19; e PLUTARCO, *Cícero*, 49; e *Marco Antônio*, 86. Para uma análise sobre as divergências dos relatos, Cf: BABCOCK, Charles L.. Dio and Plutarch on the *damnatio* of Antony. **Classical Philology**. vol. 57. n.1, 1962. p.30-32.

<sup>106</sup> ÖSTEMBERG, Ida. *Damnatio memoriae* inscribed: the materiality of cultural repression. In: PETROVIC, Andrej; PETROVIC, Ivana; THOMAS, Edmund (orgs.) **The Materiality of Text**: Placement, Perception, and Presence of Inscribed Texts in Classical Antiquity. Boston : Brill, 2019. p.333.



**Imagem 1** – *Fasti Verulani*<sup>107</sup>.



**Imagem 2** – *Fasti Verulani* com a sanção ao nascimento de Marco Antônio em detalhe<sup>108</sup>.

<sup>107</sup> Disponível em: <<http://prolocveroli.it/localita/367/fasti-verolani>>. Acesso em: 12 out 2022.

<sup>108</sup> Disponível em: <<http://www.aironeinforma.it/fasti-verulani.html>>. Acesso em: 12 out 2022.

Por meio dessa inscrição observamos o destaque da sanção ao aniversário de Marco Antônio. No dia de seu nascimento, 14 de janeiro, podemos observar os seguintes dizeres: *FIX EN D(ies) VITIOSUS EX S(enatus) C(onsulto) ANT(onii) NATAL(is)*. Portanto, quando faltavam dezenove dias para as calendas de fevereiro, havia um dia *vitiosus*, ou seja, cheio de vícios<sup>109</sup>. Não temos, para o dia de aniversário de Marco Antônio, a clássica definição de um dia *nefastus* na inscrição<sup>110</sup>. Num dia considerado nefasto os pretores não podiam pronunciar as palavras rituais ‘*do, dico et addico*’ comuns nos dias *fasti*<sup>111</sup>. Na inscrição temos um EN como marca do dia, em latim *endotercius* ou *intercibus*, que significa que este dia era alternadamente sagrado e profano<sup>112</sup>.

Além disso, há a marca de que esse dia era considerado *vitiosus* em razão de um *senatus consulto*, quer dizer, foi por meio de uma determinação do Senado que o dia de seu nascimento sofreu uma marca de desonra, não apenas por uma vontade do governante. Essa, na verdade, foi uma das marcas desse processo de *damnatio memoriae*.

Também cabe pontuar que os *fasti Verulani* nos trazem outras duas datas com recordações importantes para o príncipe Augusto: 17 de janeiro (casamento de Augusto com Lúvia) e 22 de fevereiro (funeral de Caio César, neto do governante e um dos príncipes da juventude). Como bem se sabe, para o novo regime, essas comemorações de eventos específicos e especiais, relacionados aos membros da *domus* ou de vitórias militares, por meio de inscrições, jogos e festivais eram parte essencial de um ritual, que dava um tom teatral ao Principado, e fazia com que o povo romano sempre estivesse sendo recordado dos bons feitos do *princeps senatus* e da sua família para com a República<sup>113</sup>.

A partir dessas comemorações presentes nesses *fasti*, podemos fazer considerações a respeito da sua data de produção. Ao trazer a recordação da morte de Caio César, ocorrida em 4 d.C., podemos pensar, primeiro, que ele é posterior a essa data e, assim, que a marca de desonra a Marco Antônio não foi algo que ocorreu apenas nos anos iniciais do Principado,

<sup>109</sup> Jörg Rüpke aponta que esse é o único registro de *dies vitiosus* que se conhece e que há pouca certeza sobre as razões do uso dessa nomenclatura para o nascimento de Marco Antônio. RÜPKE, Jörg. 2011. p.151-152.

<sup>110</sup> Apesar de sua forma bastante fragmentária, o *fasti Praenestini*, oriundo de uma cidade próxima a Roma e que data do período de Augusto – tendo sido descoberto no século XVIII –, hoje exposto no Museu Nacional Romano, em Roma, também aponta o termo *vitiosus* para o dia 14 de janeiro. Ida Östernberg aponta que o uso desse termo foi um acordo entre o príncipe e o Senado e servia para dar destaque ao único dia *vitiosus* do ano. Cf: ÖSTEMBERG, Ida. 2019. p.336.

<sup>111</sup> O F inicial da inscrição era apenas uma lógica da divisão dos dias nas semanas, que ia de A a H, ou seja, continha oito dias, não significando, desse modo, um dia *fastus*, que era marcado com a abreviação em F também.

<sup>112</sup> SCHILLING, M. R. Introduction. In: OVIDE. *Les fastes*. Tome I – Livres I – III. Texte établi, traduit et commenté par M. R. Schilling. Paris: Les Belles Lettres, 1992. p.x-xix.

<sup>113</sup> BEACHAM, Richard. The emperor as impresario: producing the pageantry of power. In: GALINSKY, Karl (org.). *The Cambridge companion to the Age of Augustus*. New York: Cambridge University Press, 2005. p.160-161.

mas uma ação que também pode ser vista acontecendo muitos anos depois. Ou, segundo, que mesmo tendo sido feito o acréscimo posterior, quanto à referência da morte do neto do príncipe, a desonra do dia 14 de janeiro ainda permanecia como viva tantos anos depois da batalha de Ácio.

Na realidade, de acordo com as fontes, o aniversário do rival de Augusto só deixou de ser considerado nefasto durante o principado de Cláudio<sup>114</sup>. No entanto, a inscrição de Veroli, bem como muitas outras semelhantes, permaneceu explicitando aos romanos que com ela tinham contato, a desonra que o aniversário de Marco Antônio fora um dia.

Por último, um importante texto epigráfico, essencial para observarmos memórias sobre Marco Antônio, são as *Res gestae diui Augusti*, que foram elaboradas por Augusto, mas tornadas públicas para a sociedade romana apenas após a sua morte, em 14 d.C.. Elas tinham uma posição privilegiada na paisagem urbana de Roma, pois foram gravadas em duas placas de bronze e dispostas diante de seu mausoléu – segundo determinações do próprio príncipe<sup>115</sup>.

Como bem expõe Maria Luiza Corassin, o referido documento possui uma grande importância histórica “pois apresenta o principado descrito pelo seu autor” e os esquecimentos e silêncios que ele apresenta têm uma intrínseca relação com a imagem que o próprio Augusto buscava criar de si<sup>116</sup> e dos outros. Nesse documento, observamos o elencar de diferentes ações do passado do príncipe<sup>117</sup>. Contudo, o que nos interessa não são propriamente os feitos de Augusto descritos por ele mesmo, mas o modo como Marco Antônio é trazido nesse documento<sup>118</sup>. Como seria a menção de seu rival num monumento que visava narrar o seu passado? Lembremos que o rival de Augusto estava morto havia 45 anos.

<sup>114</sup> SUETÔNIO, *Claudio*, 11.

<sup>115</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 101.

<sup>116</sup> CORASSIN, Maria Luiza. Comentário sobre as *Res Gestae Divi Avgvsti*. **Revista História**. São Paulo. 2004, n.151. p.181-199. p.185.

<sup>117</sup> Adotando a divisão de G. Leoni, Augusto apresenta ao leitor os seus feitos da seguinte maneira: 1) honras: triunfos (1-4) e cargos (5-14); 2) despesas: auxílios (15-18), construções (19-21), espetáculos (22-23) e devoluções (24); 3) as *gestae*: militares (25-30) e políticas (31-33); 4) conclusão: *Augustus* (34) e *pater patriae* (35); além do apêndice, que era uma espécie de resumo das despesas, das construções, das restaurações e das liberalidades do príncipe. LEONI, G. Comentários. In: *Res Gestae Divi Augusti*. Tradução e comentários de G. D. Leoni. São Paulo: Nobel, 1957. p.11-12. Estando os gastos (*impensae*) de Augusto no meio de seus feitos (as *gestae*).

<sup>118</sup> Para maiores detalhes sobre a representação da sociedade romana e das dinâmicas de poder nas *Res gestae*, Cf: CORASSIN, Maria Luiza. 2004; Para uma análise sobre o documento, o monumento e o seu contexto, conferir o trabalho de Jean Gagé, Cf: *Res Gestae diui Augusti ex monvmentis Ancyrano et Antiocheno Latinis Ancyrano et Apolloniensi Graecis*. Texte établi et commenté par Jean Gagé. Paris: Les Belles Lettres, 1935. E para detalhe sobre a busca de Augusto em tornar o relato de seu passado como um ato republicano, dentro de seu discurso da restauração da República, Cf: GIACOMO, Luiz Henrique Souza de. A face republicana da ação política de Augusto: um estudo de caso, a *res gestae divi augusti*. **Mare Nostrum**, São Paulo. 2014, n. 5. p.95-123.

Augusto faz poucas referências diretas a outras pessoas em suas *Res gestae*. Obviamente, eram os seus feitos que deveriam estar ali retratados. Ele cita apenas Júlio César enquanto pai, Tibério, Agripa, Marco Marcelo, seus netos Caio e Lúcio César e o nome de cônsules como marca temporal. Entretanto, também há a menção aos rivais: Bruto e Cássio, Lépido, Sexto Pompeu e Marco Antônio. No tocante a estes, o modo de se direcionar é indireto – algo que também pode ser observado entre os poetas do círculo de Mecenas –, com alusão a eventos em que eles tenham participado ou ações que tenham realizado, sempre em tom negativo, para que Augusto pudesse ser visto enquanto melhor perante a eles em razão de seus desvios de conduta para com a República<sup>119</sup>.

Além dessas referências indiretas, a inscrição também nos traz outra questão para com a memória, em especial para o caso de Marco Antônio: a revisão do passado. Diversos acontecimentos narrados são feitos com a exclusão da participação do rival, como é o caso da vitória em Filipos, em que Otaviano não teve a participação memorável apontada<sup>120</sup>, ou a deturpação dos fatos, como é o caso da sua ascensão ao poder em 44 a.C.<sup>121</sup>.

A partir das inscrições elencadas, podemos observar os diferentes usos feitos da epigrafia enquanto meio de transmissão de memórias sobre Marco Antônio. De um veículo memorialístico em si, vemos que nele as marcas de desonra estiveram presentes. Mais do que esquecer, o objetivo era lembrar-se do personagem por uma perspectiva pouco positiva.

No entanto, como bem destaca Harriet Flower, existem outras inscrições a respeito de Marco Antônio. Um conjunto pequeno dentro do universo daquilo que possa ter existido e difícil de ser avaliado quando se busca medir a eficácia da aplicação das sanções da memória. A elas foi empregado um tratamento diverso, ou seja, algumas foram marteladas, enquanto outras permaneceram intactas. Dentre essas inscrições, há a permanência intacta do seu nome numa carta ao *koino* da província da Ásia, porém, apagado de uma carta semelhante encontrada em Afrodísias. No entanto, nesta mesma cidade, o nome dele aparece inscrito em paredes do teatro. Ele também pode ser lido em Atenas, como epíteto ‘divino novo Dioniso’, num monumento efébio. Em Alexandria, o nome de Marco Antônio sobreviveu na base de estátua dedicada a ‘Antônio, o Ótimo, incomparável entre os amantes’. Já em Corinto, o nome de seu avô, possui marcas de rasura. Em Sardes, o seu nome foi removido de uma estela que registra uma decisão de Júlio César<sup>122</sup>.

---

<sup>119</sup> Para maiores detalhes sobre os contextos e as referências dessas passagens, tanto dos familiares, quanto dos rivais, Cf: GIACOMO, Luiz Henrique. 2014. p.112-113.

<sup>120</sup> *Res Gestae*, I, 2.

<sup>121</sup> *Res Gestae*, I, 1.

<sup>122</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.117-118.

### **Bustos e estátuas**

Alargando um pouco mais o nosso panorama dos suportes, passamos para os objetos. Não apenas a escrita foi usada como canal capaz de legar às gerações futuras memórias sobre fatos, feitos e personagens. Há um universo de outras fontes que vêm a complementar aquilo que os textos antigos e as inscrições narraram e que nos permitem acessar outras formas comunicativas.

Um veículo de transmissão de memórias muito importante foi a imagem. Aqui começamos com a análise dos bustos e das estátuas. Elas estiveram presentes em diferentes ambientes. Na esfera privada, eles possuíam um local central na casa e no ritual familiar, pois serviam como base para o culto aos antepassados. Na esfera pública, ornamentavam as ruas e os edifícios citadinos, servindo para destacar os feitos, em prol de Roma e dos romanos, pelos ali retratados, geralmente os principais homens da República.

Esses objetos eram meios tão importantes de transmissão de memórias que Augusto procurou recontar o passado romano por meio deles, em seu Fórum, inaugurado em 2 a.C.. Nessa construção foram dispostas algumas estátuas que representavam os homens mais importantes da história romana, dentro da lógica discursiva do Principado, os *summi uiri*, juntamente com uma pequena inscrição de seus feitos. Assim, elas ornavam, mas também ensinavam. O Fórum era um espaço de grande atividade social, o que dava visibilidade a esses homens e aos desejos memorialísticos do príncipe.

Sendo objetos com tamanha importância comunicativa, não é de se espantar que fossem alvo de ultrajes. Alguns dos procedimentos da ação que nomeamos como *damnatio memoriae* tiveram como alvo, justamente, as estátuas e os bustos dos condenados à interdição memorialística, o que, segundo Eric Varner, alterava a prática de recordação material da cultura romana<sup>123</sup>.

Desse modo, podem ser observadas, além dos ataques por martelamento (geralmente nos órgãos sensoriais, como os olhos, a boca e o nariz), a reutilização das peças na confecção de novos bustos e estátuas (uma espécie de ‘reciclagem’ do material e das antigas peças) e a retirada delas dos respectivos locais de origem, seguido do enterramento, arremesso nos cursos d’água ou mesmo uma armazenagem improvisada – atitudes que permitiram que nos fossem transmitidos muitos exemplares até os tempos atuais<sup>124</sup>.

<sup>123</sup> VARNER, Eric. **Mutilation and transformation: damnatio memoriae** and Roman imperial portraiture. Boston: Brill, 2004, p.1.

<sup>124</sup> Sobre essa sequência de atos contra estátuas (comuns tanto à *damnatio* oficial como à ação de multidões), Cf: STEWART, Peter. The destruction of statues in late antiquity. In: MILES, R. (Ed.). **Constructing Identities in Late Antiquity**. London; New York: Routledge, p. 159-189, 1999.

O procedimento de reabilitação da memória também passava pela fabricação e recolocação de bustos e estátuas, num movimento contrário ao da *damnatio memoriae*. Nesse sentido, um dos casos mais emblemáticos é o de Calígula com a recuperação da memória de sua mãe, Agripina maior (*memoriae Agrippinae*)<sup>125</sup>.

Como já dito, Marco Antônio sofreu o processo de *damnatio memoriae*. Suas imagens, como bustos e estátuas, foram, portanto, eliminados dos espaços públicos e privados<sup>126</sup>, tanto aqueles de Roma, quanto nas províncias orientais<sup>127</sup>. Esse acontecimento nos impõe uma barreira para a análise. Como estudar imagens sobre ele, pensando nesse suporte material, especificamente? Não devemos pensar que tudo tenha sido completamente perdido. Todavia, são muito poucos os exemplares que nos chegaram, possivelmente, de Marco Antônio. Essa ressalva é importante, pois muitos bustos e estátuas não podem ser tomados de forma consensual como sendo efetivamente uma representação do triúmviro.

Otto Brendel, num estudo um pouco mais antigo, mas específico sobre a imagem de Marco Antônio, reflete sobre a possibilidade que temos de reconhecer bustos do triúmviro<sup>128</sup>. Ele elenca, especificamente, três exemplares em seu trabalho, como sendo de nosso personagem: o do Cairo, o de Narbona e o do Kingston Lacy. Ao analisar os três, ele mostra como havia diferenças na produção desses objetos, o que dava características particulares a cada peça.

O autor traz uma interessante consideração sobre a imagem canônica que temos de Marco Antônio e usa a numismática como um importante contraponto. Ele mostra como até mesmo as representações do triúmviro em moedas eram plurais. A efígie de Marco Antônio em 44 a.C. era bem diferente da de 31 a.C.. Isso nos permite ampliar os critérios para julgar outros bustos e estátuas existentes como representações de Marco Antônio<sup>129</sup>. O que temos como instrumental auxiliar para reconhecer o nosso personagem, além das moedas, é a descrição que Plutarco fez dele<sup>130</sup>. Apesar disso, esse também é um retrato que descreve um momento específico, pois as pessoas mudam com o tempo, e foi feito por alguém que não o conheceu pessoalmente.

<sup>125</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.138-142.

<sup>126</sup> DION CÁSSIO, *História Romana*, LI, 19; e PLUTARCO, *Cícero*, 49; e *Marco Antônio*, 86.

<sup>127</sup> Marco Valério Massala Corvino, em escritos perdidos para nós, *De Antonii statuis* e *Contra Antonii litteras*, destaca a existência de diversas estátuas de Marco Antônio como Dioniso no Oriente. As estátuas de Cleópatra foram preservadas desses ataques.

<sup>128</sup> BRENDEL, Otto. The iconography of Marc Antony. *Latomus*, Bruxelles. 1962, vol.18. p.359-367.

<sup>129</sup> BRENDEL, Otto. 1962. p.359-367.

<sup>130</sup> Segundo o biógrafo, ele possuía certa presença com sua barba volumosa, sua fronte larga e seu nariz aquilino, dando-lhe um aspecto viril, semelhante ao que se encontrava nas pinturas e esculturas que representavam Hércules. Cf. PLUTARCO, *Marco Antônio*, 4.

François Salviat e Bernard Holtzmann também fizeram um estudo comparativo de bustos existentes atribuídos a Marco Antônio, adotando como referenciais não apenas a numismática, mas também, as gemas, e propuseram, assim, quais seriam os exemplares mais próximos do antigo triúviro<sup>131</sup>. Para esses autores, os elementos essenciais para a identificação dos bustos de Marco Antônio são, além dos traços físicos, possuir força militar e/ou física (não intelectual) e sensualidade.

Dos onze bustos que eles tinham na época de seu estudo, apenas dois poderiam ser tomados com maior segurança como retratando Marco Antônio, um encontrado em Tarso e outro em Narbona, sendo os demais prováveis ou possíveis imagens do antigo triúviro, mas algo que possui certas imprecisões<sup>132</sup>. Além disso, os estudiosos propõem uma diferenciação dos retratos de Marco Antônio entre egípcios, gregos e romanos, mostrando que o local geográfico e o público que estaria em contato com aquelas peças tinham uma grande influência na sua composição.

Um importante estudo sobre a *damnatio memoriae* em bustos e estátuas entre os romanos foi realizado por Eric Varner. Com relação a Marco Antônio, o estudioso aponta que a destruição da sua imagem foi um importante precedente para a forma de tratamento a ser dada aos rivais no decorrer do período imperial. Quanto a possíveis exemplares, ele expõe que não há possibilidade de se atribuir, com certeza, que a pessoa ali representada seja, efetivamente, Marco Antônio<sup>133</sup>.

Dessa forma, há muitos desafios e um campo amplo para analisar os bustos e as estátuas. Diante da divergência quanto à existência de peças de Marco Antônio, temos limitações para analisar a presença da sua imagem em resistência às sanções da *damnatio memoriae* ou a reabilitação da mesma nos anos posteriores. Ainda cabe uma análise da história arqueológica dessas peças, para que, desse modo, vissemos, de forma mais ampliada, a limitação do processo de *damnatio memoriae* por meio desse suporte de transmissão de memórias.

Contudo, o que podemos apontar, é que nesse cenário, a retirada dos bustos e estátuas de Marco Antônio foi um procedimento bem empregado e a sua memória transmitida a partir desse meio se tornou bastante limitada. Enquanto magistrado, general ou antepassado, Marco Antônio teve sua representação na paisagem urbana e nos ambientes privados bastante

<sup>131</sup> SALVIAT, François; HOLTZMANN, Bernard. Les portraits sculptés de Marc-Antoine. **Bulletin de Correspondance Hellénique**. Athènes, 1981, v. 105, n. 1, p.265-288.

<sup>132</sup> Os prováveis são: o do Museu de Arezzo; o busto de Budapeste; o busto de Bolonha; a miniatura do Museu Britânico; o da Glyptoteca Ny Carlsberg. Os possíveis são: o de Roma; o do Museu do Louvre; o do Palácio dos Conservadores; o do Museu de Ofícios.

<sup>133</sup> VARNER, Eric. 2004. p.18.



restringida, diminuindo, assim, as possibilidades de práticas memorialísticas em sua homenagem, tendo como lugares de memória o suporte analisado.

### Moedas

As moedas passaram a ser cunhadas em Roma no século IV a.C. visando facilitar o pagamento dos soldados no contexto da expansão para o sul da península Itálica. No início, as imagens nas peças monetárias retratavam os antepassados<sup>134</sup>. Ao final da República, passou a ser comum entre os romanos mais proeminentes a cunhagem de moedas e nelas expor suas efígies em um dos lados e, no outro, alguma mensagem ao povo romano, em detrimento de temáticas coletivas voltadas ao corpo cívico romano<sup>135</sup>.

De acordo com Maria Beatriz Florenzano, “em uma sociedade em que a maioria da população não sabia nem ler e escrever, as imagens fixadas nestes pequenos objetos – que além do mais representavam uma forma de riqueza – tinham uma força, um impacto, que talvez para nós, hoje, seja difícil de aprender”, desse modo, “as ideias e as informações embutidas nas imagens que circulavam em sociedades desse tipo chegavam aos usuários de maneira direta e eficaz”<sup>136</sup>. Tendo isso em vista, a numismática nos possibilita diferentes abordagens: analisar a evolução da imagem do responsável pela cunhagem, estudar os discursos políticos difundidos nas diferentes faces e observar o uso memorialístico desse espaço material.

A vantagem das moedas é que elas continuavam circulando em diferentes regiões do Império por muito tempo após serem cunhadas, mesmo com a troca dos governantes. Isso se deve ao fato dessas peças não terem sido objetos comuns no panorama das sanções da *damnatio memoriae*. Diferente de bustos e estátuas, que podem ser mais facilmente removidos, de inscrições que podem ser marteladas ou de textos que podiam ser reescritos ou queimados, as moedas continuam circulando<sup>137</sup>. Isso explica como as cunhagens de Marco Antônio sobreviveram, nos permitindo conhecer a sua imagem e o seu discurso.

<sup>134</sup> FLORENZANO, Maria Beatriz B.. A moeda romana na Antiguidade: uma introdução à história e aos significados das emissões monetárias. In: FLORENZANO, Maria Beatriz B.; RIBEIRO, Angela Maria G.; LO MONACO, Viviana. **A coleção de moedas romanas da Universidade de São Paulo**. São Paulo: MAE/USP, 2015. p.15-19.

<sup>135</sup> Esse processo de individualização da imagem não ocorreu apenas no campo da numismática. O mesmo é observado na profusão de estátuas de membros da elite senatorial ou de generais romanos, o que causava menos referências ligadas ao *populus* romano, ou de construções ligadas a determinadas pessoas. GALINSKY, Karl. *Augustan culture: an interpretive introduction*. New Jersey: Princeton University Press, 1996. p.333-337; ZANKER, Paul. **Augusto y el poder de las imágenes**. Madri: Alianza Editorial, 1992. p.23-53.

<sup>136</sup> FLORENZANO, Maria Beatriz B.. 2015. p.17-18.

<sup>137</sup> HOSTEIN, Antony. *Monnaie et damnatio memoriae (Ier-IVe siècle ap. J.-C.): problèmes méthodologiques*. Cahiers du Centre Gustave Glotz, Paris, n.15, p.219-236, 2004.

Uma obra interessante para a análise da imagem do triúviro é a de Marie-Louise Vollenweider, que trabalha com diversos retratos de homens no final da República, dentre eles Marco Antônio<sup>138</sup>. A partir do estudo das moedas, a autora traça seu panorama imagético por pouco mais de uma década, entre 44 e 31 a.C., que é o recorte temporal de sua cunhagem monetária, observando as variações na sua forma de se representar perante a sociedade romana, mas, também, aos provinciais.

Paul Zanker argumenta que Marco Antônio tinha muito pouco cuidado com a sua autoimagem e os signos que utilizava, não se preocupando com o impacto que eventualmente teriam em Roma ou na Itália, dando, dessa forma, elementos para que seus adversários utilizassem em campanhas difamatórias contra ele. O autor traz essa questão com base nos ornamentos presentes num molde de uma cuba, de cerca de 30 a.C., em que havia a representação de Hércules e Onfale, associação direta a Marco Antônio e Cleópatra, respectivamente<sup>139</sup>. Contudo, como o estudioso bem destaca, as peças produzidas a partir desse molde eram destinadas ao Oriente, não a Roma<sup>140</sup>. Assim, acreditamos que Marco Antônio sabia direcionar sua imagem de acordo com o público que a receberia.

A análise de suas cunhagens revela uma grande consciência na utilização da sua efígie, na exposição das titulações que possuía e nos temas que buscava representar, tanto para o público romano, quanto o mediterrâneo<sup>141</sup>. Essa sabedoria de Marco Antônio pode ser observada desde a morte de Júlio César, quando ele passou a se utilizar desses objetos de forma política. Michael Crawford ressalta que as séries de moedas de Marco Antônio trazem muito mais referências à República, com o destaque de seus cargos, do que as de Otaviano, que buscava, constantemente, se associar a Júlio César<sup>142</sup>, logo, o herdeiro do ditador fazia mais um uso pessoal desse suporte.

---

<sup>138</sup> VOLLENWEIDER, Marie-Louise. **Die Porträgemmen der römischen Republik**. Mainz: Verlag Philipp von Zabern, 1974. p.174-190.

<sup>139</sup> PLUTARCO, *Comparação entre Demétrio e Marco Antônio*, 3.

<sup>140</sup> ZANKER, Paul. 1992. p.80-83.

<sup>141</sup> Estudos sobre a cunhagem de Marco Antônio. Cf: WELCH, Kathryn. Marcus Antonius: words and images. In: PINA POLO, Francisco (ed.). **The triumviral period: civil war, political crisis and socioeconomic transformations**. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2020. p.301-323. LEONI, Daniele. **Le monete di Roma: Augusto, il Triumvirato**. Verona: Dielle Editore, 2014. p.77-121. SILVA, Camila Ferreira Paulino da. Recuperando Marco Antônio e Cleópatra por meio das moedas. **Romanitas**, Revista de Estudos Grecolatinos. Vitória, 2014, n.4, p.50-74. NEWMAN, Robert. A dialogue of power in the coinage of Antony and Octavian (44-30 BC). **American Journal of Numismatic**, New York, v.2, p.37-63, 1990.

<sup>142</sup> CRAWFORD, Michael. **Roman Republican Coinage**. Cambridge: Cambridge University, 1975. p.753.



**Imagem 3** – Denário de Marco Antônio barbado<sup>143</sup>.

Nessa peça, cunhada logo após os idos de março, observamos Marco Antônio barbado. Ser representado dessa forma, em fins da República, significava que a pessoa estava de luto e isto se dava em razão da morte de Júlio César. Além de serem amigos de magistratura à época, os dois eram ligados por laços familiares e políticos. Ao se apresentar à sociedade romana em luto, Marco Antônio evidencia o cuidado que tinha com a sua imagem pública que era difundida ao redor do Mediterrâneo por meio das moedas e mostra sua sabedoria ao se associar a Júlio César, um líder bem querido. Em especial, nessa peça, há a representação do antigo ditador laureado.

Outro exemplo são as moedas que Marco Antônio cunhou juntamente com Cleópatra, em 34 a.C., em comemoração à vitória da Armênia, que se insere no contexto da derrota Parta, em 36 a.C., e do desfile, considerado como triunfo pelos romanos, em 34 a.C., em Alexandria.



**Imagem 4** – Tetradráquima de bronze de Marco Antônio e Cleópatra<sup>144</sup>.

<sup>143</sup> RRC 488/01. Cunhada em 43 a.C.. Anverso: M ANTON IMP – cabeça de Marco Antônio barbado, com *lituus* atrás. Reverso: CAESAR DIC – Cabeça laureada de Júlio César.

<sup>144</sup> RPC 4095. Cunhada em 36-33 a.C., possivelmente em Antioquia). Anverso: BACI L ICCA KLEOPATRA QEA NEWPTA – busto de Cleópatra portando o diadema e um colar de pérolas. Reverso: ANTWNIOC AUTOKRATWR TRITON TRIWN ANDRWN – busto de Marco Antônio com cabeça nua e um cavalo atrás.



**Imagem 5** – Denário de prata de Cleópatra e Marco Antônio em homenagem à conquista da Armênia<sup>145</sup>.

Enquanto vemos a rainha egípcia exibir seus títulos reais e seus ornamentos, Marco Antônio se faz representar como um magistrado romano. Ele se apresenta à sociedade romana e aos provinciais do mesmo modo como fazia em outras cunhagens junto dos triúnviros. Com isso, usa as moedas enquanto espaço para a transmissão de seu discurso romano reforçando, justamente, elementos romanos. Assim, as moedas nos servem como um importante contraponto às memórias que foram criadas a seu respeito – de um romano degenerado. Elas nos servem como base para questionamentos sobre o que nos foi legado sobre ele.

Além disso, as peças monetárias podem e devem ser analisadas como veículos de transmissão de memórias. Maurice Halbwachs argumenta que os objetos e os bens são representantes de nosso meio social, logo, são vetores de memórias, trazendo em si, de certa forma, a imagem de continuidade<sup>146</sup>. Portanto, cabe aqui destacar algumas peças monetárias que serão retomadas posteriormente no momento da análise dos temas das memórias.

O primeiro exemplo que elencamos é o uso, por Marco Antônio do *sidus Iulium* (cometa que simboliza a apoteose de Júlio César, após sua divinização, em 42 a.C.). Algumas peças entre 40 a.C. e 38 a.C.<sup>147</sup> demonstram a utilização, pelo triúnviro, desse espaço discursivo a partir da apropriação de um símbolo atribuído ao antigo ditador. Com isso, ele apontava, nesse suporte, mais uma vez – já que havia as moedas em que ele estava barbado e de luto –, a sua aproximação com seu antigo amigo, do qual era o herdeiro ideológico e político e sacerdote de seu culto (*flamen diui Iulii*), além de promover a sua recordação. A divinização de Júlio César foi um elemento essencial no discurso político de Otaviano, no reforço da sua posição enquanto herdeiro testamentário do antigo ditador romano por meio da

<sup>145</sup> RRC 543/1. Cunhada em 34 a.C., em Alexandria. Anverso: CLEOPATRAE REGINAE REGUM FILIORUM REGUM – busto de Cleópatra drapeado e com diadema – proa à frente. Reverso: ANTONI ARMENIA DEVICTA – busto de Marco Antônio de cabeça nua – tiara armênia atrás.

<sup>146</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. p.131-132.

<sup>147</sup> RRC 521/1 (de 40 a.C.), RRC 528/1a (de 39 a.C.), RRC 533/1 (38 a.C.). A reprodução delas pode ser observada no tópico ‘A herança de Júlio César’, do capítulo 3.

lembrança de que era o *diui filius*, isso em diferentes suportes, não apenas na cunhagem monetária.

Outra moeda que pode ser apontada nessa linha foi cunhada por Augusto em comemoração à reconquista da província da Ásia<sup>148</sup>, datada entre 28 e 26 a.C. – momento em que ele estava devolvendo os poderes recebidos para a batalha de Ácio e é agraciado com o título de *Augustus*, o *clupeus virtutis* e a *corona civica*<sup>149</sup>. Essa região ficou sob regência de Marco Antônio durante o período do Triunvirato e nela, ele teve grande ação política.

No verso da peça monetária observamos uma representação da deusa Vitória sob a cista mística do deus Baco, ou seja, a vitória de Augusto sobre Dioniso, leia-se, Marco Antônio. Embora não deixe de ser um objeto de transmissão de um discurso, também é um forte objeto para a transmissão de uma memória sobre o rival, de forma indireta, como a tônica do período<sup>150</sup>. Marco Antônio cunhou moedas com a cista mística de Baco, mas seguindo seu padrão romano, tanto que se apresentou junto com a sua esposa, Otávia, como pode ser visto abaixo. Dessa forma, circulavam, conjuntamente, as moedas em que Marco Antônio se associava ao deus e de Augusto enquanto conquistador da Ásia, com uma servindo de contraponto discursivo e memorialístico à outra.



**Imagem 6** – Tetradráquima de Marco Antônio e Otávia<sup>151</sup>.

Avançando um pouco no tempo, uma série monetária interessante de destacarmos é a de Nero. Em algumas das suas peças podemos observar como o seu retrato se assemelha ao de Marco Antônio. Isso nos permitindo visualizar a apropriação do antepassado pelo príncipe? O imperador era descendente sanguíneo do antigo triúmviro, seu bisneto, e, também, nutria

<sup>148</sup> RIC 0276. Analisada no tópico ‘Recordação da vitória em Ácio’, no capítulo 3.

<sup>149</sup> *Res Gestae*, VI, 34.

<sup>150</sup> Uma peça interessante para se analisar comparativamente é a da conquista do Egito, cunhada no mesmo período. RIC 0545.

<sup>151</sup> RPC 2202. Cunhada em 39 a.C. Anverso: M. ANTONIVS IMP. COS. DESIG. ITER ET TERT – Efégies de Marco Antônio e Otávia. Reverso: III VIR. R.P.C. O deus Baco de pé à esquerda sobre a cista mística, segurando cetro e vaso, com serpentes ao redor.

certas inclinações pelo arcabouço cultural oriental – sendo a *domus Aurea* ornamentada com imagens relacionadas a Dioniso.



**Imagem 7** – Moedas de Nero<sup>152</sup>.

Portanto, as moedas foram um importante suporte na transmissão de mensagens, seja sobre o presente para o futuro, seja retomando referências do passado. Inclusive, esses são objetos que nos permitem conhecer construções que teriam existido em Roma e que não sobreviveram à passagem do tempo. As moedas, por sua ampla difusão e a dificuldade de apagamento por meio da *damnatio memoriae*, nos permitiram conhecer um pouco mais a dinâmica política e comunicativa da sociedade de fins da República e das décadas iniciais do Principado, sobretudo, enquanto suporte para ampliação do prisma da linha narrativa dos autores antigos, no que diz respeito a Marco Antônio, trazendo importantes contrapontos.

Há de se pensar que por essa circulação mais longa, fugindo das sanções da memória, as moedas tenham sido importantes lugares de memória. Era uma forma popular e cotidiana de se ter acesso à imagem de um político romano. Dessa maneira, essas peças devem ter, por

<sup>152</sup> Disponível em: <[https://pbs.twimg.com/media/En7gonlXIAADew\\_.jpg](https://pbs.twimg.com/media/En7gonlXIAADew_.jpg)>. Acesso em: 10 out. 2022.

muito tempo, permitindo evocações de lembranças positivas e negativas de Marco Antônio, servindo como veículo para a circulação de memórias, sobretudo, as subterrâneas. Quantos não devem ter se questionado sobre o discurso apresentado na paisagem urbana de Roma e em alguns escritos, a partir da observação das peças numismáticas décadas após o estabelecimento do Principado, sobre quem, de fato, teria sido Marco Antônio?

### Camafeus

Outro suporte que elencamos como meio de transmissão de memórias sobre Marco Antônio são os camafeus. A princípio poderíamos pensar que esse material se destinaria à elite romana, tendo em vista que se são fruto da técnica de gravação em gemas (pedras refinadas) de imagens, principalmente, efígies, servindo como base de broches ou anéis. Contudo, como argumenta Pawel Golyzniak, a mesma técnica foi utilizada em peças de vidro, o que dava a esse objeto uma popularidade junto a outros grupos sociais menos abastados<sup>153</sup>.

De acordo com Gisela Richter, dentre as várias funções que esses pequenos objetos tinham, três devem ser destacadas. Primeiro, os camafeus serviam como selos ou chaves para objetos que armazenavam bens de valor. Segundo, eram utilizados como ornamentação, ou seja, como joias para serem exibidos, principalmente, em eventos sociais. Terceiro, eles também podiam ser usados como objetos protetivos, como amuletos<sup>154</sup>.

Esses objetos tinham forte ligação com o espaço doméstico e evocavam a tradição familiar, no entanto, isso não quer dizer que tenham se fechado somente a esse ambiente privado. Pawel Golyzniak possui um interessante estudo a respeito dos usos propagandísticos das gemas<sup>155</sup>. O autor analisa diferentes romanos de fins da República e do Principado, sendo Marco Antônio um deles – o que nos traz um panorama atual e crítico das peças existentes sobre o personagem<sup>156</sup>. Ele destaca como os camafeus serviram para a popularização de imagens e como marca de lealdade a determinado líder.

Trazendo para nosso estudo, outra função que apontamos para os camafeus é a de local de memória. É perceptível o grande uso desse suporte na transmissão de memórias. Eles permitiam expor a quem se era leal, mas, também, se recordar, de forma subterrânea, de pessoas ou antepassados que tinham sua recordação publicamente interdita. Esses objetos traziam em si uma carga simbólica possível de trazer às relações sociais memórias de eventos

<sup>153</sup> GOLYZNIAK, Pawel. **Engraved gems and Propaganda in the Roman Republic and under Augustus**. Oxford: Archaeopress Publishing, 2020. p.329.

<sup>154</sup> RICHTER, Gisela M. A. **Catalogue of the engraved gems, Greek, Etruscan and Roman**. Roma: Tipografia del Senato del Dott. G. Bardi; Metropolitan Museum of Art, 1956. p.XVI-XX.

<sup>155</sup> GOLYZNIAK, Pawel. 2020.

<sup>156</sup> Especificamente sobre Marco Antônio: GOLYZNIAK, Pawel. 2020. p.192-208, 401-405, 528-534.

passados. Conforme Pawel Golyzniak, muitos desses objetos comemoravam vitórias militares, nomeações para magistraturas, exibiam qualidades pessoais, reforçavam laços ancestrais e divinos<sup>157</sup>.

Durante o período do Principado, sobretudo da dinastia Júlio-Cláudia houve um amplo uso dessa técnica, seja no ambiente privado, seja no ambiente público. Neste último aspecto podemos citar, em especial, dois camafeus, com grandes dimensões, que nos mostram a prática memorialística e social somada a esse suporte comunicativo. São eles: a *Gemma Augustea* e a *Gemma Tiberiana* (Grand Camée de France)<sup>158</sup>.

Enquanto suporte para a transmissão de uma memória de Augusto ligada a Marco Antônio, dentro da lógica do enquadramento da memória proposto com o surgimento do Principado, temos dois interessantes camafeus que serão objetos de nossa análise mais pormenorizadas adiante<sup>159</sup>. A temática escolhida é a da vitória em Ácio. Dessa forma, apesar de não haver a efígie de Marco Antônio nessas duas peças, os elementos empregados permitem a elas apontarem explicitamente para uma mensagem simbólica contra o rival. Estamos falando de um camafeu de Augusto representado como Netuno<sup>160</sup> e outro dele numa quadriga puxada por tritões, junto da deusa Vitória e do seu escudo das virtudes (*clupeus virtutis*)<sup>161</sup>.

Contudo, não possuímos apenas as peças de Otaviano a respeito de seu rival para estudarmos a transmissão de memórias a partir dos camafeus. O levantamento crítico de Pawel Golyzniak é essencial para que possamos observar o *corpus* existente desses objetos no que diz respeito a Marco Antônio. O autor aponta muitos questionamentos com relação à atribuição de alguns camafeus ao nosso personagem, inclusive, questionando renomados autores da área. Uma dessas peças colocada em dúvida é um camafeu de Marco Antônio enquanto Alexandre<sup>162</sup>. Entre os romanos, havia um grande significado imitarem a efígie de

<sup>157</sup> GOLYZNIAK, Pawel. 2020. p.309-329.

<sup>158</sup> Uma interessante análise desses dois camafeus pelo prisma da memória, Cf: BUENO, Giovanni. Joias do Principado: tempo e memória na iconografia de camafeus Julio-Claudianos. *Ars Historica*. Rio de Janeiro. 2020, n.20. p.134-163.

<sup>159</sup> No tópico ‘Recordação da vitória em Ácio’, no capítulo 3.

<sup>160</sup> Disponível em: <https://collections.mfa.org/objects/242574/oval-gem-with-augustus-as-neptune-mounting-a-seachariot>. Acesso em: 19 fev 2022.

<sup>161</sup> Disponível em: <https://www.khm.at/objektdb/detail/59148/?offset=2&lv=list>. Acesso em: 19 fev 2022.

<sup>162</sup> Disponível em: <http://medaillesetantiques.bnf.fr/ws/catalogue/app/collection/record/ark:/12148/c33gbf6s1>. Acesso em: 19 fev 2022. VOLLENWEIDER, Marie-Louise. *Camées intailles: les portraits grecs du cabinet de médailles*. 2 tomes. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 1995. GOLYZNIAK, Pawel. 2020. p.205.



Alexandre, um personagem muito simbólico, tanto que Júlio César e Augusto<sup>163</sup> também se associaram ao antigo rei macedônio em diferentes suportes<sup>164</sup>.

Segundo Pawel Golyzniak, apesar dos camafeus serem muito comuns entre os romanos e os alexandrinos, estes não foram apropriados por Marco Antônio enquanto suporte propagandístico, se comparado a outros políticos do período, principalmente Otaviano, tanto que o *corpus* que possuímos, a seu respeito nesse suporte, é muito pequeno. Seu foco se deteve muito mais, no que diz respeito a esse campo, na produção monetária<sup>165</sup>. No entanto, possuímos alguns poucos exemplares desse suporte.



**Imagem 8** – Camafeu de Marco Antônio barbado<sup>166</sup>.

Esse entalho é uma das peças que teriam sido produzidas logo após o estabelecimento do Segundo Triunvirato e por meio de encomendas privadas, o que justifica o fato de não serem idênticas ao padrão imagético de Marco Antônio no período. Elas seriam formas de expressar a lealdade a Marco Antônio<sup>167</sup>. A que trazemos acima, feita em cornalina e ouro, com 1,40 centímetros de comprimento e 1 centímetro de largura, deve ter sido produzida por

<sup>163</sup> Quando Augusto esteve em Alexandria, após sua vitória em Ácio, ele foi visitar o túmulo de Alexandre, o Sema. SUETÔNIO, *Augusto*, 18.

<sup>164</sup> Sobre a *imitation Alexandri*. Cf: POLLINI, John. **From Republic to Empire: Rethoric, Religion, and Power in the visual culture of Ancient Rome**. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 2012. p.162-190. TISÉ, Bernadette. Marco Antonio tra ellenismo e romanità. In: TRAINA, Giusto (org.). **Studi sull'età di Marco Antonio**. Galatina: Congedo Editores, 2006. p.156-195. (Rudiae 18). p.157-159.

<sup>165</sup> GOLYZNIAK, Pawel. 2020. p.195.

<sup>166</sup> Disponível em: <<https://www.hermitagemuseum.org/wps/portal/hermitage/digital-collection/18.+carved+stones/1069154>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

<sup>167</sup> GOLYZNIAK, Pawel. 2020. p.195-196.

Gaio Víbio Varo, responsável pela efígie de Marco Antônio em cunhagens do ano 42 a.C.<sup>168</sup>. Nela observamos, como em outras do período, o triúnviro barbado, estando em luto por Júlio César.

Uma peça com essa efígie deve ter sido um importante objeto que marcou a lealdade do portador a Marco Antônio, mas, também, a Júlio César, tendo sido, possivelmente, de algum partidário do antigo ditador. Nela há a memória de uma relação política de diferentes homens.

Quanto à produção de camafeus em vidro, Pawel Golyzniak aponta que eles foram comuns nos anos 40 a.C., não sendo possível datar nenhum dos anos 30 a.C., e que eles seriam objetos direcionados aos seguidores de Marco Antônio, inclusive os soldados, que poderiam querer possuir um artefato que demonstrasse a sua lealdade ao triúnviro<sup>169</sup>. Assim, esses objetos apontam para um uso social mais alargado e específico, o de demonstrar laços sociais. Claro que ter uma peça do general também permitia a recordação de muitos dos bons feitos militares dele ou da legião.

Nos anos 30 a.C. teriam sido mais comuns os camafeus com pedras preciosas, como os que observamos abaixo. Contudo, há pouquíssimos exemplares para o período. Essas peças são importantes por reforçarem as características de Marco Antônio enquanto um romano<sup>170</sup>.



**Imagem 9** – Anel com a efígie de Marco Antônio<sup>171</sup>.

Acima temos um primeiro exemplar, que é um selo, hoje no Museu Britânico, de jaspe vermelho. Ele possui 1,40 centímetros de comprimento e 1 centímetro de largura. Nele temos

<sup>168</sup> Por exemplo, a moeda RRC 494/32.

<sup>169</sup> GOLYZNIAK, Pawel. 2020. p.197.

<sup>170</sup> GOLYZNIAK, Pawel. 2020. p.197.

<sup>171</sup> Disponível em: <[https://www.britishmuseum.org/collection/object/G\\_1867-0507-724](https://www.britishmuseum.org/collection/object/G_1867-0507-724)>. Acesso em: 15 jul. 2022.

a efígie de Marco Antônio muito semelhante àquela presente em suas cunhagens monetárias. Sua produção é incerta, entre os anos 40 e 30 a.C..



**Imagem 10** – Camafeu de Marco Antônio<sup>172</sup>.

Outro exemplar é essa pequena peça feita em sardônix, com 1,4 centímetros de diâmetro e 0,2 centímetros de espessura, datada provavelmente em 33 a.C., traz a imagem da efígie de Marco Antônio, semelhante àquela que é visualizada na numismática. Nela vemos um perfil adereços que pudessem fazer parte de uma propaganda oriental. No entanto, ele está como um magistrado romano muito semelhante ao que é observado nas moedas que trouxemos anteriormente.

No que toca à existência de camafeus com temáticas báquicas, Pawel Golyzniak argumenta que há uma grande dificuldade em se conhecer sobre o viés propagandístico dessas peças, pois não sabemos ao certo o contexto cultural da circulação das mesmas e não podemos confirmar as representações ligadas ao triúnviro<sup>173</sup>.

Os camafeus, portanto, se constituíram, entre os romanos, num objeto capaz de transmitir mensagens e de ser uma marca de lealdade à pessoa ali representada. Dessa forma, também podemos alargar a leitura e tomar essas peças enquanto objetos de memória. Eles eram capazes de carregar consigo referenciais que permitiam o compartilhamento não só da imagem, mas também de eventos e outras evocações, isso no seio da elite romana, da família imperial, dos partidários, dos soldados.

<sup>172</sup> Disponível em:

<[http://medaillesetantiques.bnf.fr/ws/catalogue/app/collection/record/5751?vc=ePkH4LF7w6yelGAlidkw7uEeQk6ORuamoCIGKZShiT03sShZITGvJD8zLxVaZxKZuvTxBDAAmnQ4Fg\\$\\$](http://medaillesetantiques.bnf.fr/ws/catalogue/app/collection/record/5751?vc=ePkH4LF7w6yelGAlidkw7uEeQk6ORuamoCIGKZShiT03sShZITGvJD8zLxVaZxKZuvTxBDAAmnQ4Fg$$)>. Acesso em: 19 fev 2022.

<sup>173</sup> GOLYZNIAK, Pawel. 2020. p.203-205.

Nos camafeus que temos de Marco Antônio, podemos observá-lo enquanto um político romano, permitindo, assim, a transmissão de memórias virtuosas nesse sentido, como atuando em prol da República; temos ele barbado, mostrando o luto pelo seu amigo, Júlio César, o que reforçava sua ligação com o antigo ditador romano e o dava muito prestígio político; temos peças mais simples, de vidro, que são voltadas para os soldados, os quais podem recordar dele enquanto exemplo de um bom general.

É bem verdade que não conseguimos rastrear, adequadamente, as práticas memorialísticas existentes ao redor dessas peças ou a forma como eram passadas entre as gerações, mas isso não diminui o valor que tinham enquanto lugares de memória. Havia ali uma materialidade e uma simbologia que unia os portadores desses camafeus e Marco Antônio.

### **Paisagem urbana**

Outro espaço que foi utilizado como meio de transmissão de memórias entre os romanos foi a cidade de Roma. Os diferentes espaços urbanos, privados e públicos, serviram como ambientes para a promoção de discursos e de memórias. Como aponta Alain Gowing, “a cidade de Roma é uma tapeçaria de memórias, uma paisagem exuberante de edifícios e monumentos que testemunham tentativas ao longo dos séculos de lembrar e esquecer”<sup>174</sup>. Raramente havia a demolição de construções e monumentos, mas a reconstrução, a restauração e a sobreposição de um ao lado do outro, em que antigos e novos coexistiam, numa sensação de continuidade entre as épocas<sup>175</sup>. Catherine Baroin destaca que era parte da vida cívica romana a monumentalização da memória e a execução de práticas comemorativas<sup>176</sup>. Assim, compondo esse cenário, de forma orgânica, havia bustos, inscrições e construções.

A *Urbs*, em seu aspecto público, não deve ser entendida apenas como um ambiente aristocrático. Justamente por ser um espaço de grande sociabilidade, ela foi ocupada de diferentes maneiras pelos mais ricos e pelos mais pobres, sendo possível, ainda hoje, observar essas diferentes apropriações. Nesses contextos que circulavam as notícias, se compartilhavam as memórias sobre determinado feito ou personagem, se realizavam as práticas memorialísticas.

---

<sup>174</sup> GOWING, Alain. 2005. p.132.

<sup>175</sup> GOWING, Alain. 2005. p.132-134.

<sup>176</sup> BAROIN, Catherine. **Se souvenir à Rome**: formes, représentations et pratiques de la mémoire. Paris: Belin, 2010. p.17.

Dessa forma, a cidade de Roma, durante a República, viu surgir uma profusão de construções, reconstruções, estátuas e inscrições dos mais diferentes políticos e a apropriação dos mesmos por outros grupos sociais. A paisagem urbana materializou a multiplicidade de atores existentes no período. Marco Antônio foi deles, porém, temos algumas dificuldades em traçar, no plano urbano de Roma, elementos que demarquem a sua existência e a transmissão de memórias a seu respeito a partir de um prisma mais ‘positivo’.

Alguns fatores que podem ser elencados para que se chegue a essa conclusão são: primeiro, pelo fato do triúviro ter passado mais de 10 anos longe de Roma (entre 42 e 30 a.C.); segundo, por ele ter sido enterrado em Alexandria; terceiro, pela ampla ação que Augusto teve no espaço físico da *Urbs*, com a promoção de construções e reconstruções de diversos edifícios públicos, privados e religiosos, como ele aponta em suas *Res gestae*, sobretudo, a partir da edilidade de Agripa, em 33 a.C..

Numa tentativa de observar os possíveis lugares de memória de Marco Antônio na cidade de Roma, devemos observar as suas estátuas, a sua casa e as obras públicas que realizou. Sobre bustos e estátuas, já destacamos acima que elas foram alvo das sanções de memória, sendo retiradas dos locais em que estavam. Sobre a sua residência, ele morou, a partir de 44 a.C., na casa de Pompeu, algo muito criticado por Cícero<sup>177</sup>. Essa casa se situava na região *Carinae*<sup>178</sup>.

No que diz respeito às obras públicas realizadas por Marco Antônio, Duane Roller aponta que não se tem conhecimento sobre a existência de um programa arquitetônico de Marco Antônio para a cidade de Roma, apesar de ser uma prática comum entre os políticos romanos da época. Lépido e, principalmente, Otaviano finalizaram diversas construções que haviam sido iniciadas por Júlio César, porém, nada nos é informado pelas fontes antigas com relação a nosso personagem. O mesmo, segundo a autora, pode ser dito sobre as ações nas cidades do Oriente<sup>179</sup>.

Dominik Maschek faz um levantamento das construções e reconstruções realizadas ou iniciadas no período do Triunvirato e das cerca de trinta construções que conseguimos afirmar terem ocorrido no período, seis foram sob o patrocínio de Marco Antônio ou de seus

<sup>177</sup> CÍCERO, *Filípicas*, II, 26; PLUTARCO, *Marco Antônio*, 10; 21; 32; PLUTARCO, *Júlio César*, 51.

<sup>178</sup> COARELLI, Filippo. **Rome and environs**: an archeological guide. Los Angeles: University of California Press, 2007. p.179.

<sup>179</sup> ROLLER, Duane. The Lost Building Program of Marcus Antonius. **L’antiquité classique**, Paris, tome 76, 2007, p.89-98.

partidários, sendo, em contraponto, cerca vinte sob a tutela de Otaviano ou de seus partidários<sup>180</sup>.

Apesar de Marie-Claire Ferriès afirmar que houve uma disputa política entre os partidários dos triúnviros no campo das obras públicas, observa-se que o futuro Augusto pode atuar mais fortemente nessa área<sup>181</sup>. Dos antonianos, conhecemos as ações de Munácio Planco, que reconstruiu o templo de Saturno, de Caio Sósio, que reconstruiu o templo de Apolo Sósio e de Cneu Domício Enobarbo, que reconstruiu o templo de Netuno, estes últimos na região do circo Flamínio<sup>182</sup>.

No ano de 34 a.C. os dois cônsules haviam sido partidários de Marco Antônio e outros membros desse grupo haviam promovido benesses em prol do povo romano. No entanto, com a edilidade de Agripa, em 33 a.C., o que houve foi o apagamento de todo o evergetismo dos antonianos, trazendo algo esporádico para um programa sistemático<sup>183</sup>. Esta última foi de grande importância para Otaviano. Agripa, seu grande amigo, desenvolveu um grande programa de obras públicas e de ações sociais durante o ano em que ocupou a edilidade. Cabia ao edil, um dos magistrados romanos, com mandato de um ano, a supervisão das ações com relação às vias públicas e a promoção dos jogos. Desse modo, nesse ano houve a promoção de jogos, doações e a realização de obras públicas, o que permitia ocupar o povo e servia como a demonstração de uma oferta de um patrono.

Após a batalha de Ácio, Augusto, com o apoio dos aristocratas romanos, pode agir mais livremente na paisagem urbana, continuando o que havia iniciado enquanto triúnviro. Suas referências puderam tocar em temas sensíveis, como Marco Antônio. No entanto, a estratégia usada foi a de citar indiretamente o rival, tendo em vista da batalha ser muito recente.

Nessa direção, um primeiro exemplar das construções e reconstruções realizadas pelo príncipe, um primeiro exemplar que nos cabe analisar, pois serviu de veículo para mensagens augustanas contra Marco Antônio é o templo de Apolo, construído no Palatino, próximo a casa de Augusto, em 28 a.C.. Cabe lembrar que Apolo foi o deus ligado a Augusto na batalha

---

<sup>180</sup> Observar em especial o quadro da página 344. Cf: MASCHKEK, Dominik. Consumption, construction, and conflagration: the archaeology of social-political change in the Triumviral period. In: PINA POLO, Francisco (ed.). **The triumviral period: civil war, political crisis and socioeconomic transformations**. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2020. p.327-351.

<sup>181</sup> FERRIÈS, Marie-Claire. **Les partisans d'Antoine: des orphelins de César aux complices de Cléopâtre**. Bordeaux: Ausonius, 2007a. p.264.

<sup>182</sup> ROLLER, Duane. 2007. p.92; MASCHKEK, Dominik. 2020. p.327-351; HÖLSCHER, Tonio. Monuments of the battle the *Actium*: propaganda and response. In: EDMONDSON, Jonathan (ed.). **Augustus**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009. p.310-333. p.318-319.

<sup>183</sup> FERRIÈS, Marie-Claire. 2007a. p.264.

contra Marco Antônio. O repertório de imagens utilizado na ornamentação desse templo não era apenas ligado a Ácio<sup>184</sup>. A decoração continha imagens votivas de Apolo e no portão a representação da morte dos filhos de Nióbe e da expulsão dos gauleses de Delfos. Augusto se apresentou em segundo plano com relação ao deus, numa espécie de vingança contra o orgulho humano, ou seja, Marco Antônio. Nele foi usado o material de outras estátuas de Augusto<sup>185</sup>, o que provocou uma limpeza do cenário romano e um melhor direcionamento do discurso com a existência de menos imagens do príncipe. Havia no templo também uma representação do ébrio Polifemo sendo cegado – mais uma referência a Marco Antônio<sup>186</sup>.

Trazer para o lugar de culto do deus, ao qual o príncipe se associava diretamente, imagens com fortes referências ao rival era reforçar o lugar que ele deveria ter nas memórias. Esse era o referencial do passado que devia ser mobilizado e compartilhado pela sociedade romana. Era um homem ébrio que havia sido derrotado com a ajuda de Apolo.

Contudo, esse não era o único templo de Apolo que existia em Roma. Na região do circo Flamínio havia o templo de Apolo Sósio, construído em 431 a.C., mas que foi restaurado por Caio Sósio, um partidário de Marco Antônio, em 34 a.C., em homenagem ao seu triunfo na Judeia. A sua localização é próxima a duas construções importantes dentro do conjunto augustano: o teatro de Marcelo e o pórtico de Otávia.

Como aponta Eric Orlin, a região do circo Flamínio era um espaço de grande prestígio para a República romana, pois era a região em que ocorriam os desfiles triunfais, logo, estava repleto de construções manubiais (despojos militares)<sup>187</sup>. Augusto agiu diretamente nessa região da cidade de Roma, escolhendo antigos templos e construções como locais para suas obras. Isso tinha um objetivo específico, o esquecimento dos homens e fatos da República<sup>188</sup>, que, a partir de então, deveriam ser recordados apenas pela chave de leitura apresentada pelo seu Fórum, com as estátuas dos antepassados romanos (*summi uiri*).

De acordo com Eric Orlin, essas dramáticas reconstruções reformularam a memória romana, ajudando a criar com foco na figura do imperador como pilar central da identidade romana<sup>189</sup>. Essas construções da região serviam como lição do passado e a materialização do mesmo e como base para que os romanos se entendessem enquanto povo. Portanto, as

<sup>184</sup> Temática que será desenvolvida no tópico ‘A recordação de Ácio’, no capítulo 3.

<sup>185</sup> Como citados em *Res Gestae*, V, 24.

<sup>186</sup> ZANKER, Paul. 1992. p.109-113.

<sup>187</sup> Cyril Courrier também destaca a importância dessa região, juntamente com o monte Aventino, como espaço em que existiam alguns lugares de memória para a plebe de Roma. COURRIER, Cyril. **La plèbe de Rome et sa culture**. Roma: École Française, 2014. p.549-554.

<sup>188</sup> ORLIN, Eric. Augustan reconstruction and Roman memory. In: GALINSKY, Karl (org.). **Memory in Ancient Rome and Early Christianity**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p.115-144.

<sup>189</sup> ORLIN, Eric. 2014. p 116.

reconstruções na época de Augusto buscavam provocar o esquecimento das memórias anteriores para a criação de novas memórias associadas ao príncipe. Era um esquecimento intencional, essencial para abrir espaço para novas memórias<sup>190</sup>.

Contudo, retornando ao templo de Apolo Sósio, é interessante observarmos que, por mais que Caio Sósio tenha sido partidário de Marco Antônio e lutado junto dele em Ácio, após esse confronto, ele se alinhou a Otaviano e foi um dos muitos opositores perdoados e reinseridos na cena política romana do Principado, tendo sido um dos *XV viri sacris faciundis* do cortejo dos sacerdotes de Apolo nos Jogos Seculares, de 17 a.C.<sup>191</sup>. Essa recondução de Caio Sósio como parte do novo regime pode ser notada no frontão do templo que traz uma representação triunfal de Otaviano, em Ácio – não do dedicador da reconstrução ou de Marco Antônio<sup>192</sup>.

Desse modo, apesar de termos um exemplar arquitetônico de um antigo partidário de Marco Antônio, com a sua reforma iniciada ainda no período do Triunvirato, a memória que ele busca apresentar, por meio do frontão, é ligada a Augusto, o que demonstra sua habilidade nos trabalhos com a memória, em especial no Circo Flamínio.

Paul Zanker pontua que muitas das construções iniciadas durante o Triunvirato só foram finalizadas após Ácio, o que fez com que muitos edifícios sob incumbência de antigos partidários de Marco Antônio acabassem possuindo decorações com elogios a Augusto, não a ele<sup>193</sup>. Assim, por mais que pudéssemos ter antigos rastros da sua presença, por meio das obras públicas, isso foi transformado em benefício de Augusto.

Uma região que recebeu atenção de Augusto foi a dos Fóruns romano e imperiais. Nela houve a exposição de diferentes símbolos que remetiam a Ácio, como é o caso da reconstrução dos rostros no fórum romano, em que se exibiram partes de navios. Conforme Karl Galinsky, a região do fórum romano foi um importante lugar de memória para os romanos, contudo, não era estático, tendo sido palco de diferentes transformações, com o gerenciamento das memórias e constantes novos acréscimos<sup>194</sup>. Alain Gowing toma o Fórum de Augusto como a casa da memória, em que permanência e continuidade coexistiram, mas sob a ótica daquilo que o príncipe queria transmitir aos transeuntes, já que era o coração da cidade. Ali, Augusto, além de construir o templo de Marte Vingador, em homenagem a sua

---

<sup>190</sup> ORLIN, Eric. 2014.

<sup>191</sup> FERRIÈS, Marie-Claire. 2007a. p.470.

<sup>192</sup> ZANKER, Paul. 1992. p.93-94. HÖLSCHER, Tonio. 2009. p.318-319.

<sup>193</sup> ZANKER, Paul. 1992. p.90.

<sup>194</sup> GALINSKY, Karl. Introduction. In: GALINSKY, Karl (org.). **Memory in Ancient Rome and Early Christianity**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p.1-39. p.11-12.



vingança ao assassinato de Júlio César, promoveu uma ligação entre a paisagem urbana e a literatura, entre o que era lido e o que era visto<sup>195</sup>.

Outra construção que deve ser destacada como espaço para se recordar Marco Antônio é o mausoléu de Augusto. Esse edifício foi iniciado em 28 a.C., três anos após Ácio, e era destinado a comportar os restos mortais de Augusto e da sua família. Ele se encontra localizado numa das regiões que mais recebeu atenção no principado de Augusto no que toca à paisagem urbana: o Campo de Marte. Nessa parte da cidade, podemos elencar, por exemplo, a presença da *Ara Pacis*, dedicada a Augusto pelo Senado em 9 a.C., e o relógio solar, com um obelisco trazido de Heliópolis, no Egito.

O mausoléu não era apenas uma grande honra funerária, pelo fato ser, até então, proibido ser enterrado dentro do perímetro do *Pomerium* (área sagrada de Roma), que compreendia o Campo de Marte, mas, principalmente, por ser uma reafirmação do pacto entre o príncipe e a *Urbs*. Seu rival estava enterrado bem longe dali, em Alexandria, enquanto ele deixava evidente a todos os transeuntes do Campo de Marte que seria enterrado em Roma – tendo em vista que seu mausoléu foi construído em vida –, opondo-se e criticando, dessa forma, aquilo que seria o desejo testamentário de Marco Antônio<sup>196</sup> e a realidade dele, ou seja, um enterro na capital do Egito.

Assim, temos uma grande construção, usada durante os anos de principado de Augusto, com o enterro de membros da sua família – negado apenas àqueles que não seguiam os seus preceitos – que ocupava um grande espaço na paisagem urbana. Diante dele as *Res gestae* de Augusto estavam expostas à sociedade romana. A inscrição poderia esquecer ou silenciar a presença de Marco Antônio, mas o monumento, em si, apontava na direção contrária, enfatizando na sua presença no imaginário romano enquanto um degenerado.

Nisso reside a tensão da memória do rival, que esse complexo bem destaca. Marco Antônio era um presente ausente; alguém que deveria ser esquecido, no entanto, ao mesmo tempo, ser lembrado. Isso acontecia pelo viés discursivo do Principado e pela representatividade dos enterros naquele mausoléu. Seus herdeiros estavam ali, ele, porém, em Alexandria.

Como argumenta Fergus Millar, havia uma mensagem arquitetônica nas ruas de Roma, em que o príncipe transmitiu tanto seu discurso, quanto sua posição política para o mundo físico. Uma cidade de tijolos transformada em uma cidade de mármore (material nobre

---

<sup>195</sup> GOWING, Alain. 2005. p.138-145.

<sup>196</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 17.

e muito mais durável), como Suetônio faz questão de destacar, colocando tais palavras na boca de Augusto no momento de sua morte<sup>197</sup>. Segundo o historiador inglês,

Se eles [os romanos] ainda estivessem confusos quanto à mensagem que estava sendo entregue, eles poderiam sempre passear pelo norte do Campo de Marte, passado o Saepta e o Panteão construídos por Agripa, passada a *Ara Pacis*, dedicada em janeiro de um grande ano (9 a.C.); em paralelo com isso – provavelmente dedicado ao mesmo tempo – o grandioso relógio solar traçado por Augusto com 150 metros do Campo, sua sombra fornecida por um obelisco trazido de Heliópolis, o qual o situou, com sua base, por volta de 30 metros de altura. Eles poderiam então contemplar a imensa massa do Mausoléu de Augusto, com 88 metros de base, ele foi a maior tumba romana que conhecemos [...]. Em 9 a.C. o Mausoléu já continha os restos de dois membros da família imperial, Marcelo e Agripa, e em breve receberia os de Druso. Um quarto de século depois, quando as cinzas de Augusto também foram colocadas lá, os transeuntes tinham a chance de ler suas *Res Gestae*, inscritas em placas de bronze e afixadas em pilares externos a ele. [...] os transeuntes também podiam, de tempo em tempo, levantar seus olhos do texto e observar, de uma altura de 40 metros sobre a qual ele estava de pé, uma imagem de César Augusto que havia subido sobre a tumba. Retornando ao texto, ele era provavelmente não tão esperto para lê-lo como um documento republicano<sup>198</sup>.

Dessa forma, foi gravado na paisagem urbana o discurso do vencedor. Essas construções, estátuas, inscrições também serviram como instrumento de compartilhamento de memórias. Elas queriam recontar o passado romano. É dessa maneira que devemos lê-los. A presença de Marco Antônio nesses ambientes se deu por meio das intervenções do novo príncipe e de seus apoiadores.

No entanto, o processo de análise da memória sobre Marco Antônio não reside apenas no período de Augusto. Décadas depois, ainda podemos observar a tensão existente nesse processo e como outros atores propõem uma quebra com esse enquadramento memorialístico sobre o personagem. Estamos falando de Nero e da *domus Aurea*.

O palácio do príncipe possuía entre seus ornamentos representações de cenas báquicas<sup>199</sup>. Dentro do panorama da imagética do Principado, isso não seria aceitável, pois a referência deveria ser feita com Apolo, deus protetor de Augusto e que lutou ao lado dos romanos na batalha de Ácio, como cantado na *Eneida*<sup>200</sup>. Ao trazer esse referencial báquico, Nero se aproxima de seu antepassado sanguíneo e se afasta do que seria esperado do príncipe.

Portanto, a paisagem urbana de Roma nos impõe grandes desafios para a localização de espaços de memórias que se relacionassem de forma ‘positiva’ a Marco Antônio. O que

<sup>197</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 28.

<sup>198</sup> MILLAR, Fergus. State and subject: the impact of monarchy. In: MILLAR, Fergus; SEGAL, Erich. **Caesar Augustus: seven aspects**. New York: Clarendon Press, 1984. p.37-60. p.57.58.

<sup>199</sup> BLAISON, Marie. L'Empereur et l'homme: une lecture de la Domus Aurea Neronis. **Labyrinthe**. 1999, n.3. p.1-13.

<sup>200</sup> VIRGÍLIO, *Eneida*, VIII, 685-711.

temos é um ambiente que passou por modificações à moda augustana, trazendo as referências ao antigo rival em sintonia ao discurso presente em outros suportes, seguindo a linha das *vituperationes* da década de 30 a.C.. No entanto, os descendentes de Marco Antônio, em especial Calígula e Nero, nos trazem interessantes elementos nessa tentativa de recuperação do antepassado diante do questionamento da lógica do poder imperial estabelecido por Augusto.

Como aponta Eric Orlin, para os romanos, lugar e memória tinham uma conexão profunda, seja a casa em que se colocavam as imagens dos antepassados para a recordação, seja a cidade como armazém de memórias romanas acessíveis – de particulares em prol de todos. Isso reforça a ligação entre o ambiente construído e a memória. Os primeiros servem como lição do passado e construção do mesmo e, claro, como para base para que os romanos se entendessem enquanto povo (aspecto identitário)<sup>201</sup>.

### **Comunicação oral**

A comunicação oral, numa sociedade em que boa parte das pessoas não era instruída, era um veículo de transmissão de mensagens e de notícias muito importante. Os autores antigos nos trazem em seus relatos os boatos e as trocas de informações e notícias existentes no corpo social romano. Diferentes espaços de socialização serviram a esse objetivo, sejam os formais (reuniões do Senado, tribunais) e os informais (o Fórum, as tavernas, as barbearias, os mercados, as ruas, próximo às fontes de água, dentre outros locais onde a vida cotidiana acontecia)<sup>202</sup>.

Na época do Triunvirato, como aponta Loïc Borgies, sobretudo nos anos anteriores à batalha de Ácio, a oralidade foi um importante canal de transmissão das *vituperationes* entre os partidários de Marco Antônio e os de Otaviano. Ela era uma forma de criar, transmitir e ampliar as invectivas contra os rivais<sup>203</sup>. Enrique Garcia Ríaza, ao analisar a comunicação política nesse período, destaca como a oralidade esteve associada à escrita para a efetiva comunicação no período do Triunvirato, já que a guerra civil exigiu alterações nos ritmos e na natureza da circulação de notícias<sup>204</sup>.

<sup>201</sup> ORLIN, Eric. 2014. p.118-119.

<sup>202</sup> ROSÍLLO-LOPEZ, Cristina. **Public Opinion and Politics in the Late Roman Republic**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017a.

<sup>203</sup> BORGIES, Loïc. 2016. p.456.

<sup>204</sup> O autor destaca que certas mensagens só podiam ser transmitidas de forma oral, mesmo que houvesse algum documento escrito a ser entregue, como as cartas. Assim, os mensageiros deveriam ser confiáveis e qualificados. GARCÍA RIAZA, Enrique. Information exchange and political communication in the Triumviral period: some remarks on means and methods. In: PINA POLO, Francisco (ed.). **The triumviral period: civil war, political crisis and socioeconomic transformations**. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2020. p.281-300.

No cenário político, o espalhamento de notícias e boatos por meio dos canais de comunicação oral foi fundamental. Conforme aponta Cristina Rosillo-López, a batalha pela opinião pública teve um papel enorme durante os anos 40 e 30 a.C., pois isso significava legitimidade e apoio público para as políticas dos magistrados. Assim, a opinião pública é uma forma de se observar outros grupos sociais frente às fontes aristocráticas<sup>205</sup>.

No caso específico do conflito entre Marco Antônio e Otaviano, nessa disputa havia a necessidade de outras materialidades, apesar da grande quantidade de mensageiros enviados por eles, o que só foi conseguido por este último a partir da apresentação, controversa, segundo muitos historiadores, do testamento do primeiro<sup>206</sup>.

Essa necessidade de se reverter a opinião pública se devia ao fato de o povo romano estar muito acostumado com algumas referências adotadas por Marco Antônio. A sociedade romana do século I a.C. era um verdadeiro caldeirão cultural, em que habitantes de diferentes partes do Mediterrâneo coexistiam e no qual diferentes elementos culturais já estavam sendo adotados pelos romanos, seja nas artes, seja nos costumes. Assim, o fazer crer das acusações contra Marco Antônio era muito frágil e precisava de elementos muito substanciais para existir. Foi parte constante do Triunvirato as diferentes acusações entre os rivais, abordando diferentes aspectos<sup>207</sup>.

Os discursos também devem ser citados neste tópico de transmissão oral, pois eles eram partes desse processo comunicativo dos magistrados romanos. Os estudos de oratória eram parte da formação do jovem aristocrata, tanto que eles iam estudar a temática na Grécia ou com professores gregos na própria Itália. Dominar a oratória dizia muito das capacidades políticas do magistrado romano<sup>208</sup>. Quanto ao público, este podia ser tanto os membros dos conselhos, como o Senado, por exemplo, ou povo romano, que diante dos rostos do Fórum ouvia os magistrados proferirem seus discursos.

Hoje temos alguns desses discursos que nos foram legados no suporte da escrita, como é o caso das *Filípicas* de Cícero. No entanto, apesar de uma modulação realizada para que eles fossem publicados, não devemos perder de mente a natureza oral dos discursos e o modo

---

<sup>205</sup> ROSILLO-LÓPEZ, Cristina. The Socio-political Experience of the Italians during the Triumviral Period. In: PINA POLO, Francisco (ed.). **The triumviral period: civil war, political crisis and socioeconomic transformations**. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2020. p.353-377. p.368-372.

<sup>206</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 17-18.

<sup>207</sup> Loïc BORGIES analisa de seis tipos de invectivas (*ignobilitas, crudelitas, ignavia, genus eloquendi et scribendi, vitia non romana e tota Italia*) existentes entre eles e, dentro de cada temática, os vários elementos que podiam ser tomados para se construir as propagandas que visavam a atacar o rival, reforçando suas más ações ou seu passado inapropriado. Cf: BORGIES, Loïc. 2016. p.49-350.

<sup>208</sup> Marco Antônio era muito criticado por sua pouca capacidade oratória e pela adoção de uma oratória com características asiáticas.

como o público alvo determinava a construção do mesmo. O referido conjunto de discursos de Cícero, realizados entre os anos de 44 e 43 a.C., teve dois públicos distintos: o Senado (discursos 1 a 3, 5, 7 a 14) e o povo romano (discursos 4 e 6) e analisa-los é bastante interessante, pois observa-se, principalmente a partir da comparação do discurso 3 com o 4 e do 5 com o 6, como a mesma temática tratada no interior do Senado era reconstruída para ser apresentada ao público mais geral.

Contudo, a transmissão oral não foi utilizada apenas para a comunicação de eventos do presente. Jan Assmann aponta que a memória comunicativa – que é aquela que existe no universo de poucas gerações, ou seja, a memória social – possui como um dos meios de acesso a oralidade, ou seja, esse canal de transmissão é essencial para as práticas memorialísticas no contexto das relações sociais<sup>209</sup>.

Conforme aponta Cristina Rosillo-López, a oralidade foi fundamental para a transmissão de memórias por grupos sociais que não possuíam a materialidade física como suporte para o compartilhamento e a perpetuação de referências do passado, no caso, a plebe. O uso da palavra, como com os apelidos, e dos nomes dos lugares, como os espaços vazios na cidade, serviram como meio de recuperação e atualização de memórias no interior da cultura política plebeia<sup>210</sup>.

Catherine Baroin aponta que havia a preferência para a transmissão oral ao invés da escrita, sendo fonte para a fala oratória e para a escrita, ou seja, uma memória viva<sup>211</sup>. Como reforça Alain Gowing, a transmissão oral da escrita, por meio de leitura pública, por exemplo, era muito comum no século I a.C.. Além disso, a memória pessoal estava presente na prática narrativa dos autores antigos<sup>212</sup>.

Acima destacamos os discursos de Cícero. As *Filípicas* estão repletas de referências ao passado de Marco Antônio, desde a sua juventude até suas ações enquanto cônsul no ano anterior<sup>213</sup>. Assim, o orador se utiliza das memórias para construir seu argumento e convencer o seu público, seja ele os membros do Senado, seja o povo romano. Na disputa política, remeter ao passado era uma estratégia comum.

A biografia de Plutarco, sobre Marco Antônio, nos traz um interessante personagem, o médico Filotas de Amfissa. A partir dele, podemos observar mais diretamente a transmissão

<sup>209</sup> ASSMANN, Jan. 2006. p.24.

<sup>210</sup> ROSILLO-LÓPEZ, Cristina. The memory of populism: popular tribunes and popular political culture in the late Roman Republic. In: URSO, Gianpaolo (ed.). **Popularitas: Ricerca del consenso e populismo** in Roma antica. Roma: 'LErma' di Bretschneider, 2021. p.101-126.

<sup>211</sup> BAROIN, Catherine. 2010. p.31-32.

<sup>212</sup> GOWING, Alain. 2005. p.8.

<sup>213</sup> Abordamos a questão no tópico 'Lembrar', do capítulo 4.

de memórias entre as pessoas via comunicação oral. Plutarco conta que seu avô, repetidas vezes, narrou dois acontecimentos que haviam sido transmitidos a ele por Filotas. O primeiro deles é o episódio de uma ceia no palácio de Alexandria, em que a grandiosidade da refeição fizera o médico supor que fosse um grande banquete, mas que, na verdade, era apenas para poucas pessoas. O segundo foi um encontro com Iulo Antônio, filho de Marco Antônio e Fúlvia, quando este resolveu lhe dar de presente um vaso e que este deveria aceitar, pois eles tinham muitos outros tão valiosos quanto aquele<sup>214</sup>.

Esses episódios nos permitem observar a transmissão, ao longo do tempo e por meio da oralidade, de acontecimentos muito anteriores, até se cristalizar no texto escrito. Plutarco teve acesso ao passado por meio da oralidade familiar, o que pode ser estendido para outros contextos, como os associativos, por exemplo.

No entanto, a memória transmitida foi a da opulência e da vida inimitável em Alexandria, dentro do quadro geral que podemos inferir que permeou o imaginário social, pois foi a ótica em que Marco Antônio foi cristalizado pelo discurso do vencedor. Desse modo, o que se cria, a partir da morte de Marco Antônio, é um imaginário a seu respeito, o qual será transmitido, por meio de memórias, nas gerações que se seguem. É dessa forma que observamos essas duas passagens de Plutarco, acima destacadas. A vida inimitável, Baco, o universo egípcio, o amor por Cleópatra. Temas que serão constantemente associados ao nosso personagem. Elementos que são mobilizados posteriormente pela elite senatorial na composição de suas críticas aos herdeiros de Marco Antônio, como, Calígula e Nero, principalmente.

Contudo, esse exemplo de Plutarco nos permite também apontar que os mesmos canais poderiam ser utilizados para a transmissão de memórias desviantes ou subterrâneas, que trouxessem outros elementos da vida do triúviro, mesmo séculos depois. O biógrafo nos fornece uma visão militar de Marco Antônio diferente da que Augusto e os escritores da elite senatorial nos legaram.

Dessa forma, a oralidade se mostrou, no mundo romano, como um meio fundamental para o compartilhamento de memórias, sendo a forma mais corriqueira de acesso aos referenciais do passado não só comuns entre as gerações, mas também àqueles cristalizados por meio da memória coletiva. Havia rodas de conversa em espaços de sociabilidade, os encontros em locais públicos, os discursos dos magistrados, os discursos dos generais

---

<sup>214</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 28.

momentos antes das batalhas. Em todos eles as memórias fizeram parte da comunicação social.

### **Os diferentes suportes da memória a respeito de Marco Antônio**

Nosso primeiro capítulo se debruçou aos meios de transmissão das memórias. Cada um deles tem a sua particularidade. Estamos muito mais habituados ao trabalho com os textos dos autores antigo, porém, esse não foi o único ou o principal meio de compartilhamento de memórias entre os romanos. O texto escrito possui uma grande importância no trabalho historiográfico, mas a sua limitação de circulação no mundo romano era grande, o que o coloca entre um dos muitos meios de transmissão de memórias. Assim, nossa análise se debruçou sobre as potencialidades e limitações de transmissão de memórias existentes nos textos escritos, nas inscrições, nos bustos e estátuas, nas moedas, nos camafeus, na paisagem urbana e na comunicação oral.

Os autores antigos foram os primeiros a serem apresentados, pois nos são os mais tradicionais e mais ricos em informações, ao menos no que diz respeito ao estudo do campo da memória para Marco Antônio. Dessa forma, houve a apresentação das obras e autores e do lugar de nossa personagem nessas narrativas, para que, a partir disso, pudéssemos levantar nossa análise no âmbito da memória. A seguir nos dedicamos às inscrições, em especial aos *fasti* e as *Res gestae* de Augusto, observando as potencialidades desses textos para abordar as sanções da memória, o enquadramento do passado sobre a ótica do Principado e as limitações das ações de reabilitação.

Os bustos e as estátuas foram os alvos mais tradicionais das sanções da memória que Marco Antônio sofreu após Ácio, tendo sido retirados dos espaços urbano e privado. Apesar disso, há uma grande discussão sobre possíveis imagens dele que tenham sobrevivido a esse processo e servido como espaços de memória. Quanto às moedas, foram discutidas as potencialidades memorialísticas dessas peças e a forma como elas foram usadas por Marco Antônio em sua cunhagem como político romano e contra ele, por Augusto, após sua morte. Essas peças tinham uma circulação maior, permitiam a apresentação da efígie do triúmviro a diferentes grupos sociais e permaneceram sendo usadas após Ácio. Desse modo, foi uma das maneiras mais comuns das pessoas acessarem seu discurso, seu retrato e, possivelmente, usarem esses objetos enquanto lugares de memória subterrâneas. No que toca os camafeus, essas peças ligadas à elite tiveram o mesmo papel das moedas como espaços para a transmissão e o compartilhamento de memórias por meio da efígie de Marco Antônio ou de

imagens associadas a ele, como é o caso das temáticas relacionadas a Ácio, porém, restringidas a um espectro social mais restrito.

A paisagem urbana também foi tomada em nossa análise. A cidade de Roma congregou em si muitos dos outros suportes. Foi o local em que estátuas e bustos foram exibidos, em que práticas memorialísticas familiares e públicas foram realizadas, em que discursos foram proferidos e que rodas de conversa ocorreram. Além disso, ela foi ornada com novas construções e com o restauro daquelas do período republicano que precisavam de cuidado, mas com a nova roupagem do Principado. Assim, as memórias se cristalizaram na paisagem de Roma e a presença de Marco Antônio não deixou de ser sentida.

Por fim, nos dedicamos à comunicação oral, o principal meio de compartilhamento das memórias entre os romanos. Foi por meio da oralidade que notícias circularam no mundo romano e que gerações posteriores tiveram acesso às memórias, sejam aquelas oficiais, sejam às que deveriam permanecer clandestinas.

Contudo, esses canais não existiriam se não houvesse atores que os fizessem ativos. Justamente a este tópico que nos dedicamos em nosso segundo capítulo. Compreender os personagens e os grupos sociais que agiam e as suas práticas nesse contexto do trabalho com as memórias a respeito de Marco Antônio é parte essencial do quadro geral



## CAPÍTULO 2:

### Atores

Neste segundo momento de nossa pesquisa, nós nos dedicamos aos atores responsáveis pela dinâmica de lembrar e esquecer sobre Marco Antônio. Isso vai de encontro com a concepção de memória que adotamos em nosso trabalho, que é a memória social. Para nós, a memória é essencialmente um ato compartilhado entre pessoas e grupos sociais. Em face disso, é importante abordarmos os diferentes atores (personagens individuais e grupos sociais) que agiram com relação ao compartilhamento, ou não, de memórias referentes a Marco Antônio.

Os diferentes grupos sociais tinham suas próprias dinâmicas memorialísticas, com seus modos (práticas) e meios (canais de transmissão/fontes) específicos. A sociedade romana era muito ligada às práticas de memória, seja em âmbito público, seja privado e cada grupo social tinha seu modo de ação e compartilhamento.

Nas páginas que seguem selecionamos alguns atores para observarmos como Marco Antônio foi evocado em memórias, sendo eles: Augusto e o seu círculo; a aristocracia; a plebe; os partidários; e os herdeiros familiares. Cada um deles nos permitirá analisar movimentos diferenciados da prática memorialística entre os romanos e como se deu a perpetuação de memórias sobre nossa personagem principal em nosso trabalho.

As fontes que nos restaram desse período nos impõem, em alguns aspectos, algumas dificuldades ao acessar diferentes atores nesse processo de transmissão de memórias de Marco Antônio, pois são muito lacunares. Contudo, certos indícios nos apontam para uma atuação mais coletiva e de grupos diferentes da elite.

São atores diversos, episódios e memórias diferentes, porém, que nos mostram uma máquina social que extrapola apenas uma visão fechada à elite romana. Ela nos permite olhar para outros horizontes analíticos, mesmo que a ótica desses não seja tão facilmente alcançável para nosso estudo.

Desse modo, neste capítulo, ao analisar esses atores, faremos três movimentos em cada um desses tópicos. Começaremos abordando a natureza desses grupos sociais no período do Principado; em seguida trataremos das dinâmicas comuns a cada um deles para o compartilhamento de memórias; por fim, estudaremos o caso específico de Marco Antônio dentro desse universo de práticas com as memórias.

## Augusto

Ao se escrever sobre o procedimento de recordação de Marco Antônio, um primeiro ator que deve ser destacado nesse processo é Augusto, o principal rival político de nosso personagem. A sua consolidação no poder, desde o Triunvirato, esteve intimamente relacionada à figura de Marco Antônio. Uma relação conturbada desde o princípio.

O surgimento de Otaviano após os idos de março enquanto herdeiro testamentário de Júlio César provocou uma reviravolta no cenário político romano e incluiu mais um personagem ao já conturbado jogo político existente. Para Marco Antônio, o jovem Otaviano era uma ameaça, visto que ele atuava enquanto o herdeiro político e ideológico do antigo ditador, sendo seu chefe de cavalaria e amigo de Consulado no ano de 44 a.C. Dessa forma, Marco Antônio buscou dificultar o início da carreira política de seu novo rival, visando se defender e manter para si o legado político que Júlio César representava. Um cenário que só foi modificado com o pacto do Triunvirato, em 43 a.C.

A ação compartilhada dessa magistratura entre Marco Antônio, Otaviano e Lépido não foi um período de calma entre os dois herdeiros de Júlio César, pois outros atores atuaram na sua desestabilização, como é o caso de Lúcio Antônio e Fúlvia, respectivamente irmão e esposa de Marco Antônio, provocando a guerra de Perúsia, em 42 a.C. A situação só se acalmou quando, em 40 a.C., numa reorganização dos poderes e num acordo de paz, em Brindes, Marco Antônio se casou com Otávia, irmã de Otaviano.

O novo elemento de desestabilização entre eles foi Cleópatra, que serviu como um importante alvo de acusações contra Marco Antônio por parte dos partidários de Otaviano – com a vida inimitável em Alexandria, a preferência pelo trono egípcio, o amor desmedido pela rainha. Assim, a relação com Cleópatra pôs em xeque o casamento com Otávia, sendo esse prestígio pela rainha considerado uma ofensa a Otaviano.

Como apresenta Loïc Borgies, as *vituperationes*, ou seja, as acusações levantadas por Otaviano e seus partidários, serviram como base na construção da posição deste enquanto *princeps senatus* Augusto, ou seja, já continham elementos ideológicos que se cristalizariam em seu principado<sup>215</sup>. François Chamoux aponta que não devemos acreditar que as ações de Augusto com relação às suas memórias tenham ocorrido de forma brutal e completa rapidamente, tendo sido algo que se iniciou durante o Triunvirato e que permaneceu durante o Principado<sup>216</sup>. John Crook argumenta que o discurso do *Aegypto Capta* teve grande peso na

<sup>215</sup> BORGIES, Loïc. **Le conflit propagandiste entre Octavien et Marc Antoine**: De l'usage politique de la vituperatio entre 44 et 30 a. C. n.. Bruxelles: Éditions Latomus, 2016. p.14 e 480.

<sup>216</sup> CHAMOUX, François. **Marc Antoine**: Dernier prince de l'Orient grec. Paris: Arthald, 1986. p.382-383.

legitimação do Principado<sup>217</sup>, o que se liga diretamente às memórias sobre Ácio e Marco Antônio.

Nesse quadro, a remodelação do passado, em consonância com o discurso augustano se configurou num enquadramento das memórias. Como argumenta Eric Orlin, esquecer elementos da República era essencial para a construção do Principado. De fato, esquecer e criar novas memórias era tão importante quanto lembrar as existentes, sendo que aquilo que era lembrado era feito pelo prisma de Augusto. O príncipe procurou se associar à identidade romana, sendo o seu pilar central. Essa centralidade na sua figura era importante para tornar mais assimilável seu discurso, face à multiplicidade do período republicano<sup>218</sup>.

Como destaca Karl Galinsky, as ações com as memórias foram efetivadas em diferentes campos, como a história política e social, a historiografia, a poesia, as artes, a arquitetura, a paisagem urbana e a religião, por exemplo, e em vários locais, tanto em Roma, quanto nas províncias. A partir de 30 a.C. não houve mais o apagamento de memórias, mas um redirecionamento dessas memórias, como ocorre com as estátuas no Fórum de Augusto (*summi uiri*), a restauração do nome de Marco Antônio nos *fasti* ou a elaboração das *Res gestae*, com a não menção dos rivais, visando criar apenas memórias positivas. Além disso, houve a construção de uma memória cultural romana por meio de obras de Virgílio e Tito Lívio, através das artes e a exaltação de um passado troiano<sup>219</sup>.

A paisagem urbana de Roma não deixou de ser alvo do príncipe, algo que havia se iniciado no Triunvirato e se intensificado com a edilidade de Agripa, em 33 a.C. Como Augusto gostou de destacar, de acordo com a biografia de Suetônio, ele deixou em mármore uma cidade que encontrou em tijolos<sup>220</sup>. Sua atuação nesse campo foi grande, aproveitando-se para estabelecer a perpetuação de uma mensagem arquitetônica em Roma a partir das diversas construções e reconstruções que promoveu, pois se usou desses espaços públicos para cristalizar seu discurso e o enquadramento da memória<sup>221</sup>, em especial o Fórum, o Circo Flamínio e o Campo de Marte.

<sup>217</sup> CROOK, John. Political history, 30 BC to AD 14. In: BOWMAN, Alan K.; CHAMPLIN, Edward; LINTOTT, Andrew (eds.). **The Cambridge Ancient History: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D 69**. Tomo X. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001a. p.70-112. p.73.

<sup>218</sup> ORLIN, Eric. Augustan reconstruction and Roman memory. In: GALINSKY, Karl (org.). **Memory in Ancient Rome and Early Christianity**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p.115-144. p.116; 138-140.

<sup>219</sup> GALINSKY, Karl. **Memory and forgetting in the age of Augustus**. Sidney: Department of Classics and Ancient History, 2016. p.2.

<sup>220</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 28.

<sup>221</sup> *Res Gestae*, IV, 19-21. SUETÔNIO, *Augusto*, 29. MILLAR, Fergus. State and subject: the impact of monarchy. In: MILLAR, Fergus; SEGAL, Erich. **Caesar Augustus: seven aspects**. New York: Clarendon Press, 1984. p.37-60. p.57.58.

Augusto promoveu uma verdadeira *mise en scène* coletiva, como argumenta Richard Beacham. Um exemplo disso são as diversas comemorações estabelecidas por ele que foram somadas às já existentes: os *ludi Victoriae Caesaris* (anual), os *ludi Actia* (a cada 4 anos), 7 de janeiro (primeiro *imperium* e anual), 3 de setembro (vitória contra Sexto Pompeu e anual), *Augustalia* (12 de outubro), *ludi Martiales* (12 de maio e anual a partir de 2 a.C.), *ludi Natalicii* (23 de setembro e nascimento de Augusto), por exemplo<sup>222</sup>.

Além dos escritos e das construções, outros objetos também foram importantes para Augusto na transmissão de memórias. Um primeiro suporte são os bustos e as estátuas. Havia uma grande quantidade deles em Roma e nas províncias. Contudo, gostaríamos de nos concentrar aqui nas moedas e nos camafeus, pois são esses objetos que nos permitem acessar, de certo modo, memórias ligadas ao seu rival.

As cunhagens de Augusto<sup>223</sup> foram utilizadas enquanto um espaço político desde os primórdios do Triunvirato. Por meio dessas peças ele fez questão, desde o princípio, de mostrar sua íntima relação com seu pai adotivo, apresentando-se como *diui filius*. A partir de Ácio, foi a deusa Vitória que passou a figurar com maior frequência em suas moedas, remetendo a sua vitória contra Marco Antônio. A partir de 27 a.C., observamos outros símbolos serem apresentados nesses objetos: o *clupeus vitutis*, a *corona civica* e o título de *Augustus* – honras oferecidas ao príncipe pelo Senado<sup>224</sup>.

Os camafeus possuem a mesma dinâmica memorialística, sendo um espaço comunicativo para a transmissão de memórias pelo príncipe. Dois exemplares que reforçam isso são a *Gemma Augustea*<sup>225</sup> e o Grand Camée de France<sup>226</sup>, que retratam Augusto e a

<sup>222</sup> BEACHAM, Richard. The emperor as impresario: producing the pageantry of power. In: GALINSKY, Karl (org.). **The Cambridge companion to the Age of Augustus**. New York: Cambridge University Press, 2005. p.151-174. Em suas *Res gestae*, Augusto faz questão de também apresentar aos seus leitores a promoção de espetáculos que ele realizou em prol do povo romano. *Res Gestae*, IV, 22.

<sup>223</sup> LEONI, Daniele. **Le monete di Roma**: Augusto, il Triunvirato. Verona: Dielle Editore, 2014.

<sup>224</sup> *Res Gestae*, VI, 34.

<sup>225</sup> Este camafeu, que hoje se encontra no *Kunsthistorisches Museum*, em Viena, representa Augusto entronado. Junto dele estão Germânico e Tibério e algumas divindades, como Roma, e a deusa Vitória. Suas dimensões são 23 centímetros de largura por 19 centímetros de altura, feito em duas camadas de ônix e envolto por um aro de ouro. Disponível em: <<https://www.khm.at/objektdb/detail/59171>>. Acesso em: 17 ago 2022.

<sup>226</sup> Também conhecido como *Gemma Tiberiana*, este camafeu pertencente ao acervo do *Cabinet de Médailles* da Biblioteca Nacional da França, possui sua representação dividida em três níveis. No superior, o etéreo, está Augusto e outros membros da família mortos. No segundo, o intermediário, encontra-se Tibério, como figura central da peça, três filhos de Germânico (Nero César, Druso César e Caio César) e três mulheres da família (Agripina maior, Livila e Júlia). No nível inferior estão personagens que representam povos bárbaros conquistados. Suas dimensões são 26,5 centímetros de altura e 31 centímetros de largura, constituído por cinco camadas de pedra ônix. Disponível em: <<https://medaillesantiques.bnf.fr/ws/catalogue/app/collection/record/ark:/12148/c33gbcsv8>>. Acesso em: 17 ago 2022.

família imperial<sup>227</sup>. Geralmente, os camafeus são peças menores, pequenas joias, porém, estas peças possuem dimensões maiores, nos permitindo supor que elas fossem objetos para exposição e específicos para uso memorialístico.

Conforme aponta Harriet Flower, Augusto “preferiu se apropriar e remodelar o passado e sua imagem lentamente e de forma mais ‘construtiva’”, ou seja, focou mais em si do que em seus opositores<sup>228</sup>. Essa fase de ataques foi muito mais característica do Triunvirato, em que a competitividade pelo poder era muito mais viva. Até porque, de acordo com Nick Ackert, para Augusto, não era interessante atuar, diretamente, enquanto promotor de sanções à memória de seu rival, visto que isso ia de encontro às virtudes que ele buscava destacar em sua conduta, como a *clementia* e a *pietas*, as quais estavam, inclusive, gravadas em seu *clupeus virtutis*<sup>229</sup>.

As ações de Augusto se iniciaram ainda durante o Triunvirato, quando houve a eliminação de documentos e não publicação dos *acta*. Conforme argumenta Alain Gowing, essas ações, sobretudo a partir do Principado, buscavam evitar que Otaviano superasse Augusto, tendo em vista que a imagem do triúnviro não era positiva<sup>230</sup>. Como a reconstrução do passado empreendida foi teleológica – algo facilmente observável a partir do Fórum Augusto e do escudo de Enéias na *Eneida*– e, portanto, tudo terminava em Augusto, era necessário não deixar certas marcas transparecerem.

Nesse contexto de trabalho com a memória empreendido por Augusto, cabe nos perguntarmos: E as recordações sobre Marco Antônio, como se inserem nessa dinâmica? Ao narrar e comemorar seus feitos, Augusto precisou, de alguma forma, se referir a seu rival. A batalha a partir da qual ele se consolidou no centro do poder político romano foi contra Marco Antônio, em Ácio, em 31 a.C. O enquadramento da memória realizado tocava, de alguma forma, na memória do rival. No entanto, esse trabalho era muito sensível e delicado, tendo em vista que Marco Antônio tinha um grande prestígio social, um grande número de romanos lutou ao seu lado contra Augusto e seus herdeiros sanguíneos faziam parte da família imperial, pois além dos filhos que teve com Otávia, esta adotou e trouxe para Roma os filhos de Marco Antônio com Fúlvia e Cleópatra.

<sup>227</sup> Para uma interessante análise dos dois camafeus com relação à imagem da família imperial, Cf: BUENO, Giovanni. Joias do Principado: tempo e memória na iconografia de camafeus Julio-Claudianos. *Ars Historica*. Rio de Janeiro. 2020, n.20. p.134-163.

<sup>228</sup> FLOWER, Harriet. FLOWER, Harriet I. **The art of forgetting: disgrace & oblivion in Roman political culture**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2006. p.116.

<sup>229</sup> ACKERT, Nick. *Animus after Actium? Antony, Augustus and damnatio memoriae*. **Undergraduate Journal of Classical Studies**. Filadelfia, 2016 (spring), v.4, n.2, p.32-40.

<sup>230</sup> GOWING, Alain. **Empire and memory: the representation of the Roman Republic in imperial culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p.18-23.

Um suporte diretamente produzido por Augusto e que possuímos é a inscrição das suas *Res gestae*, que originalmente foram depositadas em duas placas de bronze diante de seu mausoléu, no Campo de Marte<sup>231</sup>. No que se refere mais especificamente a Marco Antônio, o príncipe faz três menções a ele, seguindo uma lógica da não menção direta, buscando criar apenas memórias positivas sobre si.

A primeira delas está logo no início de suas *Res gestae* e é uma rica passagem. Ele escreve o seguinte:

Aos dezenove anos, formei um exército por minha iniciativa e às minhas custas. Com ele restitui a liberdade à república oprimida pelo domínio de uma facção. Por isso, o senado admitiu-me a sua ordem com decretos honoríficos, ao mesmo tempo concedendo-me, no consulado de C. Pansa e A. Hircio, a prerrogativa de sentenciar dos cônsules, e entregou-me o poder. Ordenou ainda que, sendo eu pró-pretor, juntamente com os cônsules providenciasse para que a república não sofresse qualquer desgaste. O povo, no mesmo ano, fez-me cônsul, já que os dois cônsules haviam tombado numa guerra. Fez-me também triúviro com a incumbência de que a república houvesse de se consolidar<sup>232</sup>.

O rival é apresentado enquanto uma ameaça à República desde o princípio. Augusto deixa a entender que sua vida política se iniciou em razão da ameaça que Marco Antônio – descrito como membro de uma facção – representava aos romanos. Essa passagem muito nos remete ao modo como Cícero se dirigia ao cônsul nos discursos das *Filípicas*. Aqui há dois momentos diferentes de embate contra Marco Antônio, mas que Augusto coloca como sendo o mesmo. O primeiro é uma marcha que o então cônsul faz de Brindes a Roma, em 44 a.C., que Augusto consegue dispersar antes que ocorra a invasão da *Urbs*<sup>233</sup>. O segundo é a batalha de Módena, que ocorre em 43 a.C., na qual os cônsules deste ano, Caio Pansa e Aulo Hircio, que são citados, acabam morrendo. Portanto, ele vincula sua chegada precoce ao poder romano, tendo se tornado pró-pretor e cônsul, em função de combates a exércitos de Marco Antônio. Os perigos que este causava à República são colocados como os motivos que o fizeram formar um exército em prol do Senado e do povo de Roma e o permitiu ganhar suas

<sup>231</sup> Para uma análise crítica da inscrição, os trabalhos de Jean Gag e e John Scheid, que acompanham suas tradu es das *Res gestae* são bastante interessantes, Cf: *Res Gestae diui Augusti ex monumentis Ancyranis et Antiocheno Latinis Ancyranis et Apolloniensi Graecis*. Texte  tabli et comment e par Jean Gag e. Paris: Les Belles Lettres, 1935; *Res Gestae Diui Augusti: hauts faits du divin Auguste*. Texte  tabli et traduit par John Scheid. Paris: Les Belles Lettres, 2007.

<sup>232</sup> *Res Gestae*, I, 1: *Annos undeviginti natus exercitum privato consilio et privata impensa comparavi, per quem rem publicam a dominatione factionis oppressam in libertatem vindicavi. [Ob quae] senatus decretis honorificis in ordinem suum me adlegit, C. Pansa et A. Hirtio consulibus, consularem locum sententiae dicendae tribuens, et imperium mihi dedit. Res publica ne quid detrimenti caperet, me propraetore simul cum consulibus providere iussit. Populus autem eodem anno me consulem, cum cos. uterque bello cecidisset, et triumvirum rei publicae constituendae creavit.* Tradu o de Matheus Trevizam e Antonio Martinez de Rezende.

<sup>233</sup> Eventos estes que Cícero narra em suas terceira e quarta ‘*Filípica*’, exaltando o jovem César em oposi o ao terrível cônsul, Marco Antônio.

primeiras honras. Dessa forma, suas ‘memórias’ começam desenhando muito bem a sua estratégia contra o rival: um *exemplum* que não deve ser seguido, nem mesmo nomeado.

Todavia, há um silêncio nessa passagem, também relacionada a Marco Antônio. O Triunvirato foi uma magistratura compartilhada entre ele, Lépido e Augusto. Lembrar que eles estiveram em pé de igualdade seria colocar o rival numa posição diferente da que lhe cabia na escrita do passado proposta pelo autor das *Res gestae*. E pior, que essa união se deu em consequência da não concessão do Senado de honras que Augusto desejava para si por ter vencido em Módena – combatendo um rival, Marco Antônio, que se tornou colega de magistratura –, seria colocar um início em sua memória de seu passado que não condizia com o objetivo apologético de suas *Res gestae*, que se encerra, inclusive, com a apresentação de suas honras na sessão do Senado de 27 a.C. e o recebimento do título de *pater patriae*, em 2 a.C.<sup>234</sup>. O início deveria ser tão honrado quanto o final e a presença da verdadeira posição de Marco Antônio nesses acontecimentos não daria tal efeito.

A segunda referência ao rival se insere no contexto de boas ações do príncipe para com as províncias orientais e ele, então, aponta que “aquele com o qual eu guerreara havia espoliado esses templos e usado dos ornamentos como sua propriedade particular”<sup>235</sup>. Ou seja, Marco Antônio aparece como se tivesse roubado esses locais para fins pessoais. O príncipe procura se colocar enquanto um bem feito.

A terceira referência a Marco Antônio está na passagem em que Augusto aponta que toda a Itália fez, espontaneamente, um juramento de lealdade a ele para que lutassem na batalha que ele venceu em Ácio<sup>236</sup>, ou seja, aqui ele apresenta que ele era o verdadeiro representante dos romanos naquela guerra. Contudo, essa é parte dos fatos. Cerca de 300 senadores, além de seus clientes, partiram para o Oriente para lutarem nos exércitos de Marco Antônio.

Ligado a essa inscrição das *Res gestae*, não podemos deixar de destacar o volumoso complexo do mausoléu do príncipe e da sua família. Uma imponente construção no Campo de Marte e que se insere nesse plano discursivo de Augusto. Com isso, percebemos que a arquitetura, como já abordamos<sup>237</sup>, foi um dos veículos utilizados pelo príncipe para a transmissão de suas mensagens sobre si, seu discurso político e sobre seus opositores.

<sup>234</sup> Respectivamente, Cf: *Res Gestae*, VI, 34 e 35.

<sup>235</sup> *In templis omnium civitatum provinciae Asiae victor ornamenta reposui quae spoliatis templis is cum quo bellum gesseram privatim possederat.. Res Gestae*, IV, 24.

<sup>236</sup> *Res Gestae*, V, 25.

<sup>237</sup> A análise mais detalhada do mausoléu se encontra no tópico ‘Paisagem urbana’ do capítulo 1.

Harriet Flower argumenta que “os objetivos políticos de Augusto foram alcançados sem usar os tipos de sanções que em si chamavam a atenção de dissidentes ou rivais”<sup>238</sup>. Para ele se cristalizar no poder, ele focou em si e no seu discurso ao invés de promover ataques deliberados aos outros. É nessa linha que devemos compreender o modo como o silêncio é adotado pelo príncipe nas suas *Res gestae*, mas, também, em outras formas de construir e de se compartilhar as memórias.

A principal temática usada por Augusto para ornar as suas construções e reconstruções e representar sua grande vitória em Ácio foi a naval. Partes de barcos, associações a Netuno e decorações com temas náuticos foram empregadas para marcar esse grande acontecimento, consolidar sua memória, sem mostrar que se comemorava a consolidação de Otaviano no poder romano ou se referir, diretamente, ao derrotado, Marco Antônio. Desse modo, alguns desses edifícios estavam decorados com elementos que lembravam Ácio, como os rostos no Fórum Romano, o templo de divino Júlio, a Cúria Júlia e o templo de Saturno, por exemplo.

Dois pequenos camafeus de Augusto também possuem essa temática ática, pois trazem o príncipe enquanto um vitorioso, conduzindo carruagens puxadas por tritões, o que nos remete diretamente a Marco Antônio. Nas cunhagens monetárias, temos representações da deusa Vitória, do arco do triunfo de Ácio e, mais diretamente relacionado a Marco Antônio, a série de comemoração da reconquista da Ásia, em que a deusa Vitória (Augusto) é trazida sobre a cista mística do deus Baco (Marco Antônio)<sup>239</sup>.

Contudo, a ação de Augusto não foi somente contra Marco Antônio, pois ele reabilita a memória de seu rival nos *fasti Capitolini Triumphales* no arco de Ácio<sup>240</sup>. Logo após a notícia da sua vitória, em 31 a.C., houve em Roma um movimento de se apagar os nomes de Marco Antônio, ou seja, uma ação de *damnatio memoriae*, a qual incluiu martelar seu nome da lista de triunfadores. O que o príncipe fez foi apenas permitir a recordação de seu passado militar. Além disso, ele também afastava a curiosidade que poderia surgir com aquele nome desonrado ao lado do seu, visto que a ovação de Marco Antônio nos *fasti Capitolini Triumphales* é em companhia de Otaviano, em 40 a.C., em razão da paz de Brindes.

No entanto, devemos pensar que esse procedimento memorialístico do lembrar e do esquecer partiu de uma única fonte? Esse questionamento entra no cerne da corrente historiográfica que tem Ronald Syme como um grande expoente, que observa o principado de

<sup>238</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.132.

<sup>239</sup> Os dois camafeus e a peça monetária citados serão analisadas em maiores detalhes no tópico ‘Recordação da vitória em Ácio’, no capítulo 3.

<sup>240</sup> VARNER, Eric. **Mutilation and transformation: damnation memoriae and Roman imperial portraiture.** Boston: Brill, 2004. p.19.



Augusto baseado num grande consenso. Contudo, acreditamos que o trabalho com as recordações de Marco Antônio nos exigia olhar para além desse consenso, para além desse discurso único centrado em Augusto.

### Aristocracia

Augusto, ao devolver seus poderes, que havia obtido para lutar contra Marco Antônio, numa sessão do Senado em 27 a.C., colocou-se perante a sociedade romana enquanto um restaurador da República, não como um novo governante. Por mais que na prática não tenha sido assim, no plano discursivo ele reforçou que era uma continuação<sup>241</sup>. Sua forma de governo se baseou na estrutura da antiga República, mas com algumas adaptações aos novos tempos. Para tanto, ele realizou uma reforma da administração, estabelecendo cargos que seriam típicos da ordem senatorial e cargos que seriam típicos da ordem equestre. Isso mostra o quanto a aristocracia era importante para o funcionamento da máquina pública romana.

O novo príncipe também promoveu uma reforma censitária, estabelecendo uma separação da sociedade romana em ordens, algo que não estava bem claro em fins da República. Dessa maneira, para ser membro da ordem senatorial era preciso uma fortuna de 1 milhão de sestércios, enquanto para ser membro da ordem equestre, a fortuna deveria ser de, no mínimo, 400 mil sestércios<sup>242</sup>.

Devido à natureza do grupo social dominante e da natureza compartilhada do poder político na República, era de esperar que houvesse uma grande competição entre seus membros em busca de maior prestígio, riquezas e cargos políticos. Alguns mecanismos foram criados para diminuir esse cenário: desencorajamento do luxo, proibição do envolvimento dos senadores com o comércio – isso com o incentivo da adoção dos preceitos do *mos maiorum* romano. Contudo, com a expansão dos territórios romanos pela bacia do Mediterrâneo e a mudança da natureza da composição do exército romano, houve um acirramento entre os grupos aristocráticos, o que causou a profusão de intervenções na paisagem urbana, por meio de bustos, estátuas, inscrições, construções e reconstruções de edifícios públicos.

A memória, mais especificamente as práticas do lembrar e do esquecer, também foram gravadas no tecido urbano. Os aristocratas se utilizaram de diferentes meios para (re)produzirem a memória política romana e, assim, compartilharem entre si os seus referenciais, como, por exemplo, os textos de inscrições, a construção e a restauração de

---

<sup>241</sup> EDER, Walter. Augustus and the power of tradition. In: GALINSKY, Karl (org.). **The Cambridge companion to the Age of Augustus**. New York: Cambridge University Press, 2005. p.13-32.

<sup>242</sup> ALFÖLDY, Géza. **A história social de Roma**. Lisboa: Editorial Presença, 1989. p.110-171.

edifícios públicos (templos, basílicas), os monumentos de vitória, os túmulos familiares, as pinturas históricas, os bustos e estátuas, os rituais, as procissões públicas (como as de jogos e triunfos)<sup>243</sup>, sem contar a própria produção de narrativas escritas.

Conforme destaca Harriet Flower, a memória teve um papel decisivo e central para a sociedade romana, seja para os membros da elite, seja para os plebeus. No entanto, para os aristocratas, em razão das funções públicas que desempenhavam, isso era mais sintomático. Para avançar no *cursus honorum*, os membros da elite, durante a República, precisavam manter, aos olhos de todos, as suas realizações em prol do povo e do Senado romano, porém, igualmente importante, era deixar uma memória favorável de sua vida visando melhorar a posição social da sua família e garantir que seus parentes conseguissem a honras semelhantes ou ainda melhores. Os dispositivos de memória (monumentos, espetáculos, rituais) eram inseparáveis do sistema político e estavam associados às tradições e às pretensões gentílicas da elite<sup>244</sup>. No Principado, o que se esperava era a participação conjunta com o príncipe na promoção da memória oficial.

Os trabalhos com a memórias se operavam no interior das famílias romanas, com a seleção de quais ações ou características recordar ou esquecer. Isso, inclusive, ocorria com relação a quais membros deveriam ser cultuados. Apenas os bem-sucedidos e famosos eram dignos de prestígio e lembrança dos familiares, enquanto os obscuros e que tivessem caído em alguma espécie de desgraça deveriam ser esquecidos<sup>245</sup>.

Nesse cenário, sofrer as sanções que compunham o quadro da *damnatio memoriae* significava uma grande vergonha para o condenado. Como expõe Harriet Flower, tendo em vista o aspecto comemorativo, na sociedade romana, dos feitos e das honras obtidas em vida por um aristocrata, ser privado destas após a morte representava a perda da identidade e do status inerentes ao grupo que havia pertencido<sup>246</sup>.

No âmbito público, destruição, modificação e apagamento de textos e monumentos eram parte desse projeto de uma memória cultural dinâmica e permanente como a dos romanos. As afirmações de conquistas e das boas ações individuais em prol de Roma se davam a custa dos outros, sobretudo os contemporâneos<sup>247</sup>. É com o Principado de Augusto que isso se altera, apesar de ele mesmo ter se consolidado sobre os homens da República,

---

<sup>243</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.3-4.

<sup>244</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.53-54.

<sup>245</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.55-56.

<sup>246</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.9.

<sup>247</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.276-277.

alguns de seu próprio tempo, tendo em vista seu projeto arquitetônico para a *Urbs*, em especial o círculo Flamínio.

Tendo tudo sido apresentado, é importante o questionamento: como se deu o trabalho com a memória sobre Marco Antônio no contexto da aristocracia romana?

Um primeiro ponto que devemos destacar é que partiu da elite senatorial a aprovação das sanções da *damnatio memoriae* contra Marco Antônio. Essa não era uma decisão que cabia ao príncipe, mas aos senadores. Dessa maneira, coube a esse grupo social a autorização da promoção da interdição da memória do rival de Augusto. Eles também participaram da execução física dessas atividades, com a retirada das estátuas e dos bustos do derrotado dos locais públicos e o martelamento das inscrições que continham seu nome.

Além disso, a aristocracia participou ativamente no enquadramento da memória empreendido no advento do Principado. Assim, as linhas gerais daquilo que Augusto e seus partidários compartilhavam enquanto memórias romanas, também foram compartilhadas, *grosso modo*, entre os aristocratas. Fazer parte do governo pressupunha comungar daqueles referenciais.

Isso pode ser observado de diferentes maneiras. Uma delas era por meio da adoção dos símbolos de Ácio, que, de acordo com Tonio Hölscher, se tornaram presente nas decorações privadas e em objetos cotidianos da elite<sup>248</sup>. Era uma forma de mostrar lealdade ao novo regime. Outra forma se dava a partir da participação no embelezamento da cidade de Roma, juntamente com Augusto, conforme Suetônio ressalta<sup>249</sup>, o que pressupunha a adoção do discurso do governante.

Portanto, os símbolos da vitória de Augusto se tornaram comuns e o lugar de derrotado foi perpetuado. Para se inserir na elite da época, era preciso participar dessa *mise en scène* que demarcava o lugar de Marco Antônio. Mesmo os seus antigos partidários precisaram se adequar. O frontão do templo de Apolo Sócio, no Circo Flamínio, que começou a ser restaurado antes da batalha de Ácio, por Caio Sócio, partidário de Marco Antônio que recebeu a clemência do príncipe, traz representações com a temática ática. É uma clara adaptação aos novos tempos.

Os rituais comemorativos dos principais eventos do Principado também podem ser inseridos nesse contexto. Eram momentos que mobilizavam mais do que a *domus* imperial, mas toda a aristocracia romana, que ajudavam na promoção dos espetáculos.

---

<sup>248</sup> HÖLSCHER, Tonio. Monuments of the battle the *Actium*: propaganda and response. In: EDMONDSON, Jonathan (ed.). **Augustus**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009. p.314-315.

<sup>249</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 29.

Alguns dos principais autores que temos nos anos iniciais do Principado eram senadores e equestres que escreveram textos que perpetuaram os desejos de Augusto e a remodelação das memórias que ele realizou, promovendo um olhar sobre Marco Antônio.

Conforme aponta Harriet Flower, “o medo arraigado dos senadores, de que perdessem seu status e seu lugar na história, ajudou a fazer das sanções de memórias as últimas ferramentas de intimidação e vingança no período imperial romano”<sup>250</sup>. Isso demonstra o poder que os aristocratas tinham por meio da escrita. Eles perpetuaram o passado de uma maneira que muitos outros não foram capazes.

### **Plebe**

De acordo com Cyril Courier, os plebeus eram cidadãos cujas qualificações de propriedade no censo eram inferiores a 400 mil sestércios (que era a renda mínima para ser um equestre). Não era um grupo homogêneo, possuindo várias hierarquias internas, em que havia desde ‘trabalhadores médios’ e ‘empresários’, que possuíam ou alugavam espaços, até os pobres, que viviam o dia-a-dia<sup>251</sup>.

A plebe era composta por grupos que compartilhavam memórias, padrões de sociabilidade, solidariedade e hierarquia estabelecidos entre gerações, profissões e orgulho profissional, além de locais conhecidos (ruas, praças, bairros). Todos esses pontos evidenciam, conforme aponta Cyril Courier, a existência do compartilhamento de uma cultura plebeia, que se caracterizava como uma cultura da resistência ou uma contra-cultura/cultura de contestação, em oposição à cultura dominante. A cultura plebeia era estável, urbana e comunitária<sup>252</sup>.

Como argumenta o autor, a memória está ligada a um saber e um imaginário comum que consagra a identidade e a consciência de si de um determinado grupo social. Nesse âmbito, apesar da limitação de fontes que possuímos, baseada, sobretudo, nas fontes escritas e aristocráticas, a plebe possuía sua própria forma de transmitir seu passado, não sendo dominada pela memória das elites. Essas memórias coexistiam dentro desse arcabouço da cultura plebeia. Assim, para se ter acesso a essas memórias faz-se necessário uma leitura mais cuidadosa dos relatos antigos por termos uma imagem deformada dos plebeus<sup>253</sup>.

<sup>250</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.280-281.

<sup>251</sup> COURRIER, Cyril. Plebeian culture in the city of Rome, from the Late Republic to the Early Empire. In: GRIG, Lucy (ed.). **Popular culture in the Ancient world**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p.107-128. p.107.

<sup>252</sup> COURRIER, Cyril. 2017. p.113; 119-120; 127.

<sup>253</sup> COURRIER, Cyril. **La plèbe de Rome et sa culture**. Roma: École Française, 2014. p.547-549.

Theodore Wiseman observa que a maioria dos lugares de memória em Roma era aristocrática, como construções, estátuas e, sobretudo, inscrições que as acompanhavam, a partir das quais havia a transmissão de memórias específicas<sup>254</sup>. No entanto, isso não quer dizer que a plebe não possuísse seus lugares de memória. Cyril Courrier aponta que o mais interessante no caso da plebe é compreender quais eram os locais simbólicos para esse grupo social, onde ocorriam atividades coletivas<sup>255</sup>. Conforme aponta Cristina Rosillo-López, a natureza da plebe, em fins da República e início do Principado, permite que observemos a transmissão geracional de memórias, principalmente a partir do mecanismo de reapropriação dos monumentos da elite<sup>256</sup>.

Além disso, pela memória popular ter a transmissão oral como seu principal mecanismo, o mais importante é compreender a dinâmica de fixação de uma memória, ajudando no entendimento de como era compartilhada<sup>257</sup>. Segundo Theodore Wiseman, em razão dessa transmissão realizada por meio da oralidade, uma pessoa comum poderia ter acesso a uma educação histórica ou aos textos literários sem nunca abrir um livro, visto a grande circulação existente entre canções, histórias, prosas, versos, dramas e narrativas no corpo social<sup>258</sup>.

Tendo em vista que a plebe era um grupo social que tinha dinâmicas próprias para a transmissão de memórias, que se diferenciavam daquelas existentes entre os aristocratas, podemos nos perguntar: Qual a participação da plebe na dinâmica das memórias sobre Marco Antônio? Quais memórias e quais os mecanismos de compartilhamento a respeito do nosso personagem? Qual o limite as memórias plebeias trazem ao enquadramento das memórias existente no principado de Augusto?

Um primeiro elemento que nos leva a pensar nessa possibilidade é o fato de Marco Antônio ter pertencido ao partido *popular* e ter sido muito próximo a Júlio César. De acordo com Plutarco, Marco Antônio, devido a sua eloquência, tinha grande poder sobre o povo e que seu comportamento popular aumentava ainda mais seu prestígio<sup>259</sup>.

O apoio popular a Marco Antônio também incluía o dos clientes de seus partidários, que tinham uma ligação pessoal com o chefe, por meio de laços de adoções, amizades ou

---

<sup>254</sup> WISEMAN, Theodore. Popular memory. In: GALINSKY, Karl (ed.). **Memory in Rome and Rome in memory**. Michigan: Ann Arbor, 2014. p.43-62. p.48.

<sup>255</sup> COURRIER, Cyril. 2014. p.583.

<sup>256</sup> ROSILLO-LÓPEZ, Cristina. The memory of populism: popular tribunes and popular political culture in the late Roman Republic. In: URSO, Gianpaolo (ed.). **Popularitas: Ricerca del consenso e populismo** in Roma antica. Roma: 'L'Erma' di Bretschneider, 2021. p.101-126.

<sup>257</sup> COURRIER, Cyril. 2014. p.576.

<sup>258</sup> WISEMAN, Theodore. 2014. p.62.

<sup>259</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 4-5.

alianças<sup>260</sup>. Também não deve ser ignorado o fato de que ele exerceu a magistratura do Tribunato da Plebe.

No entanto, uma barreira nos é colocada. Os últimos dez anos de vida de Marco Antônio foram vividos longe de Roma. Em seguida, ele sofreu uma *damnatio memoriae* e Augusto empreendeu seu programa de transformação de Roma, com suas construções e reconstruções, sob o seu discurso de como deveria ser recordado o passado. Dessa forma, pensar em ações num plano da materialidade física da *Urbs* torna-se delicado. A sua presença poderia mal ser sentida nos anos posteriores à sua morte.

A partir desse quadro, nos perguntamos: Como traçar memórias plebeias de Marco Antônio? É importante retomar a tradição textual e procurar observar se os autores deixaram pistas de como se deu a transmissão de informações a respeito de nosso personagem, quais os canais utilizados, quais ações de Marco Antônio em prol da plebe poderiam fomentar a criação de memórias. De início, é preciso pontuar que a maior parte das fontes que temos não são pró-Marco Antônio<sup>261</sup>. Isso exige uma leitura ainda mais refinada para buscarmos resquícios de informações a respeito do nosso objeto.

Somado a tudo isso, não podemos deixar de trazer a análise de Paul-Marius Martin sobre o fato de Marco Antônio ser o ‘outro herdeiro’ de Júlio César. Segundo este autor, em razão do trabalho efetuado por Augusto com relação à memória de seu pai adotivo, muitas vezes não nos atentamos para o fato de que seria o nosso personagem um herdeiro ideológico muito mais em sintonia com o antigo ditador do que o futuro príncipe<sup>262</sup>. Esta consideração é importante, pois nos permite entender, de certo modo, até a limitação que temos com relação à compreensão de Marco Antônio enquanto um político popular. Acabou sendo parte do pacote da reescrita do passado afastar o antigo rival desse cenário.

Quais os caminhos possíveis para compreendermos um compartilhamento de memórias a respeito de Marco Antônio entre os plebeus? Os meios acima explicitados, como a paisagem urbana, a comunicação oral, as moedas foram apropriados e relidos pelos plebeus?

A paisagem urbana, como discutido anteriormente<sup>263</sup>, não nos permite observar a presença ou práticas memorialísticas em locais apropriados pela plebe. Nesse âmbito, as sanções da *damnatio memoriae* e a remodelação do espaço urbano por Augusto foram

<sup>260</sup> RODDAZ, Jean-Michel. Marc-Antoine: mythe, propagande et réalités. In: GÜNTHER, Linda-Maire; GRIEB, Volker (eds.). **Das imperiale Rom und hellenistische Osten**. Stuttgart: Steiner, 2012. p.115-138. p.118.

<sup>261</sup> HUZAR, Eleanor Goltz. **Mark Antony: a biography**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1978. p.233-252.

<sup>262</sup> MARTIN, Paul Marius. L'autre “heritier” de César. In: **Marc Antoine, son idéologie et as descendance**: actes du colloque organisé à Lyon le jeudi 28 juin 1990. Lyon: Société des Amis de Jacob Spon, 1993. p.37-54.

<sup>263</sup> Tópico ‘Paisagem urbana’, no capítulo 1.

bastante efetivos. Nossas fontes não nos falam de lugares relacionados a Marco Antônio. A sua casa, por exemplo, após sua morte, passou para Tibério, o que tirou dela a simbologia que ela poderia vir a ter.

O patronado que Augusto passou a exercer sob a plebe também pode ter contribuído para o desligamento entre o antigo líder popular e os habitantes de Roma. Como veremos a seguir, o destino dos partidários no Principado vem a reforçar esse distanciamento público de possíveis práticas memorialísticas. Apesar de muitos dos seus soldados possuírem origem italiana e plebeia, quando estes lembram do seu general, reforçam os laços militares. Os autores antigos nos são bastante lacunares a esse respeito, não nos fornecem informações sobre a relação entre Marco Antônio e a plebe romana no sentido de permitir rastrear memórias, principalmente após Ácio.

Portanto, apesar da importância e prestígio que Marco Antônio teve junto à plebe e a natureza da prática memorialística própria desse grupo social, um trabalho de rastreamento desse conjunto de recordações ou esquecimentos sobre ele se faz muito limitado e difícil de ser explorado.

### **Partidários**

Um importante grupo ao qual devemos nos dedicar na busca por compreender as dinâmicas de transmissão de memórias a respeito de Marco Antônio é o daqueles homens que estiveram com ele em boa parte da sua vida, sobretudo, em seus últimos anos, quando estava afastado de Roma: seus partidários. Desse modo, é preciso compreender: a natureza da relação estabelecida entre esses homens – ideológica ou não? –; rastrear os grupos sociais dos quais faziam parte; avaliar as formas de transmissão de memórias adotadas, em especial, entre os militares; e apontar quais os destinos desses homens após Ácio.

De acordo com Jean Michel Roddaz, o partido de Marco Antônio possui uma evolução específica. Ele surge após os idos de março, congregando os antigos apoiadores de Júlio César ao seu redor. Em 42 a.C., os antigos republicanos que sobreviveram a Filipos e não se uniram a Sexto Pompeu, procuraram Marco Antônio enquanto chefe. Após 36 a.C., são os antigos partidários do filho de Cneu Pompeu, após a derrota de seu general para Otaviano, que se aliam ao triúviro. Após 34 a.C., algumas ações de Cleópatra acabam provocando um esvaziamento do partido antoniano. Por último, temos os partidários fiéis que se juntaram a ele, os cônsules de 32 a.C. e mais 300 senadores (como sua rede de clientes), para lutarem em Ácio. A partir de 35 a.C. o partido se torna bastante heterogêneo, com a absorção de

partidários com diferentes origens, o que descola a união que o reúne da importância da figura do líder ou de um projeto comum, como estava acontecendo com Otaviano, por exemplo<sup>264</sup>.

Um importante estudo para a compreensão dos partidários de Marco Antônio foi o realizado por Marie-Claire Ferriès sobre eles. Seu grande foco foi observá-los no intervalo entre 44 e 30 a.C., quando esses homens passaram de partidários de Júlio César a partidários de Marco Antônio. O apêndice de sua análise traz um volumoso estudo prosopográfico sobre esses homens, o que nos permite conhecê-los, sabendo suas origens, seu período de permanência junto ao líder e seu fim após Ácio<sup>265</sup>.

Qual teria sido o futuro dos partidários de Marco Antônio no decorrer do Principado? Segundo Marie-Claire Ferriès, como os apoiadores do antigo triúviro não haviam cometido crimes, bem como o seu comandante, a troca de lado e a absorção deles pelo novo regime foi mais fácil<sup>266</sup>. No entanto, como a própria autora aponta, analisar esses homens no início do Principado é muito difícil, por mais que a *damnatio memoriae* tenha ocorrido apenas contra Marco Antônio<sup>267</sup>, pois a natureza das fontes nos traz poucas informações sobre eles<sup>268</sup>.

O destino desses homens, como expõe Marie-Claire Ferriès foi muito diverso, visto que a ação de Augusto foi plural entre o perdão, a taxaço e a execução<sup>269</sup>. Através da ação do perdão Augusto pode demonstrar sua *clementia* contra seus opositores; com as taxaço e as privaço patrimoniais houve a perda de poder e de posicao econômica para alguns; com a execução, o futuro príncipe retirou de seu caminho futuras ameaças<sup>270</sup>.

Augusto, ao se estabelecer como o centro do poder, precisou congrega os antigos partidários de seu rival ao Principado. O que foi fácil pela característica incipiente do novo regime político. Conforme Marie-Claire Ferriès, muitos dos partidários e de membros das suas famílias, foram incorporados às magistraturas, como ao consulado, e aos colégios sacerdotais, se constituindo em parte do pilar de sustentação do novo regime. Em suas palavras, “A prosperidade das famílias antonianas sob o Principado provam que Antônio soube se cercar de excelentes elementos, mas a sua preservação é acompanhada de uma renúncia total a sua antiga fidelidade”<sup>271</sup>.

<sup>264</sup> RODDAZ, Jean-Michel, 2012, p.118-123.

<sup>265</sup> FERRIÈS, Marie-Claire. **Les partisans d’Antoine**: des orphelins de César aux complices de Cléopâtre. Bordeaux: Ausonius, 2007a. p.309-529.

<sup>266</sup> FERRIÈS, Marie-Claire. Le sort des partisans d’Antoine: *damnatio memoriae* ou *clementia*?. In: BENOIST, Stéphane; DAGUET-GAGEY, Anne (org.). **Mémoire et histoire**: les procédures de condamnation dans l’Antiquité romaine. Metz: Centre Régional Universitaire Lorrain d’Histoire, 2007b. p.41-58. p.43-46.

<sup>267</sup> FERRIÈS, Marie-Claire. 2007b, p.54-56.

<sup>268</sup> FERRIÈS, Marie-Claire. 2007b, p.57-58.

<sup>269</sup> DION CÁSSIO, *História Romana*, LI, 16.

<sup>270</sup> FERRIÈS, Marie-Claire, 2007b, p.46-53.

<sup>271</sup> FERRIÈS, Marie-Claire. 2007a, p.297.



Desse modo, pensar em memórias a partir de membros específicos que compuseram o quadro de partidários de Marco Antônio se mostra limitado. O que não quer dizer que não tenha existido uma transmissão subterrânea, pois os antigos laços não se quebraram apenas com a chegada de Augusto ao poder e esses partidários estavam ligados a uma rede de clientes que se uniam por ligações pessoais com o chefe, através de laços de adoções, amizades ou alianças<sup>272</sup>.

Um exemplo muito sintomático é o de Caio Sósio, que lutou em Ácio ao lado de Marco Antônio. Em 34 a.C., ao retornar triunfante da Judeia, ele mandou reconstruir o templo de Apolo que existia no Circo Flamínio. Esse templo só teve sua reconstrução finalizada após o advento do Principado e o frontão do mesmo foi usado enquanto espaço para as memórias do novo regime, não dele enquanto um magistrado da República e dedicador da bem-feitoria ao povo de Roma ou da sua ligação com Marco Antônio.

Quanto a uma ideologia antoniana que reunisse os partidários e serviria como ambiente para a transmissão de memórias nas décadas seguintes, Eugen Cizek argumenta que apesar das ações com características autocráticas e monárquicas de Marco Antônio no Oriente, elas eram mais concretas e pragmáticas do que uma ideologia. Elas atendiam às demandas da região e seguiam alguns passos de Alexandre e de reis orientais. O projeto político que existia, para algum futuro oriental, era o de Cleópatra. Segundo o autor, apenas no Principado que essas ações de Marco Antônio serviram como base para a construção de uma doutrina política que distanciava o governante do projeto de Augusto<sup>273</sup>.

Marie-Claire Ferriès argumenta que “os verdadeiros herdeiros políticos de Antônio foram talvez sua posteridade por linhagem feminina, os filhos e netos das duas Antônias, Germânico, Calígula e Nero”. Apesar de ter encarnado enquanto vivo uma forma de governo herdeira dos governantes helenísticos, segundo a autora, essa visão de uma possível ideologia deve ser encarada mais como fruto da propaganda de Otaviano e seus partidários. A dispersão que se deu, no decorrer do Principado, dos representantes e descendentes dos antigos antonianos serve como base para apontar que o partido de Marco Antônio não se constituía enquanto um grupo distinto na sociedade romana<sup>274</sup>.

Desse modo, apesar de não termos como acompanhar mais de perto as ações de partidários ‘mais fiéis’ de Marco Antônio nas décadas iniciais do Principado, não podemos

<sup>272</sup> RODDAZ, Jean-Michel. 2012. p.118.

<sup>273</sup> CIZEK, Eugen. L'idéologie antonienne et Néron. In: **Marc Antoine: son idéologie, sa descendance**: actes du Colloque organisé à Lyon, le jeudi 28 juin 1990. Lyon: Société des amis de Jacob Spon, 1993. p.107-126. p.110.

<sup>274</sup> FERRIÈS, Marie-Claire. 2007a, p.303.

deixar de supor que havia, sim, memórias sendo transmitidas a seu respeito, as quais figuram em fontes posteriores. Plutarco, apesar de trazer uma visão crítica do antigo triúviro, nos permite observar isso.

Para além apenas dos grupos superiores dos partidários, outra frente de estudos é a dos soldados de Marco Antônio<sup>275</sup>. Nos anos iniciais do Principado, os relatos frisam aspectos negativos quanto a uma memória da atuação militar do rival de Augusto, porém, fontes posteriores, ao narrarem alguns eventos, trazem uma leitura mais positiva desse passado enquanto soldado, o que faz com que tomemos esse grupo como objeto em nossa análise.

Os soldados passaram a constituir um grupo social a parte a partir da expansão territorial romana no século II a.C., quando houve uma separação entre o ofício do cidadão e o ofício do soldado, com o surgimento dos exércitos profissionais chefiados pelos principais aristocratas da República.

Como argumenta Rita Scuderi, a partir desse momento, uma nova relação militar se estabeleceu, não havendo mais uma ligação cívica entre o general e os soldados. Estes passaram a ver seus comandantes enquanto particulares e, desse modo, os laços econômicos entre eles ganharam um grande peso, tanto que assim que estes se enfraqueciam, havia deserções. Contudo, os generais também deviam ter outros comportamentos que respondessem positivamente à psicologia militar, partilhando com os soldados as posses privadas (butins), a alimentação, os cuidados médicos, atendendo às necessidades materiais, ou seja, era preciso agir como se todos fossem parte de uma grande família<sup>276</sup>.

Jean-Michel Carrié aponta que o soldado era mais do que o rústico ignorante que as fontes aristocráticas descreviam. A elite romana menosprezava esse grupo social, pois via os soldados como exemplo de uma decadência moral e uma ameaça social – apenas as fontes gregas trazem os soldados de forma positiva, sendo exemplo de moralidade e alto nível técnico. Ter acesso a esses homens é mais delicado, visto que, segundo esse autor, os soldados não deixaram relatos produzidos por eles próprios. O que se sabe sobre eles foi produzido de forma indireta, por alguém externo à realidade militar<sup>277</sup>.

No entanto, isso não quer dizer que o exército romano fosse um deserto intelectual e cultural. Pelo contrário, é um espaço em que pode ser observada uma verdadeira cultura

<sup>275</sup> De acordo com Dion Cássio, as legiões de Marco Antônio foram incorporadas às legiões de Otaviano após Ácio e enviados à Itália, sem nada receberem. DION CÁSSIO, *História Romana*, LI, 3.

<sup>276</sup> SCUDERI, Rita. Marco Antonio nell'opinione pubblica dei militari. In: SORDI, Maria (org.). **Aspetti dell'opinione pubblica nel mondo antico**. Milano: Università cattolica del Sacro Cuore, 1978. p.117-137. p.120-122.

<sup>277</sup> CARRIÉ, Jean-Michel. O soldado. In: GIARDINA, Andrea (org.). **O homem romano**. Lisboa: Presença, 1992. p.87-115. p.91-92; 109-111.

militar, em que conhecimentos e técnicas eram trocados e promovia uma formação moral e psicológica. O exército também atuou enquanto um importante agente econômico da romanização, promovendo o consumo, a troca e o envio de produtos para seus familiares<sup>278</sup>.

Por ser um grupo social com uma cultura própria, há de se pensar que também houvesse o compartilhamento de memórias. Conforme aponta Catherine Baroin, essa memória entre os soldados seria “uma memória pragmática que permite ao soldado combater, enquanto permanece membro de uma comunidade”. Ao serem direcionadas às tropas militares, faziam parte de uma estratégia da vitória e, mais frequentemente, eram trazidas em discursos, como *hortationes* e *contiones*, pronunciadas por um chefe nos momentos anteriores às batalhas, destacando os valores e os comportamentos que uniam aqueles homens, essenciais na condução e continuidade do combate<sup>279</sup>.

Ao analisar a posição de Marco Antônio na opinião pública dos militares, Rita Scuderi ressalta que durante toda a sua carreira militar o general romano sempre contou com um grande prestígio junto as suas tropas. Segundo a autora, ele soube se tornar presente na psicologia militar, seja com a continuação do partido cesariano, seja por seus dons pessoais, como a bravura no campo de batalha, a generosidade e os modos simples<sup>280</sup>.

A biografia de Plutarco sobre Marco Antônio é um grande exemplo nesse sentido, pois o biógrafo traz uma visão bastante positiva dos soldados com relação ao seu chefe, desde seu início da carreira na década de 50 a.C. até 30 a.C., quando da conquista final de seu exército e das terras egípcias. O comportamento militar de Marco Antônio possui muitos desses elementos essenciais para a psicologia militar, pois ele comia e compartilhava as adversidades da guerra junto de seus soldados<sup>281</sup>, o que causava uma grande admiração de seus soldados. Sua bravura, força e vigor se somavam a sua nobreza de nascimento, sua simplicidade, sua liberalidade, a força da sua eloquência, tanto que Plutarco chega a destacar que nenhum outro exército respeitava e admirava tanto seu general quanto o de Marco Antônio por ele<sup>282</sup>.

Segundo Marie-Claire Ferriès, mais do que as fontes sugerem, as salas de banquetes não constituíram o cotidiano dos auxiliares do triúviro, mas, sim, os campos de batalha. Os partidários permaneceram ligados aos costumes romanos, tendo sido as circunstâncias, os laços de clientela e as simpatias pessoais a explicação das adesões e das renúncias. Foi a deterioração da situação militar, não a orientalização, que provocou as deserções. Portanto, os

<sup>278</sup> CARRIÉ, Jean-Michel. 1992. p.109-111.

<sup>279</sup> BAROIN, Catherine. **Se souvenir à Rome**: formes, représentations et pratiques de la mémoire. Paris: Belin, 2010. p.168.

<sup>280</sup> SCUDERI, Rita. 1978. p.137.

<sup>281</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 18.

<sup>282</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 43.

valores militares que decidiram quanto às promoções no interior do exército de Marco Antônio<sup>283</sup>.

Apesar de não possuímos meios de retrair exatamente os canais utilizados pelos antigos combatentes ao lado de Marco Antônio, pois Plutarco não nos traz elementos a esse respeito em sua obra, não podemos deixar de supor que ocorria pela comunicação oral. Foi assim que o biógrafo teve acesso às narrativas do médico Filotas de Amfissa sobre a vida luxuosa de Marco Antônio e Cleópatra na corte alexandrina<sup>284</sup> ou por acesso a outras fontes escritas que não chegaram até nós.

Dion Cássio traz um interessante conjunto de passagens em sua obra. Ao narrar os eventos anteriores a Ácio, o historiador recria discursos (*hortationes*) que teriam sido proferidos pelos generais diante de seus soldados como forma de unir aquele grupo e reforçar a legitimidade da guerra<sup>285</sup>. Marie-Laure Freyburger et Jean-Michel Roddaz destacam que, apesar de não haver para nós uma materialidade desses discursos, eles não seriam completamente fictícios, tendo em vista que era comum entre os romanos redigirem esses discursos para que fossem lidos, posteriormente, na *Urbs*<sup>286</sup>.

Conforme aponta Pawel Golyzniak, diante do fato de Marco Antônio ter se dedicado pouco à produção de gemas, há de se pensar que esses objetos tenham sido fruto de uma produção espontânea de seus partidários. Os camafeus, seja em pedras preciosas, seja em vidro, eram usados, no meio privado como um importante objeto de marca da lealdade a um líder político<sup>287</sup>. Assim, apesar de desconhecemos o contexto de circulação desses objetos com o passar do tempo, não podemos deixar de apontar a potencialidade que eles tinham enquanto vetores de transmissão de memórias, sobretudo após a interdição pública que Marco Antônio sofreu com a *damnatio memoriae*.

Esses objetos permitiam a evocação de referenciais que reforçavam a lealdade e a identidade do grupo social dos partidários e dos soldados. Eles mantiveram vivas memórias que sobreviveram de forma subterrânea até poderem ser amplamente compartilhadas e nos legarem uma vida militar diferente daquela que Augusto procurou difundir no início do Principado.

<sup>283</sup> FERRIÈS, Marie-Claire. 2007a, p.301.

<sup>284</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 28.

<sup>285</sup> DION CÀSSIO, *História Romana*, L, 16-22 (discurso de Marco Antônio); 23-35 (o discurso de Otaviano).

<sup>286</sup> FREYBURGER, Marie-Laure ; RODDAZ, Jean-Michel. Notice. In: DION CASSIUS. **Histoire romaine**. Texte établi, traduit et annoté par Marie-Laure Freyburger et Jean-Michel Roddaz. Paris: Les Belles Lettres, 1991/4.

<sup>287</sup> GOLYZNIAK, Pawel. **Engraved gems and Propaganda in the Roman Republic and under Augustus**. Oxford: Archaeopress Publishing, 2020. p.199.

### Herdeiros e familiares

Ao morrer, em 30 a.C., Marco Antônio deixou sete herdeiros<sup>288</sup>, nascidos de três dos seus relacionamentos. Marco Antônio Antilo e Iulo Antônio, do casamento com Fúlvia; Ptolomeu Filadelfo e os gêmeos Cleópatra Selene e Alexandre Hélio, da relação com Cleópatra; e Antônia maior e Antônia menor, do matrimônio com Otávia<sup>289</sup>. Todos eles ficaram sob tutela da sua última esposa, a única viva, a irmã de Augusto, tendo todos eles ido morar em Roma<sup>290</sup>. Dessa forma, todos os descendentes de Marco Antônio passaram a compor a *domus Augusta*. A exceção a essa adoção foi o caso de Marco Antônio Antilo, o filho primogênito, que foi assinado, assim como Ptolomeu Cesário, possível filho de Cleópatra com Júlio César, a mando de Augusto<sup>291</sup>.

Ann-Cathrin Harders faz uma interessante análise ao observar os procedimentos de adoção dos filhos de Marco Antônio por Augusto e o seu papel nessa relação avuncular<sup>292</sup> que se estabeleceu em sua família. Por meio desse ato, ele soube mostrar à sociedade romana sua *fides* e sua *clementia* para com os filhos de seu inimigo, porém, também pode retirar do seu radar futuras ameaças, como Iulo Antônio, que poderia reivindicar sua ancestralidade com o antigo general, ou os filhos de Cleópatra, que poderiam fomentar um ideal pró-ptolomaico no Egito, além de possuir mais membros familiares para o estabelecimento, por meio de laços matrimoniais, de uma rede clientelista<sup>293</sup>.

Esse cenário da família imperial e dos descendentes de Marco Antônio nos instigou a procurar analisar se houve uma possível transmissão de memórias entre os herdeiros do antigo triúviro. Não nos centramos apenas num panorama de compartilhamento de um projeto político, mas, também, de elementos culturais e comportamentais que pudéssemos tomar como característicos de Marco Antônio – apesar de compreendermos que essa forma de leitura deve ser cuidadosa, em face da parcialidade característica das fontes que possuímos.

<sup>288</sup> Há discussões sobre o fato de ele ter tido outra filha, que seria a primogênita, nascida do seu casamento com Antonia Híbrida menor, desfeito em 47 a.C., em razão de um divórcio, após um envolvimento dela com Públio Cornélio Dolabela. Após isso, Marco Antônio se casou novamente, agora, com Fúlvia. Essa filha seria Antônia de Trale, nascida entre 54 e 49 a.C.. Ela teria se casado com Pitodoro de Trale, em 36 a.C., um nobre grego da Anatólia, e, em 30 a.C., teria dado luz a Pitodora de Trale, que se casara com Polêmon, rei do Ponto, em 13 d.C.. O número de sete filhos é o dado por Plutarco, que não a menciona. PLUTARCO, *Marco Antônio*, 87.

<sup>289</sup> Para uma melhor compreensão dos laços familiares, sobretudo no contexto da *domus Augusta*, sugerimos observarem os Anexos II e III, que trazem as árvores genealógicas de Marco Antônio e Cleópatra, respectivamente.

<sup>290</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 87; SUETÔNIO, *Augusto*, 17. DION CÁSSIO, *História Romana*, LI, 15.

<sup>291</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 87; SUETÔNIO, *Augusto*, 17. DION CÁSSIO, *História Romana*, LI, 15.

<sup>292</sup> Verbete avuncular: 1. Que é relativo a tio ou tia ou vem dos tios. 2. Que diz respeito à relação entre tios e sobrinhos. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/avuncular>>. Acesso em: 19 fev 2022.

<sup>293</sup> HARDERS, Ann-Cathrin. An Imperial Family Man: Augustus as Surrogate Father to the Children of Mark Antony. In: HÜBNER, Sabine R.; RATZAN, David M. (ed.). **Growing up fatherless in Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p.217-240.

Essa transmissão de memórias teria ocorrido de forma subterrânea, mesmo que esses membros fizessem parte da elite romana e figurassem em importantes postos políticos do Principado. Recordar Marco Antônio era colocar em xeque, em alguns aspectos, todo o enquadramento da memória realizado pelo fundador do novo regime, tanto que aqueles que se afastavam da elite senatorial eram narrados pela tradição manuscrita com um retrato bastante característico, com críticas comportamentais e de aculturação. Assim, se aproximar desse imaginário de Marco Antônio e compartilhar das memórias transmitidas a seu respeito era uma causa de crítica senatorial.

Esse prisma analítico vai de encontro com o que Michael Pollak observa sobre a memória social. Para esse estudioso, o enquadramento da memória pressupõe uma disputa em que aquele conjunto de memórias que melhor encontrar raízes sociais no interior de determinado grupo que a compartilha, mais forte será sua legitimidade. No entanto, esta está em constante ameaça, visto que as memórias relegadas, deixadas num espaço do ‘não-dito’, ou seja, as memórias subterrâneas, sempre estarão esperando o momento oportuno para se revelarem e colocarem em xeque esse conjunto de memórias enquadradas<sup>294</sup>.

Conforme aponta Jöel Le Gall, a memória oficial sobre Marco Antônio o trazia enquanto detestável e traidor, porém, a memória não oficial buscava destacar as suas boas ações militares e generosidade<sup>295</sup>. Como Giovannella Marrone expõe, Marco Antônio foi colocado no lugar de um antirromano e diferentes facetas compuseram o seu retrato com um objetivo específico: destruir sua *dignitas*. Assim, memórias foram construídas apresentando o rival de Augusto enquanto brigão, embriagado, furioso, estúpido, possuindo desprezo pela sua pátria, submisso a mulheres<sup>296</sup>.

As fontes que sobreviveram desse período inicial do Principado, como os poetas do círculo de Mecenas, Veleio Patérculo e Floro, mas também as *Filípicas* de Cícero, por exemplo, mostram esse viés mais negativo, diferente do que pode ser observado no caso da biografia de Plutarco décadas depois, que apesar das críticas e dos ecos da ideologia augustana estarem presentes, nos permite ver traços mais positivos de seu biografado.

Antes de iniciarmos a análise, precisamos destacar os laços matrimoniais que se construíram no interior da *domus Augusta* e apresentar os personagens que traremos para nossa observação e qual o grau de parentesco que estes possuíam com Marco Antônio.

---

<sup>294</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

<sup>295</sup> LE GALL, Jöel. Successeurs d'Auguste mais descendants d'Antoine. **Bulletin de la Société Nationale des Antiquaires de France**. Paris, 1989, n.1987, v.1, p.223-229. p.223.

<sup>296</sup> MARRONE, Giovannella. **Marco Antonio: la memoria deformata**. Napoli: EdiSES, 2013. p.2-4.

Começaremos com os filhos nascidos do relacionamento com Cleópatra. Os gêmeos Cleópatra Selene e Alexandre Hélio nasceram em 40 a.C., sendo gerados durante a primeira estadia de Marco Antônio no Oriente. Cleópatra Selene se casou com Juba II, rei da Mauritânia, em 20 a.C. Do relacionamento deles nasceu Ptolomeu da Mauritânia, que reinou entre 23 e 40 d.C., quando foi morto a mando de Calígula. Quanto a Alexandre Hélio e Ptolomeu Filadelfo, nascido em 37 a.C., não possuímos registros em fonte sobre o que aconteceu com eles após a adoção de Otávia e a ida deles para Roma. Acredita-se que os dois tenham morrido de causas naturais ainda jovens<sup>297</sup>.

Iulo Antônio<sup>298</sup>, único filho vivo de Marco Antônio e Fúlvia, teve um grande papel junto à família imperial. Ele nasceu em 43 a.C. e casou-se em 21 a.C., com Marcela, filha de Otávia com Cláudio Marcelo, após a separação desta e Agripa, que deveria se casar com Júlia, filha de Augusto. Foi pretor, em 13 a.C., cônsul, em 10 a.C., e pró-cônsul na Ásia, entre 7 e 6 a.C.. Seu destino foi a morte depois de se envolver com Júlia e ser o estopim da acusação de adultério desta, em 2 a.C.<sup>299</sup>. Para alguns, no entanto, esse episódio foi considerado uma tentativa de golpe contra o príncipe.

Contudo, o braço mais importante será o das filhas com Otávia, as duas Antônias. Yves Roman aponta que as descendentes femininas de Marco Antônio também merecem atenção, pois elas possuíram grande influência junto à sociedade e à *domus Augusta*<sup>300</sup>. É delas que vêm as figuras masculinas que tanto se destacaram como herdeiros da ideologia antoniana sobretudo a menor.

Antônia maior, nasceu em 39 a.C., em Atenas. Casou-se com Domício Enobarbo, cônsul em 16 a.C. e filho de um antigo partidário de Marco Antônio. Três filhos foram gerados no matrimônio, Domícia maior, que se casou com Décimo Atério Agripa; Cneu Domício, que se tornou cônsul, em 32 d.C., e foi genro do imperador Nero; e Domícia menor, que do casamento com Marco Valério Massala Barbado teve uma filha, Messalina, a terceira esposa do imperador Cláudio. Ela teve uma participação mais discreta na cena político-social.

Antônia menor nasceu em 36 a.C., em Roma. Do seu casamento com Druso maior, filho de Lívيا e Tibério Cláudio Nero, irmão do imperador Tibério, em 18 a.C., nasceram Germânico, em 15 a.C., Livila, e Cláudio, o futuro imperador, em 10 a.C.. Apenas esse

<sup>297</sup> HARDERS, Ann-Cathrin. 2009. p.236.

<sup>298</sup> Acredita-se que o nome dele fosse *Marcus Iullus Antonius*. No entanto, em razão do processo de *damnatio memoriae* do pai, ele teve que abandonar o *praenomen Marcus*.

<sup>299</sup> VELEIO PATÉRCULO, *História Romana*, II, 100.

<sup>300</sup> ROMAN, Yves. La popularité de la descendance masculine d'Antoine: essai d'explication. In: **Marc Antoine: son idéologie, sa descendance**: actes du Colloque organisé à Lyon, le jeudi 28 juin 1990. Lyon: Société des amis de Jacob Spon, 1993. p.69-77. p.76.

espectro biográfico já a coloca como uma figura central na dinâmica político-social da família imperial e do Principado romano.

Como aponta Simonetta Segenni, apesar da pouca presença nas fontes escritas do período, Antônia menor foi uma típica matrona romana e fruto do contexto político do surgimento do novo regime que se instaurava em Roma, o que permite observar sua atuação ativa em alguns cenários e, até mesmo suas ausências, de acordo com a autora, são possíveis de serem analisada<sup>301</sup>.

Após a morte de seu marido, em 9 a.C., durante uma missão militar na Germânia, ela se aproximou de Lívía e conseguiu se esquivar dos arranjos familiares que Augusto fazia como forma de fortalecer sua família perante a sociedade romana de então. Desse modo, coube a ela, junto da esposa do príncipe, a educação dos membros mais jovens da *domus* imperial.

Germânico se casou com Agripina maior em 5 d.C.. Desse matrimônio foram gerados nove filhos, no entanto, apenas seis sobreviveram, sendo eles: Nero César, Druso Júlio César, Caio César (o futuro imperador Calígula), Agripina menor (mãe do futuro imperador Nero), Drusila e Júlia Livila. Ele possuiu uma grande popularidade e prestígio militar (recebeu o triunfo militar, em 17 d.C., pela sua campanha na Germânia). Foi cônsul duas vezes, em 12 e 18 d.C.. Sua inesperada morte, em 19 d.C., causou grande comoção em Roma<sup>302</sup>.

Um dos filhos de Germânico é particularmente importante nessa atuação em favor de uma memória de Marco Antônio. Estamos falando de Caio César, o imperador Calígula, que nasceu em Âncio, em 12 d.C.. Quando jovem, acompanhou seu pai na Germânia e ao Oriente. Com sua morte, foi criado junto de Lívía e Antônia menor. Apesar de ser considerado por Tibério como seu herdeiro, não deixou de participar da conspiração que o matou, em 37 d.C., tornando-se, assim, príncipe e sendo aclamado *imperator* pelos soldados, com ratificação dos senadores. Contudo, seu principado foi muito curto, tendo sido assassinado em 41 d.C..

O imperador Cláudio nasceu em 10 a.C., na atual Lyon. Quando da morte de seu sobrinho, em 41 d.C., ele foi aclamado imperador pela guarda pretoriana, apesar de ser considerado pouco apto para o cargo, o que o fez ocupar sempre o segundo plano. Casou-se com Messalina em 39 d.C., com que teve dois filhos, Otávia e Britânico. Governou Roma até 54 d.C., quando morreu envenenado por Agripina menor.

---

<sup>301</sup> SEGENNI, Simonetta. Antonia minore e la 'domus Augusta'. **Studi Classici e Orientali**. Pisa, 1995. vol.44. p.297-331.

<sup>302</sup> SUETÔNIO, *Calígula*, 5-6.



Apesar de uma atuação mais próxima de um quadro augustano de comportamento, esse príncipe possui um ato importante com relação ao seu antepassado. Assim como Germânico, seu irmão, ele era neto de Marco Antônio e em um dos éditos prestou honras ao nascimento dele. Com isso, um dos elementos da *damnatio memoriae* era posto em xeque, visto que o dia de seu nascimento era considerado nefasto entre os romanos. Além disso, o círculo de Cláudio tinha grande influência oriental, visto que alguns de seus libertos e escravos eram de origem greco-oriental, e a presença do ‘fantasma’ de Marco Antônio era presente, pois as mulheres – irmãs de Calígula e Messalina – eram ligadas à ideologia antoniana<sup>303</sup>.

O trineto de Marco Antônio, Lúcio Domício Enobarbo, o imperador Nero, nasceu em Âncio, em 37 d.C.. Filho de Cneu Domício Enorbabo e Agripina menor, neta de Marco Antônio, tornou-se príncipe em 54 d.C., após a morte de Cláudio, que o havia adotado em 50 d.C., no ano seguinte ao seu casamento com a sua sobrinha, Agripina menor. Seu principado foi marcado por uma inflexão depois de se afastar de Sêneca, em 62 d.C., que havia influenciado sua condução política e social nos primeiros anos de governo. Sua morte ocorreu em 68 d.C., pondo um fim à dinastia iniciada por Augusto quase um século antes.

Recapitulando, os três imperadores que seguiram Tibério no governo de Roma e compuseram a dinastia Júlio-Cláudia eram ligados, de forma consanguínea, a Marco Antônio. Cláudio era seu neto, Calígula seu bisneto e Nero seu trineto<sup>304</sup>. E todos eles agiram, de alguma forma, em favor de memórias de Marco Antônio.

No interior da família havia a transmissão de uma memória de Marco Antônio, inclusive, positiva, como pode ser inferido a partir de uma passagem de Tácito, em seu *Anais*. Ao narrar a viagem de Germânico ao Oriente, no ano de 18 d.C., o historiador romano aponta que ele começou o seu consulado daquele ano na cidade Nicópolis, na Acaia, fundada por Augusto em homenagem a sua vitória em Ácio<sup>305</sup>. Conforme o relato do historiador,

[Ele, Germânico,] aproveitou a ocasião para visitar o golfo celebrizado pela vitória de Ácio, os troféus levantados por Augusto e os acampamento de Antônio,

<sup>303</sup> CIZEK, Eugen. 1993. p.115.

<sup>304</sup> Para maiores informações a respeito do principado de cada um deles, Cf: JOLY, Fábio D.; FAVERSANI, Fábio. Os Júlio-Cláudios. In: BRANDÃO, José Luís; OLIVEIRA, Francisco (coord.). **História de Roma: Império e romanidade hispânica**. 2.v. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020. p.79-95; WIEDEMANN, Thomas E. J.. Tiberius to Nero. In: BOWMAN, Alan K.; CHAMPLIN, Edward; LINTOTT, Andrew (eds.). **The Cambridge Ancient History: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D 69**. Tomo X. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p.198-255.

<sup>305</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 18.

recordando-se de seus antepassados, pois, como já se disse, era sobrinho de Augusto e neto de Antônio, e aqueles lugares lhe traziam lembranças alegres e tristes<sup>306</sup>.

Assim, o então cônsul aproveitou a estadia para visitar o golfo de Ácio, onde ocorreu a batalha fundadora do Principado, e os acampamentos de Marco Antônio, recordando de seus antepassados naqueles lugares que lhe traziam lembranças alegres e tristes. Memórias que traziam sentimentos tão ambíguos quanto à posição de Marco Antônio para o Principado e para os seus descendentes. Isso reforça a existência da transmissão de memórias de Marco Antônio no seio da família e que ela era ambígua, não sendo apenas negativa.

Outro ponto que deve ser apontado, como Jöel Le Gall bem destaca, é que os filhos de Cleópatra e Marco Antônio, quando foram para Roma viver na *domus Augusta*, levaram consigo seu círculo social egípcio (libertos e escravos), o que não deixou de representar um conjunto de influências culturais para eles e outros membros da família<sup>307</sup>.

Dentro dessa análise sobre os herdeiros de Marco Antônio, alguns elementos devem ser analisados: a existência de uma ideologia antoniana; a influência egípcia e oriental; a popularidade dos herdeiros; a reabilitação. São pontos que podemos observar perpassando a eles, como algo realmente compartilhado entre os membros da família.

A figura de Marco Antônio foi essencial na legitimação do Principado. Desse modo, nada mais evidente que usar os elementos desse *ethos* antoniano para criticar aqueles que se afastavam de um governo nos preceitos daqueles estabelecidos por Augusto. Nero disse que seguiria esse modelo augustano, conforme descreve Suetônio<sup>308</sup>, mas ao deixar de cumprir essa *mise en scène*, o príncipe passou a ser encarado pela elite romana como alguém perigoso, pois desviava do pacto anteriormente estabelecido na fundação do regime.

Esses elementos de um comportamento orientalizado eram parte importante do repertório aristocrático na construção de estereótipos de seus inimigos. Acusar alguém de orientalização era um dos ingredientes dessa chave de leitura de inferiorização e de acusação de ameaça a Roma. Algo observado desde a República.

A historiografia das últimas décadas, ao propor uma leitura crítica dos textos da elite romana, buscou negar essa visão de que os maus imperadores o eram por razões psicológicas, trazendo à luz elementos do contexto de produção e circulação dos textos antigos e reforçando

---

<sup>306</sup> TÁCITO, *Anais*, II, 53: *simul sinus Actiaca victoria inclutos et sacratas ab Augusto manubias castraque Antonii cum recordatione maiorum suorum adiit. namque ei, ut memoravi, avunculus Augustus, avus Antonius erant, magnaue illic imago tristium laetorumque*. Tradução de Leopoldo Pereira.

<sup>307</sup> LE GALL, Jöel. 1989. p.228-229.

<sup>308</sup> SUETÔNIO, *Nero*, 10.

os objetivos dos autores em seus retratos dos príncipes romanos<sup>309</sup>. Eugen Cizek aponta que Calígula foi o primeiro a colocar em prática essa ideologia antoniana. Nero fez o mesmo quando pôs em prática uma orientação política e cultural helenística e orientalizante, apesar do hiato que o principado de Cláudio impôs nessa direção<sup>310</sup>.

Também de acordo com Eugen Cizek, essa ideologia antoniana seria um modelo de monarquia com um quê de democracia real, na qual a miragem do Egito se constituía no centro gravitacional<sup>311</sup>. Essa democracia real seria, ainda segundo esse autor, a atuação do imperador enquanto um soberano clemente, virtuoso, piedoso e justo, advindo do seio do povo<sup>312</sup>. Seria algo que teria passado por uma metamorfose, já que não foi experienciado ou teorizado pelo próprio Marco Antônio<sup>313</sup>, tendo em vista que sua atuação no Oriente foi a de um romano atuando enquanto um magistrado, mas de acordo com as regras políticas, sociais e culturais da região.

Face ao exposto, temos o que consideramos como ‘arquétipo da herança’. Conforme argumenta Marie-Claire Ferriès, “a nostalgia da herança antoniana permaneceu como prerrogativa de uma elite muito restrita: certos membros da família imperial – Germânico ou Calígula, por exemplo – sonhando com outra forma de exercer o poder supremo”<sup>314</sup>. Segundo Giusto Traina, “o fantasma de Antônio continuou a vagar na Roma júlio-cláudia e uma parte da sua descendência continuou a frequentar os vértices do poder”<sup>315</sup>.

Como aponta Yves Roman, há uma contradição quando se pensa sobre a popularidade dos membros da *domus Augusta*, principalmente em Germânico, Calígula e Nero. Esta advinha não de Augusto, mas de Marco Antônio<sup>316</sup>. Diferentemente do que os relatos antigos procuram mostrar, essa popularidade dos descendentes masculinos não era uma característica individual de cada um deles, mas parte de uma unidade dentro do pensamento da plebe, de sua ideologia política, muito suscetível a uma forma de monarquia que Marco Antônio teria representado, materializada em sua ‘vida inimitável’<sup>317</sup>. Essa popularidade em Roma estava ligada a uma relação simbólica com a plebe urbana, representando, desde o princípio, um

<sup>309</sup> CAZENAVE, Michel; AUGUET, Roland. **Os imperadores loucos**: ensaio de mito-análise histórica. Lisboa: Inquérito, 1995. p.109-172.

<sup>310</sup> CIZEK, Eugen. 1993. p.114-118.

<sup>311</sup> CIZEK, Eugen. 1993. p.113.

<sup>312</sup> CIZEK, Eugen. **Néron**. Paris: Fayard, 1982. p.75-76.

<sup>313</sup> CIZEK, Eugen. 1993. p.110.

<sup>314</sup> FERRIÈS, Marie-Claire. 2007a, p.303.

<sup>315</sup> TRAINA, Giusto. **Marco Antonio**. Roma: Laterza, 2003. p.103.

<sup>316</sup> ROMAN, Yves. 1993. p.70.

<sup>317</sup> ROMAN, Yves, 1993, p.72-73.

comportamento, em sua essência, anti-aristocrático. Esse foi um traço existente entre aqueles imperadores que se ligavam a um arquétipo oriental<sup>318</sup>.

Tácito nos traz uma interessante passagem, também no contexto da narrativa da viagem de Germânico pelo Oriente. Após visitar a região de Ácio, o jovem romano se dirigiu para Atenas e lá os gregos recordaram de feitos e palavras de seus antepassados<sup>319</sup>. Cabe lembrar que Marco Antônio viveu alguns anos com Otávia na cidade, antes de ir para a sua campanha na Partia, em 36 a.C.. No entanto, Cneu Pisão, ao entrar em Atenas, proferiu um discurso de censura a Germânico, dizendo que a sua deferência excessiva para com os atenienses era desmedida, pois os habitantes daquela cidade não eram mais os antigos atenienses, mas uma mistura de povos dos aliados de Mitridates contra Sula e de Marco Antônio contra Otaviano<sup>320</sup>. Quer dizer, ali ainda havia um ambiente propício para a transmissão de memórias do seu antepassado.

Eugen Cizek expõe que foi a casa de Germânico que melhor estruturou essa ideologia antoniana, na qual a miragem do Egito se constitui como o centro de gravidade<sup>321</sup>. De acordo com Simonetta Segenni, Antônio menor teve um grande papel nesse cenário, pois ela soube estabelecer relações pessoais e políticas com diferentes pessoas do Oriente, como seus meios-irmãos, membros de outros governos orientais, assim como libertos e escravos da casa imperial que vieram do Oriente e chegaram a obter prestígio, como na época do principado de seu filho, Cláudio<sup>322</sup>.

No que diz respeito a Germânico, a influência de Marco Antônio pode ser inferida, mais uma vez, a partir do relato de Tácito da sua viagem às províncias orientais. Segundo o historiador romano,

No consulado de M. Silano e L. Norbano [ano de 19 d.C.], Germânico partiu para o Egito no intento de conhecer as antiguidades, mas pretextando ir atender as necessidades da província. Assim, pois, mandou abrir os celeiros e baixar o preço dos víveres, providências muito gratas ao povo: andava sem escolta, de sandálias e manto grego [...]. Tibério, censurando levemente suas maneiras e esse vestuário, reprovou com energia ter ele, contras as ordens estabelecidas por Augusto, entrado em Alexandria sem licença do príncipe<sup>323</sup>.

<sup>318</sup> CAZENAVE, Michel; AUGUET, Roland. 1995. p.113.

<sup>319</sup> TÁCITO, *Anais*, II, 53.

<sup>320</sup> TÁCITO, *Anais*, II, 55.

<sup>321</sup> CIZEK, Eugen. 1993. p.112-113.

<sup>322</sup> SEGENNI, Simonetta. 1995. p.315-331.

<sup>323</sup> TÁCITO, *Anais*, II, 59: *M. Silano L. Norbano consulibus Germanicus Aegyptum proficiscitur cognoscendae antiquitatis. sed cura provinciae praetendebatur, levavitque apertis horreis pretia frugum multaque in vulgus grata usurpavit: sine milite incedere, pedibus intectis et pari cum Graecis amictu [...]Tiberius cultu habituque eius lenibus verbis perstricto, acerrime increpuit quod contra instituta Augusti non sponte principis Alexandriam introisset.* Tradução de Leopoldo Pereira.

Germânico, a partir do relato acima, teria ido ao Egito para conhecer as antiguidades do povo egípcio, mas usou como pretexto atender as necessidades da província. O viajante subiu o Nilo, passando por Canopo, pelas ruínas de Tebas, pela estátua de pedra de Memnon, por pirâmides, indo até Elefantina<sup>324</sup>. Em Roma, houve certo incômodo com a sua presença no Egito. Tibério, que já era príncipe à época, fez críticas à viagem de Germânico, reprovando seus costumes e suas vestimentas<sup>325</sup>.

É por meio desse episódio que Tácito explicita ao leitor a interdição existente à visitação a província do Egito, estabelecida por Augusto após sua conquista. Nela só era permitida a entrada mediante autorização do príncipe<sup>326</sup>. Algo bastante sintomático, o que demonstra a existência de uma espécie de ‘cinturão sanitário’ ao redor do Egito. Afinal, quais seriam os perigos que de lá poderiam sair?

Como argumenta John Crook, o lema ‘*Aegyptus capta*’ teve grande importância no repertório augustano. Afinal, foi contra a rainha egípcia que ele venceu a batalha fundacional do Principado, em Ácio. Foi feito um triunfo e se erigiu um arco do triunfo para essa vitória. Houve a cunhagem de moedas e a produção de diversos outros objetos sobre o tema. A sua transformação em província romana figurava entre os feitos do príncipe em suas *Res gestae*. O evento foi cantado pelos poetas e narrado pelos escritores antigos.

Contudo, o Egito tinha, sim, seus perigos, num plano econômico, quanto num plano cultural. O tesouro egípcio, apesar de sua inicial recusa como uma forma de se negar o luxo<sup>327</sup>, foi levado para Roma e serviu para a realização de suas diferentes liberalidades (frumentações, espetáculos, construções e reformas, por exemplo) que são amplamente apontadas em suas *Res gestae*, bem como ajudar os senadores, sobretudo para a garantia do índice financeiro mínimo para se manterem na ordem senatorial no momento dos censos<sup>328</sup>. Dessa forma, ter influência no Egito era possuir um grande poder.

Júlio César e Marco Antônio tinham se encantado pelas terras do Nilo. Cleópatra teve influência nisso, mas as terras, as construções, a população e a antiguidade da cultura egípcia também têm seu peso nesse quadro. O mesmo poderia despertar sentimentos ancestrais em Germânico? Os costumes e as vestimentas adotados recordam um pouco as críticas feitas a aculturação que Marco Antônio teria sofrido<sup>329</sup>.

---

<sup>324</sup> TÁCITO, *Anais*, II, 60-61.

<sup>325</sup> TÁCITO, *Anais*, II, 59.

<sup>326</sup> TÁCITO, *Anais*, II, 59.

<sup>327</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 71.

<sup>328</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 41.

<sup>329</sup> FLORO, *Epitoma*, II, 21.

Quando da sua conquista do Egito, Otaviano não viajou pelo reino. Ele apenas foi visitar o túmulo de Alexandre Magno, o Sema, que se encontrava em Alexandria. Perguntado se queria visitar os túmulos dos antigos Ptolomeus, ele teria dito que eles eram simples mortos, não reis. Nem outras antiguidades foram apreciadas. Sua preocupação foi fazer reparos nos canais para que o Egito pudesse se tornar mais fértil e mais apto ao abastecimento de Roma, o que coube aos soldados<sup>330</sup>.

Catherine Jacquinod argumenta que as ações de Germânico mostram as ameaças que o projeto de Marco Antônio ainda causava aos sucessores de Augusto<sup>331</sup>. As ações de Tibério, ao repreender Germânico<sup>332</sup>, reforçam esse ideal de perigo que ainda habitava o imaginário no que diz respeito, especialmente, ao Egito.

Em duas passagens, Tácito, ao falar de Germânico, reforça sua ancestralidade e o peso positivo que ela tinha ao seu prestígio social. Nelas, o historiador não deixa de falar que ele era neto de Marco Antônio e sobrinho de Augusto. Dessa maneira, ainda havia certo valor destacar essa ligação ao antepassado<sup>333</sup>.

Para os gregos e os romanos, o Egito sempre foi visto como um reino misterioso, exótico, rico, poderoso e com uma posição estratégica no Mediterrâneo. A partir do século II a.C., como a expansão territorial e a circulação de bens, conhecimentos e pessoas, objetos e cenas egípcias passaram a ser mais comuns na Itália. No entanto, apesar desse interesse, a partir do Triunvirato, o Egito se tornou algo ruim no imaginário romano, tendo os cultos nilóticos, sido, inclusive, proibidos em Roma por Augusto e Tibério<sup>334</sup>. Isso se intensificou com a ação de Otaviano ao reservar o Egito enquanto posse pessoal do príncipe e com a construção da propaganda contrária a Cleópatra, o que não quer dizer que não houvesse manifestações que escapavam dessas proibições. Calígula era próximo das religiões orientais desde antes da sua ascensão ao poder romano. Sua viagem ao Egito com seu pai e sua criação por sua avó, Antônia menor, tiveram grande influência sobre sua proximidade com a cultura oriental<sup>335</sup>. Uma de suas ações foi construir um santuário para Ísis e Serápis no Campo de Marte, em Roma.

---

<sup>330</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 18.

<sup>331</sup> JACQUINOD, Catherine. Germanicus, l'Orient et l'astrologie au service de sa maison. In: **Marc Antoine, son idéologie et sa descendance**: actes du colloque organisé à Lyon le jeudi 28 juin 1990. Lyon: Société des Amis de Jacob Spon, 1993. p.79-84.

<sup>332</sup> TÁCITO, *Anais*, II, 59.

<sup>333</sup> TÁCITO, *Anais*, II, 43; 53.

<sup>334</sup> BOATWRIGHT, Mary. **Peoples of the Roman world**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p.99-130.

<sup>335</sup> MARCO, Frank. Caligula, artisan d'un nouveau monde. In: **Marc Antoine: son idéologie, sa descendance**: actes du Colloque organize à Lyon, le jeudi 28 juin 1990. Lyon: Société des amis de Jacob Spon, 1993. p.85-92.

Nero tinha uma forte ligação com a plebe, com o Egito e admirava Calígula<sup>336</sup>. Na opinião de Eugen Cizek, “o que nós chamamos de neronismo constitui um tipo de variante mais audaz da ideologia e da prática política antoniana”, a qual não desaparece com a sua morte e acaba por prevalecer sobre a ideologia augustana<sup>337</sup>. Yves Perrin, porém, vê como bastante limitadas essas associações de Nero, pois ele não teria mudado, efetivamente, a visão do Egito em sua época. Os elementos helíacos, báquicos e egípcios que compuseram a decoração da *domus Aurea* não destoariam muito daqueles já presentes no repertório romano. Sua viagem ao Oriente, em 66 d.C., não incluiu o Egito no itinerário, apenas a Grécia<sup>338</sup>.

O processo de *damnatio memoriae* sofrido por Marco Antônio foi ambíguo até quando observamos a sua reabilitação. Augusto foi o primeiro a agir nessa direção com a restauração do nome de seu rival no *fasti Capitolini Triumphales*. Movimentos mais significativos num movimento de reabilitação ocorreram com Calígula e Cláudio, mas eles não deixam de colocar Marco Antônio ainda numa posição intermediária entre o lembrar e o esquecer.

Calígula, durante o seu governo, agiu diretamente no cerne da memória do Principado. O que o príncipe fez foi proibir a comemoração de Ácio<sup>339</sup>. Assim, a batalha que fundou o regime perdia sua importância simbólica, já que não era mais parte das festividades. No entanto, apesar da não realização desse ritual, a memória do evento não podia ser simplesmente apagada ou Marco Antônio totalmente reabilitado. A paisagem urbana de Roma ainda contava com diferentes lugares de memória que Augusto construiu durante seu principado para homenagear a sua vitória.

Já Cláudio, durante seu governo, promoveu, publicamente, como um de seus primeiros atos, homenagens ao aniversário de Marco Antônio, 14 de janeiro, que era o mesmo de seu pai, Druso. Portanto, houve a reabilitação, por meio de um édito, dessa data, considerada nefasta pela *damnatio memoriae* imposta ao antepassado<sup>340</sup>. Contudo, isso também não quer dizer que tenha ocorrido a completa reabilitação, como pode ser observado nos *fasti Verulani* e nos *fasti Praenestini* nos quais o dia do aniversário de Marco Antônio permaneceu, por séculos, com a marca original da *damnatio memoriae*, sendo vista por todos como um dia *viciosus*<sup>341</sup>.

<sup>336</sup> CIZEK, Eugen. 1993. p.116-121.

<sup>337</sup> CIZEK, Eugen. 1993. p.126.

<sup>338</sup> PERRIN, Yves. Néron, Antoine, Alexandrie: quelques notes sur un paradoxe. In: **Marc Antoine, son idéologie et sa descendance**: actes du colloque organisé à Lyon le jeudi 28 juin 1990. Lyon: Société des Amis de Jacob Spon, 1993. p.93-106. p.99-100.

<sup>339</sup> SUETÔNIO, *Calígula*, 23.

<sup>340</sup> SUETÔNIO, *Claudio*, 11.

<sup>341</sup> Nas inscrições aparece da seguinte maneira a gravação do dia 14 de janeiro: F XIX EN D(*ies*) VITIOSUS EX S(*enatus*) C(*onsulto*) ANT(*onii*) NATAL(*is*).

Essa reabilitação pública é, possivelmente, reflexo da transmissão de memórias a respeito de Marco Antônio no interior da família imperial. Foram maneiras de se tornar pública uma prática que já era comum entre seus descendentes, a de cultuar o antepassado. No entanto, até elas possuem seus limites.

### **Os diferentes atores e a memória de Marco Antônio**

Compreender os personagens e os grupos sociais que agiam e as suas práticas nesse contexto do trabalho com as memórias a respeito de Marco Antônio é parte essencial. As memórias só existem enquanto atos sociais, compartilhados. No entanto, esse compartilhamento não se dá de forma semelhante entre diferentes pessoas. Cada grupo social tem a sua própria prática memorialística sobre os eventos do passado. Assim, o lembrar e o esquecer possui características diferentes no interior de uma sociedade como a romana. Dessa maneira, lançamos luz às ações de Augusto, dos aristocratas, dos plebeus, dos partidários e dos soldados de Marco Antônio, dos membros da *domus* Augusta.

Iniciamos analisando a atuação de Augusto. O príncipe foi um importante expoente desse processo de disputa e enquadramento das memórias. Aliás, em seu principado, houve uma grande resignificação e construção do passado, em todos os suportes, dos objetos à literatura. Lembrar e esquecer Marco Antônio foram movimentos delicados para Augusto, tendo em vista que os herdeiros de seu antigo rival faziam, agora, parte da família imperial e que os antigos partidários deveriam ser reinseridos na sociedade romana. No entanto, ele atuou de forma a cristalizar referenciais específicos do passado de Marco Antônio na memória cultural romana.

Os aristocratas e os plebeus também participaram dessa dinâmica, cada grupo a sua maneira, pois eles tinham culturas diferenciadas e as memórias sobre Marco Antônio possuíam sentidos específicos para cada grupo. Os primeiros precisaram se adequar, inicialmente, à cartilha de Augusto e memórias divergentes só puderam circular de forma clandestina.

Os partidários de Marco Antônio vieram dos mais diferentes grupos sociais romanos e, após o triunfo de Ácio, muitos foram reincorporados ao sistema político romano, visto que eles não haviam agido contra Roma. Apenas poucos aliados do triúviro derrotado que foram punidos com a morte, mais para servir de exemplo. No entanto, como apontado, acompanhar o compartilhamento de memórias nesse grupo é muito difícil. Já as memórias dos soldados, que são parte desse conjunto, sobre a carreira militar de Marco Antônio, foram cristalizadas



nas páginas de escritores antigos, nos permitindo observar memórias divergentes nesse aspecto, pois destacavam aspectos positivos do comportamento do general.

No que diz respeito à família imperial, os herdeiros de Marco Antônio foram muito importantes na reabilitação do antepassado e nos permitem observar o compartilhamento subterrâneo de memórias a seu respeito. A partir da narrativa dos autores antigos, temos acesso as ações de Calígula diminuindo a importância política de Ácio, de Cláudio retirando a desonra da sanção da memória no nascimento de Marco Antônio e da viagem de Germânico à Atenas e ao Egito, onde visitou lugares em que seu avô esteve.

## CAPÍTULO 3:

### As temáticas – chaves de leitura

Nas palavras de Maurice Halbwachs, “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada para outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada”<sup>342</sup>. De acordo com Michael Pollak, a memória é a “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar”, por meio de “tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes”. “A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem a sociedade” e definir as oposições irreduzíveis<sup>343</sup>.

Nos capítulos anteriores, o nosso olhar foi para os atores e os canais de transmissão de memórias, em especial, sobre Marco Antônio. Nas páginas que se seguem, os nossos objetos serão as memórias em si, ou seja, as evocações e interpretações dos feitos de nosso personagem e a sua cristalização numa memória cultural. Observaremos aquilo que foi mobilizado, no lembrar ou esquecer, pelos grupos sociais e destacar os meios utilizados para que determinadas memórias fossem compartilhadas, ao longo dos anos.

Giovanella Marrone expõe que Marco Antônio foi legado ao lugar de um antirromano. Diferentes facetas compuseram o seu retrato com um objetivo específico: destruir sua *dignitas*. Assim, memórias foram construídas apresentando o rival de Augusto enquanto brigão, embriagado, furioso, estúpido, possuindo desprezo pela sua pátria, submisso a mulheres<sup>344</sup>. No entanto, as fontes nos permitem enxergar muito mais do que esse arcabouço enquadrado do período de Augusto.

Portanto, tendo como base as fontes antigas, dividimos as memórias sobre Marco Antônio em cinco grupos principais do que chamamos de ‘chaves de leitura’ ou temáticas. São elas: as recordações de Ácio; a orientalização; a ação enquanto magistrado; a atuação como militar romano; a herança de Júlio César. Estes são os principais contextos

---

<sup>342</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. p.71.

<sup>343</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989. p.9.

<sup>344</sup> MARRONE, Giovannella. **Marco Antonio: la memoria deformativa**. Napoli: EdiSES, 2013. p.2-4.

memorialísticos aos quais Marco Antônio está associado e merecem ser analisados tomando como base diferentes suportes na transmissão de memórias.

### **Recordação da vitória em Ácio**

Em 31 a.C., após uma década de Triunvirato, Otaviano e Marco Antônio travaram a batalha que definiu os rumos da conturbada relação que os dois possuíam desde a morte de Júlio César. O local escolhido para o confronto foi Ácio, na costa grega, e a modalidade foi uma batalha naval, apesar da grande quantidade de combatentes que ambos possuíam por terra<sup>345</sup>.

O desfecho da luta marítima se deu, apesar do equilíbrio existente, com Marco Antônio correndo ao encontro de Cleópatra, que decidiu fugir para Alexandria no meio do confronto. Assim, aos poucos, os partidários de Marco Antônio foram desertando e passando ao partido de Otaviano, que, desse modo, saiu vitorioso.

Em 30 a.C., Otaviano conquistou Alexandria e o Egito, enfim anexando o reino dos Lágidas aos império dos romanos, como aponta em suas *Res gestae*<sup>346</sup>. O fim de seus rivais foi o suicídio. Marco Antônio se matou com uma adaga e Cleópatra com a picada de uma cobra, impedindo o vitorioso de exibi-la em Roma, como derrotada, em seu cortejo triunfal. Ambos foram enterrados na capital egípcia. Essas duas vitórias, Ácio e Alexandria, junto com a da Ilíria, foram comemoradas em um triunfo em Roma, no ano de 29 a.C., e com o fechamento das portas do templo de Janus, significando que o deus estava em casa e a paz reinava entre os romanos<sup>347</sup>.

A batalha de Ácio foi um grande evento para Augusto, um marco inicial para o Principado. Foi o momento em que ele conseguiu estar com maior proeminência no cenário político romano, após ter eliminado seus rivais. Com isso, não é de se espantar que esse acontecimento se tornasse parte importante das narrativas posteriores ou se materializasse na paisagem urbana e na cultura material do período. Recordar Ácio se tornou central para o novo governante, tanto que foram incorporados ao calendário de comemorações os *ludi Actia*,

<sup>345</sup> No que toca à historiografia sobre Ácio, Cf: TARN, William W.. The battle of *Actium*. **The Journal of Roman Studies**. Cambridge, v.21, p.173-199, 1931; CARTER, John M.. **The battle of Actium: the rise and triumph of Augustus Caesar**. New York: Weybrighy and Talley, 1970; LANGE, Carsten Hjort. The battle of *Actium*: a reconsideration. **The Classical Quarterly**, Cambridge, v.61, n.2, p.608-623, 2011.

<sup>346</sup> *Res Gestae*, V, 27.

<sup>347</sup> Segundo Augusto, o templo havia sido fechado apenas duas vezes antes de seu principado (no reinado de Numa Pompílio e logo após a primeira guerra Púnica) e três vezes enquanto governou. *Res Gestae*, II, 13. A primeira vez foi em homenagem à suas vitórias em 31 e 30 a.C..

jogos oferecidos a cada 4 anos em homenagem à vitória do príncipe<sup>348</sup>. Perto de Ácio fez fundar a cidade de Nicópolis, onde passou a realizar, em memória da batalha naval, jogos quinquenais<sup>349</sup>.

Diferentes autores, ao narrarem os eventos da República romana nos deixaram relatos sobre a batalha. Alguns fizeram breves apontamentos sobre os fatos, outros, porém, se dedicaram um pouco mais a contar sobre o confronto de Marco Antônio e Otaviano. Os poetas focaram no confronto, mostrando a grandiosidade de Otaviano<sup>350</sup>. Os historiadores Veleio Patérculo<sup>351</sup> e Floro<sup>352</sup> escreveram sobre Ácio, mas enfatizando a fuga de Cleópatra. Os relatos mais longos são os de Plutarco<sup>353</sup> e Dion Cássio<sup>354</sup> que nos trazem outros elementos, como algumas das estratégias militares, porém, eles também têm os ecos da forma de contar os fatos pelo vencedor.

No plano imagético, as representações da batalha foram adotadas tanto no âmbito público, quanto no privado, sendo Augusto o primeiro a dar exemplos de utilizações do tipo, empregando tais referências em decorações de construções, em camafeus e em moedas. Isso possibilitava a imitação e a circulação desses elementos. Como aponta Paul Zanker, “Os símbolos elementares de Ácio constituem o começo de uma nova linguagem imperial das imagens”, mais simples que na época republicana e de mais fácil associação a outros signos do novo regime<sup>355</sup>.

Segundo Paul Zanker, “o centro político do antigo Estado já havia passado a ser definitivamente um espaço de representação dos Júlios”, em que “os monumentos da República haviam sido desprezados a um segundo plano e, se bem seguíam sendo vestígios de uma história cheia de glórias, se deixavam à sombra da pompa da época”<sup>356</sup>. A região do Fórum passou por grandes modificações nos últimos anos da República e, principalmente, no principado de Augusto, sendo empregados elementos ligados a Júlio César, a Ácio e a Augusto.

<sup>348</sup> BEACHAM, Richard. The emperor as impresario: producing the pageantry of power. In: GALINSKY, Karl (org.). *The Cambridge companion to the Age of Augustus*. New York: Cambridge University Press, 2005. p.160-161.

<sup>349</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 18. Um lugar tão importante para o Principado que Germânico, em sua viagem ao Oriente, no ano de 18 d.C. fez questão de visitar a cidade, Cf: TÁCITO, *Anais*, II, 53.

<sup>350</sup> HORÁCIO, *Odes*, I, 37; *Epodos*, 9; PROPÉRCIO, *Elegias*, II, 16, v.37-42; III, 11. v.29-36; IV, 6; VIRGÍLIO, *Eneida*, VIII, 685-711.

<sup>351</sup> VELEIO PATÉRCULO, *História Romana*, II, 84-88.

<sup>352</sup> FLORO, *Epitomas*, II, 21.

<sup>353</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 60-86.

<sup>354</sup> DION CÁSSIO, *História Romana*, L (todo); LI, 1-3.

<sup>355</sup> ZANKER, Paul. *Augusto y el poder de las imágenes*. Madri: Alianza Editorial, 1992. p.108-109.

<sup>356</sup> ZANKER, Paul. 1992. p.106.

Alguns desses edifícios estavam decorados com elementos que lembravam a batalha. Em 29 a.C., quando do triunfo da vitória naval, houve a inauguração de duas construções que há muito tempo haviam sido iniciadas: o templo do divino Júlio e a Cúria Júlia<sup>357</sup>. Ambos foram decorados com despojos egípcios. Diante do primeiro foram colocados os rostros, de onde os oradores falavam para o povo. Neles havia espólios de navios egípcios capturados na batalha. Na Cúria, local em que o Senado passaria a se reunir no futuro, havia, atrás das cadeiras dos cônsules uma estátua da deusa Vitória, assim como na fachada do prédio. O templo de Saturno, que havia sido restaurado por Munácio Planco<sup>358</sup>, tinha em seu frontão a decoração de tritões ao invés de elementos antigos que remetessem ao deus.

Por mais que com o passar dos anos suas causas possam ter se tornado menos relevantes, com a cristalização de Augusto no centro do poder romano, a batalha de Ácio continuou a ser comemorada enquanto batalha fundadora do Principado, sendo, ainda, quase 30 anos depois, uma referência para o príncipe. É o que poder visto no frontão do templo de Apolo – em que ela é comparada à batalha de Salamina, travada entre atenienses e persas – ou na realização da naumaquia em homenagem a inauguração do Fórum de Augusto, em 2 a.C.<sup>359</sup>.

Todos esses elementos estiveram presentes também em objetos da cultura material e nas decorações privadas. Mesmo sendo os símbolos de Augusto – a *corona civica* e o *clupeus virtutis* – os principais elementos de marca do Principado, a temática de Ácio se manteve presente para além do contexto estritamente público e de atuação direta apenas do príncipe<sup>360</sup>.

---

<sup>357</sup> HÖLSCHER, Tonio. Monuments of the battle the *Actium*: propaganda and response. In: EDMONDSON, Jonathan (ed.). **Augustus**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009. p.314-315.

<sup>358</sup> Antigo partidário de Marco Antônio. Foi um dos muitos particulares convidados por Augusto para participarem junto dele com construções e reconstruções em Roma. O templo de Saturno foi restaurado com espólios de sua campanha na Gália. Projeto iniciado ainda no Triunvirato.

<sup>359</sup> ZANKER, Paul. 1992. p.108-109.

<sup>360</sup> HÖLSCHER, Tonio. 2009.



**Imagem 11** – Camafeu de Augusto numa carruagem puxada por tritões<sup>361</sup>.

Um exemplo de um desses objetos é um pequeno camafeu, do século I a.C., que representa Augusto em uma carruagem puxada tritões. Além dessa referência a Ácio, a peça também traz a imagem da deusa Vitória, o *clupeus virtutis* e a *corona civica*, símbolos do príncipe. Isso mostra como todos os referenciais de Augusto dialogavam entre si, pois o escudo e a coroa foram honrarias dadas a Augusto em 27 a.C., pelo Senado, em razão da restituição da República<sup>362</sup>. Como aponta Paul Zanker, “tudo parece interrelacionado: sem Ácio não teria havido a restituição da República”<sup>363</sup>.

Contudo, Tonio Hölscher argumenta que, mesmo que os diferentes símbolos que se referiam a Ácio, assim como os relevos e objetos, tenham tido uma grande reprodução tanto no espaço público, quanto no privado, isso não significava que aquela mensagem fosse, necessariamente, direcionada a todos os grupos sociais romanos. Para o autor, havia um refinamento nas associações, o que demonstra que o príncipe estava se dirigindo diretamente à elite romana<sup>364</sup>. Uma elite que foi convidada a participar do embelezamento da cidade e das construções públicas<sup>365</sup> e que, segundo Paul Zanker, adotou o novo estilo de vida da época de Augusto<sup>366</sup>.

Nesse contexto de narrativas, representações e recordações de Ácio a figura de Marco Antônio é uma peça emblemática. Um dos principais eventos associados à dinâmica com a

<sup>361</sup> Disponível em <<https://www.khm.at/objektdb/detail/59148/?offset=2&lv=list>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

<sup>362</sup> *Res Gestae*, VI, 34.

<sup>363</sup> ZANKER, Paul. 1992. p.122.

<sup>364</sup> HÖLSCHER, Tonio. 2009.

<sup>365</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 29.

<sup>366</sup> ZANKER, Paul. 1992. p.109-113.

sua memória é a vitória de Otaviano. Contudo, em razão do seu passado, de seus partidários e dos seus familiares serem membros da família de Augusto, a sua associação ao evento nem sempre foi direta. O que pode ser observado é um movimento de não citá-lo nominalmente até que, anos depois, possamos ver seu nome diretamente ligado aos eventos e a ele como um derrotado.

Temos a mesma leitura de Paul Zanker<sup>367</sup>, de que a vitória de Ácio não poderia ser ligada ao verdadeiro inimigo de Augusto, Marco Antônio, e também de que não poderia aludir a uma celebração de centralização de poder pelo vencedor. Portanto, como aponta o autor, a escolha feita, no plano imagético, foi pelo uso de signos gerais e imagens abstratas, com referências a elementos navais (tritões, delfins e partes de navios) e à deusa Vitória, o que deixava evidente a temática referenciada, mesmo que ela não fosse explícita. Era a vitória em Ácio, uma batalha naval.

Assim, aqueles que caminhavam por Roma, sobretudo pelo Fórum, não deixavam de entrar em contato com um conjunto de referenciais, como trouxemos acima, de que uma grande batalha naval havia decidido o futuro de Roma. No entanto, outros canais foram adotados para a transmissão de memórias do evento e de Marco Antônio nesse contexto. Um exemplo é um pequeno camafeu que retrata Otaviano como Netuno.



**Imagem 12** – Camafeu de Augusto enquanto Netuno<sup>368</sup>.

<sup>367</sup> ZANKER, Paul. 1992. p.106-108.

<sup>368</sup> Disponível em: <<https://collections.mfa.org/objects/242574/oval-gem-with-augustus-as-neptune-mounting-a-seachariot>>. Acesso em: 19 fev 2022.

Nesta pequena peça temos um homem caído ao mar, enquanto Augusto, representado como Netuno, guia uma carruagem puxada por hipocampos. Quanto à identidade do personagem, há certos questionamentos se seria Marco Antônio – quem acreditamos ser – ou Sexto Pompeu, tendo em vista que ambos perderam para Augusto em batalhas navais. Apesar disso, a cena não deixava de ser um objeto de memória positiva do príncipe contra um rival derrotado no mar, independente de qual dos dois seria<sup>369</sup>.

A numismática também foi um espaço amplamente utilizado pelo príncipe em sua comunicação com a sociedade romana, isso desde sua entrada na cena política romana, em 44 a.C.. Como argumenta Camila Ferreira da Silva, a moeda se insere no plano político, social e religioso, como suporte discursivo por meio de símbolos e inscrições, em que ler as entrelinhas do discurso imagético-numismático seria recuperar a moeda enquanto um testemunho de disputas políticas e identitárias<sup>370</sup>.

No que toca a uma referência mais direta a Marco Antônio, temos dois exemplares.



**Imagem 13** – Quinário de prata de Otaviano em homenagem à reconquista da Ásia<sup>371</sup>.



**Imagem 14** – Denário de prata de Otaviano em homenagem à conquista do Egito<sup>372</sup>.

<sup>369</sup> Na peça há gravado o nome Popilius Abanus. Numa pesquisa feita, não consegui encontrar nenhuma referência a ele nos livros de prosopografia que encontrei.

<sup>370</sup> SILVA, Camila Ferreira Paulino da. Recuperando Marco Antônio e Cleópatra por meio das moedas. **Romanitas**: Revista de Estudos Grecolatinos. Vitória, 2014, n.4, p.50-74. p.51.

<sup>371</sup> RIC 0276. Cunhada entre 28 e 26 a.C.. Anverso: CAESAR IMP – cabeça de Otaviano. Reverso: ASIA RECEPTA – Vitória sobre uma cista



No primeiro caso temos a imagem da deusa Vitória sobre a cista mística de Baco. A deusa Vitória representa a conquista do príncipe em Ácio, como exposto acima. Durante sua estadia oriental, Marco Antônio se associou ao deus Baco e representou a sua cista mística<sup>373</sup> em algumas de suas cunhagens, inclusive, em peças que fez com a efígie da sua esposa, Otávia<sup>374</sup>. Desse modo, a referência, sobretudo para aqueles romanos do mundo oriental, era clara: Otaviano se sobrepôs a Marco Antônio e a toda a sua simbologia oriental<sup>375</sup>.

A segunda peça retrata a conquista do Egito, que se deu após Ácio. A referência aqui é ainda mais indireta, porém, presente, sobretudo com o crocodilo, símbolo do Nilo, e a inscrição *Aegypto capta* que deixam evidente que o reino de Cleópatra, agora, pertencia aos romanos. Outros exemplares, cunhadas em diferentes regiões do Mediterrâneo, são conhecidos, o que mostra a importância da temática.

As datas também são relevantes. As duas séries têm suas cunhagens entre 28 e 26 a.C.. Recordemos que foi em 27 a.C. que houve a sessão do Senado em que Otaviano devolveu ao povo romano os poderes que obteve para lutar contra Marco Antônio, em 31 a.C., e, em reconhecimento, recebeu dos senadores o título de *Augustus*, a *corona civica* e o *clupeus virtutis*.

Entre os escritores latinos, os eventos e a memória de Ácio também são evocados com frequência. No contexto narrativo da batalha naval, Marco Antônio é onipresente, pois era o opositor de Otaviano. Especialmente nos textos de Horácio, Propércio e Virgílio, o nosso personagem só é trazido em momentos em que se fala de Ácio, sendo esta batalha, portanto, o pano de fundo dessas e de outras memórias, como as de orientalização – que analisaremos no próximo tópico –, em que Marco Antônio é retratado.

Os poetas narram Ácio como um evento grandioso. Para Horácio era o momento de comemoração da vitória e da liberdade, proporcionadas pelo poderoso César (Otaviano), diante de uma rainha que planejava conquistar o Capitólio<sup>376</sup>. Para Propércio, a memória desse evento também traz a rainha como uma grande ameaça aos romanos e que foi em razão de um amor infame que Marco Antônio se pôs contra sua pátria<sup>377</sup>.

<sup>372</sup> RIC 0545. Cunhada entre 28 e 27 a.C.. Anverso: CAESAR COS VI – cabeça de Otaviano. Reverso: AEGYPTO CAPTA – crocodilo.

<sup>373</sup> A cista mística era um objeto comum durante as cerimônias de culto ao deus Baco e um símbolo sempre utilizado para se remeter a esse deus.

<sup>374</sup> Estas cunhadas em Éfeso. RPC I 2201 e RPC 2202.

<sup>375</sup> Outra que pode ser elencada é uma, cunhada em Éfeso, em que há uma representação da Paz (Pax) na Ásia. RIC 0476.

<sup>376</sup> HORÁCIO, *Odes*, I, 37.

<sup>377</sup> PROPÉRCIO, *Elegias*, II, 16; III, 11; IV, 6.

Virgílio traz a narrativa de *Ácio* no momento em que apresenta o futuro de Roma para Eneias, gravado no escudo de Vulcano. O episódio da batalha naval é colocado como o confronto entre mundos diferentes, quase que opostos. De um lado, César (Otaviano), defensor do povo, do Senado, dos deuses e dos Penates, sob a proteção da estrela de seu pai (Júlio César) e de Apolo; do outro, está Marco Antônio, junto da sua esposa egípcia, dos povos orientais e de deuses monstruosos. A fuga também é recordada. Ao final da cena da batalha há a sua comemoração nas ruas e nos templos, além do triunfo<sup>378</sup>.

A narrativa de Veleio Patérculo<sup>379</sup> reforça uma visão teleológica e em consonância com o proposto pelo enquadramento da memória do vitorioso. A vitória de Otaviano é trazida como certa desde o princípio e os partidários de Marco Antônio são trazidos de forma estereotipada, porém, apontados como bons combatentes por terem permanecido lutando mesmo após a fuga de seu general.

A descrição de Floro sobre a guerra de Otaviano contra Marco Antônio e Cleópatra em *Ácio* segue muitos dos elementos do discurso augustano. A narrativa do episódio se inicia com a apresentação da degeneração e inferiorização de Marco Antônio perante a rainha egípcia em razão de seu amor, o que o assemelhava dos poetas do círculo de Mecenas – apesar da sua obra ter sido escrita já no final do século I d.C.. Sobre a batalha, o historiador romano expõe, primeiro, a grandiosidade numérica da frota de Otaviano, porém, destaca a qualidade da frota de Marco Antônio, apesar do grande peso das naus ser pouco prático para a luta. Depois disso é destacada a fuga da rainha, acompanhada de Marco Antônio<sup>380</sup>.

Suetônio é bastante breve. No mesmo tópico em que fala de *Ácio*, ele aponta as razões da guerra (a leitura do testamento), os preparativos, a conquista do Egito e o destino dos opositores<sup>381</sup>. Essa batalha, na verdade, é colocada dentro da narrativa das cinco guerras que Augusto fez durante as guerras civis<sup>382</sup>.

Na biografia de Plutarco sobre Marco Antônio, os eventos de *Ácio* também possuem um grande papel na narrativa<sup>383</sup>, assim como os eventos da campanha militar contra os partas<sup>384</sup>. O biógrafo descreve mais detalhadamente os preparativos, as características militares de cada lado, as movimentações militares, a batalha em si, assim como seu desfecho com os eventos da morte de Cleópatra e Marco Antônio e a tomada de Alexandria e do Egito.

<sup>378</sup> VIRGÍLIO, *Eneida*, VIII, 685-711.

<sup>379</sup> VELEIO PATÈRCULO, *História Romana*, II, 84-86.

<sup>380</sup> FLORO, *Epitoma*. II, 21.

<sup>381</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 17.

<sup>382</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 9.

<sup>383</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 60-86.

<sup>384</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 37-52.

Assim, há o alargamento da visão dos eventos e personagens como apresentados por outros autores, mesmo que o amor pela rainha egípcia ainda seja visto como um mal a Marco Antônio<sup>385</sup>.

A *História Romana* de Dion Cássio também traz Ácio em grande evidência. Dos preparativos para a batalha até o triunfo, o historiador dedica quase dois livros inteiros de sua obra a esse propósito narrativo<sup>386</sup>. Assim, por meio de seu relato, podemos acompanhar desde os preparativos da guerra, ao confronto em si, até os desfechos (morte dos rivais, tratamento dos partidários e soldados, conquista de Alexandria, por exemplo). O que há de interessante no relato de Dion Cássio é a construção que ele faz de como poderiam ter sido os discursos de Otaviano e Marco Antônio aos seus soldados diante da batalha, nos possibilitando ver ecos do discurso augustano, mas, também, alguns elementos de desvio da mensagem dominante, quando o derrotado se defende.

Marco Antônio está sempre associado a essa batalha, e, partir das passagens sobre esse evento que podemos observar a existência de outras críticas e universos memorialísticos, como a orientalização e a subjugação à Cleópatra, por exemplo. Essas outras referências associadas eram importantes, pois havia a necessidade de destacar a justificativa da batalha em Ácio, que foi, oficialmente, contra a rainha egípcia, razão de males a Marco Antônio.

No entanto, havia o constante interesse de sempre lembrar que o triúviro era o derrotado. Marco Antônio e Ácio são partes de uma mesma imagem. E o interessante é fazer o contraponto com as *Res gestae* de Augusto. Nesse monumento não há qualquer ligação a Marco Antônio como o derrotado em Ácio – mas claro, aqui o objetivo do príncipe era criar e compartilhar apenas memórias positivas de si.

Como bem destaca Mary Beard, o foco das representações de Ácio foi Cleópatra, não Marco Antônio, pois havia a necessidade de mostrar a guerra como justa e trazer o rival como vítima e estrangeiro. Um exemplo disso está na *Eneida* de Virgílio, em que a rainha de Cartago, Dido, tenta seduzir Eneias para que ele se desvie de seu destino, no entanto, o ancestral dos Júlios, consegue resistir à rainha oriental e segue sua viagem pelo Mediterrâneo<sup>387</sup>.

Segundo Jean-Michel Roddaz, Ácio teve como alvo de críticas a imagem militar de Marco Antônio. Os escritores antigos o acusam de terem fugido, mas esse movimento era

<sup>385</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 25.

<sup>386</sup> DION CÁSSIO, *História Romana*, L, 1-35 (todo); LI, 1-21.

<sup>387</sup> BEARD, Mary. *SPQR: uma história da Roma antiga*. São Paulo: Planeta, 2017. p.347.

parte da estratégia<sup>388</sup>. Loïc Borgies concorda com o mascaramento das reais intenções militares de Marco Antônio com a manobra de seguir Cleópatra e, também, argumenta que manter o foco na fuga serviu como forma de acusar o rival, por parte de Otaviano e seus partidários, de covardia (*ignavia*), o que facilitava o convencimento dos partidários de Marco Antônio a desertarem<sup>389</sup>. Apesar da tomada do partido de Marco Antônio não ter sido tão fácil quanto alguns autores antigos fazer parecer<sup>390</sup>.

Essa memória de Ácio era tão central para o Principado e Augusto que Suetônio aponta que, não contente em atacar as memórias de Augusto, Calígula teria proibido a comemoração da vitória em Ácio e na Sicília (contra Sexto Pompeu) considerando-as calamitosas e funestas para o povo romano<sup>391</sup>. Contudo, apesar de não se comemorar o evento fundador do Principado, ele não podia ser completamente apagado, tendo em vista que ele se encontrava materializado fisicamente na paisagem urbana de Roma, tendo Augusto deixado diversos lugares de memória a respeito de Ácio.

### **Um triúmviro orientalizado**

Ao narrar o evento que pôs um ponto final à incerta relação existente entre os triúmviros Marco Antônio e Otaviano e que serviu de estopim para a preparação do conflito ocorrido em Ácio, Suetônio aponta que Otaviano fez abrir o testamento de Marco Antônio e o acusou de, por meio daquele documento, demonstrar sua preferência pelo Egito e sua degeneração dos costumes romanos, desejando ser, no futuro, enterrado em Alexandria<sup>392</sup>.

Nos últimos anos, desde 36 a.C. mais precisamente, Otaviano investiu fortemente em acusações de que seu rival estaria agindo em prol dos orientais, mais especificamente o Egito. Contudo, esta orientalização foi uma das muitas críticas feitas a Marco Antônio desde os idos de março. Loïc Borgies, ao analisar essas *vituperationes* de uma *vita non romana*, destaca três grandes grupos de acusações: 1) *invidia* e *cupiditas* (avareza, cobiça, gosto pelo luxo, ociosidade); 2) *libido*, *licentia*, *stuprum* e *mollitia* (comportamentos sexuais); e 3) *ebrietas* (ebriedade). Esses temas, em maior ou menor grau, foram mobilizados por ambos os

<sup>388</sup> RODDAZ, Jean-Michel. Marc-Antoine: mythe, propagande et réalités. In: GÜNTHER, Linda-Maire; GRIEB, Volker (eds.). **Das imperiale Rom und hellenistische Osten**. Stuttgart: Steiner, 2012. p.115-138. p.127.

<sup>389</sup> BORGIES, Loïc. **Le conflit propagandiste entre Octavien et Marc Antoine**: De l'usage politique de la vituperatio entre 44 et 30 a. C. n.. Bruxelles: Éditions Latomus, 2016. p.215-216.

<sup>390</sup> RODDAZ, Jean-Michel. 2012. p.129.

<sup>391</sup> SUETÔNIO, *Calígula*, 23.

<sup>392</sup> *degenerasse eum a civili more*. SUETÔNIO, *Augusto*, 17. Citar termos.

triúnviros como forma de ataque ao rival, buscando denunciar vícios por meio de diferentes perversões<sup>393</sup>.

No entanto, diferentemente do que o discurso augustano procurou destacar, de que as razões para uma degeneração de Marco Antônio, a partir da adoção de costumes orientais, seria devido ao seu relacionamento com Cleópatra, o que deve ser observado é que a razão para esse gosto pela cultura oriental é muito anterior e esse arcabouço cultural estrangeiro já se encontrava presente em Roma desde a época das expansões territoriais.

Desse modo, destacar essa aculturação ou o favorecimento do Egito em detrimento de Roma serviu mais como um objeto político do que representou, de fato, o que ocorreu com Marco Antônio durante suas estadias no Oriente enquanto um triúnviro. A criação de um *alter* a Otaviano era essencial para se ter alguém ou algo a se combater, um inimigo em comum que servia para reunir forças. Desse modo, o Oriente deve ser compreendido de duas formas: enquanto espaço físico e plano discursivo do *outro*<sup>394</sup>.

O Mediterrâneo antigo sempre foi um espaço de intensas trocas comerciais, culturais e de circulação de pessoas. Os romanos sempre tiveram contatos com seus vizinhos, no entanto, foi apenas com a expansão territorial da República, no século II a.C., que a temática da aculturação a partir dos contatos com os orientais – aqui abarcando toda a multiplicidade de povos e sociedades que existiam na região, como gregos, persas, egípcios – se tornou presente na agenda aristocrática mais conservadora. A corrupção dos costumes romanos foi causada pelo gosto do luxo e pela suavização dos exercícios militares na Ásia Menor<sup>395</sup>.

Contudo, esse Oriente não foi visto de forma uniforme e com uma mesma concepção de valor. Rolf Schneider, ao analisar o Oriente para os romanos, destaca que este era um termo muito abrangente, abarcando diferentes sociedades que viviam na região geográfica do Mediterrâneo oriental<sup>396</sup>. Conforme o autor, entre os romanos, “o *Outro* cultural era um reflexo influenciado e ambíguo da auto representação de Roma”, ou seja, num cenário de “contraste com as civilizações contemporâneas não-romanas, a imagem étnica do *Outro* foi um componente essencial da identidade cultural romana”<sup>397</sup>.

<sup>393</sup> BORGIES, Loïc. 2016. p.247-286.

<sup>394</sup> GIACOMO, Luiz Henrique Souza de. **A ‘restauração da republicana’ de Augusto: discurso romano, alteridade oriental e teatocracia política.** 2015. 148f. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

<sup>395</sup> SALÚSTIO, *Conjuração de Catilina*, 11.

<sup>396</sup> SCHNEIDER, Rolf Michael. Friend and Foe: the Orient in Rome. In: CURTIS, Vesta Sarkhosh; STEWART, Sara (eds.). **The age of the Parthian.** The Idea of Iran. Vol.2. New York: I. B. Tauris & Co Ltd., 2007. p.50-83. SCHNEIDER, Rolf Michael. The making of Oriental Rome: shaping the Trojan legend. In: BANG, Peter Fibiger; KOŁODZIEJCZYK, Dariusz (eds.). **Universal Empire: a comparative approach to Imperial Culture and representation in Eurasian History.** Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p.76-129.

<sup>397</sup> SCHNEIDER, Rolf. 2007. p.53.

Dessa maneira, o mosaico cultural e político que o Oriente representava era recebido de uma forma bastante plural entre os romanos e, como apontado acima, com seleção daquilo que era aceitável ou não, podendo variar entre os grupos sociais. Um exemplo é a forma de se representar os asiáticos e os persas no período de Augusto. Segundo Rolf Schneider aponta, os asiáticos eram vistos de forma positiva, estando relacionados ao papel do ‘belo asiático’ – que era o mito troiano, de onde Augusto puxou a ancestralidade de Roma – enquanto os persas eram vistos de maneira negativa, já que eram inimigos de longa data dos romanos<sup>398</sup>.

No que diz respeito ao Egito, Erich Gruen destaca o quanto essa região era vista, por muitos romanos, enquanto um lugar exótico, em razão dos animais e da religião – algo reforçado nas descrições de Cleópatra pelos poetas augustanos e dos egípcios, como é, em especial, o caso de Virgílio<sup>399</sup>. Ao mesmo tempo, a região não deixou oferecer interesse a alguns romanos, como é o caso de Júlio César, por exemplo. Mary Boatwright aponta que esse fascínio foi levado para a Itália, estando temáticas egípcias representadas na arte pública e privada romana do fim da República e havendo uma preocupação com o avanço de cultos de origem nilótica entre os romanos<sup>400</sup>.

Desse modo, apesar de Orientalismo ser um conceito que surge apenas modernamente, a partir das campanhas militares de Napoleão Bonaparte ao Egito, no final do século XVIII – momento em que há um novo olhar sobre as terras do Mediterrâneo oriental como um espaço para o exótico, aquilo que era diferente da cultura das sociedades europeias da época – havia, também, na Roma antiga, de certo modo, esse olhar para o oriental como diferente<sup>401</sup>.

Mesmo assim, devem ser feitas observação no que toca às acusações feitas a Marco Antônio de uma degeneração dos costumes romanos a partir da adoção de costumes dos diferentes povos do Mediterrâneo oriental. Os autores antigos apontam características de seu comportamento. Sêneca, em uma das suas cartas a Lucílio, aponta a sua adoção de costumes não romanos<sup>402</sup>. Apiano também destaca essa questão cultural, dizendo que Marco Antônio portava roupas egípcias durante a estadia entre 42 e 41 a.C., porém, ele o fazia por estar vivendo como um particular<sup>403</sup>. O mesmo costume das vestimentas não romanas se aplica a

<sup>398</sup> SCHNEIDER, Rolf. 2012. p.76-129.

<sup>399</sup> GRUEN, Erich. **Rethinking the other in the Antiquity**. Princeton: Princeton University Press, 2011. p.76-114.

<sup>400</sup> BOATWRIGHT, Mary. **Peoples of the Roman world**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p.99-130.

<sup>401</sup> SAID, Edward W.. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>402</sup> *uae alia res perdidit et in externos mores ac vitia non Romana traiecit quam ebrietas nec minor vino Cleopatrae amor?*. SÊNECA, *Carta a Lucílio*, 83.

<sup>403</sup> APIANO, *Guerras Civis*, V, 11.

sua estadia em Atenas, com Otávia<sup>404</sup>, atuando no Oriente enquanto um magistrado romano, caso de Éfeso<sup>405</sup>. As roupas também foram criticadas por Tibério, com relação a Germânico em sua estadia no Oriente<sup>406</sup>.

Conforme discutem Pedro Paulo Funari e Renata Garraffoni, pensar em aculturação é pensar em sociedades estáveis em que há transferência de comportamentos padrões de sociedades superiores para aquelas inferiores/bárbaras. Isso é questionável, pois as sociedades devem ser encaradas enquanto plurais, com realidades heterogêneas, com frequentes conflitos identitários. É nesse bojo que estão sendo revistos os conceitos de romanização e de helenização<sup>407</sup>.

Dessa forma, pensar que houve uma orientalização de Marco Antônio, como apontam as fontes antigas, é questionável. É preciso olhar muito mais o local de fala dos autores antigos e ampliar o leque de fontes que nos permitem ter acesso à forma como o próprio triúnviro procurou se apresentar à sociedade romana da época. Contudo, diante da lógica política da região oriental e de um caldeirão cultural que existia em Roma, o que o termo orientalização abarca é a adoção de costumes que não eram bem-vistos pela aristocracia romana mais conservadora, ou seja, o comportamento nos padrões de uma *uita non romana*.

A primeira estadia de Marco Antônio na Grécia se deu em 58 a.C., quando foi estudar na região. Essa foi uma forma encontrada de fazê-lo se afastar de Clódio. Foi nesse período que ele aprendeu uma nova forma de oratória, que lhe foi tão característica quanto criticada pelos autores antigos, a asiática<sup>408</sup>. Após esse período, ele foi para a Síria, em 57 a.C., junto de Aulo Gabínio, de quem se tornou chefe da cavalaria e, em 55 a.C., ajudou na reinvestidura de Ptolomeu XII Aulete, pai de Cleópatra, no trono egípcio. Assim, aos 20 e poucos anos, Marco Antônio já havia estado no Oriente e aperfeiçoado seus conhecimentos necessários para ser um magistrado e um soldado romano.

Contudo, pensando que Roma era a capital de um grandioso império territorial que abarcava quase toda a bacia do Mediterrâneo antigo, em que diferentes sociedades conviviam e possuíam laços econômicos, seria estranho não falar que Marco Antônio, assim como muitos romanos, tinha amplo contato cultural com o oriente helenístico. Houve a circulação de objetos, costumes, pessoas (por exemplo, soldados, comerciantes e escravos para o

<sup>404</sup> APIANO, *Guerras Civis*, V, 76.

<sup>405</sup> APIANO, *Guerras Civis*, V, 3-7; 76.

<sup>406</sup> TÁCITO, *Anais*, II, 59.

<sup>407</sup> FUNARI, Pedro Paulo A.; GARRAFFONI, Renata S.. A aculturação como modelo interpretativo: o estudo de caso da romanização. **Heródoto**, Guarulhos, v.3, n.2, 2018, p.246-255.

<sup>408</sup> Plutarco diz que esse tipo de oratória combinava com o seu estilo de vida orgulhoso, arrogante, vazio de ênfase e de pretensão caprichosa. PLUTARCO, *Marco Antônio*, 2.

trabalho e a cultura). Salústio, por exemplo, tece diversas críticas ao exército de Sula no Oriente e à forma como aquela cultura e os bens materiais foram trazidos para a *Urbs*<sup>409</sup>. O tema do Oriente corruptor se torna comum entre os romanos mais tradicionalistas.

Após se tornar triúnviro, em 43 a.C., Marco Antônio teve duas estadias em terras orientais. A primeira delas foi entre 42 e 40 a.C., após a vitória dos triúnviros na batalha de Filipos, contra os cesaricidas. Caio Cássio e Marco Bruto, depois de fugirem de Roma, foram para o Oriente preparar suas forças. O primeiro estava reunindo tropas na Síria, enquanto este último se encontrava na Macedônia. Assim, quando da vitória, houve uma divisão dos territórios romanos entre os triúnviros e, em razão da *auctoritas* obtida por sua grande atuação em Filipos, Marco Antônio se tornou responsável por reorganizar as terras orientais que estavam sob domínio dos antigos rivais<sup>410</sup>.

Dessa forma, ele viajou para a Grécia, atuando nas cidades, com fins de restabelecer os laços com os romanos. Contudo, ele não atuou de forma arbitrária, mas amigável e de acordo com a forma política de atuação da região. O mesmo é observado quando ele vai para a Ásia Menor, como o seu comportamento em Éfeso<sup>411</sup>. Foi durante esse período que ele reencontrou Cleópatra em Tarso e a seguiu até Alexandria, onde viveu, de acordo com Plutarco, uma vida inimitável<sup>412</sup>. Essa viagem foi interrompida pela batalha de Perúsia, entre 41 e 40 a.C., provocada por Fúlvia e Lúcio Antônio, respectivamente esposa e irmão de Marco Antônio, como alguns de seus partidários, contra Otaviano.

A segunda e definitiva estadia no Oriente se deu entre 39 e 30 a.C.. Como consequência dos eventos em Perúsia, houve a necessidade de um novo acordo de paz entre os triúnviros, o que ocorreu em 40 a.C., em Brindes. Nesse momento, houve uma nova reorganização territorial das terras romanas entre os triúnviros e o selar da paz por meio do casamento entre Marco Antônio e Otávia, irmã de Otaviano.

Juntamente com a sua nova esposa, Marco Antônio estabeleceu sua residência em Atenas, onde ficou até 36 a.C., quando iniciou a sua investida contra os Partas. Foi nessa fase de preparativos que os antigos amantes se reencontraram na Judeia. Cleópatra fez questão de contribuir com a campanha militar, pois, assim, além de se reaproximar do triúnviro, se colocava enquanto aliada dos romanos, que Marco Antônio representava.

---

<sup>409</sup> SALÚSTIO, *Conjuração de Catilina*, 11.

<sup>410</sup> PELLING, Christopher. The triumviral period. In: BOWMAN, Alan K.; CHAMPLIN, Edward; LINTOTT, Andrew (eds.). **The Cambridge Ancient History: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D 69**. Tomo X. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p.1-69. p.8-9.

<sup>411</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 23-24.

<sup>412</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 25-29.



Os desdobramentos da guerra na Pártia não foram positivos, Marco Antônio saiu derrotado após uma desastrosa campanha militar. A sorte esteve ao lado dele. O rei armênio Artavasdes, que o traiu, foi capturado e levado para um desfile em Alexandria, em 34 a.C. Evento que serviu de fermento para críticas em Roma, tendo se somado a isso as doações territoriais que teriam ocorrido em benefício da rainha Cleópatra e de seus filhos.

Desse modo, essa estadia de Marco Antônio no Oriente se deu mais fortemente em razão da sua ação política e administrativa, incumbência de seu cargo. Para a execução dessas atividades, foi necessário atuar enquanto um personagem daquele contexto político-social, o que exigia dele uma *mise en scène* oriental. Contudo, atuar ‘enquanto um oriental’ serviu mais do que para fortalecer o poder romano na região, serviu, também, como o ingrediente necessário para que críticas a ele surgissem em Roma. Muitas dessas críticas passaram, em razão do enquadramento da memória realizado por Augusto e seus apoiadores nos anos de Principado, a compor o principal quadro de Marco Antônio no imaginário romano, o qual acessamos, sobretudo, por meio das fontes escritas que chegaram até nós.

Um importante elemento dentro desse panorama de aculturação e orientalização que devemos observar em Marco Antônio é sua associação ao deus Baco<sup>413</sup>. Era uma ação essencial, pois foi uma ação que o próprio triúmviro realizou numa tentativa de se aproximar das sociedades orientais no decorrer de sua estadia oriental e do exercício de sua magistratura de triúmviro.

Tal associação se inicia apenas após a sua chegada na Grécia, em 42 a.C.. Em Éfeso ele se associa diretamente ao deus e é aclamado como fonte da paz<sup>414</sup>. Em Tarso, o momento é descrito por Plutarco como sendo o encontro de Afrodite e Dioniso<sup>415</sup>. Sua entrada em Alexandria, em 34 a.C., é como Dioniso, o novo Dioniso, como buscou se chamar<sup>416</sup>. Desse modo, essa associação ao deus se deu antes do seu relacionamento com Cleópatra, por mais que posteriormente seja retomada a ligação divina. Uma relação tão importante que Plutarco, ao narrar os eventos da morte de Marco Antônio, não deixa de pontuar que, antes desta, houve o abandono do biografado pelo deus Dioniso<sup>417</sup>.

Essa representação de Marco Antônio enquanto Dioniso possuiu sua materialidade. Marco Valério Massala Corvino, em escritos perdidos para nós, *De Antonii statu* e *Contra Antonii litteras*, destaca a existência de diversas estátuas de Marco Antônio como Dioniso no

<sup>413</sup> TISÉ, Bernadette. Marco Antonio tra ellenismo e romanità. In: TRAINA, Giusto (org.). **Studi sull'età di Marco Antonio**. Galatina: Congedo Editores, 2006. p.156-195. (Rudiae 18). p.168-172.

<sup>414</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 24.

<sup>415</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 25.

<sup>416</sup> VELEIO PATÈRCULO, *História Romana*, II, 82. DION CÀSSIO, *História Romana*, L, 25.

<sup>417</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 75.

Oriente<sup>418</sup>. Há algumas moedas em que há a representação da cista mística de Baco, um exemplo é a cunhagem feita juntamente com Otávia<sup>419</sup>. Nela há o elemento oriental e religioso, mas os títulos trazidos e a forma de representação mostram a roupagem romanizada que Marco Antônio sempre trouxe às suas cunhagens.

Dessa forma, a roupagem oriental do deus Baco foi muito importante para Marco Antônio se aproximar das sociedades orientais e restabelecer os laços romanos de dominação da região, contudo, serviu também como elemento alegórico para Augusto quando da representação de sua vitória contra o rival. Como apontado acima, em Ácio foi Apolo contra Baco.

De acordo com Gabriele Marasco, a associação de Marco Antônio a Alexandre, Hércules e Dioniso era importante para a sua própria política oriental<sup>420</sup>. No entanto, isso não era algo exclusivo de Marco Antônio. Como aponta Jean-Michel Roddaz, o filo-helenismo se estendeu à Otávia e a *imitatio Alexandri* foi comum entre os romanos<sup>421</sup>, tanto que Otaviano foi visitar seu túmulo, o Sema, quando esteve em Alexandria<sup>422</sup>.

No quadro tenso que era fazer uma crítica direta a Marco Antônio, o destaque da sua pior característica, a orientalização, materializada em sua representação enquanto Baco, permitiu criar uma imagética e uma memória da batalha fundacional do Principado de forma aceitável aos romanos. Não se tratava de criticar um romano, mas de realçar o elemento que fez com que esse romano se tornasse um inimigo e justificasse a batalha. As artes e a poesia deixam bem clara essa chave de leitura adotada com relação a Marco Antônio no início do Principado. Não se criticava o grande soldado e magistrado romano que ele fora – não que não pudesse haver, de forma indireta, essa leitura – mas o romano degenerado em razão de seu amor pela rainha egípcia.

Isso tornava mais fácil a absorção dos antigos partidários de Marco Antônio ao novo regime e possibilitava as reabilitações de sua memória, como o próprio Augusto realizou, menos estranhas ao seu retrato, pois destacavam seus ‘bons comportamentos romanos’.

Uma importante característica que podemos apontar sobre memórias de Marco Antônio no decorrer do Principado é sua associação à coroa alexandrina. Ao tomarmos as obras de alguns escritores da época, fica evidente que ele deixava de ser tomado enquanto um

<sup>418</sup> ZANKER, Paul. 1992. p.81-82. BARDON, Henry. **La littérature latine inconnue**. Tome I – L'époque républicaine. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1952. p.289-290.

<sup>419</sup> Imagem 6, RPC 2202, trazida no capítulo 1, no tópico ‘Moedas’.

<sup>420</sup> MARASCO, Gabriele. Marco Antonio ‘Nuovo Dioniso’ e il ‘*De sua ebrietate*’. **Latomus**, Bruxelles, t.51, p.538-548, 1992. p.543.

<sup>421</sup> RODDAZ, Jean-Michel. 2012. p.130-131.

<sup>422</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 18.

magistrado romano que pudesse ter qualquer ação no Oriente em prol da República. Ou seja, ele era um inimigo do Senado e do povo de Roma. Horácio, inclusive, usa o termo *hostis* para denominá-lo<sup>423</sup>.

No contexto das trocas de *vituperationes* entre os triúnviros e os seus partidários, buscou-se reforçar essa orientalização de Marco Antônio não apenas pelos costumes, mas por seus desejos em prol de Alexandria e não mais por Roma<sup>424</sup>. A questão dos costumes não era em si um grande problema, já que muitos daqueles hábitos eram comuns na própria sociedade romana, porém, eram combatidos pelo grupo aristocrático que Otaviano representava. Foi com esse fim que seu testamento serviu de estopim para os preparativos da grande batalha entre os triúnviros, trazer uma prova capital de que aqueles costumes haviam chegado a tal ponto que Marco Antônio desprezava Roma. Virgílio escreve em sua obra o seguinte,

Com pompa asiática Antônio se vê noutra parte, seguido  
de variegadas coortes, senhor já dos povos da Aurora,  
do Mar Vermelho, da Bactria distante, do Egito inteirinho  
e acompanhado – vergonha romana! – da esposa egípcia<sup>425</sup>.

Este é um fragmento da epopeia *Eneida* no momento em que há a descrição dos escudos de Vulcano, que estavam sendo preparados para a batalha que Enéias iria travar contra Turno. Nele há a representação do futuro de Roma e o papel que cabe a Marco Antônio na história romana é a de um inimigo que agia juntamente com forças inimigas, no caso as egípcias. Assim sendo, aquele homem que havia ocupado importantes magistraturas na República e estado ao lado de Júlio César fora reduzido a um mero inimigo. O que é bastante significativo para a propagação das memórias sobre esse período e sobre o personagem, pois esse excerto foi amplamente conhecido, já que faz parte de uma das mais famosas obras da literatura latina.

Essa temática de triúnviro orientalizado pode ser melhor observada em obras posteriores. Um primeiro exemplo é Floro, que traz esse relato da orientalização de Marco Antônio em consonância com a ótica do Principado. Segundo o autor, Cleópatra pediu o império romano a um general bêbado, que havia se esquecido da sua pátria, do seu nome, da

---

<sup>423</sup> HORÁCIO, *Epodos*, 9.

<sup>424</sup> BORGIES, Loïc. 2016. p.267-283.

<sup>425</sup> VIRGÍLIO, *Eneida*, VIII, v.685-688: *hinc ope barbarica variisque Antonius armis, // victor ab Aurorae populis et litore rubro, // Aegyptum virisque Orientis et ultima secum // Bactra vehit, sequiturque (nefas) Aegyptia coniunx*. Tradução de Carlos Alberto Nunes.

sua toga, dos seus feixes em prol do monstro (a rainha), isso não só nos sentimentos, mas, também, nos costumes e nos ornamentos<sup>426</sup>.

Muitas décadas depois, isso é retomado em diferentes passagens dos livros L e LI da *História Romana* de Dion Cássio, no século III, por exemplo. Nelas há ecos dessa propaganda augustana, mesmo que o historiador da Bitínia procure também dar voz a Marco Antônio, como nos discursos – mesmo que saibamos que digam mais sobre o presente do autor do que retratem o real pensamento daquele que o faz – proferidos antes da batalha do Ácio por cada um dos generais aos seus exércitos.

Contudo, para os autores da época de Augusto, havia outra chave de leitura para essa orientalização de Marco Antônio. A maior preocupação deles não era, como vemos em Dion Cássio, mostrar um rival que tenha se aculturado. O que a eles cabia era apenas mostrar em seus textos que Marco Antônio estava do lado contrário, do lado da rainha egípcia, não do de Roma. Tanto que, apesar de se trazer um embate entre oriente (egípcios, principalmente) e ocidente (romanos) em alguns textos, Marco Antônio tem um papel menor e até mesmo deslocado nesse contexto. Assim, além do fragmento de Virgílio acima apresentado – e que em sequência a ele vai descrever longamente o confronto em Ácio, mostrando as ações de Cleópatra, dos egípcios e de seus deuses<sup>427</sup> – também podemos apontar as seguintes palavras de Propércio.

Mas olha o general que em vão alarde encheu  
 todo o Ácio de soldados condenados!  
 Infame Amor o fez voltar com suas barcas  
 E achar refúgio nos confins do mundo  
 (É virtude de César, de César a glória:  
 a mesma mão que vence guarda as armas)<sup>428</sup>.

Quem é Marco Antônio? Um simples general derrotado, que já foi para a batalha com um fim certo. E o amor infame? Cleópatra foi a razão de sua tomada de posição. Em outra elegia Propércio canta,

E essa que há pouco trouxe opróbrio às nossas armas?  
 Uma mulher servida entre seus servos  
 quis num casório infame as muralhas de Roma  
 e a total submissão dos senadores?

<sup>426</sup> FLORO, *Epitoma*. II, 21.

<sup>427</sup> VIRGÍLIO, *Eneida*, VIII, v.689-731.

<sup>428</sup> PROPÉRCIO, *Elegias*, II, 16, v.37-42: *cerne ducem, modo qui fremitu complevit inani // Actia damnatis aequora militibus: // hunc infamis arnor versis dare terga carinis // iussit et extremo quaerere in orbe fugam. // Caesaris haec virtus et gloria Caesaris haec est: // illa, qua vicit, condidit arma manu*. Tradução de Guilherme Gontijo Flores.

Danosa Alexandria, ó terra dada aos dolos,  
 Ó Mênfis, tão sangrenta às nossas custas,  
 tua areia tomou de Pompeu três triunfos!  
 Tu nunca sanarás tal mancha, ó Roma<sup>429</sup>.

Como pode ser observado, o poeta não cita nominalmente Marco Antônio, nem Cleópatra. Esse é o traço geral da forma como o casal é trazido nos textos do poeta, como também no de Horácio. Apenas Virgílio o cita nominalmente. Propércio ainda o denomina de outra forma, como esposo da rainha<sup>430</sup>. Aqui temos um ponto importante a respeito da memória. Os que tinham contato com essas elegias sabiam de quem se tratava em razão dos temas apresentados e das associações realizadas, porém, não havia o uso dos nomes dos personagens. Desse modo, a memória era mobilizada, mas, ao mesmo tempo, um silêncio era imposto. Era uma forma de interdição da memória, no entanto, de forma velada.

Esse é o mesmo recurso usado por Augusto em suas *Res gestae* ou em construções e objetos que possam aludir, de alguma maneira, a Marco Antônio. Desse modo, este é trazido à cena, como o general de Ácio, mas diferentemente de César (Augusto), seu nome não está presente.

A oposição oriental está claramente representada pela figura de Cleópatra. É ela quem comanda os deuses egípcios. É ela quem ‘quer dominar Roma’ – tema bastante recorrente. E é ela também quem subjuga, por meio de uma dominação amorosa, Marco Antônio. Augusto é trazido à cena lutando contra ela. Marco Antônio mais parece um apêndice nessa cena de Ácio, porém, não sem importância. Essa construção de uma memória específica sobre a rainha tinha um aspecto fundamental e legitimador para Augusto.

Segundo John Crook, a transformação do Egito em província romana foi um importante elemento legitimador do Principado, um símbolo da vitória<sup>431</sup>. O tema *Aegypto capta* era essencial. Obviamente, a guerra fora difundida como sendo travada contra Cleópatra, mas era Marco Antônio o alvo desejado em Ácio. Esse tema foi retomado na numismática e nas próprias *Res gestae* do príncipe, que diz: “Anexei o Egito ao império do povo romano”<sup>432</sup>. Contudo, é preciso ressaltar a especificidade do Egito junto às províncias romanas, sendo posse de Augusto, estando interdita a entrada de senadores nas terras

<sup>429</sup> PROPÉRCIO, *Elegias*, III, 11. v.29-36: *quid, modo quae nostris opprobria nexerit armis, // et, famulos inter femina trita suos, // coniugii obsceni pretium Romana poposcit // moenia et addictos in sua regna Patres? // noxia Alexandria, dolis aptissima tellus, // et totiens nostro Memphi cruenta malo, // tris ubi Pompeio detraxit harena triumphos-- // tollet nulla dies hanc tibi, Roma, notam.* Tradução de Guilherme Gontijo Flores.

<sup>430</sup> PROPÉRCIO, *Elegias*, III, 11.

<sup>431</sup> CROOK, John. Augustus: power, authority, achievement. In: BOWMAN, Alan K.; CHAMPLIN, Edward; LINTOTT, Andrew (eds.). **The Cambridge Ancient History: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D 69.** Tomo X. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001b. p.113-146. p.73-74.

<sup>432</sup> *Aegyptum imperio populi Romani adieci. Res Gestae, V, 27.*

nilóticas sem sua autorização e sendo governada por um equestre, o *praefectus Aegypti*<sup>433</sup>. Ora, o Egito foi importante para a distribuição de benesses feitas por Augusto, como doações de dinheiro e frumentações, que são narradas em suas *Res gestae*.

Entre os romanos, havia uma grande crítica à subjugação dos homens às mulheres. Isso apontava uma inferioridade masculina, pois o homem quem devia ser mais poderoso. Inclusive, era algo que estendia às relações homoafetivas, em que o papel que cabia ao cidadão romano era o de ativo, sendo a posição passiva relegada aqueles inferiores socialmente<sup>434</sup>.

Plutarco destaca que Marco Antônio tinha uma grande inclinação à obediência feminina, tendo Fúlvia preparado o terreno para a rainha egípcia<sup>435</sup>, contudo esta foi o maior de seus males<sup>436</sup>. Seu casamento com Otávia foi positivo e calmo, porém, segundo o biógrafo, o amor adormecido se reacendeu com a campanha contra os partas<sup>437</sup>.

No entanto, como observam Victor Alonso Troncoso e Gustavo Garcia Vivas, esse triângulo amoroso é construído pelas fontes antigas no intuito de propor a existência de um antagonismo entre Cleópatra, a estrangeira, logo uma mulher perigosa aos romanos, e Otávia, uma romana, um modelo do que deveria ser a mulher no período<sup>438</sup>. Plutarco, inclusive, caracteriza a rainha egípcia enquanto enciumada pela rival, uma mulher com muitas qualidades e que poderia ser uma ameaça ao seu amor pelo general romano<sup>439</sup>.

Portanto, aqui temos, mais uma vez, a tônica do retrato de Cleópatra para os autores antigos. Maria Wyke argumenta que essa visão da rainha era necessária dentro da lógica romana, um mundo masculino e que pressupunha um lugar específico para as mulheres. Cleópatra, porém, era mais do que isso, era a rainha de um grandioso e rico império. Ela era uma deusa. No Egito havia diversas representações da governante, segundo as estratégias de representação do poder dos egípcios e dos ptolomaicos. Marco Antônio havia cunhado moedas conjuntamente com ela, as quais circulavam entre os romanos<sup>440</sup>.

<sup>433</sup> Para detalhes sobre a situação egípcia, Cf: TÁCITO, *Anais*, II, 59.

<sup>434</sup> FEITOSA, Lourdes Conde. **Amor e sexualidade**: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2005. p.98-102; VEYNE, Paul. **Sexo & poder em Roma**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008. p.241.

<sup>435</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 10.

<sup>436</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 25; APIANO, *Guerras Civis*, V, 1; 8-9; 11.

<sup>437</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 36.

<sup>438</sup> ALONSO TRANCOSO, Victor; GARCIA VIVAS, Gustavo. Octavia *versus* Cleopatra: imagine dela donna e fonfronto culturale. In: **Roma e l'Oriente nel I sec A.C.**: (acculturazione o scontro culturale?). Conenza: Edizione Lionello Giordano, 2004. p.11-34.

<sup>439</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 53.

<sup>440</sup> WYKE, Maria. *Meretrix regina*: Augustan Cleopatras. In: EDMONDSON, Jonathan (ed.). **Augustus**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009. p.334-380.

Nesse cenário, os autores contemporâneos a Ácio não citam Cleópatra e Marco Antônio nominalmente. Assim, até que ponto não citar, nominalmente o casal, nesses primeiros escritos, não pode ser entendido como a existência de memórias sensíveis? Já foi apontado como o antigo rival era uma peça chave na sociedade romana e na família de Augusto. Era melhor jogar a culpa para a estrangeira, mesmo que o objetivo de Otaviano tenha sido um confronto contra Marco Antônio em Ácio. A princípio, era mais interessante a criação de uma representação mais abstrata de ambos.

Todavia, não deve ser esquecido o porquê de Marco Antônio ter se deslocado e permanecido no Mediterrâneo oriental por quase uma década e ter agido “de modo desviante” aos costumes apreciados pela sociedade romana em geral. Ele havia ido para o Oriente como parte de suas obrigações enquanto triúviro.

Assim sendo, Marco Antônio, a quem coube a parcela oriental do império territorial republicano, se dirigiu para a região em 41 a.C., onde teve encontros diplomáticos com diversos reis e governantes orientais. Um desses foi Cleópatra. No entanto, ela se aproveitou de seus atrativos físicos – mesmo que Plutarco aponte que ela não fosse tão bela como julgamos pelos padrões cinematográficos do século XX<sup>441</sup> –, teatrais e intelectuais para garantir a renovação da aliança, de longa data, entre romanos e egípcios. Para Marco Antônio, essa união era extremamente importante, visto o Egito ser um reino rico e ele ter ambições militares nas regiões mais orientais, em especial a Pártia.

Como Christopher Pelling bem destaca, devemos ter atenção ao observar a estadia de Marco Antônio no Oriente. Ela não foi única, pois o triúviro volta à península Itálica em 41 a.C., após os eventos de Perúsia, em que seu irmão Lúcio Antônio e sua esposa Fúlvia haviam entrado em confronto bélico com Otaviano. Ela também não deixou de ser em razão de suas ações administrativas, o que justifica as alianças e algumas ações culturais, necessárias para torná-las mais válidas. Mas a segunda estadia foi decisiva, já que Marco Antônio não retornou dela, nem mesmo após morrer, já que foi enterrado em Alexandria<sup>442</sup>. Um dos três homens mais poderosos da República ficou quase 10 anos ausente, o que muito facilitou a criação de um ambiente conspiratório por Otaviano. Apesar da ida de mensageiros a Roma em defesa de Marco Antônio, ele próprio não retornou mais à *Urbs*.

Nesses longos anos, algumas ações foram importantes para arranhar a imagem de Marco Antônio. É preciso, antes, destacar que, após a batalha de Filipos, em razão dos feitos militares, a *auctoritas* de Marco Antônio era mais elevada que a de Otaviano – que segundo

---

<sup>441</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 24.

<sup>442</sup> PELLING, Christopher. 2001. p.1-69.

narram, havia se escondido da batalha com a alegação de estar doente – o que justificou sua escolha para comandar as províncias orientais, as mais ricas. Desse modo, era preciso, para Otaviano, além de aumentar seu próprio prestígio, diminuir o do rival, o que a Fortuna, de certa forma, colaborou. Otaviano teve a seu favor a vitória contra Sexto Pompeu, em 36 a.C., e o fim da carestia que assolava Roma. Marco Antônio, no mesmo ano, sofreu uma vergonhosa derrota militar junto aos Partas, após ser traído pelo rei armênio Artavasdes. Somado a isso, o que soou mal em Roma foi a captura deste rei e sua exposição numa procissão, veiculada na *Urbs* como se configurasse um triunfo – uma grande honra militar da República romana –, diante dos egípcios, que teve lugar em 34 a.C., mesmo ano em que Marco Antônio promulgou as conhecidas ‘Doações de Alexandria’, em que numa cerimônia com características egípcias, estando Cleópatra vestida como a deusa Ísis, ele legou terras romanas, bem como as que ainda viriam a ser conquistadas, aos seus filhos com a rainha e a ela própria.

Contudo, foi apenas a partir da leitura do testamento que pôde haver o confronto direto entre os triúmviros e a apresentação de uma prova concreta da mudança de Marco Antônio. Até então, mesmo com as notícias vindas de Alexandria ou criadas sobre esse lugar, não se sabia ao certo quais eram as reais intenções de Marco Antônio.

Christian-George Schwentzel argumenta que, mesmo que Marco Antônio possa ter assumido quaisquer traços enquanto monarca, o mesmo não o fez com os símbolos de poder. Ele não atribuiu a si o título real, não portou um diadema<sup>443</sup>. Uma breve análise de suas moedas nos mostra sua efígie como a de um republicano padrão, sem qualquer símbolo que pudesse aludir a uma pretensão de realeza. Nem mesmo suas moedas cunhadas com Cleópatra trazem esses elementos, mesmo que ela, enquanto rainha do Egito, deixasse evidente seus símbolos reais e títulos<sup>444</sup>.

Eugen Cizek expõe que o programa de atuação de Marco Antônio no Oriente foi mais concreto e pragmático, não podendo ser caracterizado enquanto uma ideologia, porém, possuía características autocráticas e monárquicas, adaptada às necessidades da região. Ele agia enquanto um romano. Era a rainha egípcia quem, de fato, possuía um projeto específico

---

<sup>443</sup> SCHWENTZEL, Christian-George. **Cleópatra**. Porto Alegre: L&PM, 2009. p.78-81.

<sup>444</sup> Como é o caso da peça numismática RSC 1 – Syd 1210. O denário de prata cunhado em Alexandria, em 34 a.C., que está no tópico ‘Moedas’, do capítulo 1.



para a região, que passava pela a expansão do domínio de seu reino pelo Mediterrâneo Oriental<sup>445</sup>.

Christian Meier aponta que Otaviano foi tomado como a alternativa possível para a crise da República por ter sabido trazer os senadores para sua causa e ação, mantendo um discurso de ação em benefício do Senado e do povo romano, não para si. Como ele argumenta, um bom príncipe deveria ser um bom ator e o Principado foi formado pela interação dialética entre o desenvolvimento de um papel e aquilo que era esperado dessa posição<sup>446</sup>. Algo mais fácil de ser realizado com o rival bem distante do centro do poder da República. Contudo, essa posição de Otaviano em relação ao Senado é limitada, pois Marco Antônio possuía muitos partidários nesse grupo social.

No entanto, Marco Antônio também seguia uma *mise en scène*, mas diferente daquela que Otaviano exercia em Roma, já que estava em outro cenário político. O papel dele enquanto triúviro no Oriente exigiu que ele se apresentasse e portasse de acordo com o que era aceitável e desejável pelos diferentes atores políticos da região. As associações a Apolo (Otaviano) e Dioniso (Marco Antônio) entram nessa arena e têm pesos diferentes nas diversas partes do Mediterrâneo. Contudo, o que mais importava era a opinião pública romana, que foi muito mais favorável, ao menos segundo os relatos que nos chegaram, a Otaviano.

Apesar de todo esse arcabouço cultural, cabe procurar observar se na prática Marco Antônio agiu de forma a se tornar marcante no Egito. Segundo Jean-Claude Goyon, a presença do triúviro foi imperceptível fora da capital do reino, Alexandria. Não há construções ou inscrições que demonstrem a sua presença. Cleópatra buscou sempre associar Ptolomeu Cesário ao poder, não seu marido romano<sup>447</sup>.

Foi no vácuo dessa representação que Augusto se colocou. Ele se pôs no lugar do outro possível herdeiro de Júlio César, o faraó por direito, Ptolomeu Cesário. Suas representações no Egito foram associadas a Hórus, como um guerreiro, porém, sempre com o destaque de ser estrangeiro, e diferentes estelas apresentam seu nome, de Alexandria até o

---

<sup>445</sup> CIZEK, Eugen. L'idéologie antonienne et Néron. In: **Marc Antoine: son idéologie, sa descendance**: actes du Colloque organisé à Lyon, le jeudi 28 juin 1990. Lyon: Société des amis de Jacob Spon, 1993. p.107-126. p.110.

<sup>446</sup> MEIER, Christian. C. Caesar diui filius and the formation of the alternative in Rome. In: RAAFLAUB, Kurt; TOHER, Mark (eds.). **Between Republic and Empire**: Interpretations of Augustus and his Principate. London: University of California Press, 1993. p.54-70.

<sup>447</sup> GOYON, Jean-Claude. Hors d'Alexandrie, un personnage inconnu des sources égyptienne: Marc Antoine. In: **Marc Antoine, son idéologie et sa descendance**: actes du colloque organisé à Lyon le jeudi 28 juin 1990. Lyon: Société des Amis de Jacob Spon, 1993. p.9-17.

limite geográfico da primeira catarata do Nilo<sup>448</sup>. Afinal, para a continuidade e estabilidade da província, se colocar enquanto herdeiro dos Ptolomaicos era a melhor saída para o novo conquistador do Egito<sup>449</sup>.

Claro que também não devemos deixar de nos questionar se essa ausência de Marco Antônio não se deu por um procedimento de *damnatio memoriae*, pois ser o conquistador do Egito, o último grande reino daquele que um dia pertenceu a Alexandre Magno, era importante perante a sociedade romana, afastando os medos de uma ‘dominação estrangeira’ e enaltecendo o poderio conquistador de Roma. No entanto, pensar por outro viés, de que realmente a presença de Marco Antônio se circunscreveu apenas a Alexandria, destaca que a sua aculturação era parte de um projeto político romano, não de se tornar, meramente, um rei do Egito e do Oriente mediterrânico.

Esse quadro memorialístico de Marco Antônio, que compôs a fundação do Principado, nos permite observar os próprios temores que os seus herdeiros trazem à legitimação do poder. Germânico e sua viagem ao Egito é um interessante exemplo. Tibério critica essa estadia egípcia e reforça as interdições impostas à província por Augusto<sup>450</sup>.

A vida inimitável de Marco Antônio e Cleópatra na corte alexandrina também é retratada por Plínio, o velho. A anedota que ele traz para marcar a suntuosidade e o alto custo das refeições, mesmo as mais simples, servidas ao casal e a amigos, é a do par das maiores pérolas que já haviam sido vistas e que pertenciam à rainha egípcia. Para mostrar o luxo em que viviam, ela numa aposta com seu marido, dissolveu uma dessas pérolas numa solução de vinagre e a comeu<sup>451</sup>.

Plutarco também traz o relato de dois episódios sobre a vida de Marco Antônio em Alexandria, mostrando, inclusive, como havia a circulação dessa memória por meio da comunicação oral, visto que ele teve acesso às narrativas por meio do que o médico Filotas de Amfissa, que viveu na corte de Cleópatra, contou a seu avô. Primeiro, é o caso de uma ceia ocorrida no palácio real, em que a grandiosidade da refeição fizera o médico supor que fosse um grande banquete, mas que, na verdade, era apenas para poucas pessoas. Segundo, foi o encontro de Filotas de Amfissa com Iulo Antônio, filho de Marco Antônio e Fúlvia, em que

<sup>448</sup> JULIEN, Eric. Marc Antoine le pharaon impossible, Auguste le pharaon obligé. In: **Marc Antoine, son idéologie et sa descendance**: actes du colloque organisé à Lyon le jeudi 28 juin 1990. Lyon: Société des Amis de Jacob Spon, 1993. p.19-26.

<sup>449</sup> HUZAR, Eleanor G. Augustus, heir of the Ptolemies. In: HAASE, Wolfgang; TEMPORINI, Hildegard (eds.). **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**. II. 10.1. Berlin / New York: Walter de Gruyter, 1988. p.343-382.

<sup>450</sup> TÁCITO, *Anais*, II, 59-61.

<sup>451</sup> PLÍNIO, O VELHO, *História Natural*, IX, 58-59.

este decide lhe presentear com um vaso, não sendo aceita a recusa, pois aquele era apenas um dos muitos vasos valiosos que existiam no palácio<sup>452</sup>.

A memória transmitida foi a da opulência e da vida inimitável em Alexandria, dentro do quadro geral que podemos inferir que permeou o imaginário social, pois foi a ótica em que Marco Antônio foi cristalizado pelo discurso do vencedor. Isso o afastava daquilo que era esperado num padrão de comportamento romano, principalmente, de um magistrado.

Outro comportamento muito criticado em Marco Antônio é a sua ebriedade. Isso não ocorre apenas nos anos de Triunvirato ou posteriormente, mas desde antes. Um dos primeiros e importantes expoentes nesse sentido é Cícero. Em suas *Filípicas*, são diferentes as passagens e os discursos em que o orador romano evoca eventos pretéritos do então cônsul para destacar sua inadequação moral enquanto magistrado e enquanto romano. Apenas na segunda *Filípicas* são oito menções a episódios do gênero<sup>453</sup>.

Após isso, a temática da ebriedade retorna dentro do conjunto de acusações de Otaviano ao rival. Contudo, aqui esse comportamento é trazido para o contexto de uma aculturação oriental e um gosto pela vida inimitável e numa tentativa de opor o lado romano ao lado oriental<sup>454</sup>. Tanto que Augusto, no templo de Apolo dedicado no Palatino, havia a representação de um Polifemo ébrio, numa relação direta a Marco Antônio ébrio<sup>455</sup>. Num comportamento oposto, Suetônio destaca que Augusto não gostava de beber vinhos<sup>456</sup>.

Plínio, o velho, ao tratar da ebriedade em sua obra '*História Natural*', traz Marco Antônio como um dos personagens de sua descrição. O autor romano aponta um escrito que Marco Antônio teria feito, no momento anterior a Ácio, '*De sua ebrietate*', no qual defendia sua ebriedade. Em suas palavras, parece até que ele fazia uma espécie de apologia à embriaguez<sup>457</sup>.

No entanto, como aponta Gabriele Marasco, apesar de muitos autores encararem esse escrito como uma resposta de Marco Antônio a Otaviano em defesa às acusações deste quanto a sua ebriedade, essa visão seria apenas conjectural, pois toma como base somente os próprios relatos antigos e o cenário de disputa entre os triúmviros, não o contexto global em que o próprio Marco Antônio estava inserido e a que público se destinava, que era o oriental. O fato

<sup>452</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 28.

<sup>453</sup> CÍCERO, *Filípicas*, II, 3, 12, 17, 23, 25, 27, 39 e 40.

<sup>454</sup> BORGIES, Loïc. 2016. p.281-282.

<sup>455</sup> ZANKER, 1992. p.111.

<sup>456</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 72.

<sup>457</sup> PLÍNIO, O VELHO, *História Natural*, XIV, 28.

de ser um texto pouco anterior a Ácio reforça o fato de que seu objetivo não era ser enviado à Itália<sup>458</sup>.

Sêneca, em uma das suas cartas a Lucílio, ao tocar no tema da embriaguez, evoca o personagem de Marco Antônio. O seu gosto pelas bebidas, junto do amor de Cleópatra, foi a razão para os males que ele causou à República e que quanto mais bebia, mais cruel e violento se tornava. Nem a sua grandiosidade e suas qualidades resistiram a ebriedade<sup>459</sup>.

De acordo com a tradição helenística, era uma característica essencial do soberano o consumo de vinho e, também, a assimilação com Dioniso, elementos que Marco Antônio trouxe para a seu repertório de atuação no Oriente. Assim, era algo positivo e necessário para o triúviro romano, independentemente de haver um gosto pessoal no hábito, essa ebriedade. Contudo, entre os romanos, em especial os mais conservadores, as críticas à qualidade do vinho e o próprio relato do desejo de Marco Antônio beber vinho durante a sua morte<sup>460</sup>, nos mostra o peso dessa propaganda e, também, o olhar do outro. As formas de encarar a qualidade de bebedor (*doti de bevitore*) entre os romanos conservadores remetia aos inimigos, como Mitridates, e aos corruptos, Ptolomeu VIII, além de acentuar as características de Marco Antônio enquanto um déspota oriental<sup>461</sup>.

Conforme argumenta Mary Beard, deve ser posto um ponto de interrogação sobre o quanto o estilo de vida de Cleópatra e Marco Antônio era antirromano. Os relatos que chegaram até nós não são uma completa invenção, mas é evidente tanto na época, quanto em retrospecto, que Augusto explorou essa ideia da existência de um conflito entre suas próprias tradições romanas, ocidentais, profundamente arraigadas, e o excesso ‘oriental’ que Marco Antônio e Cleópatra, em seu discurso, representavam. Houve exageros, como o luxo da corte, o cortejo em Alexandria (mais parecido com os rituais de Dioniso), as cláusulas do testamento de Marco Antônio, todavia, tudo isso sobreviveu pelos relatos romanos<sup>462</sup>.

No entanto, o comportamento de Marco Antônio, com certos aspectos orientais, não era muito diferente daquele compartilhado na sociedade romana. Havia uma espécie de caldeirão cultural, em que diferentes culturas do Mediterrâneo coexistiam. Jasper Griffin toma as elegias de Propércio como objeto de análise nesse sentido. Temos, em especial, uma elegia que fala da oposição existente entre o estilo de vida que foi combatido em Ácio e aquele que

<sup>458</sup> MARASCO, Gabriele. 1992. p.539-540; 543.

<sup>459</sup> SÊNECA, *Carta a Lucílio*, 83.

<sup>460</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 77.

<sup>461</sup> MARASCO, Gabriele. 1992. p.544-548.

<sup>462</sup> BEARD, Mary. 2017. p.345-346.

muitos desejavam ter, segundo moldes mais orientais<sup>463</sup>. O autor, inclusive, aponta que Marco Antônio teria servido muito mais de inspiração para Propércio e suas elegias do que Augusto gostaria<sup>464</sup>.

Como argumenta Gabriele Marasco, o sucesso da propaganda de Marco Antônio no Oriente pode ser visto através das palavras de Plutarco, por exemplo, no episódio do grupo ‘os inimitáveis’<sup>465</sup>. A própria perpetuação da transmissão oral dessas memórias é um importante indício da circulação e da forma como essa vida inimitável permeava o imaginário comum.

Nesse sentido, cabe trazeremos uma pequena anedota de Macróbio. O escritor romano narra um episódio que teria tido lugar quando do retorno de Otaviano a Roma, após sua vitória em Ácio. Um dos muitos homens que foram felicitá-lo pela vitória foi um treinador de pássaros com um corvo treinado para dizer ‘Ave César, vitorioso comandante’. No entanto, este não havia sido o único corvo treinado para dizer palavras ao comandante vitorioso. O parceiro do treinador, que nada havia ganhado com a compra do primeiro corvo por Otaviano, resolveu denunciá-lo de que ele também havia treinado outro pássaro, mas para dizer ‘Ave Antônio, vitorioso comandante’<sup>466</sup>. Apesar do foco de Macróbio ter sido mostrar um lado humano de Otaviano, com seu contato com o povo, ela não deixa de conter a sugestão de que, na verdade, havia pouca diferença entre os dois rivais de Ácio, como o vitorioso procurou construir em seus discursos. O treinador, ao trazer dois corvos, mostra que um ou outro poderia não significar muitas mudanças.

### **O magistrado romano**

Por ser membro da elite romana, Marco Antônio possuiu uma educação apropriada para que assumisse responsabilidades junto à administração da cidade de Roma, bem como atuar enquanto militar, e sua mãe, vinda da família dos Júlios, teve grande influência nesse aspecto<sup>467</sup>. Em sua família, Marco Antônio teve dois diferentes exemplos aos quais se espelhar, seu avô e seu pai.

Seu avô foi orador, soldado, cônsul (em 99 a.C.) e líder político, primeiro dos *optimates*, depois dos populares, com Mário<sup>468</sup>. Um homem que recebeu elogios até de

<sup>463</sup> PROPÉRCIO, *Elegias*, II, 15, v.41-48.

<sup>464</sup> GRIFFIN, Jasper. Propertius and Antony. *Journal of Roman Studies*, Cambridge, v.67, p.17-26, 1977.

<sup>465</sup> MARASCO, Gabriele. 1992. p.543-544.

<sup>466</sup> MACRÓBIO, *Saturnais*, II, 4.29.

<sup>467</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 2.

<sup>468</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 1.

Cícero<sup>469</sup>. O pai de Marco Antônio, porém, não tinha tanta aptidão para os negócios públicos, tendo feito muitas dívidas, principalmente, pelo estilo de vida que levava, com muitas liberalidades<sup>470</sup>, e por sua derrota militar enquanto lutava com os piratas em Creta, no ano de 72 a.C..

Nesse contexto, em 58 a.C., aos 25 anos, Marco Antônio partiu para a Grécia, onde buscou aprender ensinamentos necessários para a boa condução dos negócios públicos. Foi nessa época que teve seus estudos de oratória, que Plutarco critica apontando seus modos orientais de falar<sup>471</sup>. Após breve período, partiu para o Oriente, iniciando sua carreira militar.

Foi apenas em 52 a.C., quando já estava próximo de Júlio César e havia obtido prestígio enquanto soldado, que Marco Antônio assumiu sua primeira magistratura, a questura. Nesse cargo, que tinha mandato de 1 ano, ele era responsável por auxiliar os magistrados superiores – cônsules e pretores –, tendo como encargo atividades financeiras e de gestão do Tesouro. Na época havia 20 questores<sup>472</sup>.

Em 50 a.C., Marco Antônio assumiu outros dois importantes postos. Na esfera política, com a influência de Júlio César, ele foi eleito para o tribunato da plebe. Magistratura com mandato de 1 ano, que tinha diferentes atribuições, como propor plebiscitos, porém, sua principal característica era ter o poder de veto contra outros magistrados e contra o Senado<sup>473</sup>. Isso permitia sua atuação em prol de Júlio César e dos populares contra seus opositores.

Na esfera religiosa, Marco Antônio assumiu a função de áugure, entrando para o colégio sacerdotal dos áugures. No total eram 15 sacerdotes que tinham como função supervisionar e aconselhar sobre os rituais e procedimentos referentes aos auspícios – que era a compreensão dos desejos divinos por meio da leitura dos voos das aves<sup>474</sup>. Essa atuação influenciava diretamente a vida política e militar dos romanos, pois os augúrios eram sempre analisados antes de qualquer decisão da comunidade.

Em 44 a.C., junto de Júlio César, Marco Antônio assumiu a magistratura mais importante da República, o consulado, algo que iria se repetir apenas 10 anos depois, em 34 a.C.. Nesse cargo, que possuía *imperium*, o poder militar, ele era responsável pelas ações políticas e administrativas da *Urbs*<sup>475</sup>.

<sup>469</sup> CÍCERO, *Filípicas*, V, 1; VI, 1.

<sup>470</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 1.

<sup>471</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 2.

<sup>472</sup> CORASSIN, Maria Luiza. **Sociedade e política na Roma antiga**. São Paulo: Atual, 2001. p.28.

<sup>473</sup> CORASSIN, Maria Luiza. 2001. p.28.

<sup>474</sup> ROSA, Cláudia Beltrão da. A religião da *Urbs*. In: SILVA, Gilvan V. da; MENDES, Norma M. (org.) **Repensando o Império Romano**: perspectiva socioeconômica, política e cultural. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p.137-159. p.143.

<sup>475</sup> CORASSIN, Maria Luiza. 2001. p.28.

Entre 43 e 32 a.C., Marco Antônio assumiu o triunvirato, juntamente com Otaviano e Lépido, por meio da *Lex Titia*. O que era para ser uma magistratura de exceção, com 5 anos, durou por mais tempo. Entre as atribuições estavam: aprovar ou anular leis sem consultar o Senado ou o povo; exercer a jurisdição sem possibilidade de apelo; escolher os magistrados; governar as terras romanas divididas entre si<sup>476</sup>. Segundo Fergus Millar, apesar de ter sido uma fase de violência, ilegalidade e arbitrariedade no exercício do poder, em que teria havido a usurpação do poder da República, as instituições continuaram funcionando<sup>477</sup>.

Tendo sido exposto o histórico do *cursus honorum* de Marco Antônio, cabe lançar luz à forma como os antigos recordaram desses acontecimentos da biografia de nosso personagem. A atuação enquanto magistrado romano foi alvo dos escritores antigos.

Um primeiro conjunto de escritos que possuímos contra Marco Antônio e que busca, em diferentes passagens, evocar o personagem enquanto um mau magistrado romano é o das *Filípicas*, proferidos por Cícero entre 44 e 43 a.C., diante do Senado e do povo romano, no contexto pós-assassinado de Júlio César e de cerco a Módena.

Após uma apresentação dos primeiros eventos de Marco Antônio quando tomou a toga pretextada, Cícero se ocupa em narrar como teria sido o exercício de seu opositor em suas primeiras magistraturas. Desse modo, ele nos narra os acontecimentos durante as guerras civis. Primeiro, ele aponta a proximidade entre Marco Antônio e Clódio, seu rival, enquanto compartilhavam o tribunato; em seguida narra a sua expedição ao Egito, contra as vontades dos deuses, demonstradas em auspícios, e contra os desejos do Senado, sob o comando de Gabieno, para a restituição do Ptolomeu Aulete no trono; e, por fim, sua ida para a Gália<sup>478</sup>. Foi somente após esses eventos que Marco Antônio, então, voltou a Roma para tentar a questura. Além destas, Marco Antônio também foi tribuno, com o apoio de Júlio César, e cônsul, junto deste último, em 44 a.C.<sup>479</sup>.

Com esses eventos narrados, Cícero passa a se dedicar ao consulado de Marco Antônio. Uma magistratura que ainda estava sendo exercida, visto a segunda *Filípica* ter sido composta em setembro de 44 a.C.. No entanto, é preciso destacar que algumas das ações de Marco Antônio no decorrer de seu consulado são retomadas em outros de seus discursos das '*Filípicas*', servindo constantemente aos propósitos do orador em construir um retrato nefasto de seu opositor.

<sup>476</sup> PELLING, Christopher. 2001. p.1.

<sup>477</sup> MILLAR, Fergus. .Triumvirate and Principate. **The Journal of Roman Studies**, Cambridge. vol.63. p.50-67. 1973.

<sup>478</sup> CÍCERO, *Filípicas*, II, 19.

<sup>479</sup> CÍCERO, *Filípicas*, II, 20-21.

Conforme Cícero, “ele [Marco Antônio] não é em nada cônsul, nem por seus costumes, nem por sua conduta política, nem por sua eleição”<sup>480</sup>. Uma opinião forte e que já deixa explícito qual o olhar adotado para se elencar as memórias sobre a condução do cônsul de seu cargo. Desse modo, todas as lembranças desse período são de suas más ações, exceto uma, a da extinção da Ditadura<sup>481</sup>.

O consulado de Marco Antônio foi uma época ruim. Apenas isso. Ele foi um cônsul que gastou de forma indevida o tesouro do Estado, criou más leis, agiu de modo inadequado com os provinciais, além de sua conduta pessoal na península Itálica, junto de seus partidários, ser totalmente inapropriada e em desacordo, segundo o ponto de vista do orador, com os costumes romanos. Cícero não ressalta exclusivamente algumas dessas memórias em episódios específicos, mas as repete e as mobiliza em meio a seu discurso como partes de um quadro geral<sup>482</sup>.

Nas quinta e sexta *Filípicas*, pronunciadas nas calendas de janeiro de 43 a.C., diante do Senado e do povo, respectivamente, Cícero comemora que a partir daquele dia Roma contava com novos cônsules, Aulo Hircio e Caio Pansa, os quais eram muito mais virtuosos que o anterior<sup>483</sup>. Com isso, ele visava reforçar sua posição contra Marco Antônio, que já sitiava Módena nessa época, e, de certa forma, permitia aos seus contemporâneos que estes se lembrassem dos eventos passados e da conduta do antigo cônsul nestes, ou seja, promovia uma revisitação dessas memórias.

Em oposição a essa recordação nefasta do consulado de Marco Antônio, temos a lembrança do bom consulado que seu avô exerceu em 99 a.C.<sup>484</sup>. Cícero usa o ancestral de seu rival como um contraponto, mostrando que havia bons exemplos na própria família de Marco Antônio. Os quais ele deveria seguir, ao invés de viver a vida desregrada que levava.

Portanto, a carreira política de Marco Antônio vem a somar a sua vida privada nessa construção de um retrato negativo do nosso personagem. As duas esferas não estão desligadas, pelo contrário, a linha é muito tênue entre elas. Tanto que Cícero investe também em descrever as companhias que Marco Antônio tinha em muitas das suas más ações para a República e o povo romanos. Nosso personagem é aludido também quando o orador fala de seus partidários, os quais são tomados quase que de modo indissociável de Marco Antônio.

<sup>480</sup> CÍCERO, *Filípicas*, II, 5.

<sup>481</sup> CÍCERO, *Filípicas*, I, 1 e 13.

<sup>482</sup> Para o consulado, Cf: CÍCERO, *Filípicas*, II, 5 e 28; VII, 5. Para os eventos de 44 a.C., Cf: CÍCERO, *Filípicas*, II, 35-37; II, 40-41; III, 12. Para a carreira política de modo geral: CÍCERO, *Filípicas*, II, 20-23; V, 4-5; VI, 2.

<sup>483</sup> CÍCERO, *Filípicas*, I, 14; II, 45-46.

<sup>484</sup> CÍCERO, *Filípicas*, V, 1; VI, 1.



Novamente devemos lançar luz à comparação entre Otaviano e Marco Antônio estabelecida por Cícero, em especial, na terceira *Filípica*. Louvar os bons feitos do primeiro, que não detinha qualquer cargo público ou mesmo honras, já que não era membro da elite senatorial, era lançar críticas ao segundo. Portanto, nesse contexto, o quadro de memórias estabelecido por Cícero possuiu sua importância para aqueles que compartilhavam de sua visão política.

Uma ressalva deve ser retomada, estes eventos são trazidos por meio de uma chave de leitura específica, em que o orador romano procura destacar apenas eventos negativos. Seu discurso era teleológico, buscando no passado as raízes para o monstro que Marco Antônio era no presente. Desse modo, há uma linha geral que cobre todas essas memórias que vêm sendo mobilizadas por Cícero. Uma cadeia de más ações que servem para compor esse retrato nefasto de Marco Antônio.

Ao analisar as *vituperationes* trocadas entre Otaviano e Marco Antônio, Loïc Borgies aborda uma, a *crudelitas*. Esta seria oposta à *clementia*, sendo o desejo de provocar o sofrimento no outro. Colocar-se enquanto clemente e acusar o opositor de ser cruel é destacar que você é bom para a *res publica* e o outro é um mal ao corpo social e aos negócios públicos<sup>485</sup>.

Marco Antônio foi muito criticado a esse respeito. A *crudelitas* foi apontada em sua atuação enquanto magistrado romano, seja como cônsul, como é o caso de diferentes passagens das *Filípicas* de Cícero, seja enquanto triúmviro. No decorrer dessa magistratura, o principal episódio é o das proscricções, nos anos iniciais, entre 43 e 42 a.C.. Veleio Patérculo é bastante crítico a este triúmviro, sobretudo porque foi nesse contexto que Cícero, a quem este autor admirava, foi assassinado a mando de Marco Antônio<sup>486</sup>. Suetônio, porém, aponta que Otaviano, mesmo tendo resistido à prática das proscricções, quando esta foi iniciada, ele foi o que mais se utilizou dela para seus fins políticos<sup>487</sup>.

Plutarco, no entanto, traz uma visão mais positiva de Marco Antônio na execução de suas magistraturas. O biógrafo fala que a sua eloquência tinha uma grande recepção junto ao povo, o que foi importante para a sua eleição enquanto tribuno da plebe<sup>488</sup>. Contudo, reclama da sua condução dos negócios públicos durante a ausência de Júlio César, principalmente, por seus modos pouco apropriados na vida privada<sup>489</sup>.

---

<sup>485</sup> BORGIES, Loïc. 2016, p.107-188.

<sup>486</sup> VELEIO PATÉRCULO, *História Romana*, II, 66.

<sup>487</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 27.

<sup>488</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 5.

<sup>489</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 6.

Outro suporte utilizado para a transmissão das memórias dos magistrados romanos eram as inscrições. Trazemos aqui, em especial, os *fasti Capitolini Consulares*<sup>490</sup> e os *fasti Colotiani*<sup>491</sup>. Nos dois *fasti* ocorreu o martelamento do nome de Marco Antônio dessas inscrições, marcando, assim, sua memória com uma desonra. Buscou-se o esquecimento e o apagamento de suas ações enquanto magistrado romano. Contudo, após serem marteladas, as passagens com seu nome foram restauradas, ou seja, essas memórias de Marco Antônio, nos registros oficiais, foram reabilitadas. No entanto, a marca de desonra permaneceu visível, pois continuou sendo possível ver a diferença no suporte material em relação ao todo.

Por fim, cabe destacar as moedas. Essas peças, ao trazerem Marco Antônio representado enquanto um magistrado romano, podem ter servido de importantes vetores na transmissão social de uma memória política que o afastava do discurso de um mau magistrado romano ou de ter se entregue aos desejos de Cleópatra. Apesar disso, o mesmo meio foi utilizado pelo rival, Augusto, na construção de uma visão negativa do rival e reforçando sempre a sua vitória, através da deusa Vitória em suas cunhagens. A numismática foi cenário de uma grande disputa memorialística.

### **Vida militar**

Outro importante campo em que houve trabalhos com a memória de Marco Antônio foi o da sua carreira militar. Alguns aristocratas romanos, de fins da República, se dedicaram à carreira militar, ao mesmo tempo em que buscaram ocupar diferentes magistraturas do *cursus honorum*. Isso se aplica a Marco Antônio. Nosso personagem iniciou sua vida militar em 57 a.C. quando se juntou ao exército de Aulo Gabínio para lutar na Síria. Em 55 a.C., participou, em Alexandria, da reinvestidura de Ptolomeu XII Aulete ao trono egípcio<sup>492</sup>.

No ano seguinte, em 54 a.C., Marco Antônio lutou junto de Júlio César na Gália<sup>493</sup>. Em 49 a.C., foi chefe de um dos exércitos do ditador em Farsália, em seu embate contra Cneu Pompeu<sup>494</sup>. Entre essas batalhas, atuou em nome de Júlio César em Roma, período em que exerceu as magistraturas da questura e do tribunato da plebe. Após a vitória em Farsália, foi

<sup>490</sup> Para acessar a integralidade da inscrição do *fasti Capitolini Consulares e Triumphales*, Cf: DEGRASSI, Atilio. *Corpus Scriptorum Latinorum Paravianum*. Torino: G. B. Paravia, 1954.

<sup>491</sup> Para acesso à imagem, ao texto e à ficha arqueológica dos *Fasti Colotiani*, cf: Disponível em: <<http://ancientrome.ru/art/artworken/img.htm?id=7171>>. Acesso em: 16 ago 2022.

<sup>492</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 3.

<sup>493</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 5.

<sup>494</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 7-8.

designado chefe de cavalaria e enviado para Roma, sendo responsável pelos negócios públicos<sup>495</sup>.

Suas outras batalhas se deram após a morte de Júlio César, sendo a primeira delas entre 44 e 43 a.C, com o cerco a Módena<sup>496</sup>. Apesar da sua derrota, os desdobramentos políticos levaram ao acordo do segundo Triunvirato, tendo como amigos de magistratura Lépido e Otaviano. No ano seguinte, em 42 a.C., deu a batalha de Filipos contra os assassinos de Júlio César, batalha em que ele teve grande participação para a vitória dos triúnviros<sup>497</sup>.

Somente anos depois, em 36 a.C., Marco Antônio voltaria ao campo de batalha, mas para uma grande campanha militar contra os Partas. Esse era um desejo antigo dos romanos, que haviam sido derrotados anteriormente nesse projeto conquistador, com a morte de Crasso, em 53 a.C.. Júlio César também tinha esse plano militar oriental, mas que coube a Marco Antônio o desenvolvimento. No entanto, o resultado não foi bom, visto que Marco Antônio foi derrotado, após uma traição do rei armênio<sup>498</sup>.

A última grande batalha de sua vida foi em 31 a.C., em Ácio, contra seu antigo companheiro de magistratura, Otaviano. O resultado foi a sua derrota, após ter fugido, para o Egito, em meio ao confronto naval que ocorria. Aos poucos suas tropas foram desertando, até que Alexandria e o Egito fossem conquistados pelo seu rival, em 30 a.C.<sup>499</sup>. O seu fim, como bem sabemos, foi a morte, nesse mesmo ano.

Apesar de todo esse histórico militar, com um pouco mais de 25 anos na ativa, nem todos os relatos a seu respeito são positivos. Nem todos os autores antigos nos transmitiram uma imagem virtuosa de Marco Antônio na área militar. Uma primeira crítica que temos nesse campo é de Cícero, em suas *Filípicas*. O orador critica sua expedição ao Egito, contra as vontades dos deuses, demonstradas em auspícios, e contra os desejos do Senado, sob o comando de Aulo Gabínio, e sua posterior ida para a Gália<sup>500</sup>.

Nos anos iniciais do Principado, os escritores do círculo de Mecenas que escreveram sobre ele nos apontam que ele agia em favores da rainha egípcia contra os romanos, que ele

---

<sup>495</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 8.

<sup>496</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 17.

<sup>497</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 22.

<sup>498</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 37-52.

<sup>499</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 60-73.

<sup>500</sup> CÍCERO, *Filípicas*, II, 19.

era um derrotado e que ele havia fugido do campo de batalha<sup>501</sup>. Floro e Veleio Patérculo seguem a mesma linha<sup>502</sup>.

Era importante para os escritores mais aliados ao projeto do Principado os maus feitos militares de Marco Antônio, principalmente, diante de Ácio, pois tornava justa a batalha feita contra um romano, fortalecia o projeto de Otaviano e dava unidade aos romanos. Ora, o prestígio militar era importante entre os romanos e Marco Antônio tinha um grande histórico nessa área, o que precisava de certo esforço para ser mascarado, ainda mais diante de uma política de paz, em razão da sua pouca habilidade militar, que Augusto estabeleceu no Principado, sobretudo, com ele tomando a frente do exército romano.

Augusto, em suas *Res gestae*, também nos legou uma visão específica da ação militar de seu rival, que oscila entre a ausência de sua participação em batalhas do período do Triunvirato e o viés discursivo do Principado, que foca mais no príncipe. Logo no início da listagem dos feitos, ele aponta que lutou contra um facção, esta era o grupo de Marco Antônio que cercava Módena<sup>503</sup>. A atuação dele foi importante para a derrota de seu rival.

Outra batalha em que Marco Antônio esteve presente, mas que Augusto ignora no relato de seus feitos é a batalha de Filipos. Neste caso, Augusto se apresenta como o grande responsável pela vitória<sup>504</sup>. Suetônio, ao contrário, rebate esse ponto de vista dizendo que o general vitorioso foi Marco Antônio, apontando algumas más ações do seu biografado durante essa guerra<sup>505</sup>. Apiano também relata que a fama de Marco Antônio estava em alta após Filipos e não apenas entre os soldados, pois era ele quem havia sido o grande vitorioso, tendo Otaviano apresentado uma doença durante a batalha<sup>506</sup>.

Quanto à vitória em Ácio, Augusto recorda a memória do evento associando-a ao juramento que toda a Itália teria feito a ele, pedindo que fosse o representante dos romanos – o que põe Marco Antônio no lugar de estrangeiro e inimigo<sup>507</sup>.

Além do que já foi exposto acima sobre a memória de Ácio, que por si só mobiliza a recordação de Marco Antônio enquanto perdedor, Augusto também usou outro canal de transmissão de memórias contra seu rival, mas num ato de ‘reabilitação’. Estamos falando dos *Fasti Triumphales*, em que o príncipe inscreveu o nome de seu colega, junto do seu. No entanto, a recordação nessa inscrição é a de uma ovação no ano de 40 a.C..

<sup>501</sup> HORÁCIO, *Odes*, I, 37; *Epodos*, 9; PROPÉRCIO, *Elegias*, II, 16, v.37-42; III, 11. v.29-36; IV, 6; VIRGÍLIO, *Eneida*, VIII, 685-711.

<sup>502</sup> FLORO, *Epitoma*. II, 21. VELEIO PATÉRCULO, *História Romana*, II, 84-88.

<sup>503</sup> *Res Gestae*, I, 1.

<sup>504</sup> *Res Gestae*, I, 2.

<sup>505</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 13.

<sup>506</sup> APIANO, *Guerras Cívicas*, V, 14; 53; 58.

<sup>507</sup> *Res Gestae*, V, 25.

Poderíamos, a priori, a pensar que essa reabilitação seria uma forma de valorização ou mesmo, um reconhecimento tardio da importância militar que Marco Antônio teve nas últimas décadas. No entanto, quando analisamos que a inscrição, possivelmente, ornava o seu arco do triunfo de Ácio e que a vitória descrita era um ato menor e associado a Augusto, vemos que essa reabilitação é bastante limitada e ajuda até a reforçar a posição de supremacia do príncipe. É um evento menor, se comparado aos grandes feitos militares destacados anteriormente, como a própria batalha de Filipos, por exemplo. É lembrar, mas sem que a memória mobilizada possa trazer muita luz ao nome do rival.

É com autores gregos, como Plutarco, Apiano e Dion Cássio que observamos um resgate de uma boa visão de Marco Antônio enquanto um bom guerreiro e com boas relações junto aos militares, sendo um bom exemplo para eles. Isso nos aponta para uma transmissão de memórias a respeito do comportamento militar dele e entre grupos que não estavam na elite.

De acordo com Jean-Michel Carrié, o trabalho militar era duro e pesado, feito com suor. Somente essas qualidades importavam na ação que se esperava de um governante, pois, apenas assim, ele seria uma inspiração para seus soldados. Para a aristocracia senatorial tais características, por trazerem elementos de um esforço/trabalho, eram sempre trazidas, em suas descrições dos governantes soldados, com um olhar negativo<sup>508</sup>.

Rita Scuderi aponta que durante toda a sua carreira militar o general romano, Marco Antônio contou com um grande prestígio junto as suas tropas, sendo positiva a sua presença na opinião pública dos militares. Segundo a autora, por meio de suas atitudes, comportamentos e características pessoais, ou por se colocar enquanto uma continuidade do projeto cesariano, ele soube se tornar presente na psicologia militar<sup>509</sup>.

Assim, a partir da biografia que temos de Marco Antônio, podemos observar, de certo modo, o olhar que os próprios soldados teriam sobre si e sobre o seu chefe. Tomemos algumas passagens de Plutarco. O primeiro episódio é o da época de Marco Antônio em Alexandria, em 55 a.C.. O biógrafo aponta que, em razão de uma ação humana que ele teve com Arquelau, filho de Ptolomeu XII Aulete, e esposa de Berenice, uma das herdeiras ao trono, isso lhe rendeu grande prestígio junto aos soldados que se encontravam em Alexandria,

---

<sup>508</sup> CARRIÈ, Jean Michel. O soldado. In: GIARDINA, Andrea (org.). **O homem romano**. Lisboa: Presença, 1992. p.87-115. p.100-101.

<sup>509</sup> SCUDERI, Rita. 1978. p.137.

sendo visto como um chefe brilhante – apesar de ainda estar no início da sua carreira militar – , bem como entre os alexandrinos<sup>510</sup>.

No contexto da narrativa de outro episódio, o do cerco de Módena, Plutarco aponta que, apesar dos seus gostos e hábitos de luxo, junto dos soldados ele bebia água suja e comia frutas selvagens e raízes, sendo que alguns diziam que ele comia cascas de árvores e animais que ninguém gostava de comer<sup>511</sup>. A liberalidade que Marco Antônio tinha para com os seus soldados era outra característica que se sobressaía ao seu quadro comportamental, criticado por, eventualmente, ter maus costumes, diante de um padrão romano<sup>512</sup>.

### **A herança de Júlio César**

Outro elemento interessante que cabe ser analisado, nesse panorama de memórias sobre Marco Antônio é a herança do antigo ditador romano. Paul Marius Martin aponta que Júlio César e Marco Antônio foram apropriados, de forma inversa, por Augusto, no trabalho deste com as memórias. Ambos são peças de um mesmo quebra-cabeça e dialogam, diretamente, com a imagem que o príncipe procurou fazer de si e como construiu e cristalizou a de seu rival<sup>513</sup>.

Júlio César, desde o ano de 44 a.C., foi tomado pelo seu jovem herdeiro testamentário como um referencial para sua posição política. Para Otaviano, com apenas 19 anos e pouca experiência política, a figura de Júlio César foi essencial para lhe dar popularidade. É esse olhar que devemos ter ao observar sua grande movimentação em prol da ascensão de seu pai, modo como ele nomeia Júlio César em suas *Res gestae* e em moedas. A partir da divinização do antigo ditador romano, Otaviano passava a ser, por tanto, o *diui filius*, ou seja, o filho do divino. Esse elemento que foi amplamente utilizado em sua propaganda durante o Triunvirato e na sua vingança do cesaricídio, que ocorreu por meio da batalha de Filipos, em 42 a.C..

Contudo, no enquadramento da memória feito por Augusto, houve uma revisão sobre as ações de Júlio César, sobretudo no que diz respeito à parte alexandrina. Foi retirado de seu passado qualquer evento ou característica que o aproximasse da realeza, como, por exemplo, a sua relação com Cleópatra e uma ação política mais monárquica. O objetivo de Augusto, ao mobilizar as memórias de seu pai, era destacar o caráter divino de Júlio César, o qual deveria

<sup>510</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 3.

<sup>511</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 17.

<sup>512</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 4.

<sup>513</sup> Paul-Marius Martin inclusive intitula seu texto de ‘O outro herdeiro’ de César. Cf: MARTIN, Paul Marius. L’autre “heritier” de César. In: **Marc Antoine, son idéologie et as descendance**: actes du colloque organisé à Lyon le jeudi 28 juin 1990. Lyon: Sociéty des Amis de Jacob Spon, 1993. p.37-54.

estar em sintonia com a nova estética do Principado<sup>514</sup>. Assim, os feitos do antigo ditador romano precisaram ser revisitados, pois só interessavam enquanto partes do novo discurso dominante. Um lembrar condicional, mais adequado à figura de *diuus Iulus* era o que interessava.

No entanto, essa memória não se consolidou, pois Suetônio nos relata dois fatos que mostram a fragilidade dessa ação com a memória que seu herdeiro procurou realizar. Primeiro, que de todos os amores que Júlio César teve, Cleópatra foi a que ele mais amou, tanto que a trouxe para Roma anos depois (a rainha só partiu com a sua morte)<sup>515</sup>. Segundo, que na época de Júlio César havia um grande rumor em Roma de que a capital da República poderia ser alterada, tendo como uma das possíveis nova capital a cidade de Alexandria<sup>516</sup>.

O curioso é ver que esses dois pontos, atribuídos a Júlio César, foram, justamente, acusações feitas a Marco Antônio por Otaviano – o amor por Cleópatra<sup>517</sup> e a preferência pelo Egito<sup>518</sup>. Numa leitura da obra de Suetônio, elas não se encontram atribuídas a Marco Antônio, nem quando da passagem sobre Ácio<sup>519</sup>, bem como não há qualquer menção nas outras biografias. Portanto, o processo com o rival, ao contrário do realizado com o seu pai adotivo, foi o de associá-lo à realeza egípcia, como pudemos observar anteriormente.

Essa ação esconde outra faceta. Otaviano buscou apagar traços que mostrassem Marco Antônio como um possível herdeiro de Júlio César, sobretudo no campo ideológico. Essa ligação deveria ser esquecida e um novo passado construído. Assim, era impensável que se pudesse veicular, após sua morte, uma visão de que o antigo ditador tivesse algum outro herdeiro, seja sanguíneo, como é o caso de Ptolomeu Cesário, filho de Cleópatra – tanto que ele foi assassinado depois da conquista do Egito<sup>520</sup> –, seja ideológico ou político, como é o caso de Marco Antônio<sup>521</sup>.

No entanto, Júlio César e Marco Antônio eram próximos, mais do que apenas amigos de Consulado do ano de 44 a.C.. Marco Antônio comandou tropas na conquista da Gália, em 54 a.C.; logo depois foi enviado para Roma com a função de representar Júlio César e o defender dos *optimates* (período em que ocupou suas magistraturas); atuou de forma

<sup>514</sup> MARTIN, Paul-Marius. 1993. p.41-45.

<sup>515</sup> SUETÔNIO, *Júlio César*, 50.

<sup>516</sup> SUETÔNIO, *Júlio César*, 79.

<sup>517</sup> SUETÔNIO, *Júlio César*, 52.

<sup>518</sup> SUETÔNIO, *Júlio César*, 79.

<sup>519</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 17.

<sup>520</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 17. PLUTARCO, *Marco Antônio*, 82.

<sup>521</sup> MARTIN, Paul Marius. 1993. p.39.

significativa na guerra civil contra Pompeu, sendo lugar-tenente em Farsália, em 49 a.C.; ficou em Roma quando Júlio César esteve no Oriente, atuando em seu nome<sup>522</sup>.

Cícero, na segunda *Filípica*, destaca que as magistraturas e cargos que Marco Antônio ocupou se davam em íntima relação com as funções de Júlio César, inclusive, usando um tom bastante pejorativo. O antigo ditador é trazido como uma mancha à carreira de Marco Antônio, em razão da grande proximidade existente entre eles<sup>523</sup>.

Nesse sentido, Camila Ferreira da Silva destaca que o filho primogênito de Marco Antônio com Fúlvia, nascido em 43 a.C., se chamava Marco Antônio Iulo (*Marcus Antonius Iullus*), numa associação direta à *gens Iulia*, da qual Marco Antônio era próximo, já que sua mãe era sobrinha de Júlio César. Iulo é o nome do filho de Eneias, ancestral da *gens*, que teria fundado a cidade de Alba Longa<sup>524</sup>.

As ações de Marco Antônio logo após a morte de Júlio César reforçam essa proximidade entre os dois. Podemos citar, por exemplo, a defesa da manutenção dos atos legislativos (*acta Caesaris*), a realização do funeral, a abertura do testamento e o recebimento dos documentos íntimos que estavam com Calpúrnia, esposa do antigo ditador<sup>525</sup>. Segundo Marie-Claire Ferrière, Marco Antônio adotou uma política de continuidade das medidas de Júlio César, dando apenas retoques pessoais, de acordo com seus interesses, o que o colocou como portador de uma terceira via entre Cícero e Otaviano<sup>526</sup>.

Outra ação nesse contexto é a extinção da Ditadura. A primeira *Filípica* de Cícero, como bem aponta Paul Marius Martin, possui um conjunto de críticas a ações de Marco Antônio em prol de Júlio César, o que vinha a denunciar que ele promovia uma continuidade das atitudes do antigo ditador. É dentro desse contexto, segundo o autor, que devemos compreender a extinção da referida magistratura, ou seja, não por um ato do cônsul em prol da República, como julgava Cícero, mas por Marco Antônio acreditar que tal magistratura cabia apenas a Júlio César e a ninguém mais, promovendo, assim, a criação de uma memória social ao redor do cargo. Apesar disso, a criação, mais tarde de um retrato de Marco Antônio como um rei tirano pela propaganda de Otaviano, impede, frequentemente, de visualizarmos o verdadeiro ataque ciceroniano, pois ele se atentou ao fato de que Marco Antônio se comportava como o autêntico herdeiro político de Júlio César<sup>527</sup>.

<sup>522</sup> CRISTOFOLI, Roberto. **Antonio e Cesare**: anni 54-44 a.C.. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2008.

<sup>523</sup> CÍCERO, *Filípicas*, II, 29.

<sup>524</sup> SILVA, Camila Ferreira Paulino da. 2014, n.4, p.50-74. p.61.

<sup>525</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 14-15.

<sup>526</sup> FERRIÈS, Marie-Claire. L'ombre de César dans la politique du consul Marc Antoine. In: DEVILLERS, Olivier; SION-JENKIS, Karin (org.). **César sous Augustus**. Bordeaux: Ausonius, 2012. p.72.

<sup>527</sup> MARTIN, Paul Marius. 1993. p.37-41.



Cícero também promove um ataque a Marco Antônio quando busca destacar que Otaviano era herdeiro de Júlio César ao nomeá-lo, desde a terceira *Filípica*, que data de 20 de dezembro de 44 a.C., como César. Isso se soma ao retrato comparativo que ele buscou estabelecer entre o jovem e o seu rival político, alvo de todos aqueles discursos. Um era a salvação da República, enquanto o outro era o causador de todos os males<sup>528</sup>. Sabemos dos interesses iniciais de Cícero em cooptar Otaviano para o seu lado, mas é interessante observar que essa oposição alimentada pelo orador mostrava, também, uma disputa pela herança do antigo ditador.



**Imagem 15** – Denário de Marco Antônio e de Otaviano<sup>529</sup>.

Marco Antônio possui três moedas em que se apropria do *sidus Iulium*, o cometa que Otaviano usou amplamente em suas representações para se aludir ao pai adotivo<sup>530</sup>. A moeda acima é um dos exemplos. Dessa série, alguns exemplares, que mostram os dois triúnviros – que reforçam a sua magistratura na parte escrita da moeda – possuem a representação de uma estrela abaixo da efígie de Marco Antônio. Esta era o cometa que simbolizava a apoteose do antigo ditador e estava associada a Marco Antônio, não a Otaviano. Isso nos mostra que o uso deste símbolo não era exclusividade do *diui filius*.

Além dessas atitudes que Marco Antônio teve em prol de Júlio César, ele também deixou, em suas moedas, diferentes exemplos de sua proximidade com o antigo ditador romano. Um exemplo é de 43 a.C., no contexto da batalha de Módena e do estabelecimento do Triunvirato, em que a efígie de Marco Antônio se encontra barbada e junto de símbolos religiosos que tinham o papel de reforçar os títulos de militares do morto<sup>531</sup>.

<sup>528</sup> CÍCERO, *Filípicas*, III, 1-2; 4; 6; 11; e IV, 1-3; 5-6.

<sup>529</sup> RRC 528/2a. Cunhada em 39 a.C.. Anverso: M ANTON IMP III VIR R P C – cabeça de Marco Antônio com uma estrela abaixo. Reverso: M ANTON IMP III VIR R P C – Cabeça de Otaviano.

<sup>530</sup> São elas: RRC 521/1 (de 40 a.C.), RRC 528/2a (de 39 a.C.) e RRC 533/1 (38 a.C.). DION CÁSSIO, *História Romana*, XLV, 7.

<sup>531</sup> Essa moeda é trazida no capítulo 1, no tópico ‘Moedas’.

Otaviano buscou negar e mascarar a ligação entre Júlio César e Marco Antônio no que se refere a atos, projetos e intenções de seu rival. Nesse contexto, elevar seu pai dentro do seu prisma político não era só se fortalecer politicamente, mas negar o papel de Marco Antônio. No entanto, como apontado anteriormente, essa acusação de orientalização trazia a tona elementos de um projeto maior e que também dizia respeito a Júlio César, por isso de tantos ataques a Marco Antônio para convencer a opinião pública romana de que ele viria a ser um mal à República. As ações de Marco Antônio no Oriente seguiam a lógica da região.

É verdade que essa disputa por uma memória de Júlio César ocorreu desde o período subsequente aos idos de março. Obviamente que Otaviano foi mais feliz nesse processo, já que saiu como o vencedor da batalha de Ácio e, em seguida, pode consolidar essa visão do rival, com pouca ligação ao seu pai, todavia, não podemos deixar de destacar algumas das iniciativas de Marco Antônio no intuito de se associar ao antigo ditador romano. Um interessante exemplo disso é o uso da numismática.

### **As diferentes memórias sobre Marco Antônio**

Por fim, nesse cenário, após abordarmos os canais de transmissão e compartilhamento de memórias e os atores envolvidos nesse processo, coube trazer para análise o conjunto de memórias sobre Marco Antônio. Neste capítulo, debruçamo-nos sobre as memórias de Ácio, da vida e dos costumes adotados nas províncias orientais, das carreiras militar e política de nosso personagem e da herança política de Júlio César.

A batalha de Ácio foi o marco fundacional do Principado e permeou as memórias do novo governo por meio do enquadramento realizado, sendo estas compartilhadas pelos romanos e difundidas em diferentes suportes. Marco Antônio esteve presente em todo esse recordar, afinal, ele foi o derrotado no campo de batalha. Portanto, a disputa naval, que ocorreu após o distanciamento dos triúnviros, foi recorrente no plano simbólico de Augusto, em que a deusa Vitória figurou junto do escudo das virtudes, da coroa cívica e do título de *Augustus*.

A vida de Marco Antônio nas províncias orientais também foi outro elemento central nas memórias. Sua vida inimitável e o amor por Cleópatra foram alvo de muitas críticas no decorrer do Triunvirato e no Principado acabaram cristalizados na memória cultural romana. O rival de Augusto teve seus hábitos retratados por diferentes autores, destacando os pontos que desviavam daquilo esperado para o comportamento social de um romano, sob a ótica da aristocracia mais tradicional. Desse modo, Marco Antônio passou a ser recordado enquanto um romano degenerado.

A atuação militar do herdeiro político de Júlio César também foi alvo das memórias. Como observamos, no início do Principado houve uma busca por ofuscar as habilidades militares de Marco Antônio, frisando a sua derrota em Ácio e apagando o seu destaque na vitória em Filipos. No entanto, memórias subterrâneas foram compartilhadas e nos permitem ver outros aspectos e eventos de nosso personagem como general romano. No que compete à atuação de Marco Antônio enquanto magistrado romano, sua carreira também foi criticada, sobretudo enquanto cônsul, na disputa republicana das memórias, mesmo assim, suas honras permanecem nos *fasti* após sua reabilitação.

Por último, analisamos a herança de Júlio César, ou seja, o uso político e memorialístico empreendido com relação a essa ligação com o antigo ditador romano. Marco Antônio era próximo a ele, foi seu herdeiro político e Otaviano sabia disso, tanto que no enquadramento da memória do Principado precisou apagar essa estreita relação entre os dois, pois não bastava apenas se colocar como o filho do divino César.

## CAPÍTULO 4:

### As ações com as memórias e Marco Antônio

Iniciamos este último movimento reflexivo com uma questão trazida por Michael Pollak: “como organizar a comemoração de um acontecimento que provoca tantos sentimentos ambivalentes, perpassando não apenas todas as organizações políticas, mas muitas vezes um mesmo indivíduo?”<sup>532</sup>. Marco Antônio era um personagem que trazia essa ambiguidade. Ele era um membro da aristocracia, com longa carreira política, muitos partidários e que havia se casado com a irmã de Augusto, gerando filhos, os quais pertenciam à *domus Augusta*.

Contudo, ao analisar Marco Antônio pelo ‘prisma da memória’, não devemos observar apenas aquilo que foi recordado e os meios usados para isso, mas, também, o que não foi lembrado. Lembrar é apenas um dos diferentes movimentos possíveis no campo da memória. É a face de uma moeda. Na outra temos, num sentido oposto, o esquecer e o silenciar. E, além dessas três possíveis ações, temos, também, o reabilitar, resgatando algo esquecido, silenciado ou lembrado a partir de um espectro específico, enquadrado, como propõe Michael Pollak<sup>533</sup>.

Segundo este autor, a memória é algo em disputa<sup>534</sup>, logo, algo em tensão. Lembrar, esquecer, silenciar e reabilitar são movimentos realizados pelos grupos sociais nesse processo de compartilhamento de suas formas de observar os acontecimentos e as referências do passado em seu corpo social. Cada um deles será tomado, nas páginas seguintes, para se analisar as ações com as memórias referentes a Marco Antônio. Seu passado foi alvo de uma recordação específica, foi apagado pela *damnatio memoriae*, foi silenciado e foi, também, reabilitado.

Cabe destacar que todo esse processo de cristalização de uma memória a respeito de Marco Antônio não ocorreu de forma brutal e completa em pouco tempo. Como aponta François Chamoux, em razão da importante posição política que Marco Antônio ocupou por anos, é difícil de supor que a ruptura e a mudança fossem abruptas. Isso durou anos, iniciando-se no decorrer do Triunvirato (com libelos e panfletos), atravessando o Principado

---

<sup>532</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989. p.12.

<sup>533</sup> POLLAK, Michael. 1989. p.9-12.

<sup>534</sup> POLLAK, Michael. 1989. p.4.

de Augusto (com as obras poéticas, por exemplo)<sup>535</sup> e permanecendo em movimento mesmo nos séculos posteriores. Contudo, coexistiu com o esquecimento, o silenciamento e com a reabilitação, vista em pouco tempo e no seio da própria família imperial.

Como pontua Karl Galinsky, a Roma Antiga era uma cultura de memória e esta permeou diferentes áreas, como a sociedade, a política, a religião, as cerimônias, a arquitetura, as artes, a tradição e a literatura, cabendo principalmente aos oradores, por meio do destaque dos *exempla*, a sua perpetuação<sup>536</sup>. Harriet Flower expõe que “a memória na cultura romana pode ser encontrada em três meios essenciais: monumento, texto e ritual. Em outras palavras, era visível e legível, mas também dramático e capaz de ser recriado”<sup>537</sup>.

De acordo com Alain Gowing, a memória existia enquanto parte da vivência coletiva – memória da *ciuitas romana* –, estando presente nas práticas comemorativas em grupo (procissões, *laudationes*, festas) e em túmulos, inscrições e monumentos<sup>538</sup>. Contudo, ela sempre existiu num ambiente de tensão em função da inerente competição existente na sociedade romana, em que havia a constante necessidade de sugestão e reafirmação do brilhantismo do indivíduo e de sua família no seio da cultura política romana durante a República e o Império<sup>539</sup>.

Como expõe Alain Gowing, havia uma forte conexão entre os vivos e os mortos na sociedade romana. Isso destaca a íntima relação entre história e memória na cultura romana, pois, em função do medo do desaparecimento e a perpetuação da dinâmica aristocrática do poder, os mortos fixavam residência, ao menos para a elite romana, entre os vivos. É esse o contexto dos rituais de homenagem aos antepassados mortos e da construção de diferentes túmulos na via Ápia, uma das portas de entrada para a cidade de Roma<sup>540</sup>.

De acordo com Karl Galinsky, os romanos não faziam distinção entre história e memória e a primeira não se limitava à historiografia, mas incluía outras expressões literárias, como a poesia, por exemplo<sup>541</sup>. Assim, narrar o passado era transmitir memórias, independente do gênero textual que o autor antigo possa ter escolhido em sua obra<sup>542</sup>. No entanto, segundo Harriet Flower, apesar de os letrados e instruídos sempre terem tido acesso a

<sup>535</sup> CHAMOUX, François. **Marc Antoine**: Dernier prince de l’Orient grec. Paris: Arthald, 1986, p.382-383.

<sup>536</sup> GALINSKY, Karl. Introduction. In: GALINSKY, Karl (org.). **Memory in Ancient Rome and Early Christianity**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p.1-39. p.17.

<sup>537</sup> FLOWER, Harriet I. **The art of forgetting**: disgrace & oblivion in Roman political culture. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2006. p.276.

<sup>538</sup> GOWING, Alain. **Empire and memory**: the representation of the Roman Republic in imperial culture. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p.15-16.

<sup>539</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.276.

<sup>540</sup> GOWING, Alain. 2005. p.12-14.

<sup>541</sup> GALINSKY, Karl. 2014. p.4-5.

<sup>542</sup> GOWING, Alain. 2005. p.9-11.

um maior número de versões do passado, sobretudo, por meio de documentos e relatos historiográficos<sup>543</sup>, existiam muitos canais possíveis para o compartilhamento de memórias.

Quanto aos termos na língua latina, Catherine Baroin aponta que os romanos possuíam diferentes termos para o conceito de memória, mas poucos para o conceito de esquecimento. Além disso, eles faziam um jogo de valor entre os dois, sendo o primeiro considerado positivo, enquanto o segundo, negativo<sup>544</sup>.

Desse modo, dividimos o presente capítulo em quatro movimentos: o lembrar, o esquecer, o silenciar e o reabilitar, que, como exposto acima, foram simultâneos. Portanto, apesar de se propor uma separação analítica, todos eles fazem parte de um mesmo conjunto de práticas memorialísticas realizadas por diferentes grupos sociais a partir de diferentes meios de comunicação. Todos podem ser observados no que se refere a Marco Antônio.

### **Lembrar**

O ato de lembrar é uma ação corriqueira da mente humana. Como argumenta Jacques Le Goff, numa primeira concepção, memória é o “conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”, o que abarca o conjunto de saberes psicológicos, neurológicos e biológicos<sup>545</sup>.

Contudo, o que mais nos interessa é compreender a memória enquanto um ato social. Nas palavras de Michael Pollak, memória é a “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar”, por meio de “tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes”<sup>546</sup>. De acordo com Ulpiano Bezerra de Menezes, “a memória, como construção social, é a formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional”<sup>547</sup>.

Nessa concepção, para este último autor, “a memória enquanto processo subordinado à dinâmica social desautoriza, seja a ideia de construção no passado, seja a de uma função de almoxarifado desse passado”, pois “a elaboração da memória se dá no presente e para

<sup>543</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.276-277.

<sup>544</sup> BAROIN, Catherine. **Se souvenir à Rome**: formes, représentations et pratiques de la mémoire. Paris: Belin, 2010. p.23-41.

<sup>545</sup> LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p.419-476. p.419-420.

<sup>546</sup> POLLAK, Michael. 1989. p.9.

<sup>547</sup> MENESES, Ulpiano Bezerra. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo. n.34. p.9-24. 1992. p.22.

responder a solicitações presentes”<sup>548</sup>. Segundo Michael Pollak, “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem a sociedade” e definir as oposições irredutíveis<sup>549</sup>. Contudo, o referencial do passado é essencial como um elemento que provoca a mudança, necessária para que a memória se adapte ao longo do tempo<sup>550</sup>.

Dessa forma, o ato de lembrar não se dá de forma inocente. De acordo com Jan Assmann, “lembrar significa colocar outras coisas em segundo plano, fazer distinções, obliterar muitas coisas para lançar luz sobre outras”<sup>551</sup>. Conforme Paul Ricoeur, lembrar é um ato seletivo<sup>552</sup>, e, segundo Jacques Le Goff destaca, a memória é um instrumento e objeto de poder<sup>553</sup>.

Outro aspecto fundamental para a memória é fazer sentido para o grupo social que a mobiliza. James Fentress e Chris Wickham argumentam que “há memória social porque há significado para o grupo que recorda”. São “as memórias *partilhadas*, na realidade o próprio processo de partilha, isto é, a produção de narrativas faladas ou escritas sobre o passado, o que toma forma dentro do quadro de significado que lhes é dado pelo grupo no seio do qual são contadas”<sup>554</sup>.

Segundo os autores, saber que tipo de coisas são recordadas e por quê é uma questão importante<sup>555</sup>. Só faz parte das dinâmicas com a memória aquilo que fizer sentido para o grupo social, como um elemento que os une e os identifica. Alain Gowing destaca, ao analisar o papel que o Fórum de Augusto teria na memória da sociedade romana no período de Trajano, que o “momento em que os memoriais de uma cultura ou sociedade deixam de ter qualquer significado óbvio para seus membros constitui uma etapa significativa na deterioração ou mesmo perda da memória”<sup>556</sup>.

O precursor de estudos nessa linha foi Maurice Halbwachs. Nas primeiras décadas do século XX, seus estudos trouxeram à luz aspectos sociais ao campo da memória, sendo sua

---

<sup>548</sup> MENESES, Ulpiano Bezerra. 1992. p.11.

<sup>549</sup> POLLAK, Michael. 1989. p.9.

<sup>550</sup> MENESES, Ulpiano Bezerra. 1992. p.14.

<sup>551</sup> ASSMANN, Jan. What is “cultural memory”? In: **Religion and cultural memory: ten studies**. Stanford: Stanford University Press, 2006. p.3.

<sup>552</sup> RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p.455.

<sup>553</sup> “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje”. LE GOFF, Jacques. 2003. p.469-470.

<sup>554</sup> FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social: novas perspectivas sobre o passado**. Lisboa: Teorema, 1992. p.112. *grifo do autor*.

<sup>555</sup> FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. 1992. p.112.

<sup>556</sup> GOWING, Alain. 2005. p.156.

grande contribuição a cunhagem do termo ‘memória coletiva’<sup>557</sup>. Para este autor, que teve grande influência de Émile Durkheim, a memória era vista enquanto algo acabado, portanto, estático. Uma visão positiva, já que para ele a memória não era considerada como imposta, mas aceita pelas coletividades (a família, a comunidade local, o partido político, o ambiente profissional, etc.). No entanto, a concepção de Maurice Halbwachs é um tanto limitada, pois ela dava pouca margem ao processo de interação entre os agentes sociais. Para o autor, a memória individual só existe enquanto parte da memória coletiva, sendo um ponto de vista desta, que muda de acordo com as relações sociais estabelecidas<sup>558</sup>.

É necessário, portanto, tomar a memória num contexto mais maleável e intermediário, como pertencente a grupos sociais. De acordo com Michael Pollak, “não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e porque eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade”. O foco dos estudos devem ser nos “processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e formalização das memórias”<sup>559</sup>.

James Fentress e Chris Wickham trazem um novo conceito, o de ‘memória social’, a partir de uma concepção de memória menos polarizada como a de Maurice Halbwachs. Para os autores, a memória é um fato social, pois são os indivíduos quem se recordam. No entanto, eles apenas o fazem estando num ambiente social (inclusos em grupos sociais). Portanto, o conceito reforça o papel do indivíduo dentro do grupo ao qual pertence, bem como destaca a necessidade de observarmos o coletivo de forma mais plural. As memórias compartilhadas no interior do grupo social, seja ele estruturado e duradouro, seja ele informal e temporário, são aquelas relevantes naquele contexto social em específico<sup>560</sup>.

Jan Assmann traz dois outros importantes conceitos aos estudos da memória e que merecem nossa atenção, pois nos é possível ler os trabalhos com a memória de Marco Antônio a partir dessas chaves analíticas, que são ‘memória comunicativa’ e a ‘memória cultural’. Para ele, “a memória é a faculdade que nos permite formar uma consciência da individualidade (identidade), tanto no nível pessoal quanto no coletivo. A identidade, por sua

---

<sup>557</sup> Seus estudos são importantes por destacar esse aspecto social da memória num momento em que outros estudiosos como Sigmund Freud e Carl Jung desenvolviam estudos psicológicos no âmbito da memória enquanto um fenômeno individual.

<sup>558</sup> HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

<sup>559</sup> POLLAK, Michael. 1989. p.4.

<sup>560</sup> FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. 1992. p.7-8.



vez, está relacionada no tempo”, sendo a síntese entre tempo e identidade efetivada pela memória e possuindo três níveis: interior (neuro-mental), social e coletivo<sup>561</sup>.

Ainda de acordo com o autor, a memória “é uma projeção por parte do coletivo que deseja se lembrar e do indivíduo que se lembra para pertencer”, sendo a cultura seu arsenal de fundo, pois “nossa memória tem uma base cultural e não apenas social”<sup>562</sup>. Essa memória coletiva e conectiva tem a função de reunir as pessoas a partir de um processo de recordação, possibilitando a restauração de uma unidade perdida e a estabilização de uma identidade comum<sup>563</sup>. Apesar dessa íntima relação entre memória e identidade, ele reforça que “os indivíduos possuem várias identidades de acordo com os diversos grupos, comunidades, sistemas de crenças, sistemas políticos, etc., aos quais pertencem, e igualmente variadas são suas memórias comunicativas e culturais, em suma: coletivas”<sup>564</sup>.

Quanto às definições dos conceitos, segundo Jan Assmann, a memória comunicativa não é institucionalizada, não sendo obra de especialistas ou formalizada e estabilizada por qualquer forma de simbolização material. Ela “vive na interação e na comunicação cotidiana e, por isso mesmo, tem apenas uma profundidade temporal limitada”, porém, mesmo assim, “há enquadramentos, ‘gêneros comunicativos’, tradições de comunicações e tematização e, sobretudo, os laços afetivos que unem famílias, grupos e gerações”. Portanto, a memória comunicativa é geracional e sempre recente, pertencendo ao nível social<sup>565</sup>.

No que diz respeito ao conceito de ‘memória cultural’, o autor nos permite alargar o debate, tendo em vista que ela “é uma projeção por parte do coletivo que deseja se lembrar e do indivíduo que se lembra para pertencer”, sendo a cultura seu arsenal de fundo, pois “nossa memória tem uma base cultural e não apenas social”<sup>566</sup> (Assmann, 2006: 7; 8). A memória cultural extrapola o limite geracional e requer instituições de preservação e reencarnação<sup>567</sup>.

A memória, enquanto esse quadro de referência compartilhado entre grupos sociais e responsável por trazer uma identidade a eles é, segundo Michael Pollak, construída, desconstruída e reconstruída<sup>568</sup>, num processo dinâmico, estando, portanto, num constante estado de elaboração. Conforme Ulpiano Bezerra de Menezes, “a memória de grupos e

---

<sup>561</sup> ASSMANN, Jan. Communicative and Cultural Memory. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (ed.). **Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook**. Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p.109-118. p.109.

<sup>562</sup> ASSMANN, Jan. 2006. p.7; 8.

<sup>563</sup> ASSMANN, Jan. 2006. p.11.

<sup>564</sup> ASSMANN, Jan. 2010. p.113.

<sup>565</sup> ASSMANN, Jan. 2010. p.109-110.

<sup>566</sup> ASSMANN, Jan. 2006. p.7; 8.

<sup>567</sup> ASSMANN, Jan. 2010. p.109-111.

<sup>568</sup> POLLAK, Michael. 1989. p.12.

coletividades se organiza, reorganiza, adquire estrutura e se refaz, num processo constante, de feição adaptativa”, não sendo, dessa forma, um pacote de recordações já previsto e acabado<sup>569</sup>.

Nesse cenário, como argumenta Michael Pollak, a memória entra em disputa, reforçando que ela não é estanque e duradoura. Nesse processo ‘memorialístico’ operam silêncios, esquecimentos, valorizações, reabilitações, em que a memória oficial e diferentes memórias clandestinas buscam ter espaço de fala sobre os eventos do passado<sup>570</sup>. Lembrar e esquecer são processos tensos e conflituosos e são esses processos que podemos observar na construção da memória de Marco Antônio.

Começamos observando, especificamente, como as memórias sobre Marco Antônio estiveram em disputa ainda durante a sua vida. As *Filípicas* de Cícero, proferidas entre 44 e 43 a.C., foram um interessante movimento de criação de memórias específicas sobre um rival, no contexto da morte de Júlio César e da batalha de Módena. Caso o orador não houvesse morrido com o advento do Triunvirato, aquilo que ele escreveu sobre Marco Antônio poderia ter servido como base para o compartilhamento futuro, sendo suas obras importantes lugares de memórias. No entanto, foi justamente a limitação de circulação e de grupos sociais que tomassem aquelas memórias como importantes para o seu grupo que levaram essas memórias um lugar subterrâneo. Portanto, caso Cícero tivesse sido o vitorioso nessa disputa, os seus discursos teriam servido como base para o enquadramento da memória sobre Marco Antônio, ou seja, para a criação de uma memória oficial a seu respeito, em diferentes aspectos da sua vida.

Assim, ainda em vida, se recordar de Marco Antônio foi um objeto em disputa, o que condizia com a lógica da atividade política republicana. Contudo, as mãos que escreveram contra ele foram mãos poderosas, cujos escritos foram em grande parte preservados. Marco Antônio sabia disso, tanto que após o assassinato de Cícero fez com que se exibisse no Fórum a mão do orador, com as quais havia escrito contra ele<sup>571</sup>. O medo de que isso ocorresse foi expresso por Cícero em uma das passagens da décima segunda *Filípica*, quando discute a impossibilidade de reinserir socialmente o antigo cônsul e todos os seus partidários na República e deixa explícita a lógica de suas *Filípicas*. Ele afirma que realizou seus discursos no Senado e diante do povo romano, não apenas contra Marco Antônio, mas contra os seus cúmplices e os agentes de seus crimes, ou seja, contra seus amigos e partidários, tanto os que

---

<sup>569</sup> MENESES, Ulpiano Bezerra. 1992. p.10-11.

<sup>570</sup> POLLAK, Michael. 1989. p.4-8.

<sup>571</sup> Sobre o assassinato de Cícero e a exposição da sua mão. PLUTARCO, *Cícero*, 47-48; *Marco Antônio*, 20.

estavam em Roma, como aqueles que estavam com ele em Módena. Por fim, ele deixa claro que foi contra toda a casa de Marco Antônio que espalhou suas acusações<sup>572</sup>.

Cícero, ao mobilizar memórias sobre Marco Antônio nessa disputa da memória, adotou, segundo Jon Hall, uma ‘retórica da crise’<sup>573</sup>. Esse artifício foi crucial para que ele convencesse seu público da sua posição com relação aos acontecimentos de sua época. Dessa forma, o orador faz uma descrição de Roma e da República como à beira da destruição, empregando um modelo disjuntivo (que cria oposições entre polos) para descrever o período. Cícero visava fomentar uma ação mais enérgica e urgente do Senado naquele momento, não havendo a possibilidade de uma via intermediária como a paz, por exemplo, com Marco Antônio. Como argumenta Jon Hall, a construção de cenas com esse princípio causaria indignação, desânimo e horror, pois quanto mais vivas as representações, maior o impacto que elas poderiam vir a ter junto ao público<sup>574</sup>.

As diferentes *Filípicas* trazem longas passagens sobre diversas ações realizadas por Marco Antônio na península Itálica ou em Roma, trazendo suas ações com relação aos bens públicos ou às funções de cônsul<sup>575</sup>, argumentando que ele tinha sede do sangue dos cidadãos<sup>576</sup> e que se unira com pessoas que não tinham os melhores projetos de futuro para Roma<sup>577</sup>. Cícero, especialmente na segunda *Filípica*, percorre a vida de seu rival destacando memórias da sua infância e juventude<sup>578</sup>, as primeiras magistraturas<sup>579</sup> e o período próximo a Júlio César<sup>580</sup>. Em todos esses momentos ele busca destacar elementos negativos de seu passado. Além disso, o orador também não deixa de, em diferentes passagens, especialmente nas terceira e quarta *Filípicas*, fazer comparações entre os herdeiros de Júlio César, Marco Antônio e Otaviano, tomando-os pelo prisma da alteridade<sup>581</sup>.

Jon Hall argumenta que um dos principais elementos dessa ‘retórica da crise’ em Cícero é a oposição usada por ele entre liberdade (*libertas*) e escravidão (*seruilitas*), sendo esta causada em razão das ações presentes e futuras de Marco Antônio, que só poderia ser combatido pela ação dos senadores em busca do restabelecimento da primeira<sup>582</sup>. Como expõe

<sup>572</sup> CÍCERO, *Filípicas*, XII, 7.

<sup>573</sup> HALL, Jon. The Philippics. In: MAY, James M. (ed.). **Brill’s Companion to Cicero: Oratory and Rhetoric**: Leiden: Brill, 2002. p.273-304.

<sup>574</sup> HALL, Jon. 2002. p.283-287.

<sup>575</sup> CÍCERO, *Filípicas*, II, 28; III, 12-14.

<sup>576</sup> CÍCERO, *Filípicas*, IV, 5.

<sup>577</sup> CÍCERO, *Filípicas*, II, 6; X, 8-10.

<sup>578</sup> CÍCERO, *Filípicas*, II, 18.

<sup>579</sup> CÍCERO, *Filípicas*, II, 20-24.

<sup>580</sup> CÍCERO, *Filípicas*, I, 2; II, 22; II, 32-37.

<sup>581</sup> CÍCERO, *Filípicas*, III e IV.

<sup>582</sup> HALL, Jon. 2002. p.283.

Fábio Joly, essa metáfora da escravidão foi muito comum nos escritos senatoriais, tanto de finais da República, quanto no Principado, em debates sobre ética e política, nos quais se buscavam definir formas de ação social ou representar sistemas políticos, sendo, assim, uma ferramenta para se pensar a sociedade<sup>583</sup>. Podemos vê-la sendo repetida em diversos momentos das *Filípicas*<sup>584</sup>.

No entanto, os discursos de Cícero não deixam de apontar para outras vozes possíveis, que mostram que as suas memórias sobre o passado de Marco Antônio estão no quadro de disputa e são compartilhadas apenas por alguns grupos sociais, ou seja, ainda, não se constituem na memória oficial dos fatos e dos personagens.

Três episódios apontam nessa direção: as acusações de Cícero a Quinto Caleno<sup>585</sup>; as acusações de Cícero à paz proposta por Lépido<sup>586</sup>; a leitura crítica, pelo orador, numa das sessões do Senado, de uma carta de Marco Antônio<sup>587</sup>. Em todos eles podemos ver os limites da argumentação que vinha sendo desenvolvida por Cícero e como o que era dito pelo orador e o enquadramento da memória que tentava realizar não eram consenso. Havia outras formas de encarar as memórias e estabelecer relações com Marco Antônio.

Essa existência de diferentes vozes no debate senatorial de então é tão evidente que, no século III d.C., ao escrever sua *História Romana*, Dion Cássio dedica boa parcela de dois livros da sua obra para colocar na boca de Cícero e Quinto Caleno a fervorosa discussão existente. Isso representa, portanto, ecos da disputa ao redor da figura de Marco Antônio, o que tinha seus reflexos na construção do retrato do personagem, bem como do repertório de memórias de seu passado<sup>588</sup>.

Contudo, uma visão negativa sobre o passado e as ações de Marco Antônio não foi construída apenas nas disputas republicanas. Houve também a adoção do mesmo artifício no decorrer das disputas entre ele e Otaviano enquanto dividiam a magistratura do Triunvirato, sobretudo em finais da década de 30 a.C.. As críticas ao comportamento de Marco Antônio ganharam uma nova cor. Cícero apenas foi uma das fontes de acusações ao nosso personagem. Coube a Otaviano e a seus partidários as cores mais vivas do retrato que temos hoje de Marco Antônio. Se para Cícero vemos o gosto pelo vinho e as festas, para os próximos opositores vimos que a ambientação da corte alexandrina veio a ser o melhor dos

<sup>583</sup> JOLY, Fábio Duarte. **A escravidão na Roma antiga**: Política, economia e cultura. São Paulo: Alameda, 2005, p.75-88.

<sup>584</sup> CÍCERO, *Filípicas*, III, 1; *Filípicas*, VIII, 2.

<sup>585</sup> CÍCERO, *Filípicas*, VIII, 4-6; X, 2-3.

<sup>586</sup> CÍCERO, *Filípicas*, XIII, 4-8.

<sup>587</sup> CÍCERO, *Filípicas*, XIII, 10-21.

<sup>588</sup> Para o discurso de Cícero, Cf: DION CÁSSIO, *História Romana*, XLV, 18-47. Para o discurso de Caleno, Cf: DION CÁSSIO, *História Romana*, XLVI, 1-28.

pretextos. O Oriente realçou os antigos maus costumes e serviu de fermento para as novas críticas – que nada mais eram que as antigas, mas com nova roupagem e com os mesmos propósitos de Cícero: tornar Marco Antônio num inimigo romano.

Nesse sentido, conforme pontua Michael Pollak, há um trabalho de enquadramento da memória, a partir do qual se cria o quadro de referências do passado que alimenta as memórias sociais compartilhadas no grupo social. Esse passado pode ser interpretado e combinado de diversas formas com as referências principais da memória do grupo. Em suas palavras, “guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho [de enquadramento] reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro”<sup>589</sup>.

No entanto, segundo o autor, para esse enquadramento, há a exigência de credibilidade daquelas referências, ou seja, elas têm de fazer sentido para aquelas pessoas, o que impõe um limite às falsificações. Afinal, “todo trabalho de enquadramento de uma memória de grupo tem seus limites, pois ela não pode ser constituída arbitrariamente. Esse trabalho deve satisfazer a certas exigências de justificação”. Essa justificação é crucial para que haja o estabelecimento e a duração da memória imposta, frente às memórias subterrâneas. O intervalo de justificação muito longo “pode contribuir para reforçar a amargura, o ressentimento e o ódio dos dominados”<sup>590</sup>.

Os frutos desse processo são discursos organizados em torno de acontecimentos e de grandes personagens e objetos materiais (arquivos, museus, bibliotecas e monumentos como estátuas e construções, por exemplo – formas físicas da memória)<sup>591</sup>. Assim, havia o controle da imagem a ser construída.

Paul Ricoeur aponta que um dos abusos da memória é a manipulação, a qual ocorre, principalmente por um viés ideológico, em que há a busca por se legitimar a autoridade detentora da ordem ou do poder. Assim, a história oficial seria, quase sempre, detentora de narrativas ideológicas<sup>592</sup>. Nessa linha, Jacques Le Goff destaca a relação entre memória, esquecimento, poder e manipulação. Segundo ele, a memória coletiva tem um papel importante na luta das forças sociais pelo poder, pois tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que

---

<sup>589</sup> POLLAK, Michael. 1989. p.9-10.

<sup>590</sup> POLLAK, Michael. 1989. p.9-10.

<sup>591</sup> POLLAK, Michael. 1989. p.10-11.

<sup>592</sup> RICOEUR, Paul. 2007. p.95-96.

dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e silêncios são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva<sup>593</sup>.

Durante o Principado, as memórias sobre Marco Antônio sofreram uma nova ação: o enquadramento. Cícero havia compartilhado o seu ponto de vista sobre o passado de seu rival. Augusto, pelo contrário, conseguiu estabelecer essas memórias enquanto a memória oficial do seu principado. Esse governo foi construído e legitimado a partir de sua vitória em Ácio e com base em muitas das *vituperationes* comuns entre os rivais no período do Triunvirato.

Como destaca Loïc Borgies, as *vituperationes*, que, como vimos, foram muito comuns na disputa aristocrática republicana, e se tornaram parte do repertório da disputa entre os triúmviros, serviram como base para a construção e a consolidação do Principado. Augusto usou essas acusações para criar uma imagem positiva de si, uma espécie de resposta às críticas que recebeu, e para criar um retrato negativo do rival<sup>594</sup>. Esse retrato se cristalizou em memórias durante o governo do novo príncipe.

Desse modo, nos cabe perguntar: Como era o ato de recordar Marco Antônio e seus feitos durante o principado de Augusto? O que isso significava? Ou seja, qual era o lugar dado a Marco Antônio nesse enquadramento da memória que vinha sendo efetuado por Augusto na criação da memória oficial sobre seu tempo?

É preciso destacar, logo de início, que as memórias existentes se encaixavam dentro do processo de enquadramento da memória que estava sendo efetuado por Augusto, tendo o prisma da alteridade e da exclusão. Os escritores mais próximos acabaram seguindo a tônica geral do Principado, já que o príncipe deveria ter suas ações justificadas contra Marco Antônio.

Augusto se utilizou de diferentes suportes para a criação e o compartilhamento de memórias a respeito de si e do outro, no caso, Marco Antônio: escritos, inscrições, estátuas, moedas, camafeus e gemas, a própria paisagem urbana, a comunicação oral e outros meios. Para tanto, o príncipe soube chamar outros grupos sociais, principalmente a elite<sup>595</sup>, para participarem da dinâmica do seu governo, não sendo ele o único foco das ações políticas e sociais, apesar de sua figura se sobressair aos demais romanos. Os partidários de Marco Antônio, que foram perdoados, tiveram de se encaixar nessa nova lógica política.

De todos os exemplos que podem ser fornecidos, aquele que melhor nos apresenta a posição de Marco Antônio para o novo regime é a *Eneida* de Virgílio. Como característico na

<sup>593</sup> LE GOFF, Jacques. 2003. p.422.

<sup>594</sup> BORGIES, Loïc. **Le conflit propagandiste entre Octavien et Marc Antoine**: De l'usage politique de la vituperatio entre 44 et 30 a. C. n.. Bruxelles: Éditions Latomus, 2016. p.14 e 480.

<sup>595</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 29.

época, o nosso personagem é trazido na narrativa do poeta romano no contexto da batalha de Ácio. Essa passagem é quando o futuro de Roma, gravado no escudo de Vulcano, é descrito para Eneias.

O episódio da batalha naval é colocado como o confronto entre mundos diferentes, quase que opostos. Do lado romano estava César (Otaviano) como defensor do povo, do Senado, dos deuses e dos Penates, sob a proteção da estrela de Júlio César e de Apolo; do outro estava Marco Antônio, junto de sua esposa egípcia, dos povos orientais e de deuses monstruosos. Esse antagonismo trazido por meio da alteridade é evidente na narrativa de Virgílio. A fuga, em que Marco Antônio se mostra como caído de amores por Cleópatra, também é recordada. Ao final da cena da batalha naval há a sua comemoração nas ruas e nos templos, bem como a apresentação do triunfo<sup>596</sup>.

Cabe, porém, nos perguntarmos se a memória de Marco Antônio a partir do Principado de Augusto se cristalizou naquilo que Pierre Nora chamou de ‘lugares de memória’. De acordo com este autor, esses lugares de memória surgem devido ao esfacelamento dos meios de memória, ou seja, das possibilidades de sua transmissão. Dessa forma, as memórias precisam se cristalizar e se refugiar em espaços específicos para garantirem a sua perpetuação. Estes lugares de memória seriam restos<sup>597</sup>. Contudo, para que existam precisam ter vontade de memória e estarem aptos à metamorfose. Além disso, como destaca Pierre Nora, os lugares de memória possuem, de forma simultânea, a natureza material, simbólica e funcional<sup>598</sup>. Estes lugares de memória, diferente do que podemos supor, não são apenas locais geográficos, mas uma infinidade de possibilidade como objetos, rituais, expressões, além, claro, dos monumentos.

Sabendo que o processo de ação com as memórias é uma ação social inserida num contexto de tensão, o qual provoca a sua constante revisão, faz-se essencial destacar que ele só pode ser compreendido quando se toma em análise não apenas o evento ou o personagem recordado, mas, sobretudo, quando o contexto de produção e de transmissão é analisado. Para tanto, além de localizar historicamente a ação, os atores envolvidos – tomados dentro de uma concepção de grupo social – e os canais e meios de transmissão mobilizados para essas mensagens memorialísticas também devem ter seu papel de destaque. Afinal de contas alguém recorda de algo ou alguém quando compartilha essa memória com outras pessoas através de uma forma de comunicação específica e eficiente. Por isso, o conceito de ‘lugares

---

<sup>596</sup> VIRGÍLIO, *Eneida*, VIII, 685-711.

<sup>597</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v.10, jul/dez, p.7-28, 1993. p.7-14.

<sup>598</sup> NORA, Pierre. 1993. p.21-28.

de memória' se faz importante, já que nele cabem os objetos, os monumentos, as comemorações, bem como muitas outras formas de expressão do lembrar e do esquecer.

Contudo, como o ato de se recordar sobre a vida de Marco Antônio não foi algo localizado em um momento temporal restrito, visto que ele foi sendo objeto de escritores durante toda a Antiguidade, bem como nos séculos posteriores, essa forma de se narrar a pessoa e os seus feitos foram se alterando com o passar do tempo, inclusive, já nas décadas seguintes ao principado de Augusto.

Também dentro do quadro conceitual proposto por Jan Assmann, não podemos deixar de abordar as memórias a respeito de Marco Antônio pelo prisma da memória cultural. Segundo este autor, a memória cultural “é uma forma de memória coletiva, no sentido de que é compartilhada por várias pessoas e que transmite a essas pessoas uma identidade coletiva, ou seja, cultural”, tendo em vista que Maurice Halbwachs “teve o cuidado de manter seu conceito de memória coletiva separado do reino das tradições, transmissões e transferências que propomos incluir sob o termo ‘memória cultural’”. Dessa forma, o autor propõe um alargamento do conceito do teórico francês, distinguindo os diferentes *modi operandi* existentes entre as duas maneiras de lembrar. Assim, a memória cultural abarca os mitos fundacionais e relatos de origem, já que ela extrapola o limite geracional da memória comunicativa e requer instituições de preservação e reencarnação<sup>599</sup>.

Sendo a memória uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado a ser preservado, importante no processo de construção e consolidação da identidade (individual, social e nacional), qual o lugar de Marco Antônio nesse compartilhamento temporal mais alargado? Qual o papel do nosso personagem dentro da cultura romana?

Vimos como o enquadramento da memória foi realizado no Principado de Augusto e como as *vituperationes* do período do Triunvirato serviram de base para as memórias compartilhadas posteriormente a respeito de Marco Antônio. O vitorioso nos legou um retrato específico do rival: derrotado, caído em amores pela rainha egípcia, gozador de uma vida inimitável na corte alexandrina – o que o afastava daquilo que era esperado num padrão de comportamento romano, principalmente, de um magistrado.

Essas memórias são observadas em relatos antigos para além daqueles que escreveram durante o período de Augusto como Tito Lívio, Horácio, Virgílio e Propércio. Essas são as linhas gerais da forma como Veleio Patérculo, Floro, Tácito, Plínio, o velho, Flávio Josefo, Apiano, Plutarco e Dion Cássio, por exemplo, retrataram Marco Antônio em suas narrativas.

---

<sup>599</sup> ASSMANN, Jan. 2010. p.110-111.



Em todos, mesmo que tenha havido o acréscimo de novas memórias, que circulavam entre outros grupos sociais, o quadro geral das memórias apresentadas está em sintonia com o que foi enquadrado por meio do discurso de Augusto.

Concordamos com Giovannella Marrone quando a autora expõe que Marco Antônio foi colocado no lugar de um antirromano. Segundo a autora, diferentes facetas compuseram o seu retrato com o objetivo específico de destruir sua *dignitas* e, tendo essa base, as memórias foram construídas e compartilhadas apresentando o rival de Augusto enquanto brigão, embriagado, furioso, estúpido, possuindo desprezo pela sua pátria, submisso a mulheres<sup>600</sup>.

A biografia de Plutarco, sobre Marco Antônio, nos permite abordar a transmissão de memórias sobre a vida de Marco Antônio na corte alexandrina, fase em que o triúviro romano viveu sua vida inimitável, em meio a banquetes, à opulência e aos caprichos de Cleópatra. Os personagens envolvidos nesse compartilhamento das memórias são o médico Filotas de Amfissa – que teria vivenciado *in loco* o comportamento relaxado de Marco Antônio no Egito – e o avô de Plutarco – que teria ouvido as memórias do médico e, posteriormente, transmitido a Plutarco. O meio de compartilhamento foi a comunicação oral<sup>601</sup>.

Essa memória e sua transmissão se cristalizaram nas páginas de Plutarco, contudo, correram, assim como muitas outras memórias, entre diferentes pessoas através da oralidade. Mesmo assim, dentre diferentes memórias possíveis – há de se pensar que Marco Antônio, enquanto um político e general romano, também tivesse que agir de forma diplomática na reorganização dos laços romanos no Mediterrâneo oriental e cuidar dos exercícios militares das tropas romanas que estavam sob sua responsabilidade – o retrato mais característico continuou a ser reforçado.

Mais do que isso, esse episódio nos permite até questionar o interesse da opinião pública nessas memórias da vida inimitável em específico. O que podemos destacar é que, ao menos no que se refere à elite, fica evidente que manter Marco Antônio nesse lugar memorialístico que lhe foi legado no enquadramento da memória de Augusto era importante. Ele fica na posição do outro. A alteridade que lhe é atribuída limita a sua possibilidade de ser inspiração aos seus descendentes. A viagem de Germânico ao Oriente expõe esses receios<sup>602</sup>. Os imperadores que adotaram, de certa forma, um comportamento diferente daquele

---

<sup>600</sup> MARRONE, Giovannella. **Marco Antonio**: la memoria deformata. Napoli: EdiSES, 2013. p.2-4.

<sup>601</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 28.

<sup>602</sup> TÁCITO, *Anais*, II, 53-61.

estabelecido por Augusto em sua *mise en scène* do *princeps senatus* e muito próximo ao de Marco Antônio não deixaram de ser atacados pelos escritos antigos.

Conforme Michael Pollak, as funções essenciais da memória são “manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que o grupo tem em comum”, “isso significa fornecer um quadro de referência e de pontos de referência”. Nesse sentido, “a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem a sociedade” e definir as oposições irreduzíveis<sup>603</sup>.

No âmbito cultural, as terras nilóticas haviam fascinado Júlio César e Marco Antônio quando por lá estiveram. Obviamente, Cleópatra pode ter tido grande parcela de ‘culpa’ nesse encantamento, mas as terras, as construções e a população ao redor desse rio também têm seu peso nesse quadro. O mesmo poderia despertar sentimentos ancestrais em outros membros da sociedade romana ou da família imperial, como Germânico? Os costumes e as vestimentas adotados são críticas semelhantes às aquelas feitas a Marco Antônio<sup>604</sup>. Para Catherine Jacquiod as ações de Germânico mostram como o projeto de Marco Antônio ainda era delicado aos sucessores de Augusto<sup>605</sup>, o que é reforçado pela repressão de Tibério Germânico<sup>606</sup> e aponta como essa memória cultural de Marco Antônio ainda habitava o imaginário romano no que diz respeito, especialmente, ao Egito.

Assim, para esses grupos fazia sentido se lembrarem de Marco Antônio a partir desse prisma. É dessa forma que ele aparece, como destacado, na literatura latina. Mesmo que possamos observar algumas nuances narrativas, em que alguns outros traços de personalidade ou eventos sejam evocados, fugindo daquilo enquadrado com o surgimento do Principado. Isso não quer dizer que o mesmo seja aplicado para outros grupos sociais. A memória é algo em disputa.

Memórias a respeito de Marco Antônio sobreviveram de forma subterrânea, sendo compartilhadas entre grupos que não tinham espaço de fala, até poderem aparecer, principalmente em textos escritos. Houve uma transmissão, ou seja, um compartilhamento de memórias sobre Marco Antônio, num plano geracional. É, por exemplo, o caso das memórias sobre o antepassado no seio da família imperial ou de Marco Antônio entre os atenienses, que

---

<sup>603</sup> POLLAK, Michael. 1989. p.9.

<sup>604</sup> FLORO, *Epitoma*, II, 21.

<sup>605</sup> JACQUINOD, Catherine. Germanicus, l’Orient et l’astrologie au service de sa maison. In: **Marc Antoine, son idéologie et as descendance**: actes du colloque organisé à Lyon le jeudi 28 juin 1990. Lyon: Société des Amis de Jacob Spon, 1993. p.79-84.

<sup>606</sup> TÁCITO, *Anais*, II, 59.

observamos a partir de Tácito<sup>607</sup>, e sobre a vida inimitável em Alexandria, como traz Plutarco<sup>608</sup>.

Nesse cenário, não podemos deixar de argumentar o papel que a cultura material exerceu enquanto um espaço de memória, ou seja, como lugares de memórias. Apesar das fragilidades que temos quanto à existência de bustos, por exemplo, os camafeus e, sobretudo, as moedas, pelo contrário, nos permitem observar que a simples existência de uma circulação de sua efígie tenha servido como suporte para a permanência comunicativa e social de memórias ao seu redor, tanto positivas, quanto negativas.

Avaliamos anteriormente como Augusto usou de camafeus e moedas para consolidação de memórias, especialmente relacionadas a sua vitória em Ácio, nesses suportes comunicativos<sup>609</sup>. As joias tinham seu círculo social mais limitado, porém, as moedas, circularam pelo Mediterrâneo para além do período em que foram cunhadas. Nesse aspecto, as memórias positivas, com base nas próprias cunhagens de Marco Antônio ou no uso da sua efígie para alguma espécie de culto ou recordação não devem ser menosprezadas. Para além daquilo que as essas peças desejariam propagar em suas faces, elas também serviram como um espaço de transmissão de memórias subterrâneas. Conforme Maurice Halbwachs, os objetos e os bens são representantes de nosso meio social e, por isso, são vetores de memórias<sup>610</sup>.

Uma moeda que pode ter contribuído positivamente para suas memórias é aquela cunhada conjuntamente com a rainha Cleópatra, no ano de 34 a.C., no contexto da conquista da Armênia. Enquanto ela exhibe seus títulos e símbolos reais, o triúmviro se apresenta como um magistrado romano, com a efígie tipicamente romana e com títulos da República<sup>611</sup>. Essa, inclusive, foi a tônica das cunhagens de Marco Antônio, sempre se colocando ao povo romano enquanto um político romano<sup>612</sup>. Os camafeus, considerados por Pawel Golyzniak importantes símbolos de lealdade entre o portador e o representado, também serviram enquanto vetores memorialísticos entre os partidários e os soldados de Marco Antônio, não apenas em vida, mas, possivelmente, após a sua morte, pois eram objetos mais restritos a círculos sociais próximos ao antigo general romano, logo, pessoas que tinham interesse no

---

<sup>607</sup> TÁCITO, *Anais*, II, 53-61.

<sup>608</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 28.

<sup>609</sup> Conferir o tópico 'A recordação de Ácio', no capítulo 3.

<sup>610</sup> HALBWACHS, Maurice. 1990. p.131-132.

<sup>611</sup> RRC 543/1.

<sup>612</sup> Conferir o tópico 'Moedas', no capítulo 1.

compartilhamento de memórias positivas a seu respeito e a eventos de sua vida<sup>613</sup>. Esses objetos permitiam a mobilização de memórias que uniam esses grupos sociais, que dava sentido a eles, principalmente, em momentos de mudança política e social, com o advento do Principado e a necessidade de, socialmente, se adequarem à nova ordem vigente.

Nesse cenário de lembrar, a memória sobre Marco Antônio esteve, efetivamente, em disputa, sendo alvo de um enquadramento que a cristalizou na memória cultural romana, porém, sem deixar de evidenciar que memórias subterrâneas coexistiram até terem momentos de fala/escrita. Esses são passos a serem analisados no esquecer, silenciar e reabilitar de nosso personagem.

### **Esquecer**

Assim como o ato de lembrar é algo natural e biológico ao ser humano, o mesmo deve ser dito sobre o esquecer. O esquecimento é algo que anda ao lado do lembrar, como que sendo ambos faces de uma mesma moeda. Esquecer é natural e esperado, quando analisamos o aspecto biológico e psicológico da questão<sup>614</sup>. Nunca se esquecer de algo ou se esquecer de tudo são sintomas de patologias e devem ser analisados como tal<sup>615</sup>. No entanto, como ressalta Paul Ricoeur, diferente do lembrar, “o esquecimento é deplorado da mesma forma que o envelhecimento ou a morte: é uma das faces do inelutável, do irremediável”<sup>616</sup>.

O esquecimento, assim como a memória, no entanto, nos interessa enquanto um fenômeno social. Nessa perspectiva, Paul Ricoeur faz uma análise sobre o esquecimento relacionando-o com as tipologias de usos e abusos da memória, que são: a memória impedida, a memória manipulada e a memória obrigada<sup>617</sup>.

No âmbito social, não é possível que um grupo social recorde de tudo. Há as seleções, intencionais ou não. Conforme Harriet Flower, escolher o que lembrar também deve envolver a escolha daquilo a ser esquecido, a ser silenciado ou a ser obscurecido<sup>618</sup>. Além disso, a autora traz um apontamento essencial, ao dizer que, “assim como as sociedades se lembram

<sup>613</sup> GOLYZNIAK, Pawel. **Engraved gems and Propaganda in the Roman Republic and under Augustus**. Oxford: Archaeopress Publishing, 2020. p.197.

<sup>614</sup> Paul Ricoeur traz interessantes considerações a esse respeito ao analisar o que ele denomina de apagamento e persistência dos rastros, refletindo sobre os aspectos biológicos e clínicos do esquecimento. RICOEUR, Paul. 2007. p.428-451.

<sup>615</sup> O famoso conto de Jorge Luis Borges sobre Funes, um homem que nunca se esquecia, promove muitas reflexões sobre essa natureza humana do esquecer. BORGES, Jorge Luis. Funes, o memorioso. In: **Ficções**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975. p.109-118.

<sup>616</sup> RICOEUR, Paul. 2007. p.435.

<sup>617</sup> RICOEUR, Paul. 2007. p.451-462.

<sup>618</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.1.

de maneira diferente, elas se esquecem de maneira diferente”<sup>619</sup>, o que mostra que o esquecimento também tem seu aspecto cultural.

De acordo com Michael Pollak, a memória é algo em disputa, não sendo estanque e duradouro. Nesse processo ‘memorialístico’ operam silêncios, esquecimentos, valorizações, reabilitações<sup>620</sup>, procedimentos que mostram o quão tenso é o recordar e o esquecer. É nessa disputa que se observa o ‘enquadramento da memória’, apresentado anteriormente, que é o ato de se criar um quadro de referência que une os membros de determinado grupo social ou de uma coletividade maior, dotando-os de um elemento identitário. É um processo realizado por aquele grupo social que detém certa forma de poder, sendo uma maneira de dominação. Enquadrar a memória é, também, um instrumento de legitimação<sup>621</sup>. Para o autor, “a memória é construída, desconstruída, reconstruída”<sup>622</sup>, estando, assim, num constante estado de elaboração.

Jan Assmann aponta que a durabilidade das memórias depende da longevidade dos laços e estruturas sociais dos grupos em que estas se operam e que quando esses quadros que sustentam as memórias sofrem alguma alteração, há o fenômeno do esquecimento social<sup>623</sup>.

Além dessa ligação com a temporalidade das memórias em razão das relações sociais que as sustentam, Ulpiano Bezerra de Menezes destaca que “se a memória costuma ser automaticamente correlacionada a mecanismos de retenção, depósito e armazenamento, é preciso aprontá-la também como dependente de mecanismos de seleção e descarte. Ela pode, assim, ser vista como um sistema de esquecimento programado”<sup>624</sup>. O esquecer faz parte das relações sociais, mas, também, do próprio processo de enquadramento citado por Michael Pollak.

Tratando da questão do esquecimento entre os romanos, Harriet Flower faz um interessante apontamento. Segundo a autora, na cultura romana, a memória não era tida como um produto ou um estado natural, sendo tal característica presente apenas no esquecimento. Isso se dava pelo fato de o passado se afastar do presente e não estar mais conectado a ele. Diante dessa concepção que foi criada uma cultura de comemoração, que cultivava e invocava a memória<sup>625</sup>.

---

<sup>619</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.7.

<sup>620</sup> POLLAK, Michael. 1989.

<sup>621</sup> POLLAK, Michael. 1989.

<sup>622</sup> POLLAK, Michael. 1989. p.12.

<sup>623</sup> ASSMANN, Jan. 2010. p.111.

<sup>624</sup> MENESES, Ulpiano Bezerra. 1992. p.16.

<sup>625</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.2-3.

Também de acordo com Harriet Flower, “as sanções de memória são estratégias deliberadamente concebidas que visam mudar a imagem do passado, seja por apagamento ou redefinição, seja por meio de ambos”<sup>626</sup>. Elas também procuravam preservar e proteger os espaços de memória comunitários e o sistema político existente<sup>627</sup>. De certa forma, era uma estratégia que visava manter o enquadramento da memória e consolidar os elementos identitários que unem o grupo social.

Podemos observar um conjunto de ações de sanção contra a memória na cultura romana, que compõem um quadro tradicionalmente chamado de *damnatio memoriae* pelos historiadores. Conforme expõe Eric Varner, o termo *damnatio memoriae* nunca foi usado pelos romanos, tendo sido cunhado apenas no século XVII. No entanto, ele reflete as preocupações romanas com a memória e a fama. Na Roma antiga diferentes verbos eram empregados para se falar dessa ação: *damnare*, *condemnare*, *accusare*, *abolere* ou *eradere*<sup>628</sup>.

Harriet Flower, por exemplo, em seu vasto estudo sobre as ações de esquecimento no mundo romano, prefere adotar o termo ‘sanções’ ao invés de *damnatio memoriae*, pois, segundo ela, ao usar essa expressão, há a tendência de se sugerir uma maneira mais formal e estática de se comportar do que realmente era o caso na Roma antiga, visto que eles impunham cada sanção separadamente, não por meio da adoção de um pacote padrão de penalidades<sup>629</sup>.

Como Eric Varner expõe, esse processo da *damnatio memoriae* poderia ser composto por um conjunto de atitudes (sanções), todas aprovadas pelo Senado, sendo algumas das principais ações empregadas nesse processo: a destruição de monumentos e inscrições comemorativas; o apagamento do nome das listas oficiais (os *fasti*); o banimento das máscaras de cera (as *imagines*) dos rituais de culto dos antepassados; o recolhimento e a incineração dos livros escritos pelo condenado; o confisco das propriedades e a destruição das casas; a anulação dos desejos; o dia de seu nascimento poderia ser considerado nefasto (*dies nefastus*); o dia de sua morte poderia ser comemorado publicamente; a proibição do uso e da adoção de seu *praenomem* por seus descendentes<sup>630</sup>. Nas fontes textuais havia a exposição de ações e inadequações morais<sup>631</sup>.

---

<sup>626</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.2.

<sup>627</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.8.

<sup>628</sup> VARNER, Eric. **Mutilation and transformation: *damnatio memoriae*** and Roman imperial portraiture. Boston: Brill, 2004. p.2.

<sup>629</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.XIX.

<sup>630</sup> VARNER, Eric. 2004. p.1.

<sup>631</sup> VARNER, Eric. 2004. p.7.

Portanto, a ação da *damnatio memoriae* era possível de ser efetuada por meio de várias técnicas: erradicação das representações visuais, proibição do nome, proibição de realização do funeral e do luto; sendo comum num recorte temporal amplo, entre os séculos V a.C. e VI d.C.<sup>632</sup>. Desse modo, podemos observar que a *damnatio memoriae* era mais do que uma forma de alteração da recordação material do retratado, era a negação da comemoração da vida desse antepassado, sendo que, para os romanos, a memória estava no cerne da identidade cultural romana. Assim, danar a memória atingia, diretamente, a perpetuação e a reputação dos romanos após a morte<sup>633</sup>.

Como argumenta Charles Hendrick Jr., a *damnatio memoriae* não significava apenas apagar o nome, mas colocar uma marca sobre este. O que se visava era trazer a desonra da memória, não destruí-la. Com isso, acabava por confirmar uma memória, por meio dos silêncios e dos apagamentos, enquanto buscava desonrá-la<sup>634</sup>. Para Catherine Baroin, “esse processo não consiste em suprimir a lembrança de um personagem histórico da memória dos cidadãos, mas privá-los das formas públicas de celebração da lembrança”<sup>635</sup>. O que mostra como esquecer e lembrar são engrenagens que se articulam.

Esse processo de desonra se dava com ataques à memória de um inimigo público morto. De acordo com Charles Hendrick Jr., os escritores antigos falam nas intenções de erradicação da memória, mas o que é observado é que havia técnicas que buscavam deixar marcas de que alguém havia sofrido a condenação e, com isso, deixar vestígios da memória, mas de modo negativo<sup>636</sup>.

Para os membros da elite romana, sofrer essas sanções era motivo de vergonha, pois eles perdiam os laços que os uniam ao seu grupo social, como o status e a identidade. Eles eram privados de serem lembrados por seus descendentes e seus feitos e honras, obtidos em vida, não podiam ser celebrados, seja na família, seja no espaço público<sup>637</sup>.

No que diz respeito à *damnatio memoriae* de Marco Antônio, podemos observar, com base na cultura material e nos relatos antigos, que um conjunto diferenciado de sanções foi adotado no intuito de jogar sobre ele uma marca de desonra, como analisaremos a seguir. Quanto ao relato de como se operou a *damnatio memoriae* de Marco Antônio, são dois

<sup>632</sup> HENDRICK JR., Charles W. **History and silence**: purge and rehabilitation of memory in late antiquity. Austin: University of Texas Press, 2000. p.XII.

<sup>633</sup> VARNER, Eric. 2004. p.1-2.

<sup>634</sup> HENDRICK JR., Charles W. 2000. p.XII-XIV.

<sup>635</sup> BAROIN, Catherine. 2010. p.13.

<sup>636</sup> HENDRICK JR., Charles 2000. p.XII.

<sup>637</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.9.

autores de origem grega que nos apresentam, por meio de suas obras, esse processo de sanções.

Plutarco narra esse processo em duas das suas biografias, a de Marco Antônio e a de Cícero. Na narrativa sobre Marco Antônio, ele aponta que as suas estátuas, imagens e medalhas foram abatidas<sup>638</sup>. Já na narrativa sobre Cícero<sup>639</sup>, o biógrafo traz outras informações, completando esse quadro de danação da memória, apontando que o Senado ordenou o processo de derrubada das estátuas de Marco Antônio, privando-o de todas as memórias e outras honras, acrescentando por decreto que nenhum descendente do antigo general poderia portar o prenome *Marcus*<sup>640</sup>.

Dion Cássio também nos relata o mesmo processo, porém, de outra maneira. Por se tratar de uma obra cronológica, o relato da *damnatio memoriae* de Marco Antônio é narrado no contexto dos eventos de triunfo de Otaviano em Roma, em 29 a.C., não quando da sua morte, da conquista do Egito ou do governo de Cornélio Galo, que se torna o *praefectus Aegypti*. Cabe lembrar que o triunfo triplo do herdeiro de Júlio César foi em razão da conquista de Alexandria, do Egito e da Ilíria, ou seja, em homenagem às vitórias contra os rivais.

De acordo com o historiador da Bitínia, as insígnias de Marco Antônio foram arrancadas e apagadas, o dia do seu aniversário foi considerado nefasto, seus descendentes foram proibidos de adotar o prenome *Marcus*. Assim como Plutarco, Dion Cássio também considera a derrota de Marco Antônio como uma ação divina, visto o filho de Cícero ser cônsul em 30 a.C.<sup>641</sup>.

É dessa forma que esses dois autores antigos nos descrevem os primeiros momentos de apagamento de uma memória de Marco Antônio. Contudo, como argumenta Charles Babcock, o relato de Dion Cássio seria o mais confiável, visto que seu relato traz uma simultaneidade das ações diante das notícias, quase que uma resposta do Senado às notícias de Ácio, ao invés de se propor que apenas muito tempo depois e num momento tão específico, como o consulado do filho de Cícero, segundo as palavras de Plutarco, se tenha iniciado o processo de *damnatio* de Marco Antônio<sup>642</sup>.

<sup>638</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 86.

<sup>639</sup> A narrativa da *damnatio memoriae* na biografia de Cícero se apresenta como um castigo divino, justamente no ano em que o filho de Cícero ocupou o consulado, em 30 a.C., tendo Otaviano como colega de magistratura. O orador romano foi morto a mando de Marco Antônio, durante o período das proscricções, e suas mãos teriam sido expostas na rostra, em pleno Fórum, para que servisse de aviso aos demais opositores.

<sup>640</sup> PLUTARCO, *Cícero*, 49.

<sup>641</sup> DION CÁSSIO, *História Romana*, LI, 19.

<sup>642</sup> BABCOCK, Charles L.. Dio and Plutarch on the *damnatio* of Antony. *Classical Philology*. vol. 57. n.1, 1962. p.30-32.



Uma das sanções mais conhecidas é o apagamento do nome do indivíduo condenado ao esquecimento de inscrições. Como apontado anteriormente, esse suporte era muito usado no mundo romano como forma de transmitir memórias e enaltecer, principalmente, os benfeitores da República. Marco Antônio, por ter ocupado diferentes e importantes cargos na administração romana esteve presente em muitas inscrições, as quais foram atacadas e seu nome foi apagado.

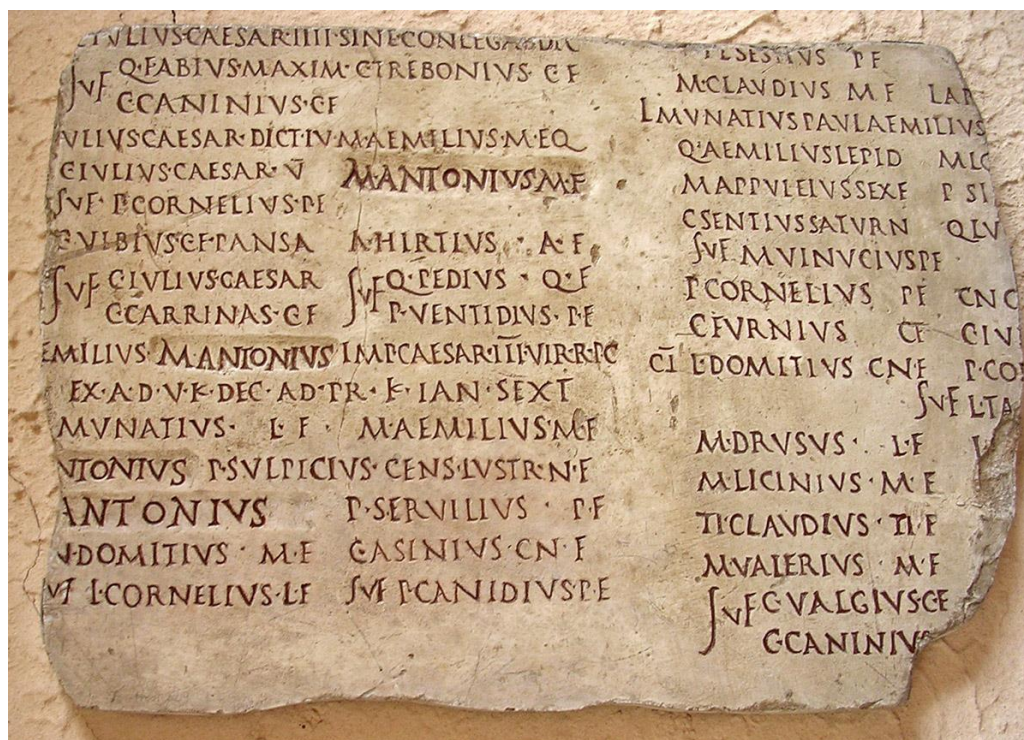


Imagem 16 – *Fasti Colotiani*<sup>643</sup>.

Esse é o caso dos *fasti Capitolini Consulares* e *fasti Colotiani*. Nessas importantes inscrições romanas, o nome de Marco Antônio foi alvo de martelamento, como pode ser observado pela perda do suporte delas, mesmo que, posteriormente, o seu nome tenha sido reinserido por meio de uma reabilitação de sua memória. Harriet Flower cita alguns outros exemplos desse apagamento do nome do triúnviro fora de Roma<sup>644</sup>.

Nomes de outros parentes de nosso personagem também foram apagados. Conforme Harriet Flower, o apagamento dos nomes dos antecessores de Marco Antônio nos *fasti* – caso do nome do seu avô no *Fasti Capitolini Consulares*, por exemplo –, além de apontar para tentativas radicais de remodelação do passado, também pode ter ocorrido de forma errônea

<sup>643</sup> Disponível em: <<http://ancientrome.ru/art/artworken/img.htm?id=7171>>. Acesso em: 12 out 2022.

<sup>644</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.117-118.

por confusão ou por pressa em promover os apagamentos, destacando que havia espaço, nesse processo, para a demonstração de entusiasmos individuais<sup>645</sup>.

O processo de *damnatio memoriae* de Cneu Pisão traz uma interessante questão sobre Marco Antônio. Tácito, ao narrar a decisão de Tibério quanto ao procedimento a ser adotado contra o condenado, aponta que o imperador não permitiu que o nome dele fosse eliminado dos *fasti* tendo em vista que neles ainda permaneciam o de Marco Antônio, que havia travado uma guerra contra Roma – referência a Ácio –, e de Iulo Antônio, que havia atentado contra a honra da família de Augusto – em referência ao caso de adultério de Júlia, filha do príncipe<sup>646</sup>.

Dessa forma, pode ser observado que, apesar desses apagamentos, houve, num período curto de tempo, a reabilitação de sua memória, com o restabelecimento de seu nome em inscrições tão significativas para a cultura romana. Claro, a marca continuava visível, pois o suporte de mármore trazia um afundamento. Isso mostra como, até a reabilitação, não é suficiente para extinguir a desonra.

Outra sanção muito comum entre os romanos, e que os autores antigos apontam como tendo ocorrido nesse processo de apagamento de Marco Antônio é a eliminação de bustos e estátuas. Desse modo, suas imagens existentes, provavelmente, em diferentes localidades do império territorial romano, não somente em Roma, foram derrubados e mutilados na intenção de promover a sua desonra e o seu esquecimento. Isso dificulta conhecer a própria imagem do antigo triúmviro. Os historiadores têm muita dificuldade para determinar com exatidão qual seria o retrato mais próximo de Marco Antônio e, com isso, determinar quais seriam os bustos e estátuas que poderiam ser apontados enquanto retratos de nosso personagem.

A melhor descrição antiga dos traços físicos que temos sobre o personagem é a de Plutarco, a qual foi escrita muitos séculos depois, sendo uma visão indireta. De acordo com o biógrafo, Marco Antônio possuía certa presença com sua barba volumosa, sua fronte larga e seu nariz aquilino, o que lhe dava um aspecto viril, semelhante ao que se encontrava nas pinturas e esculturas que representavam Hércules<sup>647</sup>. Contudo, essa descrição diz mais de uma fase de sua vida, pois as pessoas mudam com o passar do tempo, o que pode ser observado ao se analisar as moedas cunhadas por ele entre os anos de 44 e 31 a.C..

As peças monetárias são, hoje, o melhor suporte que possuímos para conhecer como, possivelmente, seriam as características físicas de Marco Antônio. De acordo com Eric Varner, por meio das moedas, ele era cabeludo, tinha o nariz proeminente, um pescoço grande

---

<sup>645</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.117-118.

<sup>646</sup> TÁCITO, *Anais*, III, 18.

<sup>647</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 4.

e um rosto carnudo<sup>648</sup>. Isso também se deve pelo fato das moedas não terem sido alvo das sanções da *damnatio memoriae*. O melhor estudo da imagem de Marco Antônio, a partir das moedas, é o de Marie-Loiuse Vollenweider, em que a autora traz a transformação de seu retrato com o passar dos anos, desde suas primeiras cunhagens, em 44 a.C., até suas moedas às vésperas da batalha de Ácio, em 31 a.C.<sup>649</sup>.

Nesse universo de possibilidades de bustos e estátuas que teriam sobrevivido aos ataques da *damnatio memoriae*, Otto Brendel elenca, especificamente, três exemplares<sup>650</sup>. Para ele, as peças, apesar das diferenças nas características físicas do retrato de Marco Antônio, representam o personagem e, cada uma com sua particularidade, reforça sua característica republicana, mais realista, e lança luz à pluralidade da efígie do triúmviro em suporte numismático<sup>651</sup>.

Outro estudo importante foi o realizado por François Salviat e Bernard Holtzmann, que também compararam bustos atribuídos a Marco Antônio com peças numismáticas e gemas. Segundo esses autores, algumas características são essenciais para que as peças sejam identificadas enquanto de Marco Antônio, que são, além dos traços físicos, possuir força militar e/ou física (não intelectual) e sensualidade. Para eles, apenas dois poderiam ser tomados com maior segurança como retratando Marco Antônio, sendo os demais prováveis ou possíveis imagens do antigo triúmviro<sup>652</sup>.

Em sua análise sobre a *damnatio memoriae* e os retratos do período imperial, Eric Varner também aborda os retratos de Marco Antônio. Conforme o estudioso, a destruição da sua imagem foi um importante precedente para a forma de tratamento a ser dada aos rivais no decorrer do período imperial. Sobre possíveis exemplares do triúmviro, o autor argumenta que não há possibilidade de se atribuir, com certeza, se a pessoa ali representada seja, de fato, Marco Antônio<sup>653</sup>.

Apesar de podermos fazer esses apontamentos sobre a imagem de Marco Antônio, a pouca sintonia entre os historiadores e arqueólogos a respeito das determinações dos bustos e estátuas tem consequências para o entendimento da *damnatio memoriae* do antigo triúmviro.

<sup>648</sup> VARNER, Eric. 2004. p.18.

<sup>649</sup> VOLLENWEIDER, Marie-Louise. **Die Porträgemmen der römischen Republik**. Mainz: Verlag Philipp von Zablen, 1974. p.174-190.

<sup>650</sup> O do Cairo, o de Narbona e o do Kingston Lacy.

<sup>651</sup> BRENDEL, Otto. The iconography of Marc Antony. **Latomus**, Bruxelles. 1962, vol.18. p.359-367.

<sup>652</sup> Os que seriam de Marco Antônio são: o de Tarso e o da Narbona. Os prováveis são: o do Museu de Arezzo; busto de Budapeste; busto de Bolonha; miniatura do Museu Britânico; Glyptoteca Ny Carlsberg. Os possíveis são: o de Roma; o do Museu do Louvre; o do Palácio dos Conservadores; o do Museu de Ofícios. SALVIAT, François; HOLTZMANN, Bernard. Les portraits sculptés de Marc-Antoine. **Bulletin de Correspondance Hellénique**. Athènes, 1981, v. 105, n. 1, p.265-288.

<sup>653</sup> VARNER, Eric. 2004. p.18.

Ao não conseguirmos determinar quais são os reais retratos dele, não podemos apontar, por exemplo, os limites físicos e geográficos dessa ação de esquecimento por meio da derrubada de estátuas e imagens de Marco Antônio.

Outra sanção aplicada a Marco Antônio foi com relação ao dia do seu aniversário, 14 de janeiro. A ação mais comum nesse aspecto era tornar o dia do nascimento do condenado num dia nefasto e um dia com essa característica/marca era visto como inadequado para a realização de um conjunto de ações públicas e religiosas. Obviamente que também não poderia haver nenhuma comemoração em lembrança do antepassado nesse dia.

No entanto, como pode ser observado por meio dos *fasti Verulani*<sup>654</sup> e *fasti Praenestini*, o dia de nascimento de Marco Antônio não foi considerado *nefastus*, mas um dia *endotercius* ou *interciscus* (sigla EN na inscrição), o que significa que este dia era alternadamente sagrado e profano. A verdadeira marca de desonra está no termo *vitiosus*, que lhe atribuía uma simbologia diferente. Segundo Ida Östernberg o uso desse termo foi um acordo entre o príncipe e o Senado e servia para dar destaque ao único dia *vitiosus* do ano<sup>655</sup>.

Desse modo, essa sanção teve a sua materialidade por meio dos *fasti* e é justamente esta que escapa à reabilitação da memória de Marco Antônio quando Cláudio reestabelece à comemoração do dia de aniversário de seu antepassado, no caso, seu avô<sup>656</sup>. A não comemoração deixa de existir, mas a marca do dia enquanto um dia *vitiosus* continua a existir aos nossos olhos até hoje, pois não houve o apagamento das inscrições que havia essa descrição para o dia 14 de janeiro.

Dentro do conjunto de sanções da *damnatio memoriae*, a epigrafia foi usada como um espaço para apagamento/esquecimento, mas também, para recordação. Enquanto em alguns *fasti* observamos as iniciativas de apagamento, que foram posteriormente reabilitadas, e outros podemos visualizar as marcas de desonra, apesar, também, da reabilitação<sup>657</sup>. Isso nos mostra a complexa dinâmica existente entre o lembrar e o esquecer tendo como base a epigrafia enquanto meio de transmissão de memórias.

Uma sanção também comum e adotada no caso de Marco Antônio foi a proibição de que seus descendentes usassem ou adotassem seu *praenomen Marcus*. Seu segundo filho, Iulo Antônio, do casamento com Fúlvia, sofreu essa sanção, tendo de deixar de usar seu *praenomen Marcus*, já que se chamava *Marcus Iullus Antonius*.

<sup>654</sup> F XIX EN D(ies) VITIOSUS EX S(enatus) C(onsulto) ANT(onii) NATAL(is).

<sup>655</sup> ÖSTEMBERG, Ida. 2019. p.336.

<sup>656</sup> SUETÔNIO, *Claudio*, 11.

<sup>657</sup> Por exemplo, nos *fasti Verulani* e *fasti Praenestini*.

Conforme aponta Harriet Flower, a proibição de um *praenomen* ataca a imagem do antepassado no sentido de ele deixar de ser um *exemplum*, visto que o que se esperava é que os descendentes imitassem as gerações anteriores. Assim, quando o nome deixa de ser permitido, aquela pessoa deixa de poder ser homenageada e lembrada<sup>658</sup>.

Portanto, no bojo dessas ações, temos a busca por retirar a presença do antigo triúviro da cidade de Roma – e, possivelmente, de outras localidades – com a derrubada das estátuas e os martelamento de inscrições, além de fortalecer marcas de desonra, como a proibição da adoção do prenome pelos familiares, sua classificação enquanto um inimigo público (*hosti iudicato*) e o ato de tornar o dia do nascimento, 14 de janeiro, um dia nefasto. Como expõe Harriet Flower, “assim como o exilado, a um cidadão sujeito a sanções de memória foi negada a comemoração honrosa dentro do próprio espaço de memória da cidade”<sup>659</sup>.

A autora também aponta que a danação da memória de Marco Antônio não foi completa e, mesmo assim, passou uma reabilitação ainda durante a própria época de Augusto<sup>660</sup>. Mas, como argumenta Eric Varner, foi um importante precedente para a forma de tratamento dada aos rivais no decorrer do Império<sup>661</sup>.

De acordo com François Chamoux, esse processo de *damnatio memoriae* de Marco Antônio tinha como objetivo o esquecimento da sua grandiosidade<sup>662</sup>. Ele era um homem da antiga República, com uma carreira militar e um *cursus honorum* esperado de um grande aristocrata, além de seu prestígio enquanto herdeiro político de Júlio César. Para sobrepor-se a ele, era necessário não só criar um novo passado, mas esquecer e apagar aquele existente.

Por fim, cabe destacar que Cleópatra não recebeu o mesmo tratamento que Marco Antônio. Os amantes, nesse aspecto, não tiveram o mesmo destino, o que reforça ainda mais a compreensão de como houve um trabalho proposital com a memória do rival derrotado – apesar dela ter sido a razão da guerra. Os bustos de Cleópatra foram preservados no Egito pelo preço de 2000 talentos pagos a Otaviano por Arquíbio<sup>663</sup>.

Em Roma, as imagens da rainha também foram preservadas após Ácio. Como aponta Eric Varner, existem, hoje, três retratos da rainha egípcia: dois datam entre 46 a 44 a.C. e foram encontrados perto de Roma; o outro é do século I a.C. e foi encontrado na Mauritânia (onde Cleópatra Selene, a uma das suas filhas com Marco Antônio, reinou junto do rei Juba II). Relatos apontam que a estátua dela, colocada por Júlio César no templo de Venus

<sup>658</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.58-59.

<sup>659</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.278.

<sup>660</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.117-118.

<sup>661</sup> VARNER, Eric. 2004. p.19.

<sup>662</sup> CHAMOUX, François. 1986. p.381-382.

<sup>663</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 86.

Genetrix, sobreviveu no local até o século III d.C.<sup>664</sup> – o que significa que ela sobreviveu ao período augustano.

No âmbito dos textos escritos, o esquecimento também esteve presente. Primeiro, porque conforme argumenta Paul Ricoeur, é preciso se ter em mente “o caráter inelutavelmente seletivo da narrativa. Assim, como é impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo”<sup>665</sup>, e, portanto, esquecer é indissociável do lembrar. Ao se escrever ou falar sobre um fato ou personagem memorável, operam-se seleções do quadro de referência cultural.

Segundo, porque, tendo em vista que as narrativas são visões parciais do passado, elas também o podem ser como parte de uma estratégia deliberada do enquadramento da memória. A ideologização da memória, segundo Paul Ricoeur, é possibilitada pelos diferentes recursos que o trabalho com a configuração da narrativa pode contar. Em suas palavras, “as estratégias do esquecimento enxertam-se diretamente nesse trabalho de configuração: pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando as ênfases, reconfigurando diretamente os protagonistas da ação assim como os contornos dela”<sup>666</sup>.

O esquecimento, nesse prisma das narrativas, teve o objetivo de apagar os feitos de Marco Antônio em algumas áreas. A primeira delas que citamos é a sua proximidade com Júlio César. Como Paul Marius Martin aponta, o passado de Júlio César foi reescrito sob uma nova ótica e dele foi retirado a importância que figura de Marco Antônio ocupou junto ao antigo ditador. Havia espaço apenas para um herdeiro, o testamentário, não para o herdeiro político<sup>667</sup>.

No entanto, em alguns aspectos, os eventos de proximidade dos dois podem até trazer uma visão negativa de Marco Antônio, como é o caso da narrativa da atuação deste na festa das Lupercálias, em 44 a.C., quando ele ofereceu a Júlio César um diadema, o que foi considerado um ultraje ao poder republicano<sup>668</sup>. Assim, somado ao esquecimento estava feito um enquadramento da memória, isso desde a época dos fatos, como aponta o próprio Cícero em suas *Filípicas*.

As boas ações militares de Marco Antônio também foram alvo do esquecimento no princípio do Principado. Augusto além de ter levantado o discurso da *pax romana*, não tinha

<sup>664</sup> VARNER, Eric. 2004. p.20.

<sup>665</sup> RICOEUR, Paul. 2007. p.455.

<sup>666</sup> RICOEUR, Paul. 2007. p.455.

<sup>667</sup> Paul-Marius Martin inclusive intitula seu texto de ‘O outro herdeiro’ de César. Cf.: MARTIN, Paul Marius. L’autre “heritier” de César. In: **Marc Antoine, son idéologie et as descendance**: actes du colloque organisé à Lyon le jeudi 28 juin 1990. Lyon: Société des Amis de Jacob Spon, 1993. p.37-54.

<sup>668</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 12; PLUTARCO, *Júlio César*, 61; SUETÔNIO, *Júlio César*, 79; CÍCERO, *Filípicas*, II, 34.

uma imagem positiva enquanto general romano. Suetônio, ao narrar em sua biografia sobre o príncipe os eventos de Filipos, em 42 a.C., destaca que foi Marco Antônio quem atuou como um grande militar. Augusto sofreu de uma moléstia e se ausentou do campo de batalha<sup>669</sup>.

Nessa linha do esquecimento das ações militares temos um exemplo curioso, a presença do nome de Marco Antônio nos *fasti Capitolini Triumphales*. Essa importante inscrição que trazia uma lista com registros dos triunfos militares desde Rômulo e possivelmente ornava um arco no Fórum de Augusto, tem apenas um registro com o nome de Marco Antônio, no do ano de 40 a.C. (ano 714). Trata-se de uma ovação (*ovatio*) a ele e a Otaviano em razão da paz de Brindes, acordo selado entre eles após os conflitos de Perúsia, em 41. a.C.<sup>670</sup>.

Seu nome não possui nenhuma marca de desonra. Contudo, é uma lembrança que marca um esquecimento, pois Marco Antônio atuou como general romano em outras vitórias, sendo, possivelmente, a mais importante a de Filipos, em 42 a.C., também com Otaviano. Essa, no entanto, não é apresentada na inscrição. Talvez lembrar a vingança de Júlio César tendo Marco Antônio como personagem central não fosse positivo para o príncipe. O mesmo pode ser observado nas *Res gestae* de Augusto, em que somente ele é trazido como vingador de seu pai<sup>671</sup>.

Pontuando, brevemente, sobre a paisagem urbana, Alain Gowing expõe que havia uma forte conexão entre os vivos e os mortos na sociedade romana. Isso destaca a íntima relação entre história e memória na cultura romana, pois, em função do medo do desaparecimento e a perpetuação da dinâmica aristocrática do poder, os mortos fixavam residência, ao menos para a elite romana, entre os vivos. É esse o contexto dos rituais de homenagem aos antepassados mortos e da construção de diferentes túmulos na via Ápia, uma das importantes portas de entrada para a cidade de Roma<sup>672</sup>.

O mausoléu de Augusto se insere nesse plano simbólico. Ele foi um local de memória com uma grande presença em Roma, pelo lugar que ocupava, pelas suas dimensões físicas e por ser a primeira construção funerária realizada dentro de Roma. Indiretamente, esse espaço permite destacar a ausência de Marco Antônio na cidade e as sanções memorialísticas sofridas. Ele foi enterrado em Alexandria, como era de seu desejo, segundo o discurso de

---

<sup>669</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 13.

<sup>670</sup> A partir desse acordo, há uma nova reorganização dos poderes e das áreas de comando dos triúmviros, além do casamento de Marco Antônio com Otávia.

<sup>671</sup> *Res Gestae*, I, 2.

<sup>672</sup> GOWING, Alain. 2005. p.12-14.

Augusto<sup>673</sup>, e não teve seus rituais funerários realizados pelos seus descendentes, pois quem os fez foi Cleópatra. Dessa forma, o mausoléu da família imperial reforça a posição de Marco Antônio enquanto um excluído da memória romana, ao menos nesse período.

Por fim, como argumenta Harriet Flower, apesar de podermos atestar sanções e desgraças oficiais, estas encontraram uma variedade de reações, não havendo a certeza de como seria considerada a reputação e a posição póstuma de uma pessoa. As memórias concorrentes continuaram a florescer<sup>674</sup>.

### **Silenciar**

Um terceiro movimento que podemos identificar no trabalho com a memória é o silenciamento. Silenciar é ‘impedir de falar’, ‘impor silêncio’, ‘não mencionar’<sup>675</sup>. Isso acontece no momento em que a memória entra em disputa e os grupos sociais precisam definir o que recordar ou não. Como questiona Michael Pollak, “como organizar a comemoração de um acontecimento que provoca tantos sentimentos ambivalentes, perpassando não apenas todas as organizações políticas, mas muitas vezes um mesmo indivíduo?”<sup>676</sup>.

No entanto, o silêncio não deve ser confundido com o esquecimento. Nas palavras do autor,

o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas<sup>677</sup>.

O silêncio é o impedimento público de transmissão de memórias e, como exposto acima, estas são transmitidas de modo subterrâneo até o momento adequado de fala. Aos derrotados e aos impedidos, esse é o único caminho, é a escolha possível. “Um passado que permanece mudo é muitas vezes menos o produto do esquecimento do que de um trabalho de gestão da própria memória segundo as possibilidades de comunicação”<sup>678</sup>.

Essas memórias, de acordo com Michael Pollak, são memórias clandestinas e são transmitidas em ambientes íntimos e informais, como a família, as associações, as redes de

<sup>673</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 17.

<sup>674</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.XII.

<sup>675</sup> Verbete Silenciar: Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/silenciar>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

<sup>676</sup> POLLAK, Michael. 1989. p.12.

<sup>677</sup> POLLAK, Michael. 1989. p.5.

<sup>678</sup> POLLAK, Michael. 1989. p.13.



sociabilidade afetiva e/ou política, podendo, inclusive, passar despercebidas pela sociedade em que essas pessoas estão inseridas. Elas sofrem da angústia da escuta, que são: o de não encontrar uma escuta; o de ser punido pelo que diz; e o de ser mal interpretado pelo ouvinte. A principal ameaça ao ‘não-dito’ é a sua transmissão intacta às gerações futuras até que possam ser ditas e provocarem contestação e reivindicações<sup>679</sup>.

Esse silêncio que possui causas políticas, sociais e/ou familiares, muitas vezes é rompido com a proximidade da morte, para evitar que haja um esquecimento, devendo-se à necessidade de escuta das lembranças diante de uma porta que, geralmente, se fecha. É, então, o momento da reabilitação da memória, de dar voz àquilo que estava impedido, de questionar o enquadramento da memória.

Ulpiano Bezerra de Menezes reforça que, diante da amnésia histórica dos excluídos (mulheres, pobres, escravos, etc.), contudo, não basta dar voz a estes, mas entender as razões e as gradações do silêncio e do esquecimento<sup>680</sup>. É preciso compreender o que provocou a interdição pública do lembrar e o que trouxe a possibilidade de fala daqueles que se encontravam silenciados, quais as mudanças sociais, políticas e/ou culturais se operaram para isso.

No ato de enquadramento da memória no princípio do Principado romano, durante o governo de Augusto, o passado foi reescrito e, em alguns aspectos, silenciado. Paul Marius Martin aponta que o silêncio foi uma estratégia adotada, junto do esquecimento, no processo de recordação referente aos diversos eventos sobre o período do Triunvirato. Era preciso ter um passado digno do novo príncipe, o que não condizia com as ações de Augusto enquanto triúviro, e virar a página dos eventos traumáticos, já que, agora, era uma época de paz<sup>681</sup>.

Isso vai de encontro com a relação que Paul Ricoeur estabelece entre esquecimento, amnésia e anistia. Para o autor, a anistia põe fim às desordens políticas que afetam a sociedade civil, ou seja, promove a paz e, enquanto um esquecimento institucional, toca na proibição de um passado declarado proibido<sup>682</sup>. Perdoa-se os feitos do passado, mas o promove ao impedimento, seja por esquecimento, seja por silêncio. O que era muito conveniente para Augusto, que precisava apagar sua atuação enquanto triúviro.

No que diz respeito a Marco Antônio, como podemos observar esses procedimentos de silenciamento dos seus atos? Familiares e partidários precisaram agir de acordo com as novas

<sup>679</sup> POLLAK, Michael. 1989. p.8-9.

<sup>680</sup> MENESES, Ulpiano Bezerra. 1992. p.18.

<sup>681</sup> MARTIN, Paul-Marius. **La mémoire du triumvirat**: entre censure, autocensure et devoir d’oubli. (exposição oral). p.1-14.

<sup>682</sup> RICOEUR, Paul. 2007. p.459-460.

regras sociais e políticas existentes com o advento do Principado. Foi a forma de sobrevivência. A memória desse antepassado interdito e derrotado precisou ser compartilhada de forma subterrânea até ter o momento de fala apropriado.

Começamos pela memória militar. Apesar de Marco Antônio possuir um histórico militar com pouco mais de 25 anos na ativa enquanto soldado romano, nem todos os relatos a respeito de sua vida militar foram positivos ou retrataram de forma completa sua atuação nesse âmbito. Nem todos os autores antigos nos transmitiram uma imagem virtuosa de sua carreira militar. Aqueles autores que escreveram nos primeiros anos do Principado, dedicaram-se a narrar sua ação em favor da rainha egípcia contra os romanos, destacando sua derrota e sua fuga do campo de batalha<sup>683</sup>. Os autores posteriores compartilharam, em sua maioria, do mesmo ponto de vista e nos transmitiram as mesmas memórias, como é o caso de Floro e de Veleio Patérculo<sup>684</sup>.

Para os escritores aliados ao projeto do Principado eram importantes os maus feitos militares de Marco Antônio, sobretudo, diante de Ácio, pois tornava justa a batalha feita contra um romano, fortalecia o projeto de Otaviano e dava unidade aos romanos. Somado a essas narrativas estava o esquecimento de episódios da vida e da glória militar do rival, como ocorre nos *fasti Capitolini Triumphales* e nas *Res gestae* de Augusto, dando a tônica sobre essas memórias.

Contudo, as ações de Marco Antônio enquanto soldado e general romano continuaram sendo compartilhadas, apesar da memória oficial. Para os soldados, a memória era mais pragmática e tinha o importante papel de destacar os elementos identitários e de pertencimento à comunidade. Assim, as memórias entre os soldados destacavam os valores e os comportamentos que uniam aqueles homens, essenciais na condução e continuidade do combate<sup>685</sup>.

Rita Scuderi destaca que durante toda a sua carreira militar Marco Antônio sempre contou com um grande prestígio junto às suas tropas, pois ele soube se tornar presente na psicologia militar, como a continuação do partido cesariano e em razão de seus dons pessoais, como a bravura no campo de batalha, a generosidade e os modos simples<sup>686</sup>.

<sup>683</sup> HORÁCIO, *Odes*, I, 37; *Epodos*, 9; PROPÉRCIO, *Elegias*, II, 16, v.37-42; III, 11. v.29-36; IV, 6; VIRGÍLIO, *Eneida*, VIII, 685-711.

<sup>684</sup> FLORO, *Epitoma*. II, 21. VELEIO PATÉRCULO, *História Romana*, II, 84-88.

<sup>685</sup> BAROIN, Catherine. 2010. p.168.

<sup>686</sup> SCUDERI, Rita. Marco Antonio nell'opinione pubblica dei militari. In: SORDI, Maria (org.). **Aspetti dell'opinione pubblica nel mondo antico**. Milano: Università cattolica del Sacro Cuore, 1978. p.117-137. p.137.

A autora usa como objeto de sua análise a biografia de Plutarco sobre Marco Antônio. O biógrafo, apesar de suas críticas ao biografado, traz uma visão bastante positiva dos soldados com relação ao seu chefe. A narrativa do seu comportamento militar possui muitos desses elementos essenciais para a psicologia militar, pois destaca como Marco Antônio comia e compartilhava das adversidades da guerra junto de seus soldados<sup>687</sup>, o que causava uma grande admiração. Sua bravura, força e vigor se somavam a sua nobreza de nascimento, sua simplicidade, sua liberalidade, a força da sua eloquência, tanto que Plutarco chega a destacar que nenhum outro exército respeitava e admirava tanto seu general quanto o de Marco Antônio por ele<sup>688</sup>.

Dessa forma, temos acesso a outra visão da carreira militar de nosso personagem, com características mais positivas, mesmo que os eventos em Ácio permaneçam com as mesmas críticas presentes em outros autores<sup>689</sup>. Plutarco se apropriou de memórias que devem ter sido transmitidas entre os soldados por meio da oralidade para a composição de sua biografia, dando, assim, um espaço para que elas saíssem do silêncio.

Outro exemplo do compartilhamento silencioso de memórias a respeito de Marco Antônio pode ser observado na narrativa de Tácito sobre a viagem oriental de Germânico, neto do antigo triúviro, entre 18 e 19 d.C.<sup>690</sup>. A partir do relato de episódios dessa estadia fora de Roma, é possível perceber a existência da transmissão, no interior da rede familiar, de uma memória positiva do antepassado.

Segundo o historiador romano, Germânico iniciou sua viagem por Nicópolis, na Acaia, cidade fundada por Augusto em homenagem a sua vitória em Ácio<sup>691</sup>. Essa cidade era vizinha ao golfo de Ácio, onde ocorreu a batalha fundadora do Principado, e aos antigos acampamentos de Marco Antônio. Aproveitando a sua presença na região, ele decidiu ir até os dois locais, onde recordou seus antepassados, e essas lembranças eram, ao mesmo tempo, alegres e tristes<sup>692</sup>. Portanto, eram memórias que traziam sentimentos tão ambíguos quanto a posição de Marco Antônio para o Principado e para os seus descendentes.

Um segundo evento emblemático dessa estadia oriental de Germânico ocorreu em Atenas. Quando lá estava, os gregos recordaram de feitos e palavras de seus antepassados<sup>693</sup> – lembrando que Marco Antônio viveu na cidade por alguns anos, com Otávia. Desse modo,

<sup>687</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 18.

<sup>688</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 43.

<sup>689</sup> PLUTARCO, *Marco Antônio*, 60-68.

<sup>690</sup> TÁCITO, *Anais*, II, 53-61.

<sup>691</sup> SUETÔNIO, *Augusto*, 18.

<sup>692</sup> TÁCITO, *Anais*, II, 53.

<sup>693</sup> TÁCITO, *Anais*, II, 53.

fica exposto que ainda havia, em Atenas, um ambiente propício para a transmissão e o compartilhamento de memórias do seu antepassado.

A terceira parte da viagem de Germânico se deu no Egito. Em seu relato sobre a estadia nas terras nilóticas, Tácito também nos traz episódios sobre a memória e a influência de Marco Antônio. Segundo o historiador romano, Germânico teria ido ao Egito para conhecer as antiguidades do povo egípcio, porém, usou como pretexto atender as necessidades da província. Estando lá, ele subiu o Nilo indo até Elefantina e, nesse interim, passou por Canopo, pelas ruínas de Tebas, pela estátua de pedra de Memnon e por diferentes pirâmides<sup>694</sup>. Contudo, em Roma, foi gerado um grande desconforto por Germânico estar no Egito. Tibério fez diferentes críticas, reprovando seus costumes e suas vestimentas<sup>695</sup>. Nessa época ainda existia uma grande preocupação com possíveis perigos vindos do Egito, tanto que para entrar na província era necessária a autorização do príncipe<sup>696</sup>.

A casa de Germânico teve um grande papel nessa transmissão de memórias sobre Marco Antônio<sup>697</sup>. Conforme Simonetta Segenni, Antônia menor teve atuação importante nesse cenário, pois ela soube estabelecer relações pessoais e políticas com diferentes pessoas do Oriente, como seus meios-irmãos, membros de outros governos orientais, assim como libertos e escravos da casa imperial que vieram do Oriente e chegaram a obter prestígio, como na época do principado de seu filho, Cláudio<sup>698</sup>.

Uma das atividades que compunha o rol da *damnatio memoriae*, como destacado anteriormente, era a interdição ao culto do antepassado, o qual acontecia no espaço doméstico, com as máscaras de ceras dos ancestrais, mas, também, no espaço público, com os ritos funerais (*laudatio funebris*) e os túmulos familiares. De acordo com Alain Gowing, para os romanos, o culto aos antepassados e a relação com os mortos era algo muito presente no cotidiano, seja pelos rituais e festivais constantes, seja pela paisagem material, com os túmulos familiares, tanto que o autor aponta o sentido simbólico que havia na entrada da *Urbs*, sendo que, para se chegar na cidade dos vivos, Roma, era preciso, por meio da Via Ápia, passar pelos mortos, os grandes romanos das famílias tradicionais, principalmente as aristocráticas<sup>699</sup>.

As fontes antigas não nos apontam, diretamente, a existência da interdição desse culto de Marco Antônio enquanto um antepassado. Como é de se supor, essa era uma recordação

<sup>694</sup> TÁCITO, *Anais*, II, 60-61.

<sup>695</sup> TÁCITO, *Anais*, II, 59.

<sup>696</sup> TÁCITO, *Anais*, II, 59.

<sup>697</sup> CIZEK, Eugen. 1993. p.112-113.

<sup>698</sup> SEGENNI, Simonetta. 1995. p.315-331.

<sup>699</sup> GOWING, Alain. 2005. p.13-15.

inadequada, ou seja, era uma memória familiar interdita, já que os familiares dos derrotados compunham a *domus Augusta*. No entanto, apesar disso e do silêncio imposto, houve um compartilhamento familiar de memórias sobre nosso personagem.

Dentro da chave de leitura proposta por Michael Pollak<sup>700</sup>, essas memórias sobre o Marco Antônio seriam subterrâneas dentro do próprio seio familiar, tendo em vista que o *pater familias* sendo Augusto ou Tibério, havia uma posição específica quanto às memórias do antepassado. É apenas quando Calígula, neto de Marco Antônio, assume o poder, que podemos observar alterações quanto ao processo de se lembrar de seu avô, havendo, então, canais abertos para a transmissão de memórias. Passam a existir novos canais para as memórias e um novo enquadramento da memória oficial.

Segundo Harriet Flower, a tradição memorialística da aristocracia romana se baseava na permanência do antepassado no seio da família e do corpo civil após sua morte<sup>701</sup>. Quando observamos a presença da transmissão familiar de memórias sobre Marco Antônio, estamos diante da própria limitação das sanções que lhe foram impostas pela *damnatio memoriae*. O seu banimento não foi completo, nem na esfera pública, nem na esfera privada, sendo ambíguo, assim como sua própria existência para o Principado e a *domus Augusta*.

Alain Gowing destaca o papel dos escritores antigos na remodelação da memória republicana durante o principado de Augusto e como houve seleções de *exempla* a comporem o repertório augustano<sup>702</sup>. Nesse contexto, em alguns escritos, houve um grande silêncio sobre alguns personagens, como é o caso da figura de Marco Antônio nas obras de Horácio, em que ele não é citado nominalmente, porém, quando são trazidos os temas de Ácio à cena, ele não deixa de ser recordado<sup>703</sup>.

Outro exemplo de silêncio é o do próprio Augusto em suas *Res gestae*. Essa importante inscrição que ornava o mausoléu de Augusto, no Campo de Marte, em duas placas de bronze, na qual o príncipe narra os feitos em prol do povo romano, por sua natureza, deixa de fora o protagonismo que seu antigo rival teve ao seu lado.

Claro, as *Res gestae* tinham como objetivo específico engrandecer os feitos do autor, Augusto, porém, não deixa de expor a existência de silêncios e esquecimentos em pontos

---

<sup>700</sup> POLLAK, Michael. 1989. p.4-8.

<sup>701</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.53-55.

<sup>702</sup> GOWING, Alain. 2005. p.18-22.

<sup>703</sup> HORÁCIO, *Odes*, I, 37.

sensíveis da atuação de Marco Antônio enquanto colega do príncipe durante o Triunvirato, assim como, mostrar que houve um enquadramento da memória a respeito do rival<sup>704</sup>.

### **Reabilitar**

Nosso último movimento é o da reabilitação. Conforme aponta Charles Hendrick Jr., a reabilitação é falar sobre um silêncio, é escrever sobre um apagamento, é dar voz<sup>705</sup>. É tirar do esquecimento aquilo que estava guardado no silêncio da memória<sup>706</sup>. E como expõe o autor, a história é uma reabilitação da memória<sup>707</sup>.

De acordo com Michael Pollak, é a fronteira entre o dizível e o indizível e o confessável e o inconfessável que separa uma memória coletiva subterrânea de uma memória coletiva organizada que resume o que o grupo dominante ou o Estado deseja impor ou transmitir (através da memória oficial)<sup>708</sup>.

Portanto, reabilitar é um movimento essencial nas dinâmicas da memória, pois permite que aquilo que se buscou esquecer ou silenciar, evitando que tivesse espaço de compartilhamento mais amplo, venha à tona e se torne socialmente conhecido por diferentes grupos sociais. A reabilitação é uma contrarresposta às limitações impostas no processo de enquadramento da memória.

No início do Principado, um exemplo importante de reabilitação da memória foi o realizado por Calígula com relação a sua mãe, Agripina maior. Ela havia sido exilada por Tibério e algumas sanções lhe foram aplicadas, como o dia do seu aniversário foi considerado nefasto e ela não foi, inicialmente, enterrada no mausoléu da família, o de Augusto. Calígula, ao reabilitá-la, a enterra no mausoléu e promove a cunhagem de moedas e a produção de bustos em sua homenagem<sup>709</sup>.

O caso da reabilitação da memória de Marco Antônio não se deu de forma tão sistemática quanto o de Agripina maior, até mesmo pela sua posição delicada junto à sociedade romana. Além disso, também não foi um processo único, tendo envolvido diferentes atores e suportes. Como pudemos observar anteriormente, nosso personagem passou pelos movimentos do esquecimento e do silêncio, por meio das sanções, do enquadramento e do não-dito.

<sup>704</sup> GIACOMO, Luiz Henrique Souza de. A face republicana da ação política de Augusto: um estudo de caso, a *res gestae divi augusti*. **Mare Nostrum**, São Paulo. 2014, n. 5.p.95-123.

<sup>705</sup> HENDRICK JR., Charles W. 2000. p.214.

<sup>706</sup> HENDRICK JR., Charles W. 2000. p.214.

<sup>707</sup> HENDRICK JR., Charles W. 2000. p.XIV; 147.

<sup>708</sup> POLLAK, Michael. 1989. p.8.

<sup>709</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.138-142.

Um ponto importante é que essa reabilitação da memória de Marco Antônio não ocorreu apenas com o passar dos séculos. No próprio principado de Augusto houve os primeiros movimentos favoráveis ao ato de lembrar Marco Antônio, ou seja, o rival do príncipe. Desse modo, sua reabilitação ocorreu ao mesmo tempo em que seu esquecimento, seu silenciamento e o enquadramento da nova memória pela perspectiva dominante. Portanto, foi um processo dinâmico e contemporâneo a outros movimentos com a memória.

Essa reabilitação no período subsequente à morte de Marco Antônio ocorreu, por exemplo, através do restauro dos *fasti*. Essas inscrições tiveram seu simbolismo restituído pelo novo príncipe, porém, não as honras de Marco Antônio. Como apontado anteriormente, o nome do antigo magistrado romano foi restaurado nos *fasti Capitolini Consulares* e *fasti Colotiani*, mas a marca da desonra permaneceu visível nesses espaços. O martelamento continuava visível com a perda de suporte das inscrições.

Para Harriet Flower, há uma reabilitação parcial da memória de Marco Antônio devido às relações familiares existentes, tendo em vista seu casamento com Otávia e a presença de seus herdeiros na *domus* imperial<sup>710</sup>. Contudo, Ida Östenberg questiona esse processo, buscando entender se a reabilitação de Marco Antônio seria uma forma de punição e, portanto, a restauração seria uma maneira de dar maior destaque à desonra quando se olhava para o conjunto da inscrição ou se seria um ato de clemência de Augusto em restabelecer a memória do rival<sup>711</sup>.

A simbologia dos *fasti* foi restaurada por Augusto e, evidentemente, o nome de Marco Antônio se encontrava presente nesse cenário, tendo em vista sua vida pública em prol da República romana, porém, é questionável se pensar que houvesse um ato de clemência com relação ao antigo opositor. Diante de todo o enquadramento da memória empreendido no início do Principado, a presença de Marco Antônio nesse cenário não é algo que deixa de ser também bem pensado. Até a reabilitação deve ser vista como um ato calculado.

Retornando a um episódio que já abordamos, a narrativa da *damnatio memoriae* de Cneu Pisão, nos *Anais* de Tácito, este autor aponta que Tibério havia sido contrário à eliminação do nome de Cneu Pisão dos *fasti* pelo fato de os nomes de Marco Antônio e Iulo Antônio ainda figurarem nessas importantes inscrições<sup>712</sup>. Isso nos mostra como, num período

<sup>710</sup> FLOWER, Harriet. 2006. p.117-119.

<sup>711</sup> ÖSTEMBERG, Ida. *Damnatio memoriae* inscribed: the materiality of cultural repression. In: PETROVIC, Andrej; PETROVIC, Ivana; THOMAS, Edmund (orgs.) **The Materiality of Text: Placement, Perception, and Presence of Inscribed Texts in Classical Antiquity**. Boston : Brill, 2019. p.333.

<sup>712</sup> TÁCITO, *Anais*, III, 18.

muito curto de tempo, houve a reabilitação da memória de Marco Antônio, inclusive em espaços muito simbólicos da cultura política e pública romana.

Giusto Traina, porém, argumenta que essa posição crítica de Tibério à permanência dos nomes de Marco Antônio e de Iulo Antônio nos *fasti* se dava mais por receio da valorização que poderia haver se um tratamento a Cneu Pisão fosse diferente do antigo rival da República. Não pode se esquecer do grande prestígio popular e militar que Germânico, neto de Marco Antônio, possuía entre os romanos. Assim, era preciso manter o aspecto negativo da memória do antepassado<sup>713</sup>.

São os príncipes posteriores que agem de forma diferente na direção de uma reabilitação da memória de Marco Antônio. Na esfera pública, o primeiro a atuar nessa direção foi Calígula, quando da proibição das comemorações públicas da vitória em Ácio<sup>714</sup>. A recordação dessa vitória esteve na base das memórias de Augusto e da sua consolidação na cena política, tendo sido transmitida em diferentes suportes – escrita, moedas, camafeus, construções, inscrições. Ir contra ela era uma forte oposição às memórias que até então haviam sido compartilhadas publicamente.

Evidentemente, essa ação do príncipe teve sua limitação, pois as marcas de Ácio eram muito fortes na paisagem urbana de Roma, na cultura material e nas narrativas. Por mais que não houvesse mais o recordar público pelo príncipe da batalha fundadora do Principado, isso não quer dizer que essa memória deixasse de existir. Assim como a perda de suporte era visível nos *fasti*, os eventos de Ácio eram presentes na cultura romana e não deixariam de ser apenas com essa interdição memorialística realizada por Calígula.

Outro governante que atuou na reabilitação da memória de Marco Antônio foi Cláudio. De acordo com Suetônio, o príncipe teria promovido comemorações em homenagem à data de aniversário de seu antepassado, que era o mesmo do seu pai<sup>715</sup>. O dia de nascimento de seu avô fez parte das diferentes sanções que ele sofreu e foi considerado como um dia vicioso, como pode ser observado, ainda hoje, nos *fasti Verulani* e *fasti Praenestini*. Essa presença das inscrições mostra a própria limitação da ação do príncipe que, mesmo retirando a marca de desonra, não fez com que ela deixasse de existir efetivamente na cultura material.

Essa atuação dos príncipes na esfera pública só foi possível porque existiu, na esfera privada, o compartilhamento subterrâneo de memórias no seio da família imperial a respeito de Marco Antônio. A atuação de Antônia maior foi importante nesse contexto. O antepassado

<sup>713</sup> TRAINA, Giusto. **Marco Antonio**. Roma: Laterza, 2003. p.105.

<sup>714</sup> SUETÔNIO, *Calígula*, 23.

<sup>715</sup> SUETÔNIO, *Cláudio*, 11.



foi uma inspiração para os descendentes, como pode ser observado pela narrativa de Tácito sobre a viagem de Germânico para a região de Ácio e sua ida até às ruínas do acampamento de seu avô, o que lhe trouxe diferentes sentimentos<sup>716</sup>.

A escrita também foi um espaço em que houve a reabilitação da memória de Marco Antônio, principalmente, com a narrativa de outros acontecimentos da sua vida que fogem do quadro do princípio do Principado. Nesse sentido, a existência da biografia do triúviro escrita por Plutarco, apesar das intenções próprias do autor em sua obra, nos permite observar esse texto como uma forma de reabilitação de Marco Antônio, um homem que foi alvo de uma *damnatio memoriae*, mas, séculos depois, teve sua vida tomada como objeto de uma biografia.

Claro, ao lermos a biografia de Marco Antônio, mesmo que muitos aspectos da sua vida tenham sido trazidos sob uma nova perspectiva, como, principalmente, a sua carreira militar, que havia sido silenciada e esquecida nas narrativas do início do Principado, há de se pontuar que por ser uma obra moral, ainda possuía ecos do enquadramento da memória realizado. É nessa perspectiva que vemos a narrativa do relacionamento de Cleópatra e Marco Antônio e da vida inimitável na corte alexandrina.

### **Marco Antônio e o prisma da memória**

Ao tomarmos Marco Antônio pelo prisma da memória, o que pode ser observado é sua relevante posição no plano memorialístico dos romanos. O próprio poder imperial foi construído, por Augusto, a partir de sua derrota em Ácio e com base em muitas das *vituperationes* comuns entre os rivais no período do Triunvirato.

Muitos atores participaram desse processo. Essa dinâmica não foi algo exclusivo da elite romana, como ocorreu durante boa parte do período republicano. O lembrar e o esquecer sobre Marco Antônio também foi apropriado por outros grupos sociais romanos, como a plebe, os partidários, os soldados e os familiares. Cada qual da sua forma, tendo em vista o sentido que fazia a eles a memória de nosso personagem para sua identidade enquanto grupo e para o sentimento de pertencimento a uma comunidade.

Isso só foi possível a partir do uso de diferentes suportes para a transmissão de memórias. As narrativas dos autores antigos são o principal espaço que temos para conhecer os eventos da vida de Marco Antônio, a partir de diferentes pontos de vistas, os quais nos trazem ênfases em alguns aspectos específicos e legam a um espaço marginal ou de

---

<sup>716</sup> TÁCITO, *Anais*, II, 53.

esquecimento a outras questões. Contudo, são os textos que melhor nos possibilitam acessar os esquecimentos, os silenciamentos e as reabilitações que foram operadas ao contar sobre Marco Antônio.

O repertório de memórias relacionado a Marco Antônio tocou diferentes aspectos do seu passado e do seu comportamento em vida. Diferentes temáticas serviram como base nesse processo: seu comportamento no Oriente, suas ações em Ácio, seu desempenho militar, sua atuação enquanto magistrado romano ou sua proximidade com Júlio César.

Lembrar, esquecer, silenciar e reabilitar foram ações que coexistiram e se deram de modo concomitante. Assim, a análise das memórias a respeito de Marco Antônio deve ter em mente que o processo foi dinâmico e plural, respeitando as mais diferentes necessidades de cada época, que se movimentaram nessas quatro direções.

No prisma do lembrar, as memórias sobre Marco Antônio devem ser observadas enquanto memórias sociais, sendo operações coletivas sobre o passado de nossa personagem conforme as dinâmicas dos grupos sociais no presente, visando a sua identidade e o sentimento de pertencimento a uma determinada coletividade. Lembrar a vida de Marco Antônio tinha um sentido para essas pessoas, assim, as memórias eram mobilizadas por diferentes atores.

Essas memórias estiveram em disputa, algo característico do período republicano e da própria dinâmica da memória, tendo em vista as suas constantes negociações entre os grupos sociais. Esses diálogos existem em momentos em que a memória é enquadrada, ou seja, quando o grupo social dominante estabelece a memória oficial. Nisso, muitas outras memórias acabam sendo legadas a uma posição clandestina, levadas ao silêncio, porém, continuam ativas, sendo compartilhadas de forma subterrâneas esperando o momento de fala.

Na época em que Cícero escreveu suas *Filípicas*, podemos observar essa dinâmica da memória em disputa, em que o orador mobilizou referenciais do passado de seu rival, os quais, nem sempre, foram compartilhados por outros grupos sociais, como é observado nas diferentes vozes presentes em seus discursos. A sua derrota impediu a cristalização da visão de seu grupo social a respeito de Marco Antônio como a memória oficial. Esse processo só pode ser realizado, posteriormente, quando Otaviano venceu em Ácio e, no seio do seu principado, estabeleceu um novo passado romano. A visão adotada, ou seja, a memória enquadrada nesse momento esteve em sintonia com a disputa existente no Triunvirato, quando houve a troca das acusações entre os dois herdeiros de Júlio César.

Essa nova memória oficial trouxe Marco Antônio por um viés negativo, como um antirromano. Ele não era um *exemplum* a ser seguido. Essa memória foi compartilhada por

gerações, o que permite que observemos como os referenciais do passado do nosso personagem saíram do prisma da memória comunicativa para se cristalizarem enquanto uma memória cultural, ou seja, aspectos da vida e do comportamento do antigo triúnviro passaram a estar presentes na cultura romana.

As posições social e política de Marco Antônio foram um grande entrave para a completa realização das sanções de memória que conhecemos como *damnatio memoriae*. Não era para o novo governante e para os membros da elite romana um procedimento fácil de ser posto em prática. Marco Antônio havia sido marido da irmã de Otaviano e suas filhas desse relacionamento eram, diretamente, membros da *domus Augusta*. Somado a isso, seus outros filhos, que estavam vivos em 30 a.C., foram adotados por Otávia. A isso se soma, também, a grande quantidade de partidários e soldados que Marco Antônio tinha a seu lado e que precisaram ser reincorporados às dinâmicas social e política da República/Principado romano.

Desse modo, observamos a *damnatio memoriae*, porém, não sem que seus limites sejam visíveis. Seu *praenomen* foi proibido, seus bustos e estátuas foram derrubados, seu nome foi martelado de diferentes inscrições, o dia do seu aniversário foi tornado nefasto. Ao mesmo tempo, ainda sobre Augusto, e em sintonia com a tônica do período de que destacar os maus feitos dos rivais poderia lançar muitas luzes aos rivais, houve uma reabilitação, parcial das memórias de Marco Antônio. Contudo, sempre de acordo com os interesses do príncipe e de acordo com o enquadramento da memória que estava sendo desenhado.

Assim, houve o esquecimento de muitos feitos da vida de Marco Antônio, a construção de uma nova visão sobre o passado e o silenciamento de outras vozes possíveis. No entanto, esse silêncio foi sendo quebrado aos poucos, com reabilitações realizadas pelos próprios herdeiros de Marco Antônio. Mas reabilitar não significa apagar, por completo, os esquecimentos ou as memórias enquadradas. A biografia de Plutarco é um interessante exemplo nesse movimento, ao trazer novas memórias sobre Marco Antônio, por meio da reabilitação da sua carreira militar, por exemplo, ele não deixou de compartilhar, no seu texto, as memórias culturais existentes sobre o rival de Augusto. Observamos o espaço de fala de memórias, porém, ainda há a disputa e a explicitação de como o trabalho da memória é dinâmico e plural.

## CONCLUSÃO

Marco Antônio saiu como derrotado em Ácio, mas não deixou de ser influente na história. Relatos sobre ele foram escritos e memórias a seu respeito foram transmitidas, com o passar dos anos, no interior do mundo romano, e com o passar dos séculos, em diferentes culturas e sociedades, até chegar a nós. Muitos suportes, atores e temáticas movimentaram as diferentes peças desse quebra-cabeça memorialístico.

Em nossa análise, pudemos lançar nosso olhar sobre a questão: *‘Por que e como as memórias sobre Marco Antônio foram construídas, preservadas, apagadas e reabilitadas?’*. Cada um dos nossos capítulos procurou abordar um aspecto inerente ao processo social da memória, trazendo para o contexto de produção e compartilhamento, quando possível, as memórias transmitidas sobre nosso personagem.

Assim, inicialmente, lançamos luz aos meios de transmissão de memórias, o que nos permitiu analisar diferentes fontes e canais de comunicação, como: os textos de autores antigos, as inscrições, os bustos e estátuas, as moedas, os camafeus, a paisagem urbana e a comunicação oral. Em seguida, abordamos os atores, em especial: Augusto, os aristocratas, os plebeus, os partidários e os soldados, os familiares e os herdeiros. A partir destes pudemos analisar a participação deles no compartilhamento de memórias e os limites existentes.

Num terceiro momento, focamos nas referências das memórias, ou seja, as temáticas, tendo sido destacadas aquelas referentes à batalha de Ácio, à vida de Marco Antônio no Oriente, a atuação de nosso personagem enquanto magistrado e militar romano, para, por fim, nos dedicarmos à relação com a herança de Júlio César. No último capítulo, nos dedicamos a abordar o lembrar, o esquecer, o silenciar e o reabilitar Marco Antônio.

Ao final desse percurso, algumas conclusões podem ser tiradas. A primeira delas é que a memória é algo em constante disputa e mutabilidade e que ela era apropriada para a conquista da opinião pública. Os meses após o assassinato de Júlio César foram de bastante tumulto entre os romanos e, nesse contexto, Cícero nos possibilitou observar como se dava essa disputa política e a tentativa da cristalização de uma memória a respeito de um rival. Sua morte trouxe o limite ao compartilhamento das memórias que ele propagava.

Os anos seguintes de Triunvirato foram igualmente agitados, sendo trocadas diversas acusações entre os triúnviros, em especial Marco Antônio e Otaviano, na tentativa de ganhar a opinião pública. Muitos desses elementos se cristalizaram enquanto memórias, pois foram os

referenciais utilizados pelos vencedores na consolidação de seu poder, sua posição política e de seu discurso. Augusto, após derrotar Marco Antônio em Ácio, em 31 a.C., atuou fortemente no campo da memória. Ele evitou, em linhas gerais, agir contra a memória do antigo rival, que nesse momento sofria as sanções da *damnatio memoriae*, buscando criar um novo passado para si e para Roma.

Contudo, nesse movimento, ele não deixou de estabelecer o enquadramento da memória, ou seja, a forma como, na memória oficial, Marco Antônio seria recordado. A paisagem urbana de Roma, as moedas, as joias, as práticas memorialísticas, todas exaltavam a vitória em Ácio e o novo regime, o que ocorreu contra o antigo triúviro. Suas glórias foram diminuídas e sua aproximação com Júlio César negada.

Os autores antigos tiveram grande participação em trazer para as suas narrativas a evocação dos eventos da vida de nosso personagem, sendo os escritos antigos um suporte essencial para conhecermos o passado. É por meio destes que observamos como as memórias sobre Marco Antônio se cristalizaram na memória cultural romana. Assim, a vida dele passou a ser apresentada a partir de determinadas chaves de leitura que se perpetuavam entre as gerações. Escritores de séculos posteriores repetiram os mesmos referenciais para narrarem Marco Antônio. Apesar de um grande romano, ele se degenerou.

Essa pode ter sido a tônica de memórias a seu respeito, mas muitas outras passaram a ser possíveis de fala depois do principado de Augusto, saindo do espaço subterrâneo a que foram submetidas. A memória sobre Marco Antônio continuou sendo disputada durante esse período, mas com uma tendo mais força e os canais oficiais de transmissão e compartilhamento.

Mesmo que o culto a ele fosse interdito, observamos a existência de peças que serviam como lugares de memória, em oposição aos bustos ausentes e às inscrições marteladas. Assim, as moedas e os camafeus, que permitiam um acesso direto à imagem de Marco Antônio e, no caso dos últimos, podiam servir de marcas de lealdade, continuaram existindo e sendo transmitidos entre as pessoas. O mesmo pode ser dito sobre as narrativas orais de suas glórias militares ou de seu comportamento civil, que podia ser bem visto por seus apoiadores. Não devemos pensar que o canal da oralidade foi apropriado apenas para contar da vida inimitável, como sabemos por meio da transmissão de Filotas de Amfissa ao avô de Plutarco.

Os herdeiros de Marco Antônio buscaram reabilitar sua memória, tirando do silêncio o que podia desviar da memória oficial. Isso foi positivo, pois pudemos ver nas obras escritas posteriores memórias mais positivas, sobretudo no campo militar. Contudo, foi limitada a

ação de Calígula e Cláudio, já que as marcas de desonra permanecem acessíveis até os nossos tempos.

Analisar as memórias sobre Marco Antônio também nos exigiu observar, portanto, mais do que os referenciais, mas, também, os meios de transmissão e os atores. Qual o sentido fazia a estes recordar de Marco Antônio? Essa é uma questão sensível e difícil de ser respondida, mas fundamental. Para Augusto e para parcela da aristocracia romana era preciso esquecer os males do passado e construir um novo, no qual Marco Antônio, quando não deixado de lado, foi trazido como o derrotado – ou degenerado, mais especificamente para as obras escritas.

Para os partidários e os soldados, ele não deixou de ser um referencial, em razão disso, vemos surgir em escritos posteriores, traços do bom general romano, algo que se deve, possivelmente, à transmissão de memórias do passado militar que compartilharam e que os unia de forma identitária enquanto um grupo social. Para os plebeus, esse é um campo sem rastros palpáveis. Para os herdeiros sanguíneos, ele era um antepassado importante e admirado.

Desse modo, ao final de todo nosso trabalho, o que podemos apontar é que o trabalho memorialístico referente a Marco Antônio foi um processo dinâmico e rico, que mobilizou diferentes atores e permeou diversos suportes. Além disso, fez parte das disputas aristocráticas enquanto ele estava vivo e após sua morte. Não estando o enquadramento da memória proposto pela memória oficial do Principado consolidado. Isso se deve, obviamente, pela sua posição ambígua e proeminente na sociedade romana e na família imperial. Assim, na própria Antiguidade pudemos observar muitas outras vozes e memórias.

Portanto, o estudo sobre Marco Antônio muito tem a ganhar quando o jogo competitivo do campo das memórias é tomado em análise, para além da breve e comum apresentação das sanções que ele sofreu na *damnatio memoriae*. Nosso personagem é um de muitos dos antigos romanos a sofrerem com as dinâmicas da memória, no entanto, pela sua vida e a memória cultural que se criou ao seu redor – a qual influenciou William Shakespeare séculos depois, como observado no excerto com que abrimos nosso trabalho –, é um dos poucos que nos permite observar essa riqueza do quebra-cabeça memorialístico a seu respeito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Autores antigos:

APPIEN. *Historie Romaine*. Texte établi et traduit par Paul Goukowsky. Paris: Les Belles Lettres, 2010.

CICERON. **Philippiques**. Texte établi et traduit par André Boulanger et Pierre Wuilleumier. Paris : Les Belles Lettres, 1972.

DION CASSIUS. **Histoire romaine**. Texte établi, traduit et annoté par Marie-Laure Freyburger et Jean-Michel Roddaz. Paris: Les Belles Lettres, 1991/4.

FLORUS. **Oeuvres**. Tome II. Texte établi et traduit par Paul Jal. Paris: Les Belles Lettres, 1967.

HORACE. **Odes et épodes**. Texte établi et traduit par F. Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1946.

JOSEPHE, Flavius. **Guerre des Juifs**. Texte établi et traduir par André Pelletier. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

MACRÓBIO. **Saturnalia**. Tradução de R. A. Kaster. Cambridge: Harvard University (Loeb), 2011.

OVIDE. **Les fastes**. Tome I – Livres I – III. Texte établi, traduit et commenté par M. R. Schilling. Paris: Les Belles Lettres, 1992.

PLINE L'ANCIEN. **Histoire naturelle** – Livre IX (Des animaux marins). Texte établi et traduit par Eugène De Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1955.

\_\_\_\_\_. **Histoire naturelle** – Livre XIV (Des arbres fruitiers: la vigne). Texte établi et traduit par Jacques André. Paris: Les Belles Lettres, 1958.

PLUTARQUE. **Vies**. Texte établi et traduit par Robert Flacelière et Emile Chambry. Paris: Les Belles Lettres, 1977.

PROPÉRCIO. **Elegias**. Tradução de Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SALÚSTIO. **Conjuração de Catilina**. Tradução de Antônio da Silveira Mendonça. Petrópolis: Vozes, 1990.

SENECA. **Ad Lucilium epistulae morales**. Vol. II. With an English translation by Richard M. Gummere. London: William Heinemann Ltd, 1970.

SUETÔNIO. **A vida dos doze Césares**. Tradução de Sady-Garibaldi. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

TACITE. **Annales**. Texte établi et traduit par Pierre Wuilleumier. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

TÁCITO. **Anais**. Tradução de Leopoldo Pereira. Riode Janeiro: Ediouro, s/d.

VELLEIUS PATERCULUS. **Histoire romaine**. Tome II. Texte établi et traduit par Joseph Hellegouarc'h. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora 34, 2016.

### **Epigrafia:**

*Fasti Capitolini*. In: DEGRASSI, Atilio. *Corpus Scriptorum Latinorum Paravianum*. Torino: G. B. Paravia, 1954.

*Res Gestae Divi Augusti*. In: *Res Gestae diui Augusti ex monvmentis Ancyrano et Antiocheno Latinis Ancyrano et Apolloniensi Graecis*. Texte établi et commenté par Jean Gagé. Paris: Les Belles Lettres, 1935.

\_\_\_\_\_. Tradução e comentários de G. D. Leoni. São Paulo: Nobel, 1957.

\_\_\_\_\_. In: **A Vida e os Feitos do Divino Augusto** / textos de Suetônio e Augusto. Tradução de Matheus Trevizam; Antonio Martinez de Rezende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

\_\_\_\_\_. In: *Res Gestae Diui Augusti: hauts faits du divin Auguste*. Texte établi et traduit par John Scheid. Paris: Les Belles Lettres, 2007.

### **Numismática:**

*Coinage of the Roman Republic Online* – Disponível em: <<http://numismatics.org/crro/>>. Acesso em: 14 out 2022.

CRAWFORD, Michael H. **Roman Republic Coinage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

LEONI, Daniele. **Le monete di Roma: Augusto, il Triumvirato**. Verona: Dielle Editore, 2014.

MATTINGLY, H.; SYDENHAM, E. A.; SUTHERLAND, H. V.. **The Roman Imperial Coinage**. Tomo I (de Augusto a Nero). Londres. 1923-1930.



*Roman Republic Coinage* – Disponível em:

<[http://www.britishmuseum.org/research/publications/online\\_research\\_catalogues/rrc/roman\\_republican\\_coins.aspx](http://www.britishmuseum.org/research/publications/online_research_catalogues/rrc/roman_republican_coins.aspx)>. Acesso em: 28 jul. 2017.

*Wild Winds* – Disponível em:

<[http://www.wildwinds.com/coins/imp/marc\\_antony/i.html](http://www.wildwinds.com/coins/imp/marc_antony/i.html)>. Acesso em: 28 jul. 2017.

SYDENHAM, Edward Allen. **The coinage of the Roman Republic**. New York: Arno Press, 1975.

### **Camafeus:**

GOLYZNIAK, Pawel. **Engraved gems and Propaganda in the Roman Republic and under Augustus**. Oxford: Archaeopress Publishing, 2020.

RICHTER, Gisela M. A. **Catalogue of the engraved gems, Greek, Etruscan and Roman**. Roma: Tipografia del Senato del Dott. G. Bardi; Metropolitan Museum of Art, 1956.

VOLLENWEIDER, Marie-Louise. **Die Porträgemmen der römischen Republik**. Mainz: Verlag Philipp von Zabern, 1974.

\_\_\_\_\_. **Camées intailles: les portraits grecs du cabinet de médailles**. 2 tomes. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 1995.

\_\_\_\_\_. **Camées intailles: les portraits romains du cabinet de médailles**. 2 tomes. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2003.

### **Historiografia:**

ACKERT, Nick. *Animus after Actium? Antony, Augustus and damnatio memoriae*. **Undergraduate Journal of Classical Studies**. Filadelfia, 2016 (spring), v.4, n.2, p.32-40.

ALFÖLDY, Géza. **A história social de Roma**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

ALONSO TRANCOSO, Victor; GARCIA VIVAS, Gustavo. Octavia *versus* Cleopatra: imagine dela donna e fonfronto culturale. In: **Roma e l’Oriente nel I sec A.C.:** (acculturazione o scontro culturale?). Consea: Edizione Lionello Giordano, 2004. p.11-34.

ARNAUD, Pascal. Alexandre-Hélios et Cléopâtre-Sélène: origine et posterité romaine d’un couple cosmique. In: **Marc Antoine: son idéologie, sa descendance:** actes du Colloque organize à Lyon, le jeudi 28 juin 1990. Lyon: Société des amis de Jacob Spon, 1993. p.127-141.

- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011.
- ASSMANN, Jan. What is “cultural memory”? In: **Religion and cultural memory**: ten studies. Stanford: Stanford University Press, 2006.
- \_\_\_\_\_. Communicative and Cultural Memory. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (ed.). **Cultural memory studies**: an international and interdisciplinary handbook. Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p.109-118.
- BABCOCK, Charles L.. Dio and Plutarch on the damnatio of Antony. **Classical Philology**. vol. 57. n.1, 1962. p.30-32.
- BARDON, Henry. **La littérature latine inconnue**. Tome I – L’époque républicaine. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1952.
- \_\_\_\_\_. **La littérature latine inconnue**. Tome II – L’époque impériale. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1956.
- BAROIN, Catherine. **Se souvenir à Rome**: formes, représentations et pratiques de la mémoire. Paris: Belin, 2010.
- BEACHAM, Richard. The emperor as impresario: producing the pageantry of power. In: GALINSKY, Karl (org.). **The Cambridge companion to the Age of Augustus**. New York: Cambridge University Press, 2005. p.151-174.
- BEARD, Mary. **The Roman triumph**. Cambridge: Harvard University Press, 2009.
- \_\_\_\_\_. **SPQR**: uma história da Roma antiga. São Paulo: Planeta, 2017.
- BENGSTON, Hermann. **Marcus Antonius, Triumvir und Herrscher des Orients**. München: Verlag Ch.Beck, 1977.
- BLAISON, Marie. L’Empereur et l’homme: une lecture de la Domus Aurea Neronis. **Labyrinthe**. 1999, n.3. p.1-13.
- BOATWRIGHT, Mary. **Peoples of the Roman world**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- BORGES, Jorge Luis. Funes, o memorioso. In: **Ficções**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975. p.109-118.
- BORGIES, Loïc. **Le conflit propagandiste entre Octavien et Marc Antoine**: De l’usage politique de la uituperatio entre 44 et 30 a. C. n.. Bruxelles: Éditions Latomus, 2016.
- BRENDEL, Otto. The iconography of Marc Antony. **Latomus**, Bruxelles. 1962, vol.18. p.359-367.
- BRENK, F. E., S. J.. Plutarch’s Life Markos Antonios: A Literary and Cultural Study. In: HAASE, Wolfgang; TEMPORINI, Hildegard (eds.). **Aufstieg und Niedergang der**

- Römischen Welt**. II. 33.6. Berlin / New York: Walter de Gruyter, 1992. p.4348-4469 e 4895-4915.
- BUENO, Giovanni. Joias do Principado: tempo e memória na iconografia de camafeus Julio-Claudianos. **Ars Historica**. Rio de Janeiro. 2020, n.20. p.134-163.
- CARRIÉ, Jean-Michel. O soldado. In: GIARDINA, Andrea (org.). **O homem romano**. Lisboa: Presença, 1992. p.87-115.
- CARTER, John M.. **The battle of Actium**: the rise and triumph of *Augustus Caesar*. New York: Weybrighy and Talley, 1970.
- CAZENAVE, Michel; AUGUET, Roland. **Os imperadores loucos**: ensaio de mito-análise histórica. Lisboa: Inquérito, 1995.
- CHAMOUX, François. **Marc Antoine**: Dernier prince de l'Orient grec. Paris: Arthald, 1986.
- CHARLESWORTH, M. P. Some Fragments of the Propaganda of Mark Antony. **The Classical Quarterly**, Cambridge, v.27, n.3/4, p.172-177, jul., 1933.
- CIZEK, Eugen. **Néron**. Paris: Fayard, 1982.
- \_\_\_\_\_. L'idéologie antonienne et Néron. In: **Marc Antoine: son idéologie, sa descendance**: actes du Colloque organize à Lyon, le jeudi 28 juin 1990. Lyon: Société des amis de Jacob Spon, 1993. p.107-126.
- \_\_\_\_\_. **Histoire et historiens à Rome dans l'Antiquité**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1995.
- COARELLI, Filippo. **Rome and environs**: an archeological guide. Los Angeles: University of California Press, 2007.
- CORASSIN, Maria Luiza. **Sociedade e política na Roma antiga**. São Paulo: Atual, 2001.
- \_\_\_\_\_. Comentário sobre as *Res Gestae Divi Avgvsti*. **Revista História**. São Paulo. 2004, n.151.p.181-199.
- CORNELL, Tim J.. **The fragments of the Roman historians**. 3 vols. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- COURRIER, Cyril. **La plèbe de Rome et sa culture**. Roma: École Française, 2014.
- \_\_\_\_\_. Plebeian culture in the city of Rome, from the Late Republic to the Early Empire. In: GRIG, Lucy (ed.). **Popular culture in the Ancient world**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p.107-128.
- CRISTOFOLI, Roberto. **Antonio e Cesare**: anni 54-44 a.C.. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2008.

- CROOK, John. Political history, 30 BC to AD 14. In: BOWMAN, Alan K.; CHAMPLIN, Edward; LINTOTT, Andrew (eds.). **The Cambridge Ancient History: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D 69.** Tomo X. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001a. p.70-112.
- \_\_\_\_\_. Augustus: power, authority, achievement. In: BOWMAN, Alan K.; CHAMPLIN, Edward; LINTOTT, Andrew (eds.). **The Cambridge Ancient History: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D 69.** Tomo X. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001b. p.113-146.
- EDER, Walter. Augustus and the power of tradition. In: GALINSKY, Karl (org.). **The Cambridge companion to the Age of Augustus.** New York: Cambridge University Press, 2005. p.13-32.
- FEITOSA, Lourdes Conde. **Amor e sexualidade:** o masculino e o feminino em grafites de Pompéia. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2005.
- FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social:** novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Teorema, 1992.
- FERRIÈS, Marie-Claire. **Les partisans d’Antoine:** des orphelins de César aux complices de Cléopâtre. Bordeaux: Ausonius, 2007a.
- \_\_\_\_\_. Le sort des partisans d’Antoine: damnatio memoriae ou clementia?. In: BENOIST, Stéphane; DAGUET-GAGEY, Anne (org.). **Mémoire et histoire:** les procédures de condamnation dans l’Antiquité romaine. Metz: Centre Régional Universitaire Lorrain d’Histoire, 2007b. p.41-58.
- \_\_\_\_\_. L’ombre de César dans la politique du consul Marc Antoine. In: DEVILLERS, Olivier; SION-JENKIS, Karin (org.). **César sous Augustus.** Bordeaux: Ausonius, 2012. p.55-72.
- FEZZI, Luca. La storia di un rapporto conflittuale: Marco Antonio e i documenti. In: TRAINA, Giusto (org.). **Studi sull’età di Marco Antonio.** Galatina: Congedo Editores, 2006. p.5-38. (Rudiae 18).
- FLORENZANO, Maria Beatriz B.. A moeda romana na Antiguidade: uma introdução à história e aos significados das emissões monetárias. In: FLORENZANO, Maria Beatriz B.; RIBEIRO, Angela Maria G.; LO MONACO, Viviana. **A coleção de moedas romanas da Universidade de São Paulo.** São Paulo: MAE/USP, 2015. p.15-19.
- FREYBURGER, Marie-Laure ; RODDAZ, Jean-Michel. Notice. In: DION CASSIUS. **Histoire romaine.** Texte établi, traduit et annoté par Marie-Laure Freyburger et Jean-Michel Roddaz. Paris: Les Belles Lettres, 1991/4.
- FLOWER, Harriet I.. **The art of forgetting:** disgrace & oblivion in Roman political culture. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2006.

- FUNARI, Pedro Paulo A.; GARRAFFONI, Renata S.. A aculturação como modelo interpretativo: o estudo de caso da romanização. **Heródoto**, Guarulhos, v.3, n.2, 2018, p.246-255.
- GALINSKY, Karl. **Augustan culture: an interpretive introduction**. New Jersey: Princeton University Press, 1996.
- \_\_\_\_\_. Introduction. In: GALINSKY, Karl (org.). **Memory in Ancient Rome and Early Christianity**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p.1-39.
- \_\_\_\_\_. **Memory and forgetting in the age of Augustus**. Sidney: Department of Classics and Ancient History, 2016.
- GARCÍA RIAZA, Enrique. Information exchange and political communication in the Triumviral period: some remarks on means and methods. In: PINA POLO, Francisco (ed.). **The triumviral period: civil war, political crisis and socioeconomic transformations**. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2020. p.281-300.
- GIACOMO, Luiz Henrique Souza de. A face republicana da ação política de Augusto: um estudo de caso, a *res gestae divi augusti*. **Mare Nostrum**, São Paulo. 2014, n. 5.p.95-123.
- \_\_\_\_\_. **A ‘restauração da republicana’ de Augusto: discurso romano, alteridade oriental e teatocracia política**. 2015. 148f. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- GOWING, Alain. **Empire and memory: the representation of the Roman Republic in imperial culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- GOYON, Jean-Claude. Hors d’Alexandrie, un personnage inconnu des sources égyptienne: Marc Antoine. In: **Marc Antoine, son idéologie et as descendance: actes du colloque organisé à Lyon le jeudi 28 juin 1990**. Lyon: Société des Amis de Jacob Spon, 1993. p.9-17.
- GRIFFIN, Jasper. Propertius and Antony. **Journal of Roman Studies**, Cambridge, v.67, p.17-26, 1977.
- GRIMAL, Pierre. **O século de Augusto**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- GRUEN, Erich. **Rethinking the other in the Antiquity**. Princeton: Princeton University Press, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Jon. The Philippics. In: MAY, James M. (ed.). **Brill’s Companion to Cicero: Oratory and Rhetoric**: Leiden: Brill, 2002. p.273-304.
- HARDERS, Ann-Cathrin. An Imperial Family Man: Augustus as Surrogate Father to the Children of Mark Antony. In: HÜBNER, Sabine R.; RATZAN, David M. (ed.).

**Growing up fatherless in Antiquity.** Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p.217-240.

HEKSTER, Olivier et al. Nero's ancestry and the construction of imperial ideology in the early empire: a methodological case study. **Journal of Ancient History and Archeology**, Cluj-Napoca, v.1, n.4, p.7-27, 2014.

HENDRICK JR., Charles W. **History and silence:** purge and rehabilitation of memory in late antiquity. Austin: University of Texas Press, 2000.

HOLLARD, Virginie; RAYMOND, Emmanuelle. Se souvenir qu'il faut oublier: Marc Antoine et l'art de l'oubli augustéen. **Images Re-vues**, Paris, n.12, p.1-22, 2014.

HÖLSCHER, Tonio. Monuments of the battle the *Actium*: propaganda and response. In: EDMONDSON, Jonathan (ed.). **Augustus**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009. p.310-333.

HOSTEIN, Antony. Monnaie et damnatio memoriae (Ier-IVe siècle ap. J.-C.): problèmes méthodologiques. **Cahiers du Centre Gustave Glotz**, Paris, n.15, p.219-236, 2004.

HUZAR, Eleanor Goltz. **Mark Antony:** a biography. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1978.

\_\_\_\_\_. The Literary Efforts of Mark Antony. In: HAASE, Wolfgang; TEMPORINI, Hildegard (eds.). **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**. II. 30.1. Berlin / New York: Walter de Gruyter, 1982. p.639-657.

\_\_\_\_\_. Augustus, heir of the Ptolemies. In: HAASE, Wolfgang; TEMPORINI, Hildegard (eds.). **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**. II. 10.1. Berlin / New York: Walter de Gruyter. 1988. p.343-382.

JACQUINOD, Catherine. Germanicus, l'Orient et l'astrologie au service de sa maison. In: **Marc Antoine, son idéologie et as descendance:** actes du colloque organisé à Lyon le jeudi 28 juin 1990. Lyon: Société des Amis de Jacob Spon, 1993. p.79-84.

JOLY, Fábio D.. Nero: um artista no poder. In: REDE, Marcelo (org.). **Vidas antigas:** ensaios biográficos da Antiguidade. v.2. São Paulo: Intermeios, 2019. p.279-304.

\_\_\_\_\_; FAVERSANI, Fábio. Os Júlio-Cláudios. In: BRANDÃO, José Luís; OLIVEIRA, Francisco (coord.). **História de Roma:** Império e romanidade hispânica. 2.v. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020. p.79-95.

JULIEN, Eric. Marc Antoine le pharaon impossible, Auguste le pharaon obligé. In: **Marc Antoine, son idéologie et as descendance:** actes du colloque organisé à Lyon le jeudi 28 juin 1990. Lyon: Société des Amis de Jacob Spon, 1993. p.19-26.

LANGE, Carsten Hjort. The battle of *Actium*: a reconsideration. **The Classical Quarterly**, Cambridge, v.61, n.2, p.608-623, 2011.

- LA PENNA, Antonio. Antonio come personaggio ‘paradossale’. In: GARA, A; FORABOSCHI, D (org.). **Il Triumvirato costituente alla fine della repubblica romana**. Como: Edizione New Press, 1993. p.93-111.
- LE GALL, Jöel. Successeurs d’Auguste mais descendants d’Antoine. **Bulletin de la Société Nationale des Antiquaires de France**. Paris, 1989, n.1987, v.1, p.223-229.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p.419-476.
- LINDSAY, Jack. **Marc Antony: His World and His Contemporaries**. New York: G. Routledge & Sons, Limited, 1936.
- MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Julio Cesar. Camponeses e cultura escrita na Africa romana e pós-romana. In: MAGALHÃES DE OLIVEIRA, J. C.; SELVATICI, M.. (Org.). **Textos e Representações da Antiguidade: Transmissão e Interpretações**. Maringá: EDUEM, 2012. p.73-89.
- MAHY, Trevor. Antonius, Triumvir and Orator: Career, Style, and Effectiveness. In: STEEL, Catherine; and VAN DER BLOM, Henriette (eds.), **Community and Communication: Oratory and Politics in Republican Rome**. Oxford: Oxford University Press., 2013. p.329-344.
- MARASCO, Gabriele. Marco Antonio ‘Nuovo Dioniso’ e il ‘*De sua ebrietate*’. **Latomus**, Bruxelles, t.51, p.538-548, 1992.
- MASCHEK, Dominik. Consumption, construction, and conflagration: the archaeology of social-political change in the Triumviral period. In: PINA POLO, Francisco (ed.). **The triumviral period: civil war, political crisis and socioeconomic transformations**. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2020. p.327-351.
- MARCO, Frank. Caligula, artisan d’un nouveau monde. In: **Marc Antoine: son idéologie, sa descendance**: actes du Colloque organize à Lyon, le jeudi 28 juin 1990. Lyon: Société des amis de Jacob Spon, 1993. p.85-92.
- MARRONE, Giovannella. **Marco Antonio: la memoria deformata**. Napoli: EdiSES, 2013.
- MARTIN, Paul Marius. L’autre “heritier” de César. In: **Marc Antoine, son idéologie et sa descendance**: actes du colloque organisé à Lyon le jeudi 28 juin 1990. Lyon: Société des Amis de Jacob Spon, 1993. p.37-54.
- \_\_\_\_\_. **Antoine et Cléopâtre: la fin d’un rêve**. Bruxelles: Éditions Complexes, 1995.
- \_\_\_\_\_. Octave héritier de César: enquête sur les sources historiographiques. In: DEVILLERS, Olivier; SION-JENKIS, Karin (org.). **César sous Auguste**. Bordeaux: Ausonius Éditions, 2012. p.43-53.
- \_\_\_\_\_. **La mémoire du triumvirat: entre censure, autocensure et devoir d’oubli**. 2014. (exposição oral).

- MEIER, Christian. C. Caesar diui filius and the formation of the alternative in Rome. In: RAAFLAUB, Kurt; TOHER, Mark (eds.). **Between Republic and Empire: Interpretations of Augustus and his Principate**. London: University of California Press, 1993. p.54-70.
- MENESES, Ulpiano Bezerra. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo. n.34. p.9-24. 1992.
- MILLAR, Fergus. Triumvirate and Principate. **The Journal of Roman Studies**, Cambridge. vol.63. p.50-67. 1973.
- \_\_\_\_\_. State and subject: the impact of monarchy. In: MILLAR, Fergus; SEGAL, Erich. **Caesar Augustus: seven aspects**. New York: Clarendon Press, 1984. p.37-60.
- NEWMAN, Robert. A dialogue of power in the coinage of Antony and Octavian (44-30 BC). **American Journal of Numismatic**, New York, v.2, p.37-63, 1990.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v.10, jul/dez, p.7-28, 1993.
- ORLIN, Eric. Augustan reconstruction and Roman memory. In: GALINSKY, Karl (org.). **Memory in Ancient Rome and Early Christianity**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p.115-144.
- ÖSTEMBERG, Ida. *Damnatio memoriae* inscribed: the materiality of cultural repression. In: PETROVIC, Andrej; PETROVIC, Ivana; THOMAS, Edmund (orgs.) **The Materiality of Text: Placement, Perception, and Presence of Inscribed Texts in Classical Antiquity**. Boston: Brill, 2019. p.324-347.
- PELLING, Christopher. **Plutarch, life of Antony**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- \_\_\_\_\_. The triumviral period. In: BOWMAN, Alan K.; CHAMPLIN, Edward; LINTOTT, Andrew (eds.). **The Cambridge Ancient History: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D 69**. Tomo X. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p.1-69.
- PERRIN, Yves. Néron, Antoine, Alexandrie: quelques notes sur un paradoxe. In: **Marc Antoine, son idéologie et sa descendance: actes du colloque organisé à Lyon le jeudi 28 juin 1990**. Lyon: Société des Amis de Jacob Spon, 1993. p.93-106.
- PETRECHKO, Oleh. Mark Antony's damnatio memoriae and the foundation of the Principate. In: SLAPEK, Dariusz; LUC, Ireneusz (org.) **Marcus Antonius: history and tradition**. Lublin: Maria Curie-Sklodowska University Press, 2016. p.199-213.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.
- POLLINI, John. **From Republic to Empire: Rethoric, Religion, and Power in the visual culture of Ancient Rome**. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 2012.



- RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- RODDAZ, Jean-Michel. Marc-Antoine: mythe, propagande et réalités. In: GÜNTHER, Linda-Maire; GRIEB, Volker (eds.). **Das imperiale Rom und hellenistische Osten**. Stuttgart: Steiner, 2012. p.115-138.
- ROLLER, Duane. The Lost Building Program of Marcus Antonius. **L'Antiquité Classique**, Paris, tome 76, 2007, p.89-98.
- ROMAN, Yves. La popularité de la descendance masculine d'Antoine: essai d'explication. In: **Marc Antoine: son idéologie, sa descendance**: actes du Colloque organize à Lyon, le jeudi 28 juin 1990. Lyon: Société des amis de Jacob Spon, 1993. p.69-77.
- ROSA, Cláudia Beltrão da. A religião da *Urbs*. In: SILVA, Gilvan V. da; MENDES, Norma M. (org.) **Repensando o Império Romano**: perspectiva socioeconômica, política e cultural. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p.137-159.
- ROSÍLLO-LÓPEZ, Cristina. **Public Opinion and Politics in the Late Roman Republic**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017a.
- \_\_\_\_\_. Popular Public Opinion in a Nutshell: Nicknames and Non-Elite Political Culture in the Late Republic. In: GRIG, Lucy (ed.). **Popular culture in the Ancient world**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017b. p.91-106.
- \_\_\_\_\_. The Socio-political Experience of the Italians during the Triumviral Period. In: PINA POLO, Francisco (ed.). **The triumviral period**: civil war, political crisis and socioeconomic transformations. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2020. p.353-377.
- \_\_\_\_\_. The memory of populism: popular tribunes and popular political culture in the late Roman Republic. In: URSO, Gianpaolo (ed.). **Popularitas**: Ricerca del consenso e populismo' in Roma antica. Roma: 'L'Erma' di Bretschneider, 2021. p.101-126.
- ROSSI, Ruggero. **Marco Antonio nella lotta politica della tarda repubblica romana**. Trieste: Instituto di Storia Antica, 1959.
- RÜPKE, Jörg. **The Roman calendar from Numa to Constantine**: Time, History and the *Fasti* Oxford: Blackwell, 2011.
- SAID, Edward W.. **Orientalismo**: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SALVIAT, François; HOLTZMANN, Bernard. Les portraits sculptés de Marc-Antoine. **Bulletin de Correspondance Hellénique**. Athènes, 1981, v. 105, n. 1, p.265-288.
- SCATOLIN, Adriano. Retórica e memória na Roma antiga. **Revista Música**, São Paulo, vol. 16, n. 1, 2016, p.25-39.

- SCHNEIDER, Rolf Michael. Friend and Foe: the Orient in Rome. In: CURTIS, Vesta Sarkhosh; STEWART, Sara (eds.). **The age of the Parthian**. The Idea of Iran. Vol.2. New York: I. B. Tauris & Co Ltd., 2007. p.50-83.
- \_\_\_\_\_. The making of Oriental Rome: shaping the Trojan legend. In: BANG, Peter Fibiger; KOŁODZIEJCZYK, Dariusz (eds.). **Universal Empire: a comparative approach to Imperial Culture and representation in Eurasian History**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p.76-129.
- SCHWENTZEL, Christian-George. **Cleópatra**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- SCOTT, Kenneth. Octavian's Propaganda and Antony's *De Sua Ebrietate*. **Classical Philology**, Chicago, v.24, n.2, p.133-141, abr., 1929.
- SCUDERI, Rita. Marco Antonio nell'opinione pubblica dei militari. In: SORDI, Maria (org.). **Aspetti dell'opinione pubblica nel mondo antico**. Milano: Università cattolica del Sacro Cuore, 1978. p.117-137.
- \_\_\_\_\_. Antonio nella biografia plutarchea: per un'interpretazione psicologica. In: TRAINA, Giusto (org.). **Studi sull'età di Marco Antonio**. Galatina: Congedo Editores, 2006. p.130-153. (Rudiae 18).
- \_\_\_\_\_. La coppia plutarchea Demetrio – Antonio: un antimodello. In: **L'idéalisation de l'autre: Faire un modèle d'un anti-modèle**. Actes du 2e colloque SoPHiA – Société Politique, Histoire de l'Antiquité tenu à Besançon les 26-28 novembre 2012. Besançon: Institut des Sciences et Techniques de l'Antiquité, 2014. p.285-310.
- SEGENNI, Simonetta. Antonia minore e la 'domus Augusta'. **Studi Classici e Orientali**. Pisa, 1995. vol.44. p.297-331.
- SHAKESPEARE, William. **Antônio & Cleópatra**. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- SILVA, Camila Ferreira Paulino da. Recuperando Marco Antônio e Cleópatra por meio das moedas. **Romanitas**, Revista de Estudos Grecolatinos. Vitória, 2014, n.4, p.50-74.
- STEWART, Peter. The destruction of statues in late antiquity. In: MILES, R. (Ed.). **Constructing Identities in Late Antiquity**. London; New York: Routledge, p. 159-189, 1999.
- TARN, William W.. The battle of *Actium*. **The Journal of Roman Studies**. Cambridge, v.21, p.173-199, 1931.
- TATUM, W. Jeffrey. Antonius and Athens. In: PINA POLO, Francisco (ed.). **The triumviral period: civil war, political crisis and socioeconomic transformations**. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2020. p.451-473.
- TISÉ, Bernadette. Marco Antonio tra ellenismo e romanità. In: TRAINA, Giusto (org.). **Studi sull'età di Marco Antonio**. Galatina: Congedo Editores, 2006. p.156-195. (Rudiae 18).

- TRAINA, Giusto. **Marco Antonio**. Roma: Laterza, 2003.
- VARNER, Eric. **Mutilation and transformation: *damnatio memoriae*** and Roman imperial portraiture. Boston: Brill, 2004.
- VOLLENWEIDER, Marie-Louise. **Die Porträgemmen der römischen Republik**. Mainz: Verlag Philipp von Zablen, 1974.
- \_\_\_\_\_. **Camées intailles: les portraits romains du cabinet de médailles**. 2 tomes. Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2003.
- VEYNE, Paul. **Sexo & poder em Roma**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008.
- WEIGALL, Arthur. **The Life and Times of Marc Antony**. New York: G. P. Putnam's Sonsm 1931.
- WELCH, Kathryn. Marcus Antonius: words and images. In: PINA POLO, Francisco (ed.). **The triumviral period: civil war, political crisis and socioeconomic transformations**. Zaragoza: Prensas de la Universidad de Zaragoza, 2020. p.301-323.
- WIEDEMANN, Thomas E. J.. Tiberius to Nero. In: BOWMAN, Alan K.; CHAMPLIN, Edward; LINTOTT, Andrew (eds.). **The Cambridge Ancient History: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D 69**. Tomo X. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p.198-255.
- WYKE, Maria. *Meretrix regina: Augustan Cleopatras*. In: EDMONDSON, Jonathan (ed.). **Augustus**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009. p.334-380.
- WISEMAN, Theodore. Popular memory. In: GALINSKY, Karl (ed.). **Memory in Rome and Rome in memory**. Michigan: Ann Arbor, 2014. p.43-62.
- ZANKER, Paul. **Augusto y el poder de las imágenes**. Madri: Alianza Editorial, 1992.

## ANEXO I:

### Cronologia da vida de Marco Antônio<sup>717</sup>

- 83** – Nascimento de Marco Antônio.
- 58** – Viagem para estudar na Grécia.
- 57** – Ingresso no exército de Aulo Gabínio para lutar na Síria e no Egito.
- 55** – Ida ao Egito para reinvestidura de Ptolomeu XII Aulete.
- 54** – Participa da batalha na Gália.
- 52** – Eleito questor.
- 50** – Eleito tribuno da plebe e augure.
- 49** – Combate junto de Júlio César em Farsália.
- 44** – Morte de Júlio César.
- 43** – Batalha de Módena.  
Estabelecimento do acordo do Segundo Triunvirato.
- 42** – Batalha de Filipos.  
Primeira reorganização do acordo do Triunvirato.  
Ida de Marco Antônio para o Oriente.
- 41** – Batalha de Perúsia.
- 40** – Paz de Brindes – Segunda reorganização do acordo do Triunvirato.  
Casamento de Marco Antônio com Otávia.
- 39** – Acordo de Miseno.
- 37** – Acordo de Tarento – Renovação do Triunvirato.
- 36** – Guerra contra Sexto Pompeu.  
Guerra contra os Partas.  
Exclusão de Lépido do Triunvirato,
- 34** – Desfile militar por vitória contra os Armênios em Alexandria.  
Doações de Alexandria.
- 33** – Fim do Triunvirato.
- 32** – Leitura do testamento de Marco Antônio, por Otaviano, em Roma.  
Declaração de guerra contra Cleópatra.

---

<sup>717</sup> Todas as datas apresentadas neste anexo são anteriores ao nascimento de Cristo.

**31** – Batalha de Ácio.

**30** – Conquista de Alexandria e do Egito por Otaviano.

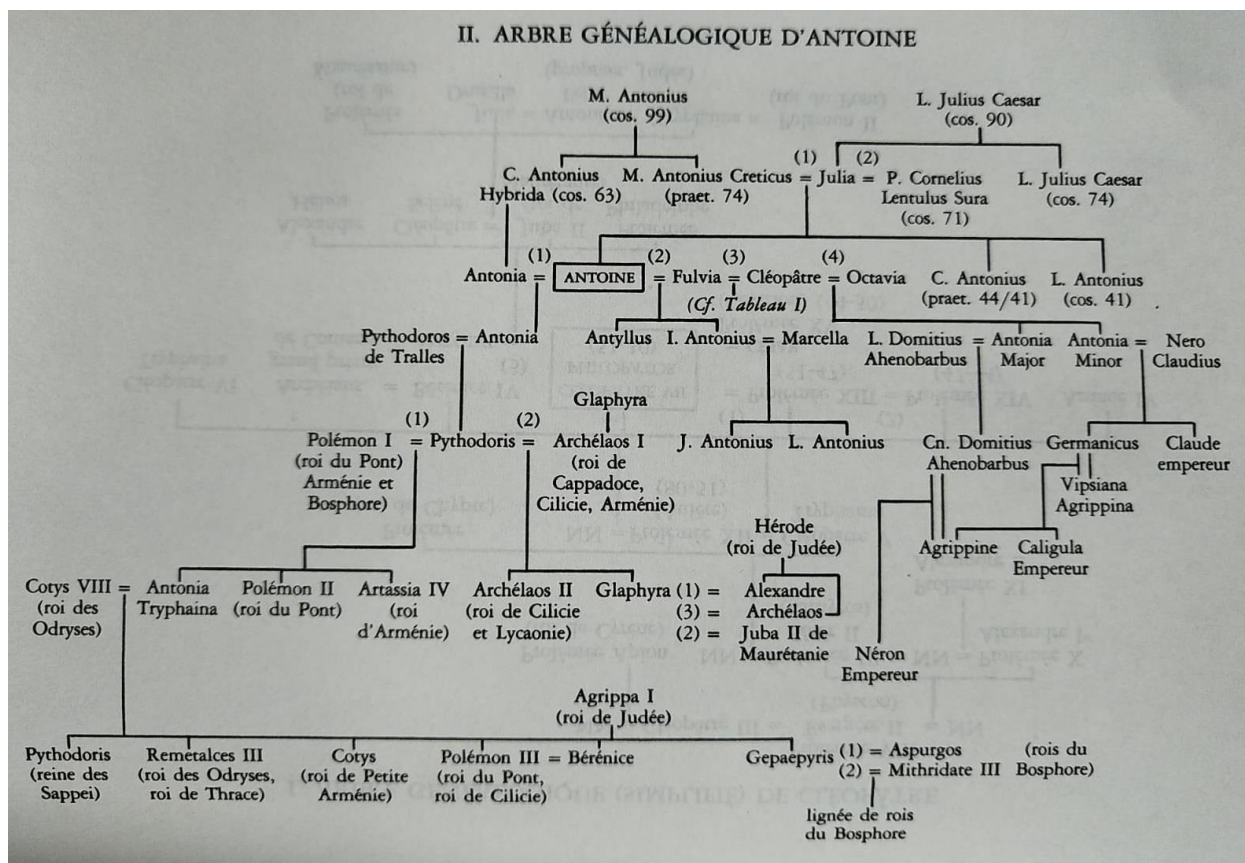
Suicídios de Marco Antônio e de Cleópatra.

**29** – Triunfos de Otaviano em Roma.

**27** – Devolução dos poderes de Otaviano ao Senado, com o recebimento do título de *Augustus*.

## ANEXO II:

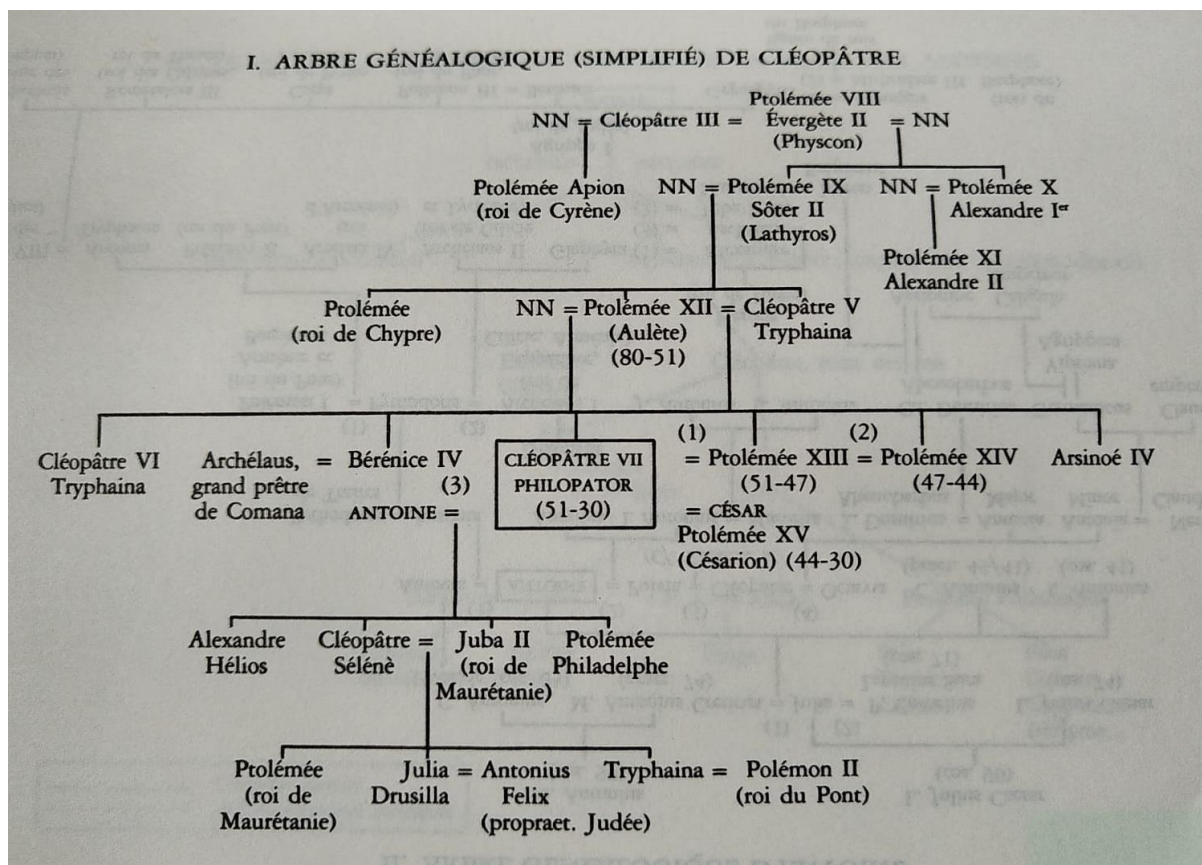
### Árvore genealógica: Marco Antônio



**Imagem 17** – Árvore genealógica de Marco Antônio. Cf: MARTIN, Paul Marius. *Antoine et Cléopâtre: la fin d'un rêve*. Bruxelles: Éditions Complexe, 1995. p.278.

## ANEXO III:

### Árvore genealógica: Cleópatra



**Imagem 18** – Árvore genealógica resumida de Cleópatra. Cf: MARTIN, Paul Marius. *Antoine et Cléopâtre: la fin d'un rêve*. Bruxelles: Éditions Complexes, 1995. p.277.